



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

OSCAR WILDE

O retrato de Dorian Gray

Sumário

Capa

O retrato de Dorian Gray

Rosto

Créditos

O prefácio

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

OSCAR FINGAL O'FLAHERTIE WILLS WILDE nasceu em Dublin em 1854, filho de um eminente cirurgião oftalmologista e de uma poeta nacionalista que escrevia com o pseudônimo “Speranza”. Estudou no Trinity College de Dublin e, posteriormente, no Magdalen College, em Oxford, onde começou a divulgar o Movimento Nova Estética (ou “Arte pela Arte”). Embora tivesse obtido o primeiro lugar e ganhado o prêmio Newdigate de poesia, não recebeu bolsa de estudos em Oxford e foi obrigado a ganhar a vida dando aula e escrevendo na imprensa. Em 1881, publicou um volume de poesia que fez pouco sucesso e, no ano seguinte, empreendeu um ciclo de palestras nos Estados Unidos a fim de promover a produção da companhia D'Oyle Carte da ópera-cômica *Patience* de Gilbert e Sullivan. Casou-se com Constance Lloyd em 1884 e tentou, sem muito êxito, se estabelecer como escritor. Entretanto, seus três volumes de ficção breve, *The happy prince* [O príncipe feliz] (1888), *Lord Arthur Savile's crime* [O crime de lorde Arthur Savile] (1891) e *A house of pomegranates* [A casa das romãs] (1891), assim como seu único romance, *O retrato de Dorian Gray* (1891), lhe valeram paulatinamente a reputação de escritor moderno e de talento original, confirmado e reforçado pelo sucesso fenomenal de suas comédias sociais — *Lady Windermere's fan* [O leque de lady Windermere], *A woman of no importance* [Uma mulher sem importância], *An ideal husband* [Um marido ideal] e *The importance of being earnest* [A importância de ser prudente], todas apresentadas nos palcos de West End entre 1892 e 1895.

No entanto, o sucesso foi efêmero. Em 1891, Wilde conheceu lorde Alfred Douglas, pelo qual se apaixonou perdidamente. Em 1895, quando seu sucesso como dramaturgo estava no auge, ele processou o pai de Douglas, o marquês de Queensberry, por difamação. Perdeu a ação e, depois de mais dois julgamentos, foi condenado a dois anos de reclusão por atos de flagrante indecência. Em consequência dessa experiência, escreveu *The ballad of Reading Gaol* [A balada de Reading Gaol]. Posto em liberdade em 1897, exilou-se imediatamente no Continente. Morreu na miséria em Paris em 1900.

PAULO SCHILLER nasceu em São Paulo. É pediatra, psicanalista e tradutor do húngaro, do inglês e do francês. Do húngaro, traduziu obras de Sándor Márai e Imre Kertész; do inglês, obras de Nicole Krauss, Nuruddin Farah, Jed Rubenfeld e Israel Rosenfield. Pela tradução de *O legado de Eszter* (Companhia das Letras), de Sándor Márai, recebeu o prêmio APCA de tradução em 2001. Com a tradução de *O companheiro de viagem* (Cosac Naify), de Gyula Krúdy, foi finalista do prêmio Jabuti em 2002. Escreve resenhas literárias para os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S.Paulo*. Dele, a Companhia das Letras publicou, além de traduções, a obra *A vertigem da imortalidade* (2000).

OSCAR WILDE

O retrato de
Dorian Gray

Tradução de
PAULO SCHILLER

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

O prefácio

OSCAR WILDE

O artista é o criador de coisas belas.

Revelar a arte e ocultar o artista é a finalidade da arte.

O crítico é quem pode traduzir de outro modo ou para um novo meio sua impressão sobre coisas belas.

A mais elevada modalidade de crítica, e também a mais baixa, é uma forma de autobiografia.

Aqueles que encontram significados feios em coisas belas são corruptos sem serem encantadores. Isso é um defeito.

Aqueles que encontram significados belos em coisas belas são os cultos. Para estes há esperança.

Eles são os eleitos para os quais as coisas belas significam somente Beleza.

Não existe livro moral ou imoral. Livros são bem escritos ou mal escritos. Isso é tudo.

A aversão do século XIX pelo Realismo é a fúria de Caliban ao ver o próprio rosto em um espelho.

A aversão do século XIX pelo Romantismo é a fúria de Caliban ao não ver o próprio rosto em um espelho.

A vida moral de um homem é parte do tema do artista, mas a moralidade da arte consiste no uso perfeito de um meio imperfeito. O artista não deseja provar nada. Mesmo as coisas verdadeiras podem ser provadas.

O artista não tem inclinações éticas. Uma inclinação ética em um artista é um maneirismo imperdoável de estilo.

O artista nunca é mórbido. O artista pode expressar tudo.

Pensamento e linguagem são para o artista instrumentos de uma arte.

Vício e virtude são para o artista materiais para uma arte.

Do ponto de vista da forma, a arte exemplar é a do músico. Do ponto de vista do sentimento, a arte do ator é a exemplar.

Toda arte é ao mesmo tempo superfície e símbolo.

Aqueles que vão além da superfície assumem um risco ao fazê-lo.

Aqueles que leem o símbolo assumem um risco ao fazê-lo.

É o espectador, e não a vida, que a arte verdadeiramente espelha.

A diversidade de opinião sobre uma obra de arte demonstra que tal trabalho é novo, complexo e vital.

Quando críticos discordam, o artista está em acordo consigo mesmo.

Podemos perdoar um homem por fazer alguma coisa útil, desde que ele não a admire. A única desculpa para fazer alguma coisa inútil é podermos admirá-la intensamente.

Toda arte é completamente inútil.

O ateliê estava inundado pela fragrância opulenta das rosas, e quando a brisa suave de verão soprava em meio às árvores do jardim, penetrava pela porta aberta o aroma denso do lilás, ou o perfume mais delicado do espinheiro de floração cor-de-rosa.

Da extremidade do divã de alforjes persas em que estava deitado, fumando, como era seu costume, inúmeros cigarros, Lord Henry Wotton apreendia apenas um vislumbre das flores coloridas e doces como mel do laburno, cujas ramagens trêmulas mal pareciam suportar o peso de uma beleza flamejante como aquela; e vez ou outra as sombras fantásticas de aves em voo adejavam por trás das longas cortinas de seda tussa estendidas diante da imensa janela, produzindo uma espécie de efeito japonês fugaz, fazendo com que ele pensasse nos pálidos pintores de rosto de jade de Tóquio, que, por meio de uma arte necessariamente imóvel, buscam transmitir a sensação de rapidez e movimento. O murmúrio obstinado das abelhas que abriam caminho pela grama alta não aparada, ou que circulavam com insistência monótona em torno dos chifres poeirentos dourados da madressilva espalhada, parecia tornar a imobilidade mais opressiva. O ruído surdo de Londres era como uma nota de bordão de um órgão distante.

No centro da sala, preso a um cavalete armado, havia um retrato de um jovem de beleza extraordinária, e diante dele, a uma pequena distância, estava o próprio artista, Basil Hallward, cujo súbito desaparecimento havia alguns anos tinha causado, à época, uma grande comoção popular e originara muitas conjecturas estranhas.

Enquanto o pintor olhava para a forma graciosa e agradável que havia refletido em sua arte com tanta habilidade, um sorriso de prazer atravessou seu rosto e pareceu nele se deter. Porém, ele de repente teve um sobressalto e, fechando os olhos, pôs os dedos sobre as pálpebras, como se procurasse aprisionar no cérebro um sonho curioso do qual receava despertar.

“É o seu melhor trabalho, Basil, a melhor coisa que você já fez”, disse Lord Henry, languidamente. “Você deve sem dúvida enviá-lo ao Grosvenor no ano que vem. A Academia é grande demais e muito vulgar. Todas as vezes em que fui lá, havia tanta gente que eu não conseguia ver os quadros, o que era terrível, ou havia tantos quadros que eu não conseguia ver as pessoas, o que era pior. O Grosvenor é, de

fato, o único lugar possível.”

“Não creio que eu vá mandá-lo a algum lugar”, o outro respondeu, atirando a cabeça para trás com aquela estranha maneira que provocava risos entre seus amigos em Oxford. “Não, eu não vou mandá-lo a lugar algum.”

Lord Henry ergueu as sobrancelhas e olhou para ele espantado através das finas espirais de fumaça que se erguiam em círculos caprichosos do cigarro fortemente manchado de ópio. “Não vai mandá-lo a lugar algum? Meu caro amigo, por quê? Você tem algum motivo? Que sujeitos estranhos são vocês pintores! Fazem de tudo no mundo para adquirir uma reputação. Assim que a obtêm, parecem querer jogá-la fora. É estupidez de sua parte, pois existe uma única coisa pior do que ser falado, que é não ser falado. Um retrato como esse o colocaria bem acima de todos os jovens da Inglaterra, e deixaria os velhos cheios de inveja, se é que os velhos são capazes de alguma emoção.”

“Sei que você vai rir de mim”, o outro respondeu, “mas realmente não posso exibi-lo. Eu pus muito de mim nele.”

Lord Henry se esticou no divã e riu.

“Sim, eu sabia que você iria rir; mas ainda assim é verdade.”

“Muito de você nele! Acredite, Basil, não sabia que você era tão vaidoso; e eu realmente não consigo ver nenhuma semelhança entre você, com o seu rosto forte, áspero, e seu cabelo preto como carvão, e este jovem Adônis que parece feito de marfim e folhas de roseira. Ora, meu caro Basil, ele é um Narciso, e você — bem, é inegável que você tem uma aparência de intelectual e tudo o mais. Mas a beleza, a beleza de verdade, termina onde começa a aparência de intelectual. O intelecto é, em si, uma forma de exagero, e ele destrói a harmonia de qualquer rosto. No instante em que alguém se senta para pensar, só o que se vê é um nariz, ou uma fronte, ou algo horrendo. Veja os homens bem-sucedidos em qualquer profissão douta. Como são completamente medonhos! Exceto, é claro, na igreja. Mas, afinal, na igreja não se pensa. Um bispo diz aos oitenta anos o que lhe mandaram dizer quando era um rapaz de dezoito, e, como consequência natural, ele sempre parece absolutamente encantador. O seu jovem amigo misterioso cujo nome você nunca me disse, mas cujo retrato verdadeiramente me fascina, jamais pensa. Estou bem certo disso. É uma criatura bela, sem cérebro, que deveria estar sempre aqui no inverno, quando não temos flores para olhar, e também no verão, quando desejamos algo que refresque os nossos pensamentos. Não se sinta lisonjeado, Basil: você não se parece em nada com ele.”

“Você não me entende, Harry”, respondeu o artista. “É claro que não me pareço com ele. Sei muito bem disso. Na realidade, eu deveria

me lamentar se fosse como ele. Você dá de ombros? Estou lhe dizendo a verdade. Existe uma fatalidade acerca de toda distinção física e intelectual, o tipo de fatalidade que parece perseguir ao longo da história os passos hesitantes dos reis. É melhor não sermos diferentes dos nossos pares. Os feios e os estúpidos desfrutam do melhor deste mundo. Eles podem se sentar descontraídos e assistir à peça boquiabertos. Se não sabem nada sobre a vitória, ao menos são poupados do conhecimento da derrota. Vivem como nós todos deveríamos viver, imperturbáveis, indiferentes e sem inquietações. Eles não levam a ruína a outros, nem a recebem de mãos alheias. A sua posição e fortuna, Harry; meu cérebro, como ele é — a minha arte, seja qual for seu valor; a boa aparência de Dorian Gray —, todos sofreremos pelo que os deuses nos deram, sofreremos terrivelmente.”

“Dorian Gray? É como ele se chama?”, perguntou Lord Henry, atravessando o ateliê na direção de Basil Hallward.

“Sim, é esse o nome dele. Eu não pretendia contá-lo a você.”

“Mas por que não?”

“Oh, eu não sei explicar. Quando gosto muitíssimo de uma pessoa, nunca conto seu nome a ninguém. É como abrir mão de uma parte dela. Eu me acostumei a amar segredos. Parecem ser o que pode tornar a vida moderna misteriosa ou fantástica para nós. A coisa mais comum torna-se encantadora se a escondermos. Quando deixo a cidade hoje em dia, nunca digo a meus conhecidos aonde vou. Se dissesse, perderia o prazer. Trata-se de um costume bobo, eu admito, mas de certa forma parece propiciar um bocado de romantismo à nossa vida. Imagino que você me considere terrivelmente tolo por isso.”

“Nem um pouco”, respondeu Lord Henry, “nem um pouco, meu caro Basil. Você parece se esquecer de que sou casado, e que um dos encantos do casamento é que ele torna uma vida de enganos absolutamente necessária para as duas partes. Eu nunca sei onde a minha esposa está, e a minha esposa nunca sabe o que estou fazendo. Quando nos encontramos — quando ocasionalmente nos encontramos, quando jantamos fora juntos, ou visitamos o duque —, contamos um ao outro as histórias mais absurdas com o mais sério dos rostos. A minha mulher é muito boa nisso — muito melhor, na verdade, do que eu. Ela nunca se confunde em relação a seus encontros, e eu sempre o faço. Mas, quando me desmascara, ela não cria nenhuma confusão. Eu às vezes desejaria que o fizesse: mas ela apenas ri de mim.”

“Eu odeio o modo como você fala sobre a sua vida de casado, Harry”, disse Basil Hallward, caminhando na direção da porta que dava para o jardim. “Acredito sinceramente que você é um marido muito bom, mas completamente envergonhado das próprias virtudes.

Você é um sujeito extraordinário. Jamais recorre ao moralismo, e nunca faz nada de errado. O seu cinismo não passa de pose.”

“Agir naturalmente é que não passa de uma pose, e a mais irritante que eu conheço”, exclamou Lord Henry, rindo, e os dois jovens saíram juntos ao jardim e se acomodaram em um comprido banco de bambu que ficava à sombra de um arbusto de loureiro. A luz do sol se infiltrava por entre as folhas polidas. No gramado, margaridas brancas tremulavam.

Depois de uma pausa, Lord Henry tirou o relógio. “Receio que preciso ir, Basil”, ele murmurou, “mas antes de ir embora insisto que responda à pergunta que lhe fiz há pouco.”

“Qual?”, perguntou o pintor, mantendo os olhos fixos no chão.

“Você sabe muito bem.”

“Não sei, Harry.”

“Bem, vou lhe dizer. Quero que você me explique por que não quer exhibir o retrato de Dorian Gray. Quero a razão verdadeira.”

“Eu lhe dei a razão verdadeira.”

“Não, não deu. Disse apenas que era porque havia muito de você nele. Ora, isso é infantil.”

“Harry”, disse Basil Hallward, encarando-o, “todo retrato pintado com sentimento é um retrato do artista, não do modelo. O modelo é apenas accidental, o pretexto. Não é ele que o pintor revela; é na verdade o artista que, na tela colorida, se revela. A razão por que não vou expor o quadro é que receio ter revelado nele o segredo da minha própria alma.”

Lord Henry riu. “E qual seria ele?”, perguntou.

“Vou lhe dizer”, afirmou Hallward, porém seu rosto adquiriu uma expressão de perplexidade.

“Aguardo ansiosamente, Basil”, insistiu o companheiro, olhando para ele.

“Oh, na verdade há muito pouco a dizer, Harry”, respondeu o pintor, “e receio que você tenha dificuldade para compreender. Talvez tenha dificuldade para acreditar.”

Lord Henry sorriu e, curvando-se, arrancou uma margarida de pétalas cor-de-rosa da grama e a examinou. “Tenho certeza de que vou entender”, garantiu, fitando atentamente o pequeno disco dourado de plumas brancas, “e, quanto a acreditar em algo, sou capaz de acreditar em tudo, desde que seja inacreditável.”

O vento arrancou algumas flores das árvores e os botões pesados de lilás, com seus enxames de estrelas, balançaram de um lado para o outro no ar lânguido. Um gafanhoto começou a chilrear na parede, e, como um filamento azul, uma libélula passou flutuando com suas finíssimas asas marrons. Lord Henry teve a impressão de que sentia os

batimentos do coração de Basil Hallward e se perguntou o que estava por vir.

“A história é simples”, disse o pintor depois de algum tempo. “Há dois meses eu fui a uma reunião promovida por Lady Brandon. Você sabe que nós, pobres artistas, temos de interagir socialmente de tempos em tempos, só para lembrar o público de que não somos selvagens. Com um terno escuro e uma gravata branca, como você me disse certa vez, qualquer um, mesmo um corretor da bolsa de valores, pode ganhar uma reputação de civilizado. Pois bem, depois de estar na sala por cerca de dez minutos, conversando com viúvas em trajes exagerados e acadêmicos entediantes, de repente me dei conta de que alguém estava olhando para mim. Virei-me e vi Dorian Gray pela primeira vez. Quando nossos olhos se encontraram, senti que empalidecia. Fui tomado por um sentimento de terror. Sabia que estava diante de alguém cuja personalidade era tão fascinante que, caso eu permitisse, absorveria todo o meu ser, toda a minha alma, e até a minha arte. Eu não queria nenhuma influência externa sobre a minha vida. Você sabe, Harry, que eu sou independente por natureza. Sempre fui meu senhor de mim mesmo; ao menos até encontrar Dorian Gray. Naquele instante — mas não sei como lhe explicar isso — alguma coisa parecia me dizer que eu estava no limiar de uma crise terrível na minha vida. Tive a estranha sensação de que o Destino tinha me reservado alegrias extraordinárias e tristezas extraordinárias. Senti medo, dei meia-volta e saí da sala. Não foi a consciência que me levou a fazê-lo: foi uma espécie de covardia. Não tenho nenhum mérito pela tentativa de fugir.”

“Consciência e covardia são na verdade a mesma coisa, Basil. Consciência é a marca comercial da empresa. Simplesmente.”

“Eu não acredito nisso, Harry, e acho que você também não. Porém, fosse qual fosse a minha razão — e pode ter sido orgulho, pois eu era muito orgulhoso —, não hesitei em abrir caminho em direção à porta. Lá, naturalmente, eu me deparei com Lady Brandon. ‘Não é muito cedo para tentar fugir, senhor Hallward?’, ela perguntou. Você conhece a voz estranhamente esganiçada que ela tem?”

“Sim, ela é um pavão em tudo, exceto na beleza”, disse Lord Henry, despedaçando a margarida com os dedos longos, nervosos.

“Não consegui me livrar dela. Fui apresentado à realeza, e aos condecorados, e a damas idosas com tiaras gigantescas e narizes de papagaio. Ela falou de mim como se eu fosse seu amigo mais querido. Eu a tinha encontrado somente uma vez, mas ela pôs na cabeça que iria me tratar como uma celebridade. Acho que um de meus quadros havia tido um grande sucesso na época, ao menos foi comentado nos tabloides, que representam o padrão de imortalidade do século XIX.

De repente me vi frente a frente com o homem cuja personalidade havia me perturbado tão estranhamente. Estávamos bem próximos, quase nos tocávamos. Nossos olhos se encontraram de novo. Foi temerário de minha parte, mas pedi para que Lady Brandon me apresentasse a ele. Talvez não fosse muito temerário, apesar de tudo. Era simplesmente inevitável. Teríamos nos falado sem nenhuma apresentação. Tenho certeza disso. O próprio Dorian confirmou depois. Ele também sentiu que estávamos destinados a nos conhecer.”

“E como Lady Brandon descreveria o belíssimo jovem?”, perguntou seu companheiro. “Sei que ela gosta de fazer um breve pré-cis de todos os seus convidados. Lembro que ela me levou até um velho cavalheiro de rosto vermelho, todo coberto de comendas e laços, e, silvando em meus ouvidos em um cochicho trágico, que deve ter sido audível para todos na sala, contou os detalhes mais espantosos. Eu simplesmente fugi. Gosto de descobrir as pessoas por conta própria. Mas Lady Brandon trata os convidados como um leiloeiro trata suas mercadorias. Ou os revela por inteiro, ou conta tudo sobre eles menos o que desejamos saber.”

“Pobre Lady Brandon! Você é muito duro com ela, Harry!”, disse Hallward com indiferença.

“Meu caro amigo, ela tentou fundar um *salon* e conseguiu apenas abrir um restaurante. Como poderia admirá-la? Mas, conte-me, o que ela disse sobre Dorian Gray?”

“Oh, algo do tipo, ‘rapaz encantador — a pobre mãe e eu absolutamente inseparáveis. Não me lembro o que ele faz — receio que ele — não faça nada — oh, sim, toca piano — ou será violino, caro senhor Gray?’. Ambos não conseguimos conter o riso, e nos tornamos amigos na hora.”

“O riso não é um mau começo para uma amizade, de maneira nenhuma, e é de longe o melhor final”, sentenciou o jovem lorde, desfolhando outra margarida.

Hallward balançou a cabeça. “Você não entende o que é amizade, Harry”, murmurou, “ou, por falar nisso, o que é inimizade. Você gosta de todo mundo, ou seja, é indiferente em relação a todos.”

“Como você é injusto!”, exclamou Lord Henry, atirando a cabeça para trás e olhando para o alto, para as pequenas nuvens que, como madeixas emaranhadas de seda branca brilhante, flutuavam através do vazio turquesa do céu de verão. “Sim; é terrivelmente injusto de sua parte. Eu diferencio muito bem as pessoas. Escolho os amigos pela boa aparência, os conhecidos pelo bom caráter, e os inimigos pelo bom intelecto. Todo o cuidado é pouco na escolha dos inimigos. Não tenho nenhum que seja um imbecil. São todos homens de algum recurso intelectual e, conseqüentemente, eles todos me admiram. É muita

vaidade de minha parte? Acho que sim.”

“Penso que sim, Harry. Mas segundo suas categorias eu devo ser um mero conhecido.”

“Meu bom e velho Basil, você é muito mais que um conhecido.”

“E muito menos que um amigo. Uma espécie de irmão, suponho?”

“Oh, irmãos! Não tenho interesse em mais irmãos. Meu irmão mais velho não morre, e meus irmãos mais novos nunca parecem fazer nada diferente.”

“Harry!”, exclamou Hallward, franzindo as sobrancelhas.

“Meu caro amigo, não estou falando exatamente a sério. Mas não posso negar que detesto meus parentes. Suponho que isso se deva ao fato de que nenhum de nós tolera que outras pessoas tenham os mesmos defeitos que nós. Chego a simpatizar com a ira dos democratas ingleses contra o que chamam de vícios das classes superiores. As massas acreditam que embriaguez, estupidez e imoralidade devem ser exclusividade delas, e que se um de nós age como um imbecil está roubando suas prerrogativas. Quando o pobre Southwark entrou no tribunal de divórcios, a indignação deles foi bem grandiosa. E no entanto eu não imagino que dez por cento do proletariado viva corretamente.”

“Não concordo com uma única palavra do que você disse, e além disso, Harry, tenho certeza de que você também não.”

Lord Henry cofiou a barba castanha pontuda e bateu na ponta da bota de couro lustroso com a bengala ornada de ébano. “Como você é inglês, Basil! É a segunda vez que faz essa observação. Quando alguém expõe uma ideia para um inglês de verdade — sempre uma atitude precipitada —, ele jamais sonha em avaliar se a ideia é certa ou errada. A única coisa que considera de alguma importância é se alguém acredita nela. Ora, o valor de uma ideia não tem nenhuma relação com a sinceridade do homem que a expressa. Na verdade, é mais provável que, quanto menos sincero for o homem, mais puramente intelectual será a ideia, pois nesse caso ela não será tingida por suas aspirações, seus desejos ou seus preconceitos. Porém, não me proponho a discutir política, sociologia ou metafísica com você. Gosto mais de pessoas que de princípios, e gosto mais de pessoas sem princípios que de qualquer outra coisa no mundo. Conte-me mais sobre o senhor Dorian Gray. Com que frequência você o vê?”

“Todos os dias. Eu não seria feliz se não o visse todos os dias. Ele me é absolutamente necessário.”

“Que extraordinário! Pensei que você não se importasse com outra coisa a não ser a sua arte.”

“Ele representa toda a minha arte para mim agora”, disse o pintor, sério. “Às vezes penso, Harry, que há somente duas eras de alguma

importância na história do mundo. A primeira é a do surgimento de um novo meio para a arte, e a segunda é o surgimento de uma nova personalidade, também para a arte. Aquilo que a invenção da pintura a óleo foi para os venezianos, o rosto de Antínoo foi para a escultura grega tardia, e o rosto de Dorian Gray será um dia para mim. Eu não apenas pinto a partir dele, desenho a partir dele, faço esboços a partir dele. Naturalmente, fiz isso tudo. Mas ele representa muito mais para mim que um padrão ou um modelo. Não vou lhe dizer que estou insatisfeito com o que fiz a partir dele, ou que sua beleza é tal que a arte não é capaz de expressá-la. Não há nada que a arte não possa expressar, e sei que o que fiz desde que conheci Dorian Gray é um bom trabalho, o melhor da minha vida. Mas por algum estranho motivo — eu me pergunto se você vai me entender — a sua personalidade me sugeriu uma forma completamente nova em arte, um estilo inteiramente novo. Vejo as coisas de maneira diferente, penso nelas de outro modo. Sou capaz de recriar a vida de um modo que antes me era inacessível. ‘Um sonho de forma em dias de reflexão’ — quem disse isso? Esqueci; mas é o que Dorian Gray tem sido para mim. A simples presença visível do rapaz — pois ele me parece pouco mais que um rapaz, embora tenha na verdade mais de vinte anos — a simples visão da sua presença — ah! Eu me pergunto se você consegue compreender o que ela significa. Inconscientemente ele define para mim as linhas de uma nova escola, uma escola que conterà toda a paixão do espírito romântico, toda a perfeição do espírito grego. A harmonia da alma e do corpo — e isso não é pouco! Em nossa loucura separamos os dois e inventamos um realismo vulgar, uma idealização vazia. Harry!, se você soubesse o que Dorian Gray significa para mim! Você se lembra da minha paisagem, pela qual Agnew me ofereceu um valor muito alto, mas da qual eu não quis me desfazer? É uma das melhores coisas que fiz. E por que ela é assim? Porque enquanto a pintava Dorian Gray estava sentado a meu lado. Uma influência sutil passou dele para mim e pela primeira vez na minha vida vi num bosque qualquer a maravilha que sempre procurei, e que sempre deixei escapar.”

“Basil, isso é extraordinário! Eu preciso conhecer Dorian Gray.”

Hallward se levantou do banco e andou de um lado para o outro no jardim. Passado algum tempo, ele voltou. “Harry”, disse, “Dorian Gray é para mim simplesmente uma razão para a arte. Talvez você não veja nada nele. Eu vejo tudo. Ele está ainda mais presente em meu trabalho quando não há nenhuma imagem sua por perto. Ele é uma inspiração, como eu disse, de uma nova forma. Eu o encontro nas curvas de certas linhas, no encanto e na sutileza de certas cores. Isso é tudo.”

“Sendo assim, por que não exhibe o seu retrato?”, perguntou Lord

Henry.

“Porque, de forma não intencional, eu pus nele algo da expressão dessa inusitada idolatria artística sobre a qual naturalmente nunca me dei ao trabalho de discutir com ele. Ele não sabe nada a respeito. Porém o mundo pode adivinhar; e eu não vou desnudar a minha alma aos seus olhos rasos, curiosos. O meu coração jamais será posto sob um microscópio. Há muito de mim nisso. Harry — muito de mim!”

“Os poetas não são escrupulosos como você. Eles sabem como a paixão é útil para a publicação. Hoje em dia um coração partido ganhará várias edições.”

“Eu os odeio por isso”, exclamou Hallward. “Um artista deveria criar coisas belas, mas não deveria pôr nada da própria vida nelas. Vivemos em uma época em que os homens tratam a arte como se fosse uma forma de autobiografia. Perdemos o sentido abstrato da beleza. Um dia eu vou mostrar ao mundo o que ela é; e por essa razão o mundo jamais verá o meu retrato de Dorian Gray.”

“Acho que você está errado, Basil, mas não vou insistir na discussão. Somente os intelectualmente perdidos discutem. Diga-me, Dorian Gray gosta muito de você?”

O pintor refletiu por alguns instantes. “Ele gosta de mim”, respondeu depois de uma pausa. “Sei que ele gosta de mim. De fato, eu o adulo tremendamente. Sinto um prazer estranho em dizer a ele coisas das quais sei que vou me arrepender. Como regra, ele me encanta, e nos sentamos no ateliê e falamos sobre milhares de coisas. Volta e meia, porém, ele é terrivelmente insensível e parece ter um prazer sincero em me magoar. Nessas horas eu sinto, Harry, que entreguei toda a minha alma a alguém que a trata como se fosse uma flor a ser colocada em seu casaco, uma pequena decoração para agradar à sua vaidade, um ornamento para um dia de verão.”

“Dias de verão são apropriados para se prolongarem”, murmurou Lord Henry. “Talvez você se canse antes que ele. É algo triste de se pensar, mas não há dúvida de que o Gênio dura mais que a Beleza. Isso responde pelo fato de fazermos tantos esforços para nos educarmos tanto quanto possível. Na luta selvagem pela existência, queremos ter algo duradouro, e assim preenchemos as nossas mentes com bobagens e fatos, na esperança estúpida de preservar o nosso lugar. O homem absolutamente bem informado — este é o ideal moderno. E a mente do homem absolutamente bem informado é aterrorizante. É como uma loja de bugigangas, toda cheia de monstros e de poeira, com o preço de tudo acima do valor justo. Ainda assim, penso que você vai se cansar primeiro. Um dia vai olhar para o seu amigo e ele vai lhe parecer um pouco fora de foco, ou não vai gostar da tonalidade da sua cor, ou coisa parecida. Você vai repreendê-lo

com amargura em seu próprio coração e pensar com seriedade que ele se comportou muito mal com você. Quando ele voltar a solicitá-lo, você será totalmente frio e indiferente. Será uma grande pena, pois isso significa que você terá mudado. O que você me contou chega a ser um romance, um romance artístico, por assim dizer, e a pior coisa em um romance de qualquer espécie é que ele acaba com o nosso romantismo.”

“Harry, não fale assim. Enquanto eu viver, a personalidade de Dorian Gray me dominará. Você não pode sentir o que eu sinto. Você muda demais.”

“Ah, meu caro Basil, é exatamente por isso que sou capaz de sentir o que você sente. Os fiéis só conhecem o lado trivial do amor; são os infiéis que conhecem as suas tragédias.” Lord Henry acendeu uma chama em um delicado estojo de prata e começou a fumar um cigarro com ar de controle e satisfação, como se tivesse resumido o mundo em uma frase. Ouviu-se um rumor de chilreio de pardais nas folhas verdes laqueadas da hera, e as sombras azuis das nuvens se perseguiam pelo jardim como andorinhas. Como era agradável estar no jardim! E como eram encantadoras as emoções dos outros! — pareciam-lhe muito mais encantadoras que suas ideias. Nossa própria alma, e as paixões de nossos amigos — eis as coisas fascinantes da vida. Ele imaginou para si, em um deleite silencioso, o almoço entediante que havia perdido ao ficar por tanto tempo com Basil Hallward. Se tivesse ido à casa de sua tia, certamente teria encontrado Lord Goodbody, e a conversa toda teria sido sobre os sentimentos dos pobres e a necessidade de abrigos-modelo. Cada classe pregaria a importância dessas virtudes, cujo exercício não era necessário na própria vida. Os ricos teriam falado sobre o valor da parcimônia, e os desocupados seriam eloquentes sobre a dignidade do trabalho. Era encantador ter escapado daquilo tudo! Enquanto pensava na tia, uma ideia pareceu assaltá-lo. Ele se voltou para Hallward, e disse: “Meu caro amigo, acabei de lembrar”.

“Lembrar de quê, Harry?”

“De onde ouvi o nome de Dorian Gray.”

“Onde foi?”, perguntou Hallward, franzindo um pouco o cenho.

“Não se faça de zangado, Basil. Foi na casa de minha tia, Lady Agatha. Ela me contou que havia descoberto um jovem maravilhoso que iria ajudá-la no East End, e que seu nome era Dorian Gray. Devo dizer que ela nunca me falou de sua boa aparência. As mulheres não apreciam a boa aparência; ao menos as mulheres honestas. Disse que ele era muito sincero, e que tinha uma boa natureza. De imediato, imaginei uma criatura de óculos e cabelos lisos, horivelmente sardento, com pés enormes. Teria sido bom se eu soubesse que era o

seu amigo.”

“Fico muito feliz que não tenha sabido, Harry.”

“Por quê?”

“Não quero que você o conheça.”

“Não quer que eu o conheça?”

“Não.”

“O senhor Dorian Gray está no ateliê, senhor”, anunciou o mordomo, saindo para o jardim.

“Você precisa me apresentá-lo agora”, exclamou Lord Henry, rindo.

O pintor se voltou para o criado, que piscava para se adaptar à luz do sol. “Peça ao senhor Gray que espere, Parker: irei em alguns instantes.” O homem se curvou e subiu pelo passeio.

Em seguida, ele olhou para Lord Henry. “Dorian Gray é meu amigo querido”, ele disse. “Tem uma personalidade simples e bela. A sua tia tinha razão no que disse sobre ele. Não o estrague. Não tente influenciá-lo. A sua influência seria ruim. O mundo é grande e há muita gente maravilhosa nele. Não tire de mim a única pessoa que dá à minha arte seu encantamento, seja ele qual for: a minha vida como artista depende dele. Lembre-se, eu confio em você.” Ele falou muito devagar, e as palavras pareceram arrancadas quase contra sua vontade.

“Quanta tolice!”, disse Lord Henry, sorrindo, e pegando no braço de Hallward quase o arrastou para dentro da casa.

Logo ao entrar, avistaram Dorian Gray. Estava sentado ao piano, de costas para eles, virando uma página de “Cenas da floresta”, de Schumann. “Você precisa me emprestar isso, Basil”, ele exclamou. “Quero aprendê-las. São absolutamente encantadoras.”

“Vai depender exclusivamente de como você vai posar hoje, Dorian.”

“Oh, estou cansado de posar, e não quero um retrato meu em tamanho natural”, respondeu o rapaz, girando sobre a banquetta com um ar teimoso, petulante. Ao ver Lord Henry, um rubor ligeiro coloriu as maçãs de seu rosto por um instante, e ele se levantou. “Peço que me desculpe, Basil, mas eu não sabia que havia alguém com você.”

“Este é Lord Henry Wotton, um velho amigo meu de Oxford. Eu estava justamente contando a ele que modelo maravilhoso você era, e agora você estragou tudo.”

“O senhor não estragou o meu prazer em conhecê-lo, senhor Gray”, disse Lord Henry, dando um passo para frente e estendendo a mão. “A minha tia me falou muito do senhor. É um de seus preferidos, e, receio, uma de suas vítimas também.”

“No momento estou na lista negra de Lady Agatha”, respondeu Dorian, com um ar engraçado de penitência. “Prometi que iria com ela a um clube em Whitechapel na terça-feira passada e me esqueci completamente, de verdade. Era para apresentarmos um dueto juntos — três duetos, eu acho. Não sei o que ela vai me dizer. Estou com muito medo de encontrá-la.”

“Oh, eu vou apaziguar a minha tia. Ela o admira muitíssimo. E não acho que tenha sido de fato um problema o senhor não ter estado lá. A plateia provavelmente pensou que se tratava de um dueto. Quando tia Agatha se senta ao piano, faz barulho suficiente para duas pessoas.”

“Isso é bem desagradável para com ela, e não muito gentil para comigo”, respondeu Dorian, rindo.

Lord Henry olhou para ele. Sim, com certeza era maravilhosamente bonito, com os lábios escarlate de curvas delicadas, os olhos azuis sinceros, os cabelos de caracóis dourados. Havia algo em seu rosto que despertava de imediato a confiança. Toda a franqueza da juventude estava nele, bem como toda a pureza passional dessa fase da vida. Ele fazia crer que se mantivera imaculado em relação ao mundo. Não era

de admirar que Basil Hallward o venerasse.

“O senhor é encantador demais para se entregar à filantropia, senhor Gray — encantador em excesso.” Lord Henry se atirou sobre a divã e abriu a carteira de cigarros.

O pintor havia estado ocupado misturando as cores e aprontando os pincéis. Parecia inquieto e, ao ouvir a última observação de Lord Henry, olhou para ele, hesitou por um instante, e em seguida disse: “Harry, eu quero terminar este quadro hoje. Você acharia muito rude da minha parte se lhe pedisse para que fosse embora?”

Lord Henry sorriu e olhou para Dorian Gray. “Devo ir, senhor Gray?”, ele perguntou.

“Oh, por favor, não, Lord Henry. Vejo que Basil está em um de seus estados de mau humor, e eu não o suporto quando resmunga. Além disso, quero que o senhor me conte por que não devo me dedicar à filantropia.”

“Não sei se posso lhe dizer, senhor Gray. Trata-se de um tema tão entediante que teríamos de falar sobre ele com seriedade. Mas eu certamente não vou fugir, agora que me pediu para que fique. Na verdade você não se incomoda, não é, Basil? Você me disse muitas vezes que gostava que os modelos tivessem alguém para conversar.”

Hallward mordeu o lábio. “Se Dorian assim desejar, é claro que você deve ficar. Os caprichos de Dorian são leis para todos, exceto para ele.”

Lord Henry pegou o chapéu e as luvas. “Você é muito convincente, Basil, mas preciso mesmo ir. Prometi encontrar um homem no Orleans. Até logo, senhor Gray. Venha me visitar em alguma tarde na Curzon Street. Estou quase sempre em casa às cinco horas. Escreva quando vier. Lamentaria não voltar a encontrá-lo.”

“Basil”, exclamou Dorian Gray. “Se Lord Henry for embora eu irei também. Você jamais abre a boca enquanto pinta, e é horivelmente enfadonho ficar de pé sobre uma plataforma tentando parecer agradável. Peça-lhe que fique, eu insisto.”

“Fique, Harry, para agradar a Dorian, e para me agradar”, pediu Hallward, fitando o quadro atentamente. “É bem verdade, eu nunca falo enquanto trabalho, e nunca escuto também, e isso deve ser terrivelmente entediante para os meus infelizes modelos. Eu lhe imploro para que fique.”

“E o meu homem no Orleans?”

O pintor riu. “Creio que não haverá nenhuma dificuldade quanto a isso. Sente-se de novo, Harry. E agora, Dorian, suba na plataforma e não se mexa muito, nem dê nenhuma atenção ao que Lord Henry diz. Ele exerce uma influência muito ruim sobre todos os seus amigos, e eu sou a única exceção.”

Dorian Gray posicionou-se sobre o estrado, com o ar de um jovem mártir grego, e fez um pequeno *moue* de descontentamento para Lord Henry, com quem havia simpatizado bastante. Era muito diferente de Basil. Compunham um contraste encantador. Ele tinha uma voz muito bonita. Passados alguns instantes, Dorian lhe perguntou: “O senhor de fato exerce uma influência muito ruim, Lord Henry, como diz Basil?”.

“Não existe nada semelhante a uma boa influência, senhor Gray. Toda influência é imoral — imoral do ponto de vista científico.”

“Por quê?”

“Porque influenciar alguém é lhe entregar a própria alma. A pessoa não pensa seus pensamentos naturais, nem arde com suas paixões naturais. Suas virtudes não são as verdadeiras. Seus pecados, se é que existem pecados, são de empréstimo. Ela se torna o eco da música de outro, desempenha um papel que não foi escrito para ela. O objetivo da vida é o autodesenvolvimento. Realizarmos a nossa natureza com perfeição — é para isso que cada um de nós está aqui. Hoje em dia as pessoas têm medo de si mesmas. Esqueceram-se da mais elevada das obrigações, a obrigação que cada um deve a si próprio. Naturalmente, são caridosas. Alimentam os famintos, vestem os mendigos. Porém suas próprias almas morrem de fome e estão nuas. A coragem abandonou a nossa raça. Talvez jamais a tenhamos tido. O terror da sociedade, a base da moral, o temor a Deus, o segredo da religião — são as duas coisas que nos governam. E no entanto...”

“Vire a cabeça apenas um pouco mais para a direita, Dorian, como um bom menino”, instruiu o pintor, mergulhado no trabalho, e consciente apenas de que o rosto do rapaz adquirira um ar que ele jamais tinha visto antes.

“E no entanto”, prosseguiu Lord Henry, com a voz grave, musical, e com o gesto gracioso da mão, sempre tão característico, que ele já ostentava inclusive em seus dias de estudante em Eton. “Acredito que se um homem vivesse a vida com plenitude, completamente, se desse forma a todo sentimento, expressão a todo pensamento, realidade a todo sonho — acredito que o mundo ganharia tal ímpeto novo de alegria que nós esqueceríamos todas as doenças do medievalismo e voltaríamos ao ideal helênico — a algo mais fino, mais rico que o ideal helênico, quem sabe. Porém, o mais valente de nós tem medo de si mesmo. A mutilação do selvagem sobrevive tragicamente na autonegação que arruína as nossas vidas. Somos punidos pelas nossas recusas. Todo impulso que lutamos para asfixiar persiste na mente e nos envenena. O corpo peca uma vez, e dá conta do pecado, pois a ação é uma forma de purificação. Nada perdura a não ser a lembrança do prazer, ou a luxúria do arrependimento. A única maneira de nos livrarmos de uma tentação é ceder a ela. Resista e a alma adoecerá de

saudades de coisas que ela se proibiu, pelo desejo que suas leis monstruosas tornaram monstruoso e ilegal. Dizem que os grandes acontecimentos do mundo têm lugar no cérebro. É também no cérebro, e no cérebro apenas, que os grandes pecados do mundo têm lugar. O senhor, senhor Gray, o senhor mesmo, com sua juventude vermelho-rosada e sua meninice branco-rosada, o senhor teve paixões que o fizeram sentir medo, pensamentos que o encheram de terror, devaneios e sonhos cuja simples lembrança pode manchar as maçãs de seu rosto de vergonha...”

“Pare!”, assustou-se Dorian Gray, “pare!, o senhor me espanta. Não sei o que dizer. Existe uma resposta para o senhor, mas não consigo encontrá-la. Não fale. Deixe-me pensar. Ou melhor, permita que eu tente não pensar.”

Por quase dez minutos ficou parado, imóvel, com os lábios entreabertos, e os olhos faiscando de mistério. Tinha uma consciência vaga de que estava sob o efeito de influências inteiramente novas. Embora lhe parecesse que na verdade elas se originassem nele mesmo. As poucas palavras que o amigo de Basil lhe dissera — palavras ditas ao acaso, sem dúvida, e deliberadamente paradoxais — haviam tangido uma corda que nunca havia sido tocada antes, mas que nesse momento ele sentia que vibrava e reverberava em estranhas pulsações.

A música o excitava dessa forma. A música o perturbara muitas vezes. Porém a música não era articulada. Não era um novo mundo, e sim um outro caos que ela criava em nós. Palavras! Simples palavras! Como eram terríveis! Como eram claras, vívidas e cruéis! Não era possível fugir delas. E no entanto que magia sutil havia nelas! Pareciam capazes de propiciar uma forma plástica a coisas sem forma, e de ter uma música própria, doce como a da viola ou da flauta. Simples palavras! Existiria algo tão real quanto as palavras?

Sim, houve coisas na meninice que ele não tinha compreendido. Ele as compreendeu naquela hora. A vida de súbito assumiu a cor do fogo. Parecia-lhe que vinha caminhando sobre brasas. Por que ele não havia se dado conta?

Com seu sorriso sutil, Lord Henry o observava. Ele conhecia o momento psicológico preciso em que não deveria dizer nada. Sentia um interesse intenso. Sentia-se surpreso com a impressão repentina que as palavras haviam produzido e, lembrando-se de um livro que lera aos dezesseis anos, um livro que lhe revelara muito do que não conhecia antes, ele se perguntou se Dorian Gray não passava por uma experiência semelhante. Ele tinha simplesmente atirado uma flecha no ar. Teria ela atingido o alvo? Como o rapaz era fascinante!

Hallward seguiu pintando com seu toque ousado e maravilhoso, que tinha o refinamento verdadeiro e a delicadeza perfeita que, na

arte, seja como for, deriva apenas da força. Não tomou consciência do silêncio.

“Basil, estou cansado de ficar de pé”, exclamou Dorian Gray, de súbito. “Tenho de sair e sentar-me no jardim. O ar aqui está sufocante.”

“Meu caro amigo, sinto muito. Quando estou pintando não consigo pensar em mais nada. Mas você nunca posou melhor. Esteve perfeitamente imóvel. E eu capturei o efeito que desejava — os lábios entreabertos, e o brilho nos olhos. Não sei o que Harry andou dizendo para você, mas certamente fez com que adquirisse uma belíssima expressão. Suponho que o andou elogiando. Você não deve acreditar em uma palavra do que ele diz.”

“Ele certamente não andou me elogiando. Talvez seja por esta razão que eu não acredito em nada do que ele me disse.”

“O senhor sabe que acredita em tudo”, rebateu Lord Henry, olhando para ele com os olhos sonhadores, lânguidos. “Vou sair para o jardim com o senhor. Está um calor terrível aqui no ateliê. Basil, ofereça-nos algo gelado para beber, alguma coisa com morango.”

“Claro, Harry. Apenas toque a campainha, e quando Parker vier eu lhe direi o que você quer. Eu preciso trabalhar este fundo e portanto só vou me juntar a vocês mais tarde. Não ocupe Dorian por muito tempo. Nunca estive em melhor forma para pintar do que hoje. Esta será a minha obra-prima. Já é a minha obra-prima, assim como está.”

Lord Henry saiu para o jardim e encontrou Dorian Gray com o rosto enterrado nas grandes flores frias do lilás, sorvendo febrilmente seu perfume como se fosse vinho. Ele se aproximou e pôs a mão em seu ombro. “O senhor está certo de fazer isso”, ele murmurou. “Nada pode curar a alma a não ser os sentidos, assim como nada pode curar os sentidos a não ser a alma.”

O rapaz se sobressaltou e recuou. Estava com a cabeça descoberta, e as folhas haviam levantado seus cachos rebeldes e emaranhado os fios dourados. Havia um olhar de medo em seus olhos, como o das pessoas que são despertadas de súbito. As narinas de talhe delicado vibraram, e um nervo oculto sacudiu o escarlate de seus lábios e os fez estremecer.

“Sim”, prosseguiu Lord Henry, “este é um dos grandes segredos da vida — curar a alma por meio dos sentidos e os sentidos por meio da alma. O senhor é uma criatura maravilhosa. Sabe mais do que pensa que sabe, e também menos do que deseja saber.”

Dorian Gray franziu o cenho e voltou a cabeça para o outro lado. Ele não conseguia deixar de gostar do jovem alto e gracioso de pé junto dele. O rosto romântico, cor de oliva, e a expressão cansada o interessaram. Havia algo naquela voz grave e lânguida que era

absolutamente fascinante. Também as mãos frias, brancas como flores, tinham um estranho charme. Elas se movimentavam à medida que ele falava, como música, e pareciam ter uma linguagem própria. Por outro lado sentia medo dele, e tinha vergonha por sentir medo. Por que havia ficado para um estranho a tarefa de revelá-lo a si mesmo? Ele conhecia Basil Hallward havia meses, porém a amizade entre eles nunca o alterara. De repente, cruzava o seu caminho alguém que lhe parecia ter revelado o mistério da vida. E no entanto de que haveria de ter medo? Ele não era um garoto de colégio ou uma menina. Era absurdo sentir-se amedrontado.

“Vamos nos sentar à sombra”, disse Lord Henry. “Parker trouxe as bebidas, e se ficar mais tempo nessa luz o senhor vai se arruinar, e Basil nunca mais irá pintá-lo. O senhor definitivamente não deve se queimar ao sol. Não cairia bem.”

“O que isso importa?”, perguntou Dorian Gray, rindo, enquanto se sentava num banco na extremidade do jardim.

“Para o senhor, deveria significar tudo, senhor Gray.”

“Por quê?”

“Porque o senhor tem a mais maravilhosa das juventudes, e a juventude é a única coisa que vale a pena ter.”

“Não é isso o que sinto, Lord Henry.”

“Não, no momento não mesmo. Um dia, quando estiver velho e enrugado e feio, quando o pensamento tiver marcado a sua fronte com suas linhas e a paixão tiver maculado seus lábios com seus fogos horrendos, o senhor vai sentir, vai sentir terrivelmente. Agora, aonde quer que vá, o senhor encanta o mundo. Será sempre assim?... O senhor tem um rosto maravilhosamente belo, senhor Gray. Não franza as sobrancelhas. O senhor tem o que é preciso. E a Beleza é uma forma de Genialidade — é mais elevada, na verdade, que a Genialidade, pois não requer explicação. É um dos grandes fenômenos do mundo, como a luz do sol, ou a primavera, ou o reflexo em águas escuras da concha prateada a que chamamos de lua. Não pode ser questionada. Tem o direito divino à soberania. Transforma em príncipes os que a possuem. O senhor sorri? Ah!, quando a tiver perdido, o senhor não vai sorrir... Às vezes as pessoas dizem que a beleza é apenas superficial. Pode ser. Mas ao menos não é superficial como o Pensamento. Para mim, a Beleza é a maravilha das maravilhas. Somente pessoas rasas não julgam pelas aparências. O verdadeiro mistério do universo é o visível, não o invisível... Sim, senhor Gray, os deuses foram bondosos com o senhor. Mas o que os deuses dão, eles logo tiram. O senhor tem apenas poucos anos para viver de verdade, com perfeição e plenitude. Quando a juventude for embora, a sua beleza irá com ela, e então o senhor descobrirá subitamente que não lhe restam triunfos, ou terá de

se contentar com os triunfos medíocres que a memória do passado tornará mais amargos que as derrotas. Cada mês, à medida que passa, o aproxima de algo terrível. O tempo tem ciúmes do senhor, e guerreia contra seus lírios e suas rosas. O senhor se tornará pálido, com as maçãs do rosto fundas, e os olhos mortiços. O senhor sofrerá horivelmente... Ah!, dê sentido à sua juventude, enquanto a tem. Não desperdice o ouro de seus dias dando ouvidos aos entediados, procurando corrigir os fracassados irrecuperáveis, ou entregando a vida aos ignorantes, aos comuns e aos vulgares. Estas são as aspirações doentias, os falsos ideais do nosso tempo. Viva! Viva a vida maravilhosa que há no senhor! Não deixe que nada passe despercebido. Busque sempre novas sensações. Não tenha medo de nada... Um novo Hedonismo — é o desejo do nosso século. O senhor pode ser o seu símbolo visível. Com a sua personalidade, não há nada que não possa fazer. O mundo lhe pertence por uma temporada... No instante em que o encontrei, vi que o senhor não tem consciência do que verdadeiramente é, ou do que verdadeiramente pode ser. Tantas coisas suas me encantaram que senti que deveria lhe contar algumas coisas sobre o senhor. Pensei em como seria trágico se o senhor se desperdiçasse. Pois a sua juventude vai durar muito pouco — muito pouco. As flores comuns das colinas definham, mas florescem de novo. O laburno será tão amarelo em junho do ano que vem quanto agora. Em um mês haverá estrelas purpúreas no clêmatis, e ano após ano a noite verde de suas folhas dará sustentação a tais estrelas. Porém nós nunca mais voltamos à juventude. A pulsação de felicidade que bate em nós aos vinte anos se torna lenta. Nossos membros nos faltam, nossos sentidos apodrecem. Degeneramos em bonecos horrendos, assombrados pela lembrança das paixões de que tínhamos tanto medo, e das tentações requintadas a que não tivemos a coragem de ceder. Juventude! Juventude! Não há absolutamente nada no mundo a não ser a juventude!”

Dorian Gray ouvia, de olhos arregalados e pensativo. O ramo do lilás caiu de suas mãos sobre o cascalho. Uma abelha peluda veio e zumbiu em volta dele por um instante. Em seguida começou a se arrastar por todo o globo oval de flores estreladas. Ele a observou com o estranho interesse em banalidades em que tentamos nos refugiar quando coisas de grande importância nos assustam, ou quando somos agitados por uma nova emoção para a qual não encontramos um modo de expressão, ou quando um pensamento que nos aterroriza promove um súbito cerco ao cérebro e nos convoca a ceder. Passado um tempo, a abelha foi embora. Ele a viu rastejando para dentro do trompete de uma *Tyrian convolvulus*. A flor pareceu estremecer, e em seguida balançou delicadamente de um lado para o outro.

De súbito, o pintor apareceu à porta do ateliê e fez sinais em staccato para que entrassem. Eles se voltaram um para o outro e sorriram.

“Estou esperando”, ele exclamou. “Entrem. A luz está perfeita, e vocês podem trazer as bebidas.”

Eles se levantaram e desceram pelo passeio juntos. Duas borboletas verdes e brancas esvoaçaram ao lado deles, e na pereira no canto do jardim um tordo começou a cantar.

“O senhor está feliz por ter me encontrado, senhor Gray”, disse Lord Henry, olhando para ele.

“Estou feliz agora. Eu me pergunto se sempre me sentirei feliz.”

“Sempre! Esta é uma palavra terrível. Ela me faz estremecer quando a ouço. As mulheres gostam muito de usá-la. Arruinam todos os romances ao tentarem fazer com que durem para sempre. É também uma palavra sem sentido. A única diferença entre um capricho e uma paixão para a vida inteira é que o capricho dura um pouco mais.”

Quando entraram no ateliê, Dorian Gray pôs a mão no braço de Lord Henry. “Nesse caso deixemos que a nossa amizade seja um capricho”, ele murmurou, enrubescendo ante a própria ousadia. Em seguida subiu no estrado e voltou a posar.

Lord Henry se atirou sobre uma grande cadeira de braços de vime e o observou. O atrito e o traçado do pincel sobre a tela era o único som que rompia a imobilidade, exceto quando, vez ou outra, Hallward dava um passo para trás a fim de olhar o trabalho a certa distância. Nos feixes inclinados que se infiltravam pela porta aberta o pó dançava e era dourado. O perfume denso das rosas parecia pairar sobre tudo.

Depois de um quarto de hora Hallward parou de pintar e olhou longamente para Dorian Gray, e em seguida por muito tempo para o quadro, mordendo a ponta de um de seus longos pincéis e franzindo o cenho. “Está pronto”, ele exclamou por fim, e curvando-se escreveu o nome em longas letras vermelho-alaranjadas no canto esquerdo da tela.

Lord Henry se aproximou e examinou o quadro. Era certamente uma obra de arte maravilhosa e denotava também uma maravilhosa semelhança.

“Meu caro amigo, eu o felicito calorosamente”, ele disse. “Trata-se do melhor retrato dos tempos modernos. Senhor Gray, aproxime-se e veja por si mesmo.”

O rapaz teve um sobressalto, como se tivesse sido despertado de um sonho. “Está pronto de verdade?”, ele murmurou, descendo da plataforma.

“Pronto”, disse o pintor. “E hoje você posou esplendidamente. Devo muitíssimo a você.”

“Fato que se deve inteiramente a mim”, interrompeu Lord Henry. “Não é, senhor Gray?”

Dorian não respondeu, mas passou com indiferença diante do retrato e depois se voltou para ele. Ao vê-lo, recuou, e as maçãs de seu rosto enrubesceram de prazer por um instante. Um ar de felicidade surgiu em seus olhos, como se ele houvesse se reconhecido pela primeira vez. Ficou parado, imóvel, espantado, com uma consciência vaga de que Hallward estava falando com ele, mas sem apreender o significado das palavras. O sentimento da própria beleza o assaltou como uma revelação. Ele nunca o tinha sentido antes. Os elogios de Basil Hallward lhe pareciam galanteios exagerados de amizade. Ele os ouvia, ria deles, e esquecia. Não influenciavam sua natureza. Depois viera Lord Henry Wotton, com o estranho panegírico sobre a juventude, a terrível advertência sobre a sua brevidade. Ele se excitara na hora, e agora, enquanto contemplava a sombra do próprio encanto, a realidade plena da descrição reverberou dentro dele. Sim, haveria um dia em que o rosto estaria enrugado e murcho, os olhos apagados e descoloridos, a graça de sua figura partida e deformada. O escarlate dos lábios desapareceria, e o dourado se furtaria de seus cabelos. A vida que construiria a sua alma desfiguraria o corpo. Ele se tornaria horroroso, medonho e estranho.

Enquanto pensava nisso, uma pontada aguda de dor o feriu como uma faca, e fez com que cada fibra delicada de sua constituição estremecesse. Os olhos se aprofundaram em ametistas, e deles brotou um nevoeiro de lágrimas. Sentiu como se uma mão feita de gelo pousasse sobre seu coração.

“Não gostou?”, perguntou Hallward, por fim, um pouco magoado pelo silêncio do rapaz, sem compreender o que ele significava.

“É claro que gostou”, esclareceu Lord Henry. “Quem não gostaria? É uma das melhores produções da arte moderna. Eu lhe darei o que quiser por ele. Preciso tê-lo.”

“Não é minha propriedade, Harry.”

“Então a quem pertence?”

“A Dorian, naturalmente”, respondeu o pintor.

“Ele é um sujeito de muita sorte.”

“Como é triste!”, murmurou Dorian Gray, com os olhos ainda fixos no próprio retrato. “Como é triste! Eu vou ficar velho e horrendo e medonho. Ele jamais envelhecerá além deste dia de junho... Se pudesse ser diferente! Se eu permanecesse sempre jovem e o retrato envelhecesse! Por isso — por isso — eu daria tudo! Sim, não há nada em todo o mundo que eu não daria! Daria a minha alma por isso!”

“Você não gostaria nada de tal combinação, Basil”, exclamou Lord Henry, rindo. “Seria bem cruel com a sua obra.”

“Eu me oporia com muita força, Harry”, concordou Hallward.

Dorian Gray se virou e olhou para ele. “Eu acredito que você se oporia, Basil. Você gosta mais da sua arte que de seus amigos. Para você não sou mais que uma figura verde de bronze. Praticamente a mesma coisa, eu diria.”

O pintor olhou para ele fixamente, surpreso. Era muito estranho Dorian falar daquela maneira. O que havia acontecido? Ele parecia bastante indignado. Seu rosto estava ruborizado, e as maçãs do rosto ardiam.

“Sim”, ele prosseguiu, “eu sou o mesmo para você que seu Hermes de marfim ou seu Fauno de prata. Você sempre gostará deles. Por quanto tempo vai gostar de mim? Até que eu tenha a primeira ruga, imagino. Agora sei que quando alguém perde a boa aparência, seja ela qual for, perde tudo. Aprendi com o seu retrato. Lord Henry Wotton está absolutamente certo. A juventude é a única coisa que vale a pena. Quando descobrir que estou envelhecendo, vou me matar.”

Hallward empalideceu e pegou a mão dele. “Dorian! Dorian!”, ele exclamou, “não fale assim. Eu nunca tive um amigo como você e nunca terei outro igual. Você não tem ciúmes de coisas materiais, tem? — você é melhor que qualquer uma delas!”

“Tenho ciúmes de qualquer coisa cuja beleza não morre. Tenho ciúmes do retrato que você pintou de mim. Por que ele deve preservar o que eu terei de perder? Todo instante que passa tira algo de mim e dá a ele. Oh, se fosse o contrário! Se o quadro pudesse mudar, se eu pudesse ser sempre o que sou agora! Por que você o pintou? Ele vai zombar de mim um dia — zombar de mim terrivelmente!” As lágrimas quentes brotaram de seus olhos; ele retirou a mão e, atirando-se no divã, enterrou o rosto nas almofadas, como se rezasse.

“Isso é coisa sua, Harry”, disse o pintor, com amargura.

Lord Henry deu de ombros. “Trata-se do verdadeiro Dorian Gray — é tudo.”

“Não é.”

“Se não é, o que eu tenho com isso?”

“Você deveria ter ido embora quando lhe pedi”, ele resmungou.

“Eu fiquei quando você me pediu”, foi a resposta de Lord Henry.

“Harry, não posso me desentender com os meus dois melhores amigos ao mesmo tempo, mas vocês dois me fizeram odiar o melhor trabalho que já fiz, e eu vou destruí-lo. O que é ele a não ser tela e tinta? Não deixarei que se interponha em nossa vida e a arruíne.”

Dorian Gray ergueu a cabeça dourada da almofada, e com o rosto pálido e os olhos marcados de lágrimas voltou-se para o pintor que se

dirigira à mesa de pintura de pinho situada sob a alta janela cortinada. O que ele estava fazendo? Seus dedos estavam perdidos em meio à desordem de tubos e pincéis secos, buscando alguma coisa. Sim, era a longa faca de paleta, com a lâmina delgada de aço flexível. Ele a encontrara, por fim. Iria rasgar a tela.

Com um soluço contido, o rapaz saltou do sofá e, correndo na direção de Hallward, arrancou a faca de sua mão e a atirou para um canto do ateliê. “Não, Basil, não!”, ele exclamou. “Seria assassinato!”

“Fico feliz de saber que você finalmente respeitaria o meu trabalho, Dorian”, disse o pintor, quando se recobrou da surpresa. “Nunca pensei que você o faria.”

“Respeitá-lo? Estou apaixonado por ele, Basil. É parte de mim. Eu o sinto.”

“Bem, assim que estiver seco, você será envernizado e emoldurado, e enviado para casa. A partir de então poderá fazer o que quiser consigo mesmo.” Ele atravessou a sala e tocou a campainha para pedir chá. “Você vai querer chá, não, Dorian? Você também, Harry? Ou tem objeções a esses simples prazeres?”

“Eu adoro prazeres simples”, disse Lord Henry. “Eles são o derradeiro refúgio do que é complexo. Porém não gosto de encenações, a não ser no palco. Que sujeitos absurdos vocês são, os dois! Eu me pergunto quem definiu o homem como um animal racional. Foi a mais prematura das definições já feitas. O homem é muitas coisas, mas não é racional. Fico feliz que não seja, afinal de contas: embora eu espere que vocês dois não briguem por causa do quadro. Seria bem melhor se você me deixasse ficar com ele, Basil. Esse menino estúpido não o quer de verdade, mas eu sim.”

“Se você deixar que qualquer um fique com ele, Basil, eu jamais o perdoarei!”, exclamou Dorian Gray, “e não permito que ninguém me chame de menino estúpido.”

“Você sabe que o quadro é seu, Dorian. Eu o dei a você antes que ele existisse.”

“E o senhor sabe que tem sido um pouco estúpido, senhor Gray, e que na verdade não tem objeções por ser lembrado do fato de que é extremamente jovem.”

“Eu deveria ter objetado com muita força hoje de manhã, Lord Henry.”

“Ah, hoje de manhã! O senhor está vivo desde então.”

Houve uma batida na porta, e o mordomo entrou com uma bandeja de chá carregada e a colocou sobre uma pequena mesa japonesa. Houve um estrépito de xícaras e pires e o sibilo de uma chaleira canelada da Geórgia. Um pajem trouxe dois pratos de porcelana em forma de globo. Dorian Gray se aproximou e verteu o chá. Os dois

homens caminharam languidamente na direção da mesa e examinaram o que havia sob as tampas.

“Vamos ao teatro hoje à noite”, convidou Lord Henry. “Deve haver algo em cartaz, em algum lugar. Prometi jantar no White, mas é apenas com um velho amigo, de modo que posso lhe mandar um telegrama para dizer que estou doente, ou que estou impedido de ir em razão de um compromisso logo na sequência. Acho que seria uma desculpa bem adequada: conteria toda a surpresa da sinceridade.”

“Acho muito chato usar roupas formais”, murmurou Hallward. “E, quando as vestimos, elas são horrendas.”

“Sim”, respondeu Lord Henry, sonhador, “as vestimentas do século XIX são detestáveis. São muito sombrias, muito deprimentes. O pecado é o único elemento com alguma cor que restou na vida moderna.”

“Você realmente não deve dizer coisas assim diante de Dorian, Harry.”

“Diante de qual Dorian? Do que está vertendo chá para nós, ou do que está no quadro?”

“Diante dos dois.”

“Eu gostaria de ir ao teatro com o senhor, Lord Henry”, disse o rapaz.

“Nesse caso, deve vir; e você virá também, certo, Basil?”

“Eu não posso, de verdade. Não devo. Tenho muito trabalho.”

“Bem, nesse caso, iremos só nós dois, senhor Gray.”

“Será um prazer.”

O pintor mordeu o lábio e se aproximou, com a xícara na mão, do quadro. “Eu vou ficar com o Dorian real”, ele disse tristemente.

“Ele é o Dorian real?”, exclamou o original do retrato, movendo-se na direção dele. “Eu sou de fato assim?”

“Sim, você é exatamente assim.”

“Que maravilha, Basil!”

“Ao menos você é como ele na aparência. Mas ele nunca vai se modificar”, suspirou Hallward. “Isso não é pouco.”

“Que barulho as pessoas fazem em relação à fidelidade!”, exclamou Lord Henry. “Ora, o próprio amor é uma simples questão de fisiologia. Não tem nada a ver com a nossa própria vontade. Os jovens desejam ser fiéis e não são; os velhos desejam ser infiéis e não podem: é tudo o que podemos dizer.”

“Não vá ao teatro hoje à noite, Dorian”, disse Hallward. “Fique e jante comigo.”

“Não posso, Basil.”

“Por quê?”

“Porque prometi a Lord Henry Wotton que iria com ele.”

“Ele não vai gostar mais de você se cumprir suas promessas. Ele

sempre quebra as suas. Peço encarecidamente que não vá.”

Dorian Gray riu e balançou a cabeça.

“Eu imploro.”

O rapaz hesitou e voltou o olhar para Lord Henry, que os observava da mesinha de chá com o sorriso de quem se divertia.

“Eu tenho de ir, Basil”, ele respondeu.

“Muito bem”, disse Hallward, e, dando alguns passos, pôs a xícara sobre a bandeja. “É bem tarde e, como você precisa se vestir, é melhor que não perca tempo. Adeus, Harry. Adeus, Dorian. Venha me ver em breve. Venha amanhã.”

“Com certeza.”

“Você não vai esquecer?”

“Não, claro que não”, exclamou Dorian.

“E... Harry!”

“Sim, Basil?”

“Lembre-se do que lhe pedi, quando estávamos no jardim hoje de manhã.”

“Eu já esqueci.”

“Confio em você.”

“Quisera eu confiar em mim mesmo”, disse Lord Henry rindo. “Venha, senhor Gray, a minha charrete está lá fora, e posso deixá-lo em sua casa. Adeus, Basil. Foi uma tarde muito interessante.”

Quando a porta se fechou atrás deles, o pintor se atirou no sofá, e um ar de sofrimento tomou conta de seu rosto.

III

Ao meio-dia e meia do dia seguinte, Lord Henry Wotton caminhou da Curzon Street até o Albany a fim de encontrar o seu tio, Lord Fermor, um velho solteirão cordial, embora de modos um tanto vulgares, a quem o mundo exterior chamava de egoísta, pois dele não obtinha nenhuma vantagem especial, mas que era considerado generoso pela Sociedade, uma vez que alimentava as pessoas que o divertiam. Seu pai tinha sido embaixador em Madri quando Isabel era jovem e Prim, ignorado, porém tinha se retirado do serviço diplomático em um momento de capricho e aborrecimento, por não lhe terem oferecido a embaixada em Paris, um posto ao qual se considerava plenamente capacitado por conta da origem, da indolência, do bom inglês de seus despachos, e pela paixão excessiva pelo prazer. O filho, que havia sido secretário do pai, tinha renunciado juntamente com ele, um tanto tolamente como se pensou na época, e alguns meses depois, ao assumir seu título, passou a se dedicar com seriedade ao estudo da grande arte aristocrática de não fazer absolutamente nada. Tinha duas grandes casas na cidade, mas preferia viver em quartos, pois davam menos trabalho, e fazia a maioria das refeições no clube. Dava certa atenção às carvoarias dos condados de Midland, mas se desculpava pela falta de dedicação argumentando que a única vantagem de possuir carvão era que ele permitia a um cavalheiro a decência de queimar lenha na própria lareira. Na política era um Tory, a não ser quando os Tories estavam no governo, período em que os insultava sem hesitação por serem um bando de Radicais. Era um herói para o seu criado, que o intimidava, e um terror para a maioria de seus conhecidos, que ele, por sua vez, intimidava. Somente a Inglaterra poderia tê-lo produzido, e ele sempre dizia que o país caminhava ladeira abaixo. Seus princípios eram ultrapassados, mas havia muito a ser dito sobre seus preconceitos.

Quando Lord Henry entrou na sala, encontrou o tio sentado, em um casaco grosseiro de tiro, fumando um charuto com as pontas cortadas e resmungando sobre o *Times*. “Bem, Harry”, disse o velho cavalheiro, “o que o traz tão cedo? Pensava que vocês dândis nunca levantassem antes das duas, e que não pudessem ser vistos antes das cinco.”

“Pura afeição familiar, eu lhe asseguro, tio George: quero algo de você.”

“Dinheiro, eu imagino”, disse Lord Fermor, fazendo uma careta. “Bem, sente-se e faça um relato completo. Os jovens, hoje em dia, pensam que dinheiro é tudo.”

“Sim”, murmurou Lord Henry, ajeitando a casa do botão no casaco; “e quando ficam mais velhos passam a ter certeza. Mas eu não quero dinheiro. Somente as pessoas que pagam as contas o querem, tio George, e eu nunca pago as minhas. O crédito é o capital de um filho mais novo, e pode-se viver muito bem dele. Além disso, sempre negocio com os comerciantes de Dartmoor e, conseqüentemente, eles nunca me incomodam. O que eu quero é informação: não informação útil, é claro; informação inútil.”

“Bem, eu posso lhe contar qualquer coisa que esteja em um almanaque inglês, Harry, embora esses sujeitos hoje em dia escrevam um bocado de bobagens. Quando eu estava no Corpo Diplomático as coisas eram bem melhores. Mas ouvi que agora os diplomatas são admitidos por meio de um exame. O que se pode esperar? Exames, meu senhor, são pura tapeação, do começo ao fim. Se um homem for um cavalheiro, ele sabe o bastante, e, caso não seja, o que quer que saiba é prejudicial a ele.”

“O senhor Dorian Gray não está nos almanaques, tio George”, disse Lord Henry languidamente.

“Senhor Dorian Gray? Quem é ele?”, perguntou Lord Fermor, enrugando as sobrancelhas brancas e abundantes.

“É o que vim saber, tio George. Ou melhor, eu sei quem ele é. É o último neto de Lord Kelso. Sua mãe era uma Devereux. Lady Margaret Devereux. Quero que me fale sobre a mãe dele. Como ela era? Com quem se casou? Você conheceu todo mundo em sua época, de modo que pode tê-la conhecido. Eu estou muito interessado no senhor Gray atualmente. Acabei de conhecê-lo.”

“Neto de Kelso!”, ecoou o velho cavalheiro. “Neto de Kelso!... É claro... Conheci a mãe dele intimamente. Acho que estive no batizado dela. Era uma garota extraordinariamente bonita, Margaret Devereux, e deixou todos os homens furiosos ao fugir com um jovem sem um centavo, um ninguém, meu senhor, um subalterno em um regimento de infantaria, ou coisa do gênero. Certamente, lembro da coisa toda como se tivesse acontecido ontem. O pobre sujeito foi morto em um duelo em Spa alguns meses depois do casamento. Havia uma história desagradável a respeito. Diziam que Kelso arranjara um aventureiro velhaco, um bárbaro belga, para insultar o genro em público, pagara-o, meu senhor, para fazê-lo, pagara-o, e o camarada cuspiu no homem como se fosse um pombo. A coisa foi acobertada, mas, por Deus, Kelso depois fez sozinho as refeições no clube durante algum tempo. Trouxe a filha de volta, me contaram, e ela nunca mais falou com ele. Oh,

sim, foi um mau negócio. A garota morreu também, morreu em um ano. Então deixou um filho, não? Tinha me esquecido disso. Que espécie de rapaz é ele? Se é como a mãe, deve ser um sujeito de boa aparência.”

“Ele tem uma ótima aparência”, assentiu Lord Henry.

“Espero que caia em boas mãos”, prosseguiu o velho. “Ele deve ter uma fortuna esperando por ele se Kelso fez a coisa certa. A mãe tinha dinheiro também. Toda a propriedade de Selby ficou para ela, através do avô. O avô odiava Kelso, achava-o maléfico. Ele também era. Foi a Madri uma vez quando eu estava lá. Por Deus, senti vergonha por ele. A rainha costumava me perguntar acerca do nobre inglês que discutia o tempo todo com os cocheiros de aluguel sobre as tarifas. Rendeu uma bela história. Não tive coragem de mostrar a cara na Corte por um mês. Espero que ele tenha tratado o neto melhor do que os cocheiros.”

“Eu não sei”, respondeu Lord Henry. “Imagino que o garoto vá se dar bem. Ele ainda não é maior de idade. Ele é dono de Selby, eu sei. Ele me contou. E... a mãe dele era muito bonita?”

“Margaret Devereux foi uma das criaturas mais adoráveis que eu já vi, Harry. Que diabos a fizeram agir daquela maneira, jamais entendi. Ela poderia ter se casado com quem quisesse. Carlington era louco por ela. Mas ela era romântica. Todas as mulheres da família eram. Os homens eram uns pobres coitados, mas, por Deus!, as mulheres eram maravilhosas. Carlington rastejou por ela. Ele mesmo me disse. Ela riu dele, e não havia garota em Londres à época que não o quisesse. E por falar nisso, Harry, sobre esses casamentos estúpidos, o que é essa bobagem que o seu pai me contou sobre Dartmoor querer se casar com uma americana? As garotas inglesas não servem para ele?”

“Está na moda casar com americanas agora, tio George.”

“Eu vou apoiar as mulheres inglesas contra o mundo, Harry”, disse Lord Fermor, batendo na mesa com o punho.

“As americanas estão em alta.”

“Me disseram que elas não duram”, murmurou o tio.

“Um compromisso longo as exaure, mas elas são decisivas em um páreo com obstáculos. São muito rápidas. Não acho que Dartmoor tenha chance.”

“Quem é a gente dela?”, resmungou o velho. “Ela tem alguém?”

Lord Henry balançou a cabeça. “As garotas americanas escondem os pais com a mesma facilidade com que as mulheres inglesas escondem seu passado”, ele disse, levantando-se para sair.

“São negociantes de porcos, imagino eu?”

“Espero que sim, tio George, por Dartmoor. Disseram-me que negociar porcos é a profissão mais lucrativa nos Estados Unidos,

depois da política.”

“Ela é bonita?”

“Age como se fosse. A maioria das mulheres americanas faz o mesmo. É o segredo do charme delas.”

“Por que as mulheres americanas não podem ficar em seu próprio país? Elas nos dizem o tempo todo que é o paraíso para as mulheres.”

“E é. É por essa razão que, como Eva, elas têm tamanha ânsia para sair dele”, disse Lord Henry. “Adeus, tio George. Vou me atrasar para o almoço se ficar mais. Obrigado por me dar as informações que eu queria. Sempre gosto de saber tudo sobre os meus novos amigos, e nada sobre os velhos.”

“Onde você vai almoçar, Harry?”

“Na tia Agatha. Anunciei a minha presença e a do senhor Gray. Ele é o seu mais novo *protégé*.”

“Hum! Diga a sua tia Agatha, Harry, que não me incomode mais com seus pedidos de caridade. Eles me deixam doente. Ora, a boa mulher acha que eu não tenho nada para fazer a não ser preencher cheques para os seus modismos estúpidos.”

“Está bem, tio George. Vou dizer a ela, mas não terá nenhum efeito. Os filantropos perdem todo o senso de humanidade. É o traço que os distingue.”

O velho cavalheiro resmungou em sinal de aprovação e tocou a campainha para chamar o empregado. Lord Henry passou pela arcada baixa para a Burlington Street e dirigiu seus passos para a Berkeley Square.

Então era essa a história da filiação de Dorian Gray. Embora lhe tivesse sido contada com crueza, despertou nele a fantasia de um romance estranho, quase moderno. Uma mulher bonita que arriscara tudo por uma paixão louca. Algumas semanas de felicidade desenfreada interrompidas por um crime horrendo, traiçoeiro. Meses de agonia muda, e depois uma criança nascida na dor. A mãe levada pela morte, o menino deixado na solidão sob a tirania de um homem velho e sem amor. Sim, eram antecedentes interessantes. Apresentavam o rapaz, tornavam-no mais perfeito. Por trás da existência de todas as coisas primorosas, havia algo trágico. Mundos inteiros trabalhavam arduamente para que a menor das flores nascesse... E como ele tinha sido encantador na noite da véspera, quando, com olhos arregalados e lábios partidos em um prazer amedrontado, sentara-se à sua frente no clube, com as cúpulas vermelhas das velas marcando com um rosa mais intenso a surpresa que despertava em seu rosto. Falar com ele era como tocar um violino primoroso. Ele respondia a cada toque e trinado do arco... Havia algo terrivelmente cativante no exercício da influência. Nenhuma outra

atividade era igual. Projetar nossa alma em uma forma graciosa e deixar que ela tarde lá por um instante; ouvir nossas próprias visões intelectuais ecoadas com todo o acréscimo da paixão e da juventude; transmitir nosso temperamento a outro como se fosse um fluido sutil ou um perfume estranho: havia felicidade verdadeira nisso — talvez a felicidade mais gratificante que nos restava em uma época limitada e vulgar como a nossa, uma época grosseiramente carnal em seus prazeres, e grosseiramente banal em seus objetivos... Ele era um tipo maravilhoso também, o rapaz, que por um acaso muito curioso encontrara no ateliê de Basil, ou poderia ser moldado em um tipo maravilhoso, a despeito de tudo. Era dele a graça e a pureza branca da meninice, a beleza como a que os mármore gregos preservaram para nós. Não havia nada que não se pudesse fazer com ele. Poderia ser transformado em um Titã ou em um brinquedo. Pena que tal beleza fosse destinada a desaparecer!... E Basil? De um ponto de vista psicológico, como era interessante! O novo estilo na arte, a maneira revigorada de ver a vida, sugerida tão estranhamente pela mera presença visível de alguém inconsciente daquilo tudo; o espírito silencioso que se abrigava em uma mata sombria e caminhava sem ser visto em um campo aberto de repente se exibia, como um dríade, e sem medo, porque em sua alma, que ansiava por ela, despertara a visão maravilhosa para a qual apenas coisas maravilhosas eram reveladas; as meras formas e padrões das coisas se tornavam, por assim dizer, refinadas, e adquiriam uma espécie de valor simbólico, como se fossem elas mesmas padrões de uma forma outra e mais perfeita, cuja sombra elas tornavam real: como tudo aquilo era estranho! Ele se lembrava de algo parecido na história. Não fora Platão, o artista do pensamento, que primeiro fizera a análise? Não fora Buonarrotti que o havia talhado nos mármore coloridos de uma sequência de sonetos? Mas em nosso próprio século era estranho... Sim, ele tentaria ser para Dorian Gray o que, sem sabê-lo, o rapaz era para o pintor que criara o maravilhoso retrato. Ele procuraria dominá-lo — já o tinha feito, de fato, pela metade. Tornaria aquele espírito maravilhoso o seu próprio. Havia alguma coisa de fascinante nesse filho do Amor e da Morte.

De súbito ele se deteve e ergueu os olhos para as casas. Descobriu que havia passado pela de sua tia fazia algum tempo e, sorrindo para si mesmo, deu meia-volta. Quando entrou no hall um tanto sombrio, o mordomo lhe informou que todos haviam entrado para almoçar. Ele entregou o chapéu e a bengala a um dos pajens e passou à sala de jantar.

“Atrasado como sempre, Harry”, exclamou a tia, balançando a cabeça diante dele.

Ele inventou uma desculpa qualquer e, ocupando a cadeira livre a seu lado, olhou em redor para ver quem estava presente. Da extremidade da mesa, Dorian fez uma mesura com a cabeça, com um rubor de prazer afluindo para as maçãs do rosto. À sua frente estava a duquesa de Harley, uma dama de boa índole e bom temperamento admiráveis, muito querida por todos que a conheciam, e com as proporções arquitetônicas amplas que nas mulheres que não são duquesas os historiadores contemporâneos descrevem como corpulência. Junto dela sentava-se, à direita, Sir Thomas Burdon, um membro Radical do Parlamento, que seguia o líder na vida pública, e na vida privada seguia os melhores cozinheiros, jantava com os Tories e pensava com os Liberais, de acordo com uma regra sábia e bem conhecida. O lugar à esquerda da duquesa era ocupado pelo sr. Erskine de Treadley, um velho cavalheiro de considerável encanto e cultura, que havia, entretanto, decaído para o mau costume de fazer silêncio, uma vez que, como explicara em certa ocasião para Lady Agatha, dissera tudo o que tinha a dizer antes dos trinta anos. Sua própria vizinha era a sra. Vandeleur, uma das amigas mais antigas de sua tia, uma perfeita santa entre as mulheres, porém tão terrivelmente desajeitada que lembrava um hinário mal encadernado. Para a sorte de Lord Henry, ela tinha de seu outro lado Lord Faudel, um sujeito medíocre mas muito inteligente de meia-idade, com a cabeça nua como uma declaração ministerial no Parlamento, com quem ela conversava com a severidade intensa que constitui o único erro imperdoável, como ele mesmo observara um dia, que todas as pessoas verdadeiramente boas cometem, e do qual nenhuma delas jamais escapa.

“Estamos falando sobre o pobre Dartmoor, Lord Henry”, exclamou a duquesa, assentindo para ele com simpatia do outro lado da mesa. “Você acha que ele vai de fato se casar com essa jovem fascinante?”

“Creio que ela decidiu pedi-lo em casamento, duquesa.”

“Que horror!”, exclamou Lady Agatha. “Realmente, alguém deveria interferir.”

“Alguém muito bem informado me disse que o pai dela tem uma loja de produtos baratos”, disse Sir Thomas Burdon, parecendo arrogante.

“O meu tio sugeriu o comércio de porcos, Sir Thomas.”

“Produtos baratos! O que são produtos baratos?”, perguntou a duquesa, erguendo as grandes mãos, surpresa, enfatizando o verbo.

“Os romances americanos”, respondeu Lord Henry, servindo-se de um pouco de codorna.

A duquesa pareceu perplexa.

“Não se preocupe com ele, minha querida”, sussurrou Lady Agatha.

“Ele nunca leva a sério nada do que diz.”

“Quando a América foi descoberta”, disse o membro Radical do Parlamento, e começou a expor alguns fatos enfadonhos. Como todas as pessoas que tentam esgotar um assunto, ele esgotou os ouvintes. A duquesa suspirou e exerceu a prerrogativa da interrupção. “Eu preferiria que jamais tivesse sido descoberta!”, ela exclamou. “Realmente, as nossas garotas não têm nenhuma chance hoje em dia. É muito injusto.”

“Talvez, afinal de contas, a América nunca tenha sido descoberta”, disse o sr. Erskine; “eu mesmo diria que foi meramente detectada.”

“Oh, mas eu vi alguns exemplares de seus habitantes”, respondeu a duquesa, vagamente. “Devo confessar que a maioria deles é extremamente bonita. E também se vestem bem. Compream todas as roupas em Paris. Desejaria poder me permitir o mesmo.”

“Dizem que, quando os americanos bons morrem, vão para Paris”, gracejou Sir Thomas, que tinha um grande guarda-roupa de vestimentas que pareciam peças descartadas por humoristas.

“De fato! E para onde vão os maus americanos quando morrem?”, perguntou a duquesa.

“Vão para a América”, murmurou Lord Henry.

Sir Thomas franziu o cenho. “Receio que o seu sobrinho seja preconceituoso em relação àquele grande país”, ele disse a Lady Agatha. “Eu viajei por ele todo, em carros oferecidos por diretores, que nessas questões são extremamente cordiais. Eu lhe asseguro que é instrutivo visitá-lo.”

“Mas temos mesmo de visitar Chicago para nos educarmos?”, perguntou o sr. Erskine, queixoso. “Não me sinto preparado para a viagem.”

Sir Thomas fez um sinal com a mão. “O senhor Erskine de Treadley tem o mundo em suas estantes. Nós, homens práticos, gostamos de ver as coisas, e não de ler sobre elas. Os americanos constituem um povo extremamente interessante. Eles são absolutamente razoáveis. Eu lhe asseguro que não há nada de errado com os americanos.”

“Que horror!”, exclamou Lord Henry. “Eu posso tolerar a força bruta, mas a razão bruta é insuportável. Existe algo de injusto em seu uso. É como um golpe baixo no intelecto.”

“Eu não o compreendo”, disse Sir Thomas, ficando bem vermelho.

“Eu sim, Lord Henry”, murmurou o sr. Erskine, com um sorriso.

“Paradoxos caem bem, a seu modo...”, concordou o baronete.

“Isso foi um paradoxo?”, perguntou o sr. Erskine. “Eu não pensei nisso. Talvez tenha sido. Bem, a via dos paradoxos é a via para a verdade. Para testar a Realidade devemos vê-la sobre uma corda bamba. Quando as Verdades se tornam acrobatas, nós podemos julgá-

las.”

“Meu Deus!”, exclamou Lady Agatha, “como vocês homens discutem! Tenho certeza de que nunca consigo entender do que estão falando. Oh!, Harry, estou bem aborrecida com você. Por que tenta persuadir o nosso simpático senhor Dorian Gray a desistir do East End? Eu lhe asseguro que ele seria de valor inestimável. Adorariam a interpretação dele.”

“Quero que ele toque para mim”, exclamou Lord Henry, sorrindo, e ao virar-se para a extremidade da mesa notou um olhar faiscante como resposta.

“Mas as pessoas são muito infelizes em Whitechapel”, continuou Lady Agatha.

“Eu posso simpatizar com tudo, a não ser com o sofrimento”, disse Lord Henry, dando de ombros. “Não posso simpatizar com ele. É muito feio, muito horrível, muito perturbador. Existe algo terrivelmente mórbido na identificação moderna com a dor. Devemos nos identificar com a cor, a beleza, a alegria de viver. Quanto menos falarmos sobre as feridas da vida, tanto melhor.”

“Ainda assim, o East End é um problema muito importante”, observou Sir Thomas, sacudindo a cabeça com gravidade.

“Sem dúvida”, respondeu o jovem lorde. “É o problema da escravidão, e nós procuramos resolvê-lo entretendo os escravos.”

O político olhou para ele atentamente. “Que mudança você propõe, então?”, ele perguntou.

Lord Henry riu. “Não desejo mudar nada na Inglaterra a não ser o clima”, ele respondeu. “Eu me satisfaço com a contemplação filosófica. Porém, como o século XIX faliu por excesso de compaixão, sugiro invocar a Ciência para nos endireitar. A vantagem dos sentimentos é que eles nos desencaminham, e a vantagem da Ciência é que ela não é sentimental.”

“Mas nós temos sérias responsabilidades”, arriscou a sra. Vandeleur, timidamente.

“Terrivelmente sérias”, ecoou Lady Agatha.

Lord Henry olhou para o sr. Erskine. “A humanidade se leva a sério demais. Esse é o pecado original do mundo. Se o homem das cavernas soubesse rir, a História teria sido diferente.”

“Você é mesmo muito reconfortante”, garganteou a duquesa. “Eu sempre me senti bem culpada quando visitava a sua querida tia, pois não tenho nenhum interesse no East End. No futuro vou conseguir encará-la sem me ruborizar.”

“O rubor é algo bem-vindo, duquesa”, observou Lord Henry.

“Apenas quando se é jovem”, ela respondeu. “Uma velha como eu ficar vermelha é muito mau sinal. Ah!, Lord Henry, eu desejaria que

você me dissesse como eu poderia me tornar jovem de novo.”

Ele pensou por um momento. “Acaso se lembra de algum grande erro que tenha cometido na juventude, duquesa?”, ele perguntou, olhando para ela do outro lado da mesa.

“De muitos, receio eu”, ela exclamou.

“Pois então cometa-os de novo”, ele disse, sério. “Para voltar à juventude, devemos simplesmente repetir as nossas loucuras.”

“Uma teoria encantadora”, ela exclamou. “Deverei pô-la em prática.”

“Uma teoria perigosa!”, veio dos lábios cerrados de Sir Thomas. Lady Agatha balançou a cabeça, mas não pôde negar que se divertia. O sr. Erskine escutava.

“Sim”, ele continuou, “este é um dos grandes segredos da vida. Hoje em dia a maioria das pessoas morre de uma espécie de senso comum rasteiro e descobre tarde demais que os nossos erros são as únicas coisas de que nunca nos arrependemos.”

Uma risada percorreu a mesa.

Ele brincou com a ideia e se sentiu motivado; lançou-a no ar e a transformou; deixou que ela escapasse e a recapturou; tornou-a iridescente de fantasia e lhe deu asas paradoxais. O elogio da loucura, à medida que ele prosseguia, elevou-se em uma filosofia, e a Filosofia em si se tornou jovem e assumiu a música louca do Prazer, trajando, como se poderia imaginar, a túnica manchada de vinho e a coroa de louros, dançou como uma Bacante sobre as colinas da vida, e zombou do lento Silênio pela sua sobriedade. Fatos corriam diante dela como entidades amedrontadas da floresta. Seus pés brancos pisaram a grande prensa em que se sentava o sábio Omar, até que o suco de uva em ebulição subiu em torno de seus membros nus em ondas de bolhas purpúreas, ou se arrastou em espuma vermelha por sobre as laterais pretas, gotejantes e transbordadas do barril. Era um imprevisto extraordinário. Sentiu que os olhos de Dorian Gray estavam fixados nele, e a consciência de que em meio à plateia havia alguém cuja natureza ele esperava fascinar parecia aguçar sua inteligência e emprestar cor a sua imaginação. Ele era brilhante, fantástico, irresponsável. Fazia com que os ouvintes saíssem de si, e eles seguiam sua flauta aos risos. Dorian Gray não tirava os olhos dele, estava sentado como alguém enfeitiçado, com sorrisos seguindo-se uns aos outros em seus lábios, com a admiração crescente, séria, em seus olhos que se tornavam sombrios.

Por fim, uniformizada no traje da época, a Realidade entrou na sala na forma de um empregado a dizer à duquesa que a carruagem estava à espera. Ela apertou as mãos em falso desespero. “Que desagradável!”, exclamou. “Eu tenho de ir. Preciso buscar o meu

marido no clube, levá-lo a um encontro absurdo que ele vai presidir no Willie's Rooms. Se eu me atrasar, tenho certeza de que ele vai ficar furioso, e não gostaria de enfrentar uma cena com este gorro. Ele é frágil demais. Uma palavra áspera o arruinaria. Agora preciso ir, querida Agatha. Adeus, Lord Henry, o senhor é encantador, e terrivelmente desmoralizante. Tenho certeza de que não sei o que dizer sobre os seus pontos de vista. O senhor deve nos visitar e jantar conosco uma noite dessas. Terça? O senhor tem compromisso na terça?"

"Pela senhora eu largaria qualquer um, duquesa", disse Lord Henry, com uma mesura.

"Ah!, isso é muito bom, e um grande erro de sua parte", ela exclamou, "portanto venha", e ela saiu da sala apressada, seguida por Lady Agatha e as outras damas.

Quando Lord Henry se sentou novamente, o sr. Erskine se aproximou e, ocupando uma cadeira junto dele, pôs a mão sobre seu braço.

"A sua fala vale por muitos livros", ele disse; "por que não escreve um?"

"Gosto demais de ler livros para me preocupar em escrevê-los, senhor Erskine. Eu certamente gostaria de escrever um romance, um romance belo como um tapete persa, e igualmente irreal. Mas não existe público literário na Inglaterra para nada a não ser jornais, manuais e enciclopédias. Entre todos os povos do mundo, os ingleses são os que têm a menor sensibilidade para a beleza da literatura."

"Receio que esteja certo", respondeu o sr. Erskine. "Eu mesmo tinha ambições literárias, mas desisti delas há muito tempo. E agora, meu caro jovem amigo, se me permite chamá-lo assim, posso lhe perguntar se o senhor falava sério sobre tudo o que nos disse durante o almoço?"

"Eu já me esqueci do que disse", sorriu Lord Henry. "Foi muito ruim?"

"Muito ruim mesmo. Na verdade eu o considero extremamente perigoso, e se qualquer coisa acontecer à nossa boa duquesa, nós todos o consideraremos como o responsável principal. Porém eu gostaria de falar com o senhor sobre a vida. A geração em que nasci era entediante. Um dia, quando estiver cansado de Londres, venha para Treadley e exponha-me a sua filosofia do prazer na companhia de um Borgonha admirável que tenho a sorte de possuir."

"Vai ser encantador. Uma visita a Treadley seria um grande privilégio. Possui um anfitrião perfeito, e uma biblioteca perfeita."

"O senhor irá completá-la", respondeu o velho cavalheiro, com uma mesura cortês. "E agora eu devo dar adeus à sua tia extraordinária. Preciso ir ao Atheneum. Esta é a hora em que dormimos por lá."

“Todos vocês, senhor Erskine?”

“Quarenta de nós, em quarenta poltronas. Estamos ensaiando para a Academia Inglesa de Letras.”

Lord Henry riu e se levantou. “Eu vou ao Parque”, ele exclamou.

Quando passava pela porta, Dorian Gray o tocou no braço. “Deixe-me ir com o senhor”, ele murmurou.

“Mas eu achava que o senhor havia prometido a Basil Hallward que iria vê-lo”, respondeu Lord Henry.

“Prefiro ir com o senhor; sim, sinto que devo ir com o senhor. Permita-me. E o senhor promete que vai falar comigo o tempo todo? Ninguém fala tão maravilhosamente como o senhor.”

“Ah! Já falei bastante por hoje”, disse Lord Henry, sorrindo. “Tudo o que quero agora é olhar para a vida. O senhor pode vir e olhar para ela comigo, se quiser.”

IV

Certa tarde, um mês depois, Dorian Gray estava reclinado em uma poltrona luxuosa, na pequena biblioteca da casa de Lord Henry em Mayfair. Era, a seu modo, uma sala muito encantadora, com o revestimento de painéis de carvalho com manchas verde-oliva, o friso cor de creme, o teto de gesso em relevo, e o carpete de feltro cor de pó de tijolo com tapetes persas de seda com longas franjas. Em uma mesinha de mogno havia uma estatueta de Clodion, e ao lado dela uma cópia de *Les cent nouvelles*, encadernada para Margaret de Valois por Clovis Eve, salpicada com as margaridas douradas selecionadas pela rainha para seu exemplar. Alguns jarros grandes de porcelana e tulipas-papagaio estavam dispostos sobre o aparador, e através dos pequenos painéis da janela incrustados com chumbo penetrava a luz cor de damasco de um dia de verão em Londres.

Lord Henry ainda não tinha chegado. Estava sempre atrasado por princípio, e segundo seu princípio a pontualidade era a ladra do tempo. Sendo assim, o rapaz parecia bastante mal-humorado enquanto com dedos agitados virava as páginas de uma edição ricamente ilustrada de *Manon Lescaut* que ele havia encontrado em uma das estantes. O tiquetaquear formal e monótono de um relógio Luís XIV o incomodava. Uma ou duas vezes ele pensou em ir embora.

Por fim, ele ouviu um passo do lado de fora, e a porta se abriu. “Como você está atrasado, Harry!”, ele murmurou.

“Receio que não seja Harry, senhor Gray”, respondeu uma voz aguda.

Ele olhou em redor rapidamente e se levantou. “Perdoe-me, eu pensei...”

“O senhor pensou que fosse o meu marido. É só a mulher dele. O senhor permita que eu me apresente. Eu o conheço muito bem pelas fotografias. Acho que o meu marido tem dezessete delas.”

“Dezessete, Lady Henry?”

“Bem, dezoito então. E eu o vi com ele na outra noite na ópera.” Ela ria nervosamente enquanto falava, e o observava com olhos vagos de não-me-esqueças. Era uma mulher estranha, cujas roupas pareciam ter sido desenhadas em um acesso de fúria e vestidas em uma tempestade. Em geral, estava apaixonada por alguém e, como a paixão nunca era correspondida, ela conservava todas as suas ilusões. Tentou

parecer interessante, mas conseguiu ser apenas desajeitada. Seu nome era Victoria, e tinha uma mania compulsiva de ir à igreja.

“Foi no Lohengrin, Lady Henry, imagino?”

“Sim, foi no querido Lohengrin. Eu gosto da música de Wagner mais que a de qualquer outro. Ela é tão alta que podemos conversar o tempo todo sem que as pessoas ouçam o que estamos dizendo. Trata-se de uma grande vantagem, não acha, senhor Gray?”

A mesma risada em staccato irrompeu dos lábios finos, e seus dedos começaram a se ocupar com um abridor de cartas longo de casca de tartaruga.

Dorian sorriu e balançou a cabeça: “Receio não pensar assim, Lady Henry. Nunca converso durante a música — ao menos durante a boa música. Quando ouvimos música ruim, temos o dever de afogá-la em conversas”.

“Ah!, este é um dos pontos de vista de Harry, não é, senhor Gray? Eu sempre ouço os pontos de vista de Harry através de seus amigos. É o único modo pelo qual consigo saber deles. Mas o senhor não deve pensar que não gosto de boa música. Eu a adoro, mas tenho medo dela. Ela me torna muito romântica. Eu simplesmente venerarei pianistas — por vezes dois ao mesmo tempo, como diz Harry. Não sei o que eles têm. Talvez porque sejam estrangeiros. Eles todos são, não é verdade? Mesmo os nascidos na Inglaterra se tornam estrangeiros depois de algum tempo, não é? É muito inteligente da parte deles, e um grande elogio à arte. Torna-a cosmopolita, não é? O senhor nunca esteve em uma de minhas festas, não é, senhor Gray? O senhor deveria vir. Eu não posso ter orquídeas, mas não economizo nos estrangeiros. Eles fazem com que os nossos salões pareçam muito pitorescos. Mas aqui está Harry! — Harry, eu o procurei para lhe perguntar uma coisa — esqueci o que era — e encontrei aqui o senhor Gray. Tivemos uma conversa muito agradável sobre música. Temos as mesmas ideias. Não; acho que as nossas ideias são bem diferentes. Mas ele foi muito agradável. Fico muito feliz por tê-lo encontrado.”

“Estou encantado, meu amor, muito encantado”, disse Lord Henry, erguendo as sobrelhas escuras em forma de meia-lua e olhando para os dois com um sorriso divertido. “Sinto muito pelo atraso, Dorian. Fui ver uma peça de brocado antigo na Wardour Street e tive de barganhar durante horas por ela. Hoje em dia as pessoas conhecem o preço de tudo, e o valor de nada.”

“Acho que preciso ir andando”, exclamou Lady Henry, rompendo um silêncio incômodo com a súbita risada estúpida. “Prometi sair com a duquesa. Adeus, senhor Gray. Adeus, Harry. Você vai jantar fora, eu suponho? Eu também vou. Talvez o encontre na casa de Lady Thornbury.”

“É possível, querida”, disse Lord Henry, fechando a porta atrás dela, enquanto, parecendo uma ave do paraíso que ficara fora a noite toda na chuva, ela se esgueirou da sala, deixando um perfume leve de frangipani. Em seguida ele acendeu um cigarro e se atirou no sofá.

“Nunca se case com uma mulher com cabelos cor de palha, Dorian”, disse depois de algumas tragadas.

“Por quê, Harry?”

“Porque elas são muito sentimentais.”

“Mas eu gosto de gente sentimental.”

“Nunca se case, Dorian. Os homens se casam porque se sentem cansados; as mulheres, porque sentem curiosidade: ambos se desapontam.”

“Eu não acho provável que me case, Harry. Estou apaixonado demais. É um de seus aforismos. Estou colocando-o em prática, como faço com tudo o que você diz.”

“Por quem você está apaixonado?”, perguntou Lord Henry, depois de uma pausa.

“Por uma atriz”, contou Dorian Gray, ruborizando.

Lord Henry deu de ombros.

“Trata-se de um *début* bastante comum.”

“Você não diria isso se a visse, Harry.”

“Quem é ela?”

“Seu nome é Sibyl Vane.”

“Nunca ouvi falar.”

“Ninguém ouviu. Mas um dia ouvirão. Ela é genial.”

“Meu caro rapaz, nenhuma mulher é genial. As mulheres são um sexo decorativo. Nunca têm nada a dizer, mas o dizem de modo encantador. As mulheres representam o triunfo da matéria sobre a mente, exatamente como os homens representam o triunfo da mente sobre a moral.”

“Harry, como você pode dizer isso?”

“Meu caro Dorian, é verdade. Analiso as mulheres no presente, de modo que devo saber. O tema não é obscuro como pensei que fosse. Acho que, em última análise, há somente dois tipos de mulheres, as convencionais e as coloridas. As mulheres convencionais são muito úteis. Se você quiser adquirir uma reputação de respeitabilidade, basta levá-las para jantar. As demais mulheres são muito encantadoras. Elas cometem um erro, porém. Pintam-se para tentar parecer jovens. As nossas avós se pintavam para tentar falar com brilho. O *rouge* e o *esprit* costumavam andar juntos. Isso tudo agora acabou. Enquanto uma mulher puder parecer dez anos mais nova que a própria filha, ela se sentirá plenamente satisfeita. Quanto à conversa, existem em Londres apenas cinco mulheres com quem vale a pena falar, e duas delas não

podem frequentar a sociedade. Mas conte-me sobre a sua mulher genial. Há quanto tempo a conhece?”

“Ah, Harry, as suas opiniões me aterrorizam.”

“Não se preocupe com elas. Há quanto tempo a conhece?”

“Há cerca de três semanas.”

“E onde a encontrou?”

“Eu vou lhe contar, Harry; mas você não deve vê-la com antipatia. Afinal, isso jamais teria acontecido se eu não tivesse encontrado você. Você me insuflou de um desejo de conhecer tudo sobre a vida. Durante dias, depois que o conheci, algo parecia pulsar nas minhas veias. Enquanto descansava no Parque ou passeava por Picadilly, eu olhava para todos que passavam por mim e me perguntava, com uma curiosidade louca, que espécie de vida eles levavam. Alguns me fascinavam. Outros me enchiam de terror. Havia um veneno extraordinário no ar. Eu sentia uma paixão por sensações... Bem, certa noite, por volta das sete horas, decidi sair em busca de um pouco de aventura. Sentia que a nossa Londres cinzenta e monstruosa, com sua miríade de pessoas, seus pecadores sórdidos, e seus pecados esplêndidos, como você uma vez expressou, deveria ter algo guardado para mim. Eu imaginava mil coisas. A simples noção do perigo me dava uma sensação de encantamento. Lembrei do que você tinha me dito na noite maravilhosa em que jantamos juntos pela primeira vez, sobre a busca da beleza como o verdadeiro segredo da vida. Não sei o que eu esperava, mas saí e perambulei para o leste, logo me perdi em um labirinto de ruas sujas e praças negras, sem grama. Por volta das oito e meia passei por um pequeno e absurdo teatro, com grandes jatos brilhantes de gás e cartazes pomposos. Um judeu horroroso, usando o colete mais espantoso que vi na minha vida, estava na entrada, fumando um charuto repulsivo. Ele tinha anéis engordurados e um diamante enorme aplicado no centro de uma camisa suja. ‘Deseja um camarote, milorde?’, ele disse quando me viu e tirou o chapéu com um ar de submissão solene. Havia nele algo, Harry, que me divertiu. Era uma espécie de monstro. Você vai rir de mim, eu sei, mas eu de fato entrei e paguei um guinéu inteiro por um camarote junto do palco. Até hoje não sei bem por que o fiz; e no entanto, se não o fizesse — meu caro Harry, se não o fizesse, eu teria perdido o maior romance da minha vida. Vejo que você está rindo. É horrível da sua parte!”

“Eu não estou rindo, Dorian; ao menos não de você. Mas você não deve dizer o maior romance da sua vida. Você sempre será amado, e sempre estará enamorado do amor. Uma *grand passion* é o privilégio de gente que não tem o que fazer. É a única utilidade das classes desocupadas de um país. Não tenha medo. Existem coisas

extraordinárias à sua espera. Isso é só o começo.”

“Você acha que a minha personalidade é assim tão superficial?”, protestou Dorian Gray, irritado.

“Não, considero a sua personalidade muito profunda.”

“Como assim?”

“Meu querido rapaz, as pessoas que amam somente uma vez na vida são as pessoas verdadeiramente superficiais. O que chamam de lealdade e fidelidade, eu chamo de letargia do hábito ou falta de imaginação. A constância é para a vida emocional o que a coerência é para a vida do intelecto — uma simples confissão de fracasso. Há muitas coisas que jogaríamos fora se não tivéssemos medo de que outros pudessem pegá-las. Mas não quero interrompê-lo. Continue a sua história.”

“Bem, eu me vi sentado em um pequeno e horrendo camarote privado, com um cenário pintado na cortina me olhando de frente. Olhei por trás da cortina e examinei a casa. Era uma coisa de mau gosto, toda cupidos e cornucópias, como um bolo de casamento de terceira categoria. A galeria e o fosso estavam bem cheios, mas as duas fileiras de poltronas miseráveis estavam bem vazias e mal havia gente no que eu imaginei que eles chamassem de balcão. Mulheres passavam com laranjas e cerveja de gengibre, e o consumo de grãos era terrivelmente intenso.”

“Devia ser exatamente como nos dias prósperos do Drama Inglês.”

“Exatamente, imagino, e muito deprimente. Quando comecei a me perguntar que diabos deveria fazer, bati os olhos no programa. Qual você acha que era a peça, Harry?”

“Eu pensaria que era *O menino idiota, ou Imbecil mas inocente*. Nossos pais costumavam gostar desse tipo de peça, acho. Quanto mais eu vivo, Dorian, com mais certeza sinto que o que era bom para os nossos pais não é bom para nós. Em arte, como em política, *les grands-pères ont toujours tort*.”*

“A peça era boa também para nós, Harry. Era *Romeu e Julieta*. Devo dizer que me incomodei muito ante a ideia de ver Shakespeare representado em um maldito buraco como aquele. Ainda assim, me senti interessado, de certa forma. Seja como for, decidi esperar o primeiro ato. Havia uma orquestra assustadora, liderada por um jovem hebreu sentado a um piano estridente, que quase me fez ir embora, mas por fim a cortina se ergueu e a peça começou. Romeu era um cavalheiro idoso corpulento, com sobrancelhas enegrecidas, uma voz rouca trágica e uma figura que parecia um barril de cerveja. Mercúcio era quase tão ruim quanto ele. Era interpretado por um comediante de baixo nível, que acrescentava ao texto piadas de sua própria autoria e tinha uma relação muito amistosa com o fosso.

Ambos eram grotescos como o cenário, que parecia ter saído de um barracão do campo. Mas Julieta! Harry, imagine uma garota, mal chegada aos dezessete anos, com o rosto pequeno como uma flor, uma cabeça grega pequena com cachos trançados de cabelo castanho-escuro, olhos como fontes violeta de paixão, lábios como as pétalas de uma rosa. Ela era a coisa mais adorável que eu tinha visto na minha vida. Você me disse uma vez que o páthos não o emocionava, mas que a beleza, a simples beleza, era capaz de encher os seus olhos de lágrimas. Eu lhe digo, Harry, que mal conseguia ver a garota em meio à névoa de lágrimas com que me deparei. E a voz dela — jamais ouvi voz igual. Era muito baixa no início, com notas profundas e suaves, que pareciam cair uma a uma nos ouvidos. Depois ela subiu um pouco o tom, e soava como uma flauta ou um oboé distante. Na cena do jardim ela tinha todo o êxtase trêmulo que ouvimos logo antes do amanhecer, quando cantam os rouxinóis. Houve momentos, mais adiante, em que ela abrigava a paixão selvagem de violinos. Você sabe como uma voz pode instigar alguém. A sua voz e a voz de Sibyl Vane são duas coisas que eu jamais vou esquecer. Quando fecho os olhos, eu as ouço, e cada uma diz algo diferente. Não sei qual delas seguir. Por que eu não deveria amá-la? Harry, eu a amo. Ela é tudo na vida para mim. Noite após noite eu assisto à sua apresentação. Em uma noite ela é Rosalinda, e na noite seguinte é Imogênia. Eu a vi morrer na escuridão de um túmulo italiano, sugando o veneno dos lábios do amante. Eu a vi vagar pela floresta de Arden, disfarçada como um belo menino de meias longas, colete de mangas e um gorro gracioso. Ela foi louca e compareceu diante de um rei culpado, e lhe deu arruda e o fez experimentar ervas amargas. Ela foi inocente, e as mãos negras do ciúme esmagaram sua garganta como caniço. Eu a vi com todas as idades e em todos os trajes. Mulheres comuns nunca despertam a nossa imaginação. São limitadas ao século em que vivem. Nenhum glamour as transfigura. Conhecemos sua mente com a mesma facilidade com que conhecemos seus gorros. Sempre podemos encontrá-las. Não há mistério em nenhuma delas. Elas cavalgam no Parque de manhã e tagarelam em chás da tarde. Têm o sorriso estereotipado e um comportamento que segue a moda. São bastante óbvias. Mas uma atriz! Como uma atriz é diferente! Harry!, por que você não me disse que a única coisa que vale a pena amarmos é uma atriz?”

“Porque já amei muitas delas, Dorian.”

“Oh, sim, pessoas horríveis com cabelos tingidos e rostos pintados.”

“Não despreze cabelos tingidos e rostos pintados. Às vezes existe neles um charme extraordinário”, disse Lord Henry.

“Desejaria não ter lhe contado sobre Sibyl Vane.”

“Você não teria como não contar, Dorian. Durante toda a sua vida você irá me contar tudo o que fizer.”

“Sim, Harry, acho que é verdade. Não posso deixar de lhe contar as coisas. Você exerce uma influência estranha sobre mim. Se cometesse um crime um dia, eu o confessaria a você. E seria compreendido.”

“Pessoas como você — os raios de sol obstinados da vida — não cometem crimes, Dorian. Mas seja como for eu me sinto muito envaidecido pelo elogio. E agora, diga-me — pegue os fósforos para mim, como um bom menino; obrigado —, qual é a sua relação atual com Sibyl Vane?”

Dorian Gray se pôs de pé num salto, com as bochechas vermelhas e os olhos ardentes. “Harry!, Sibyl Vane é sagrada!”

“Somente as coisas sagradas valem ser tocadas, Dorian”, disse Lord Henry, com um toque estranho de páthos na voz. “Mas por que você se incomoda? Imagino que ela vai lhe pertencer um dia. Quando estamos enamorados, sempre começamos a enganar o nosso eu, e sempre acabamos por enganar os outros. É o que o mundo chama de romance. Seja como for, você a conhece, eu imagino?”

“É claro que a conheço. Na primeira noite em que estive no teatro o velho judeu horrendo veio ao camarote depois da apresentação e se ofereceu para me levar aos bastidores e me apresentar a ela. Fiquei furioso com ele e lhe disse que Julieta estava morta havia centenas de anos, e seu corpo jazia em um túmulo de mármore em Verona. Pelo seu ar vazio de espanto, acho que ficou com a impressão de que eu havia tomado champagne demais ou coisa parecida.”

“Não estou surpreso.”

“Em seguida ele me perguntou se eu escrevia para algum jornal. Eu lhe disse que nunca nem os lia. Diante disso ele pareceu terrivelmente desapontado e me confidenciou que todos os críticos dramáticos conspiravam contra ele e estavam todos à venda.”

“Não me surpreendo se ele estiver certo. Mas, por outro lado, pela aparência deles, a maioria não deve custar muito caro.”

“Bem, ele parecia achar que estavam além de seus meios”, riu Dorian. “Nessa hora, porém, as luzes do teatro estavam sendo apagadas, e tive de sair. Ele quis que eu experimentasse alguns charutos que ele recomendava muito. Eu recusei. Na noite seguinte, naturalmente, fui até lá de novo. Quando me viu, ele fez uma grande medida e me assegurou que eu era um patrono generoso das artes. Era um bruto, muito desagradável, embora tivesse uma paixão extraordinária por Shakespeare. Uma vez me disse, com ar de orgulho, que suas cinco falências eram inteiramente devidas ao ‘Bardo’, como insistia em chamá-lo. Parecia pensar que era uma honraria.”

“Foi uma honraria, meu caro Dorian — uma grande honraria. A

maioria das pessoas vai a falência ao investir em excesso no lado prosaico da vida. Arruinar-se por poesia é uma honra. Mas quando você falou pela primeira vez com a senhorita Sibyl Vane?”

“Na terceira noite. Ela tinha feito o papel de Rosalinda. Não consegui evitar. Eu lhe atirei flores e ela olhou para mim; ao menos imaginei que sim. O velho judeu era persistente. Parecia determinado a me levar aos bastidores, de modo que eu concordei. Era curioso eu não querer conhecê-la, não?”

“Não, eu não acho.”

“Meu caro Harry, por quê?”

“Vou lhe dizer em uma outra hora. Agora quero saber sobre a garota.”

“Sibyl? Oh, ela é muito tímida, e muito suave. Há algo de infantil nela. Seus olhos se arregalaram em um espanto incrível quando eu lhe disse o que achara de sua apresentação, e ela parecia não ter consciência de seu poder. Acho que estávamos os dois bem nervosos. O velho judeu ria na porta do camarote empoeirado, com falas elaboradas sobre nós, enquanto nos olhávamos como crianças. Ele insistia em me chamar de ‘milorde’, de modo que eu tive de assegurar a Sibyl que não era nada do gênero. Ela me disse com a maior naturalidade: ‘Você parece mais um príncipe. Vou chamá-lo de Príncipe Encantado’.”

“Acredite, Dorian, a senhorita Sibyl sabe como fazer elogios.”

“Você não a compreende, Harry. Ela me viu simplesmente como um personagem de uma peça. Não sabe nada da vida. Mora com a mãe, uma mulher cansada, debilitada, que representava Lady Capuleto em uma espécie de túnica magenta na primeira noite e parecia já ter visto dias melhores.”

“Eu conheço essa aparência. Ela me deprime”, murmurou Lord Henry, examinando seus anéis.

“A judia queria me contar a história dela, mas eu disse que não me interessava.”

“Você estava certo. Sempre existe algo infinitamente desprezível nas tragédias de outras pessoas.”

“Para mim, Sibyl é a única coisa que importa. O que me interessa de onde ela vem? Da delicada cabeça aos pés pequeninos, ela é absoluta e inteiramente divina. Todas as noites da minha vida eu a vejo atuar, e a cada noite ela é mais maravilhosa.”

“Esta é a razão, eu suponho, pela qual você nunca janta comigo agora. Pensei que estivesse vivendo algum estranho romance. E está, mas não é exatamente o que eu esperava.”

“Meu caro Harry, nós almoçamos ou bebemos juntos todos os dias, e eu estive com você na Ópera diversas vezes”, disse Dorian, abrindo

os olhos azuis, surpreso.

“Você sempre chega tarde demais.”

“Bem, não consigo deixar de ver Sibyl no palco”, ele exclamou, “ainda que seja em um único ato. Sinto fome da presença dela; e, quando penso na alma maravilhosa escondida no pequeno corpo de marfim, eu me encho de admiração.”

“Você pode jantar comigo hoje à noite, não, Dorian?”

Ele balançou a cabeça. “Hoje à noite ela é Imogênia”, ele respondeu, “e amanhã à noite será Julieta.”

“Quando ela é Sibyl Vane?”

“Nunca.”

“Eu o parabenizo.”

“Como você é terrível! Ela é todas as grandes heroínas do mundo em uma só. Ela é mais que um indivíduo. Você ri, mas eu lhe garanto que ela tem força de espírito. Eu a amo, e preciso fazer com que ela me ame. Você, que conhece todos os segredos da vida, diga-me como encantar Sibyl Vane para que ela me ame! Quero fazer com que Romeu sinta ciúmes. Quero que os amantes mortos do mundo ouçam o nosso riso e se entristeçam. Quero que um sopro da nossa paixão sacuda a poeira deles e os torne conscientes, que desperte suas cinzas e as transforme em dor. Meu Deus, Harry, como eu a adoro!” Ele andava para cima e para baixo na sala enquanto falava. Manchas vermelhas febris ardiam nas maçãs de seu rosto. Estava tremendamente excitado.

Lord Henry o observava com um sentimento sutil de prazer. Como era diferente agora do menino tímido que ele havia conhecido no ateliê de Basil Hallward! Sua natureza tinha se desenvolvido como uma flor, abrira-se em botões de chama escarlate. Do esconderijo secreto, a Alma dele se arrastara para fora, e o Desejo viera encontrá-la no caminho.

“E o que você propõe?”, perguntou Lord Henry por fim.

“Quero que você e Basil venham comigo numa noite para vê-la atuar. Não tenho o menor receio do resultado. Vocês certamente reconhecerão a grandeza dela. Depois precisamos tirá-la das mãos do judeu. Ela está ligada a ele há três anos — ao menos há dois anos e oito meses. Terei de lhe pagar alguma coisa, naturalmente. Quando tudo estiver arranjado, vou levá-la a um teatro do West End e apresentá-la da maneira adequada. Ela vai enlouquecer o mundo como enlouqueceu a mim.”

“Isso será impossível, meu caro rapaz.”

“Sim, ela vai. Ela não tem apenas a arte, um instinto artístico consumado, tem personalidade também, e você muitas vezes me disse que são as personalidades, e não os princípios, que movem as épocas.”

“Bem, e em que noite iremos?”

“Deixe-me ver. Hoje é terça. Vamos marcar para amanhã. Amanhã ela faz Julieta.”

“Está bem. No Bristol às oito; e eu pegarei Basil.”

“Não às oito, Harry, por favor. Às seis e meia. Temos de estar lá antes que a cortina suba. Você precisa vê-la no primeiro ato, quando encontra Romeu.”

“Seis e meia! Que hora! Será como comer carne na hora do chá ou ler um romance inglês. Tem de ser às sete. Nenhum cavalheiro janta antes das sete. Você vai ver Basil antes disso? Ou prefere que eu lhe escreva?”

“Caro Basil! Não ponho os olhos nele há uma semana. É algo terrível da minha parte, pois ele me mandou o meu retrato na mais linda das molduras, especialmente desenhada por ele, e, embora eu tenha um pouco de ciúme do quadro por ser um mês inteiro mais jovem que eu, devo reconhecer que me dá muito prazer. Talvez seja melhor que você escreva para ele. Não quero vê-lo sozinho. Ele diz coisas que me incomodam. Dá bons conselhos.”

Lord Henry sorriu. “As pessoas gostam muito de oferecer o que elas mesmas mais precisam. É o que eu chamo de profundezas da generosidade.”

“Oh, Basil é o melhor dos sujeitos, mas para mim parece ser um pouco filisteu. Descobri isso quando o conheci, Harry.”

“Basil, meu caro rapaz, põe tudo o que é encantador nele em seu trabalho. A consequência é que não lhe sobra nada para a vida a não ser seus preconceitos, seus princípios e seu senso comum. Os únicos artistas agradáveis que conheci pessoalmente são maus artistas. Bons artistas existem simplesmente naquilo que fazem, e portanto são completamente desinteressantes por si mesmos. Um grande poeta, um poeta grande de verdade, é a menos poética das criaturas. Mas poetas menores são absolutamente fascinantes. Quanto piores as rimas, mais pitorescos parecem. O mero fato de ter publicado um livro de sonetos de segunda torna um homem irresistível. Ele vive a poesia que não é capaz de escrever. Os outros escrevem a poesia que não ousam realizar.”

“Eu me pergunto se é mesmo assim, Harry”, disse Dorian Gray, entornando um pouco de perfume no lenço, de um grande vidro com tampa dourada que estava sobre a mesa. “Deve ser, se você o diz. E agora eu vou embora. Imogênia está à minha espera. Não se esqueça de amanhã. Adeus.”

Enquanto Dorian saía da sala, as pálpebras pesadas de Lord Henry caíram, e ele começou a pensar. Certamente poucas pessoas o interessavam tanto quanto Dorian Gray, e no entanto a adoração louca

do rapaz por outra pessoa não lhe causava a menor pontada de incômodo ou ciúme. Sentia-se feliz com isso. Fazia dele um caso mais interessante. Ele sempre se encantara com os métodos das ciências naturais, porém os temas comuns dessa ciência lhe pareciam banais e sem importância. E assim ele começara a dissecar a si mesmo, como acabara por dissecar os outros. A vida humana — era o que lhe parecia ser a única coisa que valia a pena investigar. Comparada a ela nada tinha valor. Era verdade que, enquanto alguém observasse a vida em seu cadinho curioso de dor e prazer, não poderia usar no rosto uma máscara de vidro, nem evitar que as emanções sulfurosas lhe perturbassem o cérebro e turvassem a imaginação com desejos monstruosos e sonhos deformados. Havia venenos tão sutis que o conhecimento de suas propriedades causava náuseas. Havia doenças tão estranhas que éramos obrigados a passar por elas se quiséssemos compreender a sua natureza. E, no entanto, como era grande a recompensa! Como se tornava maravilhoso o mundo! Perceber a lógica dura e curiosa da paixão, e a colorida vida emocional do intelecto — observar onde elas se encontravam e onde se separavam, em que ponto estavam unidas e a que ponto eram discordantes — havia um deleite nisso! Que importava o preço? Não existe preço alto demais para uma sensação.

Ele tinha consciência — e o pensamento trouxe um brilho de prazer a seus olhos castanhos de ágata — de que fora por meio de certas palavras dele, palavras musicais pronunciadas num tom musical, que a alma de Dorian Gray havia se voltado para a garota branca e se curvara em devoção diante dela. Em grande medida, o rapaz era sua própria criação. Ele o fizera precoce. Era alguma coisa. Pessoas comuns esperavam que a vida lhes desvendasse os segredos, mas para poucos, os eleitos, os mistérios da vida eram revelados antes que o véu fosse retirado. Algumas vezes, esse era o efeito da arte, em especial da arte literária, que se ocupava diretamente das paixões e do intelecto. Porém vez ou outra uma personalidade complexa assumia tal lugar e se apropriava do ofício da arte, e era, a seu modo, uma verdadeira obra de arte, a Vida com suas obras-primas elaboradas, exatamente como a poesia, ou a escultura, ou a pintura.

Sim, o rapaz era precoce. Fazia a colheita já durante a primavera. A pulsação e a paixão da juventude estavam nele, mas estava se tornando consciente de si. Era encantador observá-lo. Com o belo rosto, e a bela alma, era algo a ser admirado. Não importava como tudo acabaria, ou estava destinado a acabar. Era como uma figura graciosa em uma representação ou em uma peça, cujas alegrias parecem ser distantes de nós, mas cujas tristezas despertam nosso senso de beleza, e cujas feridas são como rosas vermelhas.

Alma e corpo, corpo e alma — como eram misteriosos! Havia animalidade na alma, e o corpo tinha seus momentos de espiritualidade. Os sentidos podiam refinar, e o intelecto podia degradar. Quem seria capaz de dizer onde cessava o impulso carnal, ou onde começava o impulso psíquico? Como eram rasas as definições arbitrárias dos psicólogos! E no entanto como era difícil decidir entre as alegações das diferentes escolas! Era a alma uma sombra instalada na casa do pecado? Ou ficava o corpo de fato na alma, como pensava Giordano Bruno? A separação entre o espírito e a matéria era um mistério, e a união do espírito com a matéria era um mistério também.

Ele começou a se perguntar se poderíamos um dia tornar a psicologia uma ciência absoluta, a ponto de nos revelar cada pequena fonte de vida. Do modo como era, nós sempre nos compreendíamos equivocadamente, e raramente compreendíamos os outros. A experiência não tinha valor ético. Era simplesmente o nome dado aos erros. Os moralistas tinham, como regra, encarado a experiência como uma espécie de alerta, alegaram para ela uma certa eficácia ética na formação do caráter, haviam-na exaltado como algo que nos ensinava o que deveríamos seguir e nos mostrava o que deveríamos evitar. Mas não havia um poder motivador na experiência. Era uma causa ativa tão diminuta quanto a própria consciência. Tudo que de fato demonstrava era que nosso futuro seria igual ao passado, e que o pecado que havíamos cometido um dia, com aversão, repetiríamos muitas vezes, e com prazer.

Para ele estava claro que o experimental era o único método pelo qual alguém poderia chegar a uma análise científica das paixões; e Dorian Gray era por certo um objeto conveniente, e parecia prometer resultados ricos e frutíferos. Seu amor louco e repentino por Sibyl Vane era um fenômeno psicológico nada desinteressante. Não havia dúvida de que a curiosidade tinha muito a ver com ele, a curiosidade e o desejo por novas experiências; entretanto, não se tratava de uma paixão simples, mas de uma paixão bastante complexa. O que nela havia do instinto puramente sensual da juventude fora transformado pelo trabalho da imaginação, transformado em alguma coisa que parecia ao próprio rapaz ser distante dos sentidos, e que era, por essa mesma razão, muito mais perigosa. As paixões sobre cujas origens nos enganamos nos tiranizam com mais força. Nossas motivações mais fracas são aquelas de cuja natureza temos consciência. Acontece com frequência que, ao pensarmos que fazemos experiências com outros, na verdade as fazemos com nós mesmos.

Enquanto Lord Henry estava sentado sonhando com essas coisas, houve uma batida na porta, e seu criado entrou e o lembrou de que era hora de se vestir para o jantar. Ele se levantou e olhou para a rua.

O pôr do sol havia imprimido em ouro escarlata as janelas superiores das casas da frente. Os painéis brilhavam como placas de metal aquecido. Acima, o céu era como uma rosa pálida. Ele pensou na jovem vida tingida de fogo de seu amigo, e se perguntou como tudo acabaria.

Quando chegou em casa, por volta da meia-noite e meia, viu um telegrama sobre a mesa do hall. Ao abri-lo descobriu que era de Dorian Gray. Era para lhe dizer que estava noivo, iria se casar com Sibyl Vane.

* Os avós estão sempre errados.

“Mãe, mãe, estou muito feliz!”, sussurrou a garota, escondendo o rosto no colo da mulher consumida, com aparência cansada e que, com as costas voltadas para a luz intensa, penetrante, estava sentada na única poltrona que a minúscula e sombria sala de estar continha. “Estou muito feliz!”, ela repetiu, “e você precisa ficar feliz também!”

A sra. Vane estremeceu, e pôs as mãos branqueadas de bismuto na cabeça da filha. “Feliz!”, ela ecoou, “eu só me sinto feliz, Sibyl, quando vejo você no palco. Você não deve pensar em nada a não ser em representar. O senhor Isaacs tem sido muito bom para nós, e estamos devendo dinheiro para ele.”

A garota olhou para cima e fez um gesto de enfado. “Dinheiro, mamãe?”, ela exclamou, “que importa o dinheiro? O amor é mais que o dinheiro.”

“O senhor Isaacs nos adiantou cinquenta libras para que pagássemos as nossas dívidas, e para que arranjássemos roupas decentes para James. Você não deve se esquecer disso, Sibyl. Cinquenta libras é uma quantia muito grande. O senhor Isaacs tem sido muito prestativo.”

“Ele não é um cavalheiro, mamãe, e eu odeio o modo como fala comigo”, disse a garota, levantando-se e caminhando para a janela.

“Não sei o que faríamos sem ele”, respondeu a mulher mais velha, queixosa.

Sibyl Vane atirou a cabeça para trás e riu. “Nós não o queremos mais, mamãe. O Príncipe Encantado conduz a nossa vida agora.” Em seguida ela fez uma pausa. Uma rosa vibrou em seu sangue e sombreou suas bochechas. A respiração rápida entreabriu as pétalas de seus lábios. Eles estremeceram. Um vento sul de paixão soprou sobre ela e movimentou as dobras delicadas de seu vestido. “Eu o amo”, ela disse simplesmente.

“Criança estúpida! Criança estúpida!”, foi a frase papagueada, arremetida em resposta. O gesto de dedos curvos com joias falsas conferiu um tom grotesco às palavras.

A garota riu de novo. Havia em sua voz a alegria de um pássaro engaiolado. Os olhos agarraram a melodia e a reverberaram radiantes: em seguida, fecharam-se por um instante, como que para esconder seu segredo. Quando se abriram, a névoa de um sonho os atravessou.

Da cadeira gasta lhe falou a sabedoria de lábios finos, sugeriu prudência, citou o livro da covardia cujo autor macaqueia o bom senso. Ela não ouviu. Estava livre na sua prisão da paixão. Seu príncipe, o Príncipe Encantado estava com ela. Ela havia convocado a memória para refazê-lo. Enviara a alma à procura dele, e ela o trouxera de volta. Seu beijo ardia de novo na boca dela. Suas pálpebras estavam aquecidas pela respiração dele.

Em seguida a Sabedoria mudou de método e falou de observação e descoberta. O jovem poderia ser rico. Caso fosse, o casamento deveria ser considerado. Contra a concha de seus ouvidos arrebentaram as ondas da esperteza mundana. As flechas da astúcia a atravessaram. Ela viu os lábios finos que se moviam, e sorriu.

De súbito sentiu necessidade de falar. O silêncio prolixo a incomodou. “Mãe, mãe”, ela exclamou, “por que ele me ama tanto? Eu sei por que o amo. Eu o amo porque ele é como o próprio Amor deve ser. Mas o que ele vê em mim? Não estou à altura dele. E no entanto — por quê, não sei dizer —, embora eu me sinta muito inferior a ele, não me sinto humilhada. Sinto orgulho, um orgulho incrível. Mãe, você amava o meu pai como eu amo o Príncipe Encantado?”

A velha empalideceu sob o pó de arroz grosseiro que manchava suas bochechas, e os lábios secos se contorceram em um espasmo de dor. Sibyl correu para ela, atirou os braços em volta de seu pescoço, e a beijou. “Perdão, mamãe. Eu sei que lhe dói falar sobre o nosso pai. Mas dói apenas porque você o amou muito. Não fique tão triste. Hoje estou feliz como você esteve vinte anos atrás. Ah!, deixe que eu seja feliz para sempre!”

“Minha criança, você é nova demais para pensar em se apaixonar. Além disso, o que sabe sobre esse jovem? Você nem sabe o nome dele. A coisa toda é muito inconveniente, e na verdade, numa hora em que James vai para a Austrália e eu tenho tantas coisas para pensar, você deveria mostrar mais consideração. Porém, como eu disse antes, se ele for rico...”

“Ah!, mãe, mãe, deixe-me ser feliz!”

A sra. Vane olhou para ela e, com um dos gestos teatrais que com tanta frequência se tornam uma espécie de segunda natureza para um ator, apertou-a entre os braços. Nesse momento a porta se abriu, e um jovem com cabelos castanhos desarrumados entrou no quarto. Era atarracado, e tinha as mãos e os pés grandes e um tanto desajeitados. Não tinha a delicadeza da irmã. Dificilmente imaginaríamos a relação próxima que havia entre eles. A sra. Vane fixou os olhos nele e alargou o sorriso. Mentalmente, alçou o filho à dignidade de uma plateia. Tinha certeza de que o *tableau* era interessante.

“Acho que você deve guardar alguns beijos para mim, Sibyl”, disse

o rapaz, com um grunhido bem-humorado.

“Ah!, mas você não gosta de ser beijado, Jim”, ela exclamou. “Você é um velho urso assustador.” E ela cruzou o quarto correndo e o abraçou.

James Vane olhou para o rosto da irmã com ternura. “Quero que você venha dar uma volta comigo, Sibyl. Não creio que verei esta horrível Londres de novo. Tenho certeza de que não quero.”

“Meu filho, não diga coisas tão desagradáveis”, murmurou a sra. Vane, pegando um vestido de teatro espalhafatoso e começando a remendá-lo. Ela se sentia um pouco desapontada por não ter se juntado ao grupo. Teria intensificado a teatralidade pitoresca da situação.

“Por que não, mamãe? É o que eu penso.”

“Você me magoa, meu filho. Eu acredito que você voltará da Austrália rico. Acredito que não exista nenhuma espécie de sociedade nas colônias, nada que eu chamaria de sociedade; portanto, quando tiver feito fortuna você deve voltar e se fixar em Londres.”

“Sociedade!”, resmungou o rapaz. “Eu não quero saber de nada disso. Gostaria de ganhar algum dinheiro e tirar você e Sibyl do palco. Eu o detesto.”

“Oh, Jim!”, disse Sibyl, rindo, “que grosseria da sua parte! Mas você vai mesmo dar uma volta comigo? Isso vai ser bom! Eu receava que você fosse se despedir de alguns de seus amigos — de Tom Hardy, que lhe deu aquele cachimbo horrroso, ou de Ned Langton, que faz troça de você por fumá-lo. É muito amável de sua parte permitir que eu participe mais da sua última tarde aqui. Aonde iremos? Vamos ao Parque.”

“Eu estou muito mal vestido”, ele respondeu. “Somente gente importante vai ao Parque.”

“Bobagem, Jim”, ela sussurrou, acariciando a manga do casaco dele.

Ele hesitou por um instante. “Muito bem”, disse por fim, “mas não demore para se arrumar.” Ela saiu dançando pela porta. Ouviram-na cantando enquanto subia as escadas. Ouviram as passadas delicadas de seus pezinhos no andar de cima.

Ele percorreu o quarto de uma ponta a outra duas ou três vezes. Depois se voltou para a figura imóvel na cadeira. “Mamãe, as minhas coisas estão prontas?”, ele perguntou.

“Estão prontas, James”, ela respondeu, mantendo os olhos no trabalho. Nos últimos meses ela se sentia desconfortável quando ficava a sós com o filho rude, severo. Sua natureza secreta e superficial se perturbava quando os olhos deles se encontravam. Ela costumava se perguntar se ele suspeitava de alguma coisa. O silêncio, pois ele não

fez nenhuma outra observação, tornou-se intolerável para ela. Começou a se queixar. As mulheres se defendem atacando, da mesma forma como atacam por meio de rendições súbitas e surpreendentes. “Espero que seja feliz com a sua vida no mar”, ela disse. “Não esqueça que a escolha foi sua. Você poderia ter entrado no escritório de um advogado. Os advogados constituem uma classe muito respeitada, e no campo eles jantam com frequência com as melhores famílias.”

“Eu odeio escritórios, odeio funcionários”, ele respondeu. “Mas você tem razão. Eu escolhi a minha própria vida. Tudo que digo é que cuide de Sibyl. Não permita que ela corra perigo. Mãe, você precisa cuidar dela.”

“James, você fala mesmo coisas estranhas. É claro que eu cuido de Sibyl.”

“Ouvi dizerem que um cavalheiro vem todas as noites ao teatro e vai para os bastidores falar com ela. É verdade? O que anda acontecendo?”

“Você está falando sobre coisas que não entende, James. Na profissão estamos acostumadas a receber muita atenção gratificante. Eu mesma costumava ganhar muitos buquês de uma vez. No tempo em que a profissão de atriz era verdadeiramente compreendida. Quanto a Sibyl, não sei no momento se a ligação dela é séria ou não. Mas não há dúvida de que o jovem em questão é um perfeito cavalheiro. É sempre muito educado comigo. Além disso parece ser rico, e as flores que manda são lindas.”

“Apesar disso você não sabe o nome dele”, rebateu o rapaz com dureza.

“Não”, respondeu a mãe, com uma expressão serena no rosto. “Ele ainda não revelou o verdadeiro nome. Acho bem romântico da parte dele. Provavelmente é um membro da aristocracia.”

James Vane mordeu o lábio. “Cuide de Sibyl, mamãe”, ele exclamou, “cuide dela.”

“Meu filho, você me magoa muito. Sibyl está sempre sob meus cuidados especiais. É claro, se esse cavalheiro for rico, não há razão por que ela não deva se vincular a ele. Acho que ele é da aristocracia. Tem toda a aparência, pelo que pude ver. Pode ser um casamento extraordinário para Sibyl. Formariam um casal encantador. A beleza dele é impressionante, todos a notam.”

O rapaz murmurou alguma coisa para si mesmo e tamborilou no painel da janela com os dedos rudes. Ele tinha acabado de se virar para dizer alguma coisa quando a porta se abriu e Sibyl entrou correndo.

“Como vocês dois estão sérios!”, ela exclamou. “Qual é o problema?”

“Nada”, ele respondeu. “Penso que temos de ser sérios às vezes. Adeus, mãe; eu vou jantar às cinco. Tudo está na mala a não ser as minhas camisas, de modo que você não precisa se preocupar.”

“Adeus, meu filho”, ela respondeu, com uma medida de dignidade forçada.

Estava extremamente incomodada pelo tom que ele tinha adotado para com ela, e havia algo em sua aparência que a fizera sentir medo.

“Beije-me, mamãe”, disse a garota. Seus lábios macios como flor tocaram a bochecha seca e aqueceram sua frigidez.

“Minha filha! Minha filha!”, exclamou a sra. Vane, olhando para o teto, buscando uma plateia imaginária.

“Venha, Sibyl”, disse o irmão, impaciente. Ele detestava as afetações da mãe.

Eles saíram para a luz do sol tremeluzente varrida pelo vento e desceram a sombria Easton Road. Os passantes olhavam espantados para o jovem taciturno, pesado, que em roupas grosseiras, desajustadas, estava na companhia de uma garota tão graciosa, de aparência refinada. Parecia um jardineiro caminhando com uma rosa.

Jim franzia as sobrancelhas de tempos em tempos quando notava o olhar inquiridor de um estranho. Sentia o incômodo de ser olhado que atinge os gênios apenas no fim na vida e que nunca abandona a pessoa comum. Sibyl, porém, não tinha consciência do efeito que causava. Seu amor provocava um constante sorriso em seus lábios. Ela pensava no Príncipe Encantado e, para que pudesse pensar nele ainda mais, não falava dele, e sim sobre o navio em que Jim embarcaria, sobre o ouro que ele certamente encontraria, sobre a maravilhosa herdeira cuja vida ele salvaria dos bandoleiros malvados de camisas vermelhas. Porque ele não deveria seguir sendo um marinheiro, ou um comissário, ou o que quer que fosse. Oh, não! A vida de um marinheiro era terrível. Imagine ficar preso em um navio horrendo, com ondas roucas, corcundas, tentando penetrar, e um vento negro derrubando os mastros e rasgando as velas em longas tiras guinchantes! Ele deveria deixar a embarcação em Melbourne, dar um adeus educado ao comandante e partir de imediato para as terras do ouro. Em menos de uma semana ele encontraria uma imensa pepita de ouro puro, a maior já descoberta, e a levaria para a costa em um vagão vigiado por seis policiais montados. Os bandoleiros os atacariam três vezes e seriam derrotados em uma imensa carnificina. Ou não. Ele não iria para as minas de ouro. Eram lugares horrendos, onde os homens se intoxicavam, e atiravam uns nos outros em salões de bares e falavam em linguagem vulgar. Ele seria um simpático criador de ovelhas, e certa noite, ao cavalgar para casa, avistaria a bela herdeira sendo levada por um ladrão em um cavalo preto, e ele o

perseguiu e a salvaria. Naturalmente, ela se apaixonaria por ele, e eles se casariam e voltariam e morariam em uma casa imensa em Londres. Sim, havia coisas encantadoras à sua espera. Mas ele teria de ser muito bom e não perder a paciência, nem gastar dinheiro frivolamente. Ela era apenas um ano mais velha que ele, mas sabia muito mais sobre a vida. Ele deveria também lhe escrever com certeza em todas as oportunidades, e fazer as orações todas as noites antes de dormir. Deus era muito bom e cuidaria dele. Ela rezaria também, e em alguns anos ele voltaria bem rico e feliz.

O rapaz a ouvia mal-humorado e não respondia. Estava infeliz por sair de casa.

Porém não era apenas isso que o tornava sombrio e melancólico. Embora fosse inexperiente, tinha um sentimento forte do perigo que havia na situação de Sibyl. O jovem dândi que a amava não devia significar nada de bom para ela. Era um cavalheiro, e ele o odiava por isso, odiava-o por um instinto de raça peculiar, que não era capaz de compreender, e que, pela mesma razão, o dominava ainda mais. Também tinha consciência da superficialidade e presunção da personalidade de sua mãe, e nela via um perigo infinito para Sibyl e para a sua felicidade. As crianças começam por amar os pais; à medida que envelhecem, elas os julgam; algumas vezes os perdoam.

Sua mãe! Ele tinha algo em mente para lhe perguntar, algo que ruminara durante muitos meses de silêncio. Uma frase acidental que tinha ouvido no teatro, um riso sussurrado que havia chegado a seus ouvidos certa noite enquanto esperava na boca de cena, havia desencadeado um curso desenfreado de pensamentos terríveis. Ele lembrava daquilo como se fosse o golpe de um chicote de caça em seu rosto. Suas sobrancelhas se uniram em um sulco em forma de cunha, e com um espasmo de dor ele mordeu o lábio inferior.

“Você não está ouvindo uma palavra do que estou dizendo, Jim”, exclamou Sibyl, “e eu estou fazendo os planos mais lindos para o seu futuro. Diga alguma coisa.”

“O que você quer que eu diga?”

“Oh!, que você vai ser um bom menino e que não vai nos esquecer”, ela respondeu, sorrindo para ele.

Ele deu de ombros. “É mais provável você me esquecer do que eu esquecê-la, Sibyl.”

Ela ficou vermelha. “O que você quer dizer com isso, Jim?”, ela perguntou.

“Ouvi dizer que você tem um novo amigo. Quem é ele? Por que não me falou sobre ele? Ele não quer coisa boa com você.”

“Pare, Jim!”, ela exclamou. “Você não deve falar nada contra ele. Eu o amo.”

“Ora, você nem sabe o nome dele”, respondeu o rapaz. “Quem é ele? Eu tenho o direito de saber.”

“Ele se chama Príncipe Encantado. Você não gosta do nome? Oh, seu menino bobo!, você não deve jamais esquecê-lo. Se o visse, você acharia que ele é a pessoa mais maravilhosa do mundo. Um dia você vai conhecê-lo: quando voltar da Austrália. Vai gostar muito dele. Todos gostam dele, e eu... eu o amo. Gostaria que você pudesse vir ao teatro hoje de noite. Ele vai estar lá, e eu vou representar Julieta. Oh!, como vou representá-la! Imagine, Jim, estar apaixonada e fazer Julieta! Com ele sentado lá! Atuar para o prazer dele! Receio que eu possa amedrontar a companhia, amedrontar ou enfeitiçá-los. Amar é superar a própria personalidade. O pobre e horrível senhor Isaacs gritará ‘genial’ para os vadios no bar. Ele tem me exaltado como um dogma; hoje à noite vai me apresentar como uma revelação. Eu o sinto. E é tudo dele, dele apenas, do Príncipe Encantado, meu amante maravilhoso, meu deus das graças. Mas perto dele eu sou pobre. Pobre? O que importa? Quando a pobreza entra pela porta, o amor voa pela janela. Os nossos provérbios precisam ser reescritos. Eles foram feitos no inverno, e agora é verão; primavera para mim, eu acho, uma verdadeira dança de flores nos céus azuis.”

“Ele é um cavalheiro”, disse o rapaz, mal-humorado.

“Um príncipe!”, ela exclamou musicalmente. “O que mais você quer?”

“Ele quer escravizá-la.”

“Eu estremeço ao pensar em ser livre.”

“Eu quero que você tenha cuidado com ele.”

“Vê-lo é venerá-lo, conhecê-lo é confiar nele.”

“Sibyl, você está louca por ele.”

Ela riu e pegou em seu braço. “Meu velho e querido Jim, você fala como se tivesse cem anos. Um dia vai se apaixonar também. E então vai saber como é. Não fique tão mal-humorado. Com certeza você deveria estar alegre por pensar que, apesar de estar indo embora, me deixa mais feliz do que nunca. A vida tem sido dura para nós dois, terrivelmente dura e difícil. Mas vai ser diferente agora. Você vai para um novo mundo, e eu encontrei um. Há duas cadeiras aqui; vamos sentar e ver as pessoas elegantes passarem.”

Eles se sentaram em meio a uma multidão de observadores. Os canteiros de tulipas do outro lado do caminho chamejavam como anéis pulsantes de fogo. Uma poeira branca, semelhante a uma nuvem trêmula de raízes de íris, pairava no ar ofegante. As sombrinhas de cores vivas dançavam e se erguiam como borboletas monstruosas.

Ela fez o irmão falar de si, sobre suas esperanças, seus projetos. Ele falou devagar e com esforço. Lançaram palavras um ao outro como

jogadores lançam suas cartas. Sibyl se sentiu oprimida. Não conseguia transmitir sua felicidade. Um sorriso apagado que curvava a boca sombria era todo o eco que ela conseguia evocar. Passado algum tempo ela se calou. De súbito entreviu cabelos dourados e lábios ridentes e, em uma carruagem aberta com duas damas, Dorian Gray passou.

Ela se pôs de pé de um salto. “Lá está ele!”, exclamou.

“Quem?”, perguntou Jim Vance.

“O Príncipe Encantado”, ela respondeu, acompanhando a carruagem.

Ele deu um salto e a pegou com violência pelo braço. “Mostre-o para mim. Quem é ele? Aponte-o para mim. Tenho de vê-lo!”, ele exclamou, mas naquele momento a parelha de quatro cavalos do duque de Berwick surgiu à frente deles e quando passou o espaço estava vazio, a carruagem havia saído do Parque.

“Ele se foi”, murmurou Sibyl, triste. “Gostaria que você o tivesse visto.”

“Eu também gostaria, pois assim como é certo que existe um Deus no céu, se ele lhe fizer algum mal, eu o matarei.”

Ela encarou o irmão, horrorizada. Ele repetiu as palavras. Elas cortaram o ar como um punhal. As pessoas em volta ficaram boquiabertas. Uma dama próxima dele riu nervosamente.

“Venha, Jim; venha”, ela sussurrou. Ele a seguiu com relutância, enquanto ela passava pela multidão. Sentia-se satisfeito pelo que havia dito.

Quando chegaram à estátua de Aquiles ela se virou. Havia uma compaixão em seus olhos que se transformou em riso em seus lábios. Ela sacudiu a cabeça diante dele. “Você é estúpido, Jim, completamente estúpido; um menino mal-humorado, nada mais. Como pode dizer coisas tão horríveis? Você não sabe do que está falando. Está só com ciúmes, e está sendo grosseiro. Ah!, gostaria que você se apaixonasse. O amor enobrece as pessoas, e o que você disse foi cruel.”

“Tenho dezesseis anos”, ele respondeu, “e sei das coisas. A mamãe não a ajuda em nada. Ela não sabe cuidar de você. Gostaria de não estar indo para a Austrália agora. Não teria muito problema em cancelar a coisa toda. Eu o faria se meus contratos não tivessem sido assinados.”

“Oh, não leve tudo tão a sério, Jim. Você parece um herói dos melodramas bobos em que a mamãe gostava tanto de atuar. Não vou discutir com você. Eu o vi, e, oh!, vê-lo é a felicidade absoluta. Não vamos discutir. Eu sei que você não faria mal a ninguém que eu amasse, faria?”

“Não enquanto você amá-lo, imagino”, foi a resposta mal-humorada.

“Eu vou amá-lo para sempre!”, ela exclamou.

“E ele?”

“Para sempre, também!”

“Seria bom.”

Ela se afastou dele. Depois riu e pôs a mão em seu braço. Ele era apenas um menino.

No Marble Arch eles pararam um ônibus, que os deixou perto de sua casa miserável na Euston Road. Passava das cinco horas, e Sibyl precisava se deitar por um par de horas antes de se apresentar. Jim insistiu para que ela o fizesse. Disse que preferia se despedir dela enquanto a mãe não estivesse presente. Ela certamente faria uma cena, e ele detestava todos os tipos de cenas.

No quarto de Sibyl eles se despediram. Havia ciúme no coração do rapaz, e um ódio feroz e assassino do estranho que, segundo lhe parecia, pusera-se entre eles. No entanto, quando ela atirou os braços em torno de seu pescoço, e os dedos dela correram por seus cabelos, ele amoleceu e a beijou com uma afeição verdadeira. Havia lágrimas em seus olhos quando desceu as escadas.

A mãe o esperava embaixo. Ela resmungou algo sobre sua falta de pontualidade quando ele entrou. Ele não respondeu, mas sentou-se para a magra refeição. As moscas zumbiam em volta da mesa e perambulavam sobre a toalha manchada. Em meio ao rumor dos ônibus e do estrépito dos carros de aluguel, ouvia a voz sussurrante devorando cada minuto que lhe restava.

Passado algum tempo, afastou o prato e pôs a cabeça entre as mãos. Sentia que tinha o direito de saber. Deveriam ter lhe dito antes, se era como ele suspeitava. Paralisada de medo, a mãe o observava. Palavras caíam mecanicamente de seus lábios. Um lenço de renda amassado tremia entre seus dedos. Quando o relógio bateu as seis, ele se levantou e foi para a porta. Em seguida voltou-se e olhou para ela. Seus olhos se encontraram. Nos dela havia um pedido enlouquecido de perdão. Isto o enfureceu.

“Mãe, eu tenho uma pergunta a lhe fazer”, ele disse. Os olhos dela percorreram o quarto vagamente. Ela não respondeu. “Diga a verdade. Eu tenho o direito de saber. Você era casada com o meu pai?”

Ela deu um suspiro profundo. Era um suspiro de alívio. O momento terrível, o momento que, dia e noite, durante semanas e meses, ela temera, chegara por fim, e apesar de tudo não se sentiu aterrorizada. Na verdade, em certa medida ele a desapontava. A vulgaridade e a falta de rodeios da pergunta exigia uma resposta direta. A situação não fora construída gradualmente. Era bruta. Lembrava um ensaio

malfeito.

“Não”, ela respondeu, perguntando-se sobre a dura simplicidade da vida.

“Então o meu pai era um patife!”, exclamou o rapaz, cerrando os punhos.

Ela balançou a cabeça. “Eu sabia que ele não era livre. Nós nos amávamos muito. Se ele estivesse vivo, cuidaria de nós. Não fale nada contra ele, meu filho. Ele era o seu pai, e um cavalheiro. Na verdade era muito bem relacionado.”

Uma praga escapou dos lábios dele. “Eu não me importo comigo”, ele exclamou, “mas não deixe que Sibyl... Afinal é um cavalheiro que está apaixonado por ela, ou diz que é! Muito bem relacionado também, imagino.”

Por um instante um sentimento terrível de humilhação tomou a mulher. A cabeça dela caiu. Ela esfregou os olhos com mãos trêmulas. “Sibyl tem uma mãe”, ela murmurou. “Eu não tive nenhuma.”

O rapaz se emocionou. Foi na direção dela e, inclinando-se, beijou-a. “Sinto muito se a magoei ao perguntar sobre o meu pai”, ele disse, “mas não pude evitar. Agora tenho de ir. Adeus. Não se esqueça de que agora você terá apenas uma filha para cuidar, e acredite, se este homem fizer mal à minha irmã, vou descobrir quem ele é e vou matá-lo como a um cão. Eu juro.”

A insanidade exagerada da ameaça, o gesto passional que a acompanhou, as palavras loucas melodramáticas, faziam a vida parecer mais vívida para ela. A atmosfera lhe era familiar. Respirou mais livremente, e pela primeira vez em muitos meses admirou com sinceridade o filho. Desejaria ter continuado a cena no mesmo plano emocional, mas ele a interrompeu. Tinham de descer as malas e procurar cachecóis. O criado do alojamento se alvoroçava para dentro e para fora. Houve uma negociação com o condutor do carro de aluguel. O momento se perdeu em detalhes vulgares. Foi com um sentimento renovado de desapontamento que ele agitou o lenço de renda amassado da janela, à medida que se distanciava. Ela tinha consciência de que haviam perdido uma grande oportunidade. Consolou-se dizendo a Sibyl o quanto sentia que sua vida seria desoladora agora que tinha apenas uma filha para cuidar. Ela relembrou a frase. Havia gostado dela. Sobre a ameaça, não disse nada. Fora expressada vívida e dramaticamente. Sentia que ririam dela um dia.

VI

“Imagino que você tenha ouvido as novidades, Basil?”, disse Lord Henry naquela noite, quando Hallward foi levado a uma sala privativa no Bristol, onde o jantar fora servido para três.

“Não, Harry”, respondeu o artista, entregando o chapéu e o casaco ao garçom curvado. “Quais são? Nada sobre política, espero. Isso não me interessa. Não existe uma única pessoa no Parlamento que valha a pena retratar; embora muitos deles ficassem bem se fossem caiados.”

“Dorian Gray está noivo, vai se casar”, contou Lord Henry, observando-o enquanto falava.

Hallward se deteve, e em seguida franziu o cenho. “Dorian noivo, para se casar!”, ele exclamou. “Impossível.”

“É a mais absoluta verdade.”

“Com quem?”

“Com uma atrizinha qualquer.”

“Não acredito. Dorian é sensível demais.”

“Dorian é inteligente demais para não fazer coisas estúpidas uma vez ou outra, meu caro Basil.”

“Casamento não é exatamente algo que se faça uma vez ou outra, Harry.”

“A não ser na América”, retorquiu Lord Henry languidamente. “Mas eu não disse que ele se casou. Disse que está noivo e vai se casar. Há uma grande diferença. Eu tenho uma lembrança clara de ser casado, mas nenhuma memória de ter sido noivo. Tendo a pensar que nunca fui noivo.”

“Mas pense na origem de Dorian, em sua posição e suas posses. Seria um absurdo ele se casar com alguém muito inferior a ele.”

“Se você quer que ele se case com essa garota, diga-lhe exatamente isso, Basil. Ele certamente o fará nesse caso. Toda vez que um homem faz algo completamente estúpido, é sempre pela mais nobre das razões.”

“Espero que a garota seja boa, Harry. Não quero ver Dorian ligado a uma criatura vil, que poderá degradar sua personalidade e arruinar seu intelecto.”

“Oh, ela é muito mais que boa — é bonita”, murmurou Lord Henry, sorvendo um copo de vermute e bitter de laranja. “Dorian diz que ela é bonita, e ele raramente se engana nesse tipo de coisa. O retrato que

você fez dele acelerou a sua apreciação da aparência pessoal de outras pessoas. Teve esse excelente efeito, entre outros. Vamos vê-la hoje à noite, se o rapaz não se esquecer do compromisso.”

“Está falando sério?”

“Muito sério, Basil. Seria um desgraçado se pudesse ser mais sério do que estou sendo agora.”

“Mas você aprova isso, Harry?”, perguntou o pintor, andando de uma ponta a outra da sala e mordendo o lábio. “Não acredito que você possa aprovar. Deve ser uma paixão tola e passageira.”

“Eu nunca aprovo ou desaprovo nada. Seria uma atitude absurda perante a vida. Não somos enviados a este mundo para propalarmos os nossos preconceitos morais. Eu nunca dou atenção ao que as pessoas comuns dizem, e nunca interfiro no que pessoas encantadoras fazem. Se uma personalidade me fascina, seja qual for o modo de expressão que essa personalidade escolhe, ela é absolutamente encantadora para mim. Dorian Gray se apaixonou por uma garota bonita que representa Julieta e se propõe a casar-se com ela. Por que não? Se ele se casasse com Messalina, não seria menos interessante. Você sabe que eu não sou um defensor do casamento. A verdadeira desvantagem do casamento é que ele nos torna altruístas. E pessoas altruístas são sem graça. Falta-lhes individualidade. Ainda assim, existem certos temperamentos que o casamento torna mais complexos. Eles conservam o egoísmo e lhe acrescentam muitos outros egos. São forçados a ter mais de uma vida. Tornam-se muito mais organizados, e ser muito organizado é, imagino, o objetivo da existência do homem. Além disso, toda experiência tem valor, e seja o que for que alguém possa dizer contra o casamento, ele é certamente uma experiência. Espero que Dorian Gray faça dessa garota a sua esposa, que a adore apaixonadamente por seis meses, e que depois se sinta subitamente fascinado por alguém outro. Ele seria um maravilhoso objeto de estudo.”

“Você não leva a sério nenhuma dessas palavras, Harry, você sabe que não. Se a vida de Dorian Gray fosse prejudicada, ninguém lamentaria mais. Você é muito melhor do que finge ser.”

Lord Henry riu. “A razão pela qual gostamos de pensar tão bem sobre os outros é que todos tememos por nós mesmos. A base do otimismo é o puro terror. Pensamos que somos generosos porque creditamos ao nosso vizinho a posse das virtudes que provavelmente nos beneficiariam. Enaltecemos o banqueiro para que possamos sacar mais do que temos, e encontramos boas qualidades no ladrão de estrada na esperança de que ele poupe o nosso bolso. Tudo o que eu disse é sério. Tenho o maior desprezo pelo otimismo. Quanto a uma vida arruinada, nenhuma vida é arruinada a não ser aquela cujo

crescimento é interrompido. Se quiser estragar a natureza de alguém, basta reformá-la. Quanto ao casamento, é claro que seria estúpido, mas há ligações outras e mais interessantes entre homens e mulheres. Eu com certeza os encorajarei. Têm o encanto de estarem na moda. Mas aqui está o próprio Dorian. Ele pode lhe dizer mais do que eu.”

“Meu caro Harry, meu caro Basil, vocês dois devem me felicitar”, disse o rapaz, desfazendo-se de sua capa de noite com as mangas de cetim e sacudindo a mão de cada um dos amigos. “Nunca fui tão feliz. É claro que é repentino: como todas as coisas verdadeiramente encantadoras. E no entanto ela me parece ser o que busquei durante toda a vida.” Ele estava vermelho de excitação e prazer e parecia extraordinariamente elegante.

“Espero que você seja sempre muito feliz, Dorian”, disse Hallward, “mas não o perdoo por não ter me comunicado o seu noivado. Você o comunicou a Harry.”

“E eu não o perdoo por ter se atrasado para o jantar”, interrompeu Lord Henry, pondo a mão sobre o ombro do rapaz, sorrindo enquanto falava. “Venha, vamos nos sentar e experimentar o novo *chef*, e depois você vai nos contar como tudo aconteceu.”

“Na verdade não há muito para contar”, exclamou Dorian, enquanto eles se sentavam à pequena mesa redonda. “O que aconteceu foi simplesmente isso. Depois que o deixei ontem de noite, Harry, eu me vesti, jantei no pequeno restaurante italiano da Rupert Street que você me apresentou e fui às oito horas para o teatro. Sibyl estava fazendo Rosalinda. Naturalmente, o cenário era horroroso, e o Orlando, absurdo. Mas Sibyl! Vocês deveriam tê-la visto! Quando entrou nos trajes de menino estava absolutamente maravilhosa. Usava um colete de veludo cor de musgo com mangas cor de canela, uma calça estreita com finos suspensórios marrons cruzados, um pequeno boné verde com uma pena de águia presa em uma joia e uma capa com capuz, guarnecida de um vermelho pálido. Ela nunca me parecera tão extraordinária. Tinha toda a graça delicada do figurino Tanagra que você tem em seu ateliê, Basil. Os cabelos emolduravam o rosto dela como folhas escuras em torno de uma rosa pálida. Quanto à atuação — bem, vocês a verão hoje à noite. Ela é simplesmente uma artista inata. Fiquei sentado no camarote sujo, completamente enfeitiçado. Eu me esqueci de que estava em Londres e no século XIX. Estava com o meu amor em uma floresta que nenhum homem tinha visto antes. Depois da apresentação fui para aos bastidores e falei com ela. Enquanto estávamos sentados juntos, de súbito os olhos dela assumiram uma aparência que eu nunca havia visto. Os meus lábios se moveram na direção dos lábios dela. Nós nos beijamos. Não consigo descrever o que senti naquele momento. Parecia que toda a minha

vida tinha se afinado em um ponto perfeito de alegria cor-de-rosa. Ela estremeceu inteira e se sacudia como um narciso branco. Em seguida se pôs de joelhos e beijou as minhas mãos. Sinto que não lhes deveria contar isso tudo, mas não consigo evitar. Naturalmente, o nosso noivado é um segredo absoluto. Ela não contou nem à mãe dela. Não sei o que os meus tutores vão dizer. Lord Radley certamente vai ficar furioso. Não me importa. Vou ser maior de idade em menos de um ano e depois vou poder fazer o que quiser. Fiz bem, não fiz Basil, de extrair o meu amor da poesia e de encontrar a minha esposa nas peças de Shakespeare? Lábios que Shakespeare ensinou a falar sussurraram seu segredo em meus ouvidos. Tive os braços de Rosalinda em volta de mim e beijei Julieta na boca.”

“Sim, Dorian, imagino que você fez bem”, disse Hallward, lentamente.

“Você a viu hoje?”, perguntou Lord Henry.

Dorian Gray balançou a cabeça. “Eu a deixei na floresta de Arden e a encontrarei em um pomar em Verona.”

Lord Henry sorveu o champanhe de um modo meditativo. “Em que momento particular você mencionou a palavra ‘casamento’, Dorian? E o que ela respondeu? Talvez você tenha se esquecido de tudo.”

“Meu caro Harry, eu não tratei disso como uma transação comercial, não fiz nenhuma proposta formal. Disse que a amava, e ela respondeu que não era digna de ser minha esposa. Não era digna! Ora, comparado a ela, o mundo inteiro não é nada para mim.”

“As mulheres são maravilhosamente práticas”, murmurou Lord Henry. “Muito mais práticas do que nós. Em situações como essa nós frequentemente nos esquecemos de falar sobre casamento, e elas sempre nos lembram.”

Hallward pôs a mão em seu braço. “Não, Harry. Você aborreceu Dorian. Ele não é como os outros homens. Ele jamais desgraçaria alguém. A natureza dele é delicada demais para isso.”

Lord Henry olhou para o lado oposto da mesa. “Dorian nunca se aborrece comigo”, ele respondeu. “Eu fiz a pergunta pela melhor razão possível, pela única razão, na verdade, que se desculpa alguém por fazer qualquer pergunta — mera curiosidade. Tenho uma teoria segundo a qual são sempre as mulheres que nos propõem o casamento, não somos nós que o propomos a elas. A não ser, é claro, na classe média. Mas a classe média não é moderna.”

Dorian Gray riu e atirou a cabeça para trás. “Você é incorrigível, Harry; mas eu não me importo. É impossível me zangar com você. Quando vir Sibyl Vane você vai sentir que, para lhe fazer mal, um homem teria de ser uma besta, uma besta sem coração. Não consigo entender como alguém pode desonrar o que ama. Eu amo Sibyl Vane.

Quero colocá-la em um pedestal de ouro e ver o mundo venerar a mulher que é minha. O que é o casamento? Um voto irrevogável. Vocês fazem troça dele por isso. Ah! Não façam troça. É um voto irrevogável que eu quero assumir. A confiança dela me torna fiel, a crença dela me faz ser bom. Quando estou com ela, lamento tudo que você me ensinou. Eu mudei, e o simples toque da mão de Sibyl Vane faz com que eu me esqueça de você, e de todas as suas teorias equivocadas, venenosas, encantadoras.”

“E elas são...?”, perguntou Lord Henry, servindo-se de um pouco de salada.

“Oh, as suas teorias sobre a vida, suas teorias sobre o amor, suas teorias sobre o prazer. Todas as suas teorias, na verdade, Harry.”

“O prazer é a única coisa sobre a qual vale a pena ter uma teoria”, ele respondeu, em sua voz lenta, melodiosa. “Mas receio que não possa afirmar que a teoria seja minha. Ela pertence à Natureza, não a mim. O prazer é o teste da Natureza, seu sinal de aprovação. Quando estamos felizes somos sempre bons, mas quando somos bons nem sempre estamos felizes.”

“Ah!, mas o que você quer dizer com bom?”, interrompeu Basil Hallward.

“Sim”, ecoou Dorian, recostando-se na cadeira e olhando para Lord Henry por cima dos pesados ramalhetes de íris de lábios purpúreos no centro da mesa, “o que você quer dizer com bom, Harry?”

“Ser bom é estar em harmonia com o nosso eu”, ele respondeu, tocando a haste fina de seu copo com os dedos pálidos, pontudos. “A discórdia é sermos forçados a estar em harmonia com outros. A nossa própria vida — é o que importa. Quanto à vida dos nossos vizinhos, se desejarmos ser pedantes ou Puritanos, podemos ostentar a nossa visão moral sobre eles, mas não fazem parte das nossas preocupações. Além disso, o Individualismo é de fato o fim maior. A moralidade moderna consiste em aceitar o padrão da época. Considero que, para qualquer homem de cultura, a aceitação do padrão da época é um aspecto da mais grosseira imoralidade.”

“Mas, certamente, se alguém vive apenas pelo próprio eu, Harry, não paga um preço terrível por isso?”, sugeriu o pintor.

“Sim, pagamos um preço excessivo por tudo nos dias de hoje. Imagino que a verdadeira tragédia dos pobres seja não poder se permitir nada a não ser a autoanulação. Belos pecados, como todas as coisas belas, são um privilégio dos ricos.”

“Pagamos de outras formas que não em dinheiro.”

“De que formas, Basil?”

“Oh!, imagino que seja com remorso, com sofrimento, com... bem, com a consciência da degradação.”

Lord Henry deu de ombros. “Meu caro amigo, a arte medieval é encantadora, mas as emoções medievais estão fora de moda. Podemos usá-las na ficção, naturalmente. Mas afinal as únicas coisas que podemos usar na ficção são as que deixamos de usar de fato. Acredite-me, nenhum homem civilizado lamenta um prazer, e nenhum homem não civilizado sabe o que é um prazer.”

“Eu sei o que é o prazer”, exclamou Dorian Gray. “É adorar alguém.”

“É certamente melhor do que ser adorado”, respondeu o outro, brincando com algumas frutas. “Ser adorado é uma chatice. As mulheres nos tratam exatamente como a Humanidade trata os seus deuses. Elas nos veneram e estão sempre nos importunando para que façamos alguma coisa por elas.”

“Eu deveria ter dito que, seja o que for que elas pedem, elas nos deram primeiro”, murmurou o rapaz com seriedade. “Elas criam o Amor em nossa personalidade. Elas têm o direito de pedir a retribuição.”

“Isso é verdade, Dorian”, exclamou Hallward.

“Nada é sempre verdade”, disse Lord Henry.

“Isto é”, interrompeu Dorian. “Você deve admitir, Harry, que as mulheres dão aos homens o ouro de suas vidas.”

“Possivelmente”, ele suspirou, “mas elas invariavelmente o querem de volta em pequenas parcelas. Este é o problema. Mulheres, como um francês espirituoso disse um dia, nos inspiram o desejo de produzir obras-primas e sempre nos impedem de realizá-las.”

“Harry, você é terrível! Não sei por que gosto tanto de você.”

“Você sempre vai gostar de mim, Dorian”, ele respondeu. “Querem um pouco de café, amigos? Garçom, traga café, e *fine-champagne*, e alguns cigarros. Não: esqueça os cigarros; eu tenho alguns. Basil, não posso lhe permitir que fume charutos. Você tem de fumar um cigarro. Um cigarro é a forma perfeita de ter um prazer perfeito. Ele é primoroso e não deixa ninguém insatisfeito. O que mais alguém pode querer? Sim, Dorian, você sempre vai ter apreço por mim. Eu represento para você todos os pecados que nunca teve coragem de cometer.”

“Como você fala bobagens, Harry”, exclamou o rapaz, aproveitando a chama de um dragão de prata que cuspia fogo posto pelo garçom sobre a mesa. “Vamos ao teatro. Quando Sibyl entrar no palco você terá um novo ideal de vida. Ela vai representar algo que você nunca conheceu.”

“Eu conheci tudo”, disse Lord Henry, com um ar cansado nos olhos, “mas estou sempre pronto para uma nova emoção. Receio, porém, que para mim, seja como for, não exista tal coisa. Ainda assim, a sua

garota maravilhosa pode me excitar. Eu adoro o trabalho dos atores. Ele é muito mais real que a vida. Vamos. Dorian, você vem comigo. Sinto muito, Basil, mas há lugar somente para dois na carruagem. Você deve nos seguir em uma charrete.”

Eles se levantaram e vestiram os casacos, sorvendo o café de pé. O pintor estava em silêncio e preocupado. Uma tristeza pairava sobre ele. Não podia suportar esse casamento, embora lhe parecesse melhor do que muitas outras coisas que poderiam ter acontecido. Passados alguns minutos, todos desceram. Ele saiu sozinho, como havia sido combinado, e observou as luzes faiscantes da pequena carruagem à sua frente. Foi invadido por um estranho sentimento de perda. Sentia que Dorian Gray jamais seria para ele tudo o que havia sido no passado. A vida se interpusera entre eles... Seus olhos escureceram, e as ruas cheias de gente, tremeluzentes, desfocaram-se diante de seus olhos. Quando o carro de aluguel chegou ao teatro, parecia-lhe que tinha ficado anos mais velho.

VII

Por uma ou outra razão, a casa estava cheia naquela noite, e o diretor judeu corpulento que os recebeu à porta estava rindo de orelha a orelha, um sorriso viscoso, trêmulo. Ele os acompanhou ao camarote com uma espécie de humildade pomposa, acenando com as mãos gordas cheias de joias e falando o mais alto que podia. Dorian Gray o detestou mais do que nunca. Sentia-se como se fosse procurar Miranda e tivesse encontrado Caliban. Lord Henry, por outro lado, gostou bastante dele. Ao menos assim disse, e insistiu em apertar-lhe a mão, assegurando-o de que se orgulhava de conhecer um homem que havia descoberto um talento verdadeiro e falira por conta de um poeta. Hallward se divertiu observando os rostos no fosso. O calor era terrivelmente opressivo, e a imensa luz do sol flamejava como uma dália monstruosa com pétalas de fogo amarelo. Os jovens na galeria haviam tirado os casacos e os coletes e pendurado-os nas laterais. Eles se falavam de um lado a outro do teatro e compartilhavam laranjas com as garotas espalhafatosas sentadas com eles. Algumas mulheres riam no fosso. Suas vozes eram horivelmente estridentes e dissonantes. Do bar vinha o som de rolgas que espocavam.

“Que lugar para encontrar a divindade de alguém!”, disse Lord Henry.

“Sim!”, respondeu Dorian Gray. “Foi aqui que a encontrei, e ela é divina para além de todos os seres vivos. Quando estiver representando você vai se esquecer de tudo. Essa gente grosseira, comum, com os rostos rudes e os gestos brutais, se torna bem diferente quando ela está no palco. Eles ficam sentados em silêncio e a observam. Choram e riem de acordo com o que ela deseja. Ela os torna manipuláveis como um violino. Ela os espiritualiza, e todos se sentem como se fossem da mesma carne e do mesmo sangue...”

“A mesma carne e o mesmo sangue! Oh, eu espero que não!”, exclamou Lord Henry, que perscrutava os ocupantes da galeria com os binóculos de ópera.

“Não dê muita atenção a ele, Dorian”, disse o pintor. “Eu entendo o que você quer dizer e acredito nessa garota. Qualquer uma que você ame deve ser maravilhosa, e alguém que provoca o efeito que você descreveu deve ser fina e nobre. Espiritualizar uma época — trata-se de algo que vale a pena. Se essa garota consegue dar uma alma aos

que viviam sem ela, se é capaz de criar um senso de beleza em pessoas cujas vidas foram sórdidas e feias, se é capaz de despi-los do egoísmo e emprestar-lhes lágrimas que não lhes pertencem para as tristezas, ela é digna de toda a sua adoração, digna da adoração do mundo. Esse casamento está certo. Os deuses fizeram Sibyl Vane para você. Sem ela você seria incompleto.”

“Obrigado, Basil”, respondeu Dorian Gray, apertando a mão dele. “Eu sabia que você me compreenderia. Harry é muito cínico, ele me aterroriza. Mas ali está a orquestra. É horrível, mas dura apenas cerca de cinco minutos. Em seguida a cortina sobe e você vai ver a garota para quem vou entregar toda a minha vida, a quem eu dei tudo o que é bom em mim.”

Um quarto de hora mais tarde, em meio a um extraordinário e tumultuoso aplauso, Sibyl Vane pisou no palco. Sim, ela era certamente adorável de se olhar — uma criatura das mais encantadoras que ele tinha visto, pensou Lord Henry. Havia algo do fauno em sua graça tímida e nos olhos espantados. Um rubor pálido, como a sombra de uma rosa em um espelho de prata, subiu a suas bochechas quando ela olhou para a casa cheia, entusiástica. Recuou alguns passos, e seus lábios pareceram tremer. Basil Hallward se pôs de pé e começou a aplaudir. Imóvel, como em um sonho, Dorian Gray permaneceu sentado, com os olhos fixos nela. Lord Henry espiava pelas lentes, murmurando: “Encantadora! Encantadora!”.

A cena era no hall da casa dos Capuletos, e Romeu em seu traje de peregrino havia entrado com Mercúcio e os outros amigos. A banda, a seu modo, tocou alguns acordes e a dança começou. Em meio à multidão desajeitada de atores mal-vestidos, Sibyl Vane se movimentava como uma criatura de um mundo mais delicado. Seu corpo flutuava enquanto ela dançava como uma planta flutuante na água. As curvas de seu pescoço eram as curvas de um lírio branco. Suas mãos pareciam feitas de marfim frio.

No entanto, ela parecia curiosamente indiferente. Não demonstrava nenhum sinal de felicidade quando seus olhos pousaram em Romeu. As poucas palavras que tinha de falar —

Bom peregrino, a mão que acusas tanto
Revela-me um respeito delicado;
Juntas, a mão do fiel e a mão do santo
Palma com palma se terão beijado.*

— com o breve diálogo que se seguia, foram ditas de maneira inteiramente artificial. A voz era belíssima, mas do ponto de vista tonal era de uma total falsidade. Sua modulação era equivocada.

Retirava toda a vida dos versos. Tornava a paixão irreal.

Dorian Gray empalideceu enquanto a observava. Estava surpreso e angustiado. Nenhum de seus amigos ousou lhe dizer nada. Ela lhes parecia totalmente incompetente. Estavam muitíssimo desapontados.

No entanto, sentiam que o verdadeiro teste de qualquer Julieta era a cena do balcão no segundo ato. Esperaram por ela. Se ali fracassasse, ela nada possuía.

Ela parecia encantadora quando saiu à luz da lua. Era inegável. Mas a artificialidade da representação era insuportável e piorava à medida que continuava. Os gestos se tornaram completamente falsos. Ela exagerava tudo o que tinha a dizer. A bela passagem

O meu rosto usa a máscara da noite,
Mas, de outro modo eu enrubesceria
Por tudo o que me ouviu dizer aqui.

foi declamada com a precisão dolorosa de uma escolar que aprendera a recitar pelas mãos de um professor de elocução de segunda categoria. Quando se debruçou no balcão e vieram os maravilhosos versos

Não jure, pois mesmo me alegrando
O contrato de hoje não me alegra:
Foi por demais ousado e repentino,
Por demais como o raio que se apaga
Antes que alguém diga “Brilhou”. Boa noite.
Este botão de amor, sendo verão,
Pode florir em um novo encontro.

ela enunciou as palavras como se não significassem nada. Não se tratava de nervosismo. Na verdade, longe de estar nervosa, ela parecia manter perfeitamente o controle. Tratava-se apenas de arte de má qualidade. Ela era um fracasso absoluto.

Mesmo o público comum, sem cultura, do fosso e da galeria, perdeu o interesse na peça. Demonstrou impaciência, e começou a falar alto e a assobiar. O diretor judeu, de pé atrás do balcão, batia os pés e praguejava furioso. A única pessoa impassível era a própria garota.

Quando o segundo ato terminou, houve uma tempestade de vaias, e Lord Henry se levantou da cadeira e vestiu o casaco. “Ela é bem bonita, Dorian”, ele disse, “mas não sabe representar. Vamos.”

“Eu vou ver a peça até o fim”, respondeu o rapaz, com uma voz

dura, amarga. “Lamento profundamente ter feito com que perdesse a noite, Harry. Peço desculpas aos dois.”

“Meu caro Dorian, penso que a senhora Vane pode estar doente”, interrompeu Hallward. “Voltaremos em outra noite.”

“Desejaria que ela estivesse doente”, ele acrescentou. “Mas parece estar apenas insensível e fria. Ela mudou completamente. Na noite passada era uma grande artista. Nesta noite é só uma atriz medíocre qualquer.”

“Não fale assim sobre alguém que você ama, Dorian. O amor é mais maravilhoso que a arte.”

“São ambos apenas formas de imitação”, observou Lord Henry. “Mas vamos, Dorian, você não deve ficar aqui por mais tempo. Não é bom para a moral de alguém assistir a uma atuação ruim. Além disso, não penso que você desejará que a sua esposa trabalhe como atriz. Nesse caso, o que importa se ela representa Julieta como uma boneca de madeira? Ela é adorável, e se sabe tão pouco sobre a vida quanto sobre representação, será uma experiência encantadora. Há somente dois tipos de pessoas que são verdadeiramente fascinantes — gente que sabe absolutamente tudo, e gente que não sabe absolutamente nada. Deus do céu, meu caro rapaz, não pareça tão trágico! O segredo de permanecer jovem é nunca ter uma emoção inconveniente. Venha ao clube com Basil e comigo. Vamos fumar cigarros e beber à beleza de Sibyl Vane. Ela é bonita. O que mais você pode querer?”

“Vá embora, Harry”, exclamou o rapaz. “Quero ficar sozinho. Basil, você precisa ir. Ah!, vocês não veem que o meu coração está partido?” Lágrimas quentes surgiram em seus olhos. Os lábios tremiam e, correndo para o fundo do camarote, ele se apoiou na parede, escondendo o rosto entre as mãos.

“Vamos, Basil”, disse Lord Henry, com uma ternura estranha na voz; e os dois jovens saíram juntos.

Depois de alguns momentos as luzes do palco se acenderam e a cortina subiu para o terceiro ato. Dorian Gray voltou a seu assento. Parecia pálido, e orgulhoso, e indiferente. A peça continuou se arrastando e pareceu interminável. Metade da plateia saiu, batendo as botas pesadas e rindo. A coisa toda foi um fiasco. O último ato foi apresentado para bancos quase vazios. A cortina caiu em meio a risos nervosos e alguns resmungos.

Assim que tudo terminou, Dorian Gray correu para o camarim. A garota estava lá sozinha, com um ar de triunfo no rosto. Seus olhos estavam iluminados por um fogo estranho. Havia uma irradiação em torno dela. Seus lábios separados sorriam de satisfação com um íntimo segredo.

Quando ele entrou, ela o olhou e uma expressão de felicidade

infinita a assaltou. “Como eu fui mal hoje à noite, Dorian!”, ela exclamou.

“Foi horrível!”, ele respondeu, fitando-a espantado, “horrível. Foi assustador. Você está doente? Você não tem ideia do que foi. Não faz ideia do quanto eu sofri.”

A garota sorriu. “Dorian”, ela respondeu, demorando-se em seu nome com uma musicalidade arrastada na voz, como se fosse mais doce que mel para as pétalas vermelhas de sua boca. “Dorian, você deveria ter entendido. Mas entende agora, não?”

“Entendo o quê?”, ele perguntou, irritado.

“Por que fui tão mal hoje à noite. Porque sempre atuarei mal. Por que nunca mais representarei direito.”

Ele deu de ombros. “Você está doente, imagino. Quando estiver doente não deve representar. Você fica ridícula. Os meus amigos se entediaram. Eu me entediei.”

Ela parecia não escutá-lo. Estava transfigurada de felicidade. Um êxtase de alegria a dominava.

“Dorian, Dorian”, ela exclamou, “antes de conhecê-lo, atuar era a única realidade da minha vida. Era somente no teatro que eu vivia. Pensava que era tudo verdade. Eu era Rosalinda em uma noite e Portia na outra. A felicidade de Beatrice era a minha felicidade, e as tristezas de Cordélia eram as minhas também. Eu acreditava em tudo. As pessoas comuns que atuavam comigo me pareciam divinas. Os cenários pintados eram o meu mundo. Eu não conhecia nada a não ser sombras, e acreditava que fossem reais. Você veio — oh, meu lindo amor! — e libertou a minha alma da prisão. Você me ensinou o que é a realidade. Hoje à noite, pela primeira vez na minha vida, eu percebi a falsidade, a impostura, a estupidez da representação vazia em que sempre atuei. Hoje à noite, pela primeira vez, tomei consciência de que Romeu era horroroso, e velho, e pintado, que a luz da lua no pomar era falsa, que o cenário era vulgar, e que as palavras que eu tinha de falar eram irreais, não eram as minhas palavras, não eram o que eu desejava dizer. Você me deu algo mais elevado, algo de que toda arte não passa de um reflexo. Você me fez entender o que o amor é de fato. Meu amor! Meu amor! Príncipe Encantado! Príncipe da vida! Eu me fartei das sombras. Você é para mim mais do que qualquer arte pode ser. O que eu tenho a ver com as marionetes de uma peça? Quando entrei hoje à noite não conseguia compreender como tudo havia me abandonado. Imaginava que seria maravilhosa. Descobri que não conseguia fazer nada. De súbito a minha alma se deu conta do significado de tudo. A percepção foi extraordinária para mim. Eu ouvi as vaias e sorri. O que eles podiam saber sobre um amor como o nosso? Leve-me embora, Dorian — leve-me embora com você,

para onde possamos ficar sozinhos. Eu odeio o palco. Posso mimetizar uma paixão que não sinto, mas não posso mimetizar uma que arde em mim como fogo. Oh, Dorian, Dorian, você compreende agora o que isso significa? Ainda que pudesse representá-la, seria para mim uma profanação se eu atuasse como se estivesse apaixonada. Você me fez perceber.”

Ele se atirou no sofá e virou o rosto. “Você matou o meu amor”, ele murmurou.

Ela olhou para ele espantada, e riu. Ele não respondeu. Ela foi até ele, e com seus pequenos dedos afagou seus cabelos. Ajoelhou-se a apertou as mãos dele em seus lábios. Ele as retirou e foi invadido por um tremor.

Em seguida ele se levantou e foi para a porta. “Sim”, ele exclamou, “você matou o meu amor. Você costumava instigar a minha imaginação. Agora não instiga nem a minha curiosidade. Simplesmente não causa efeito algum. Eu a amava porque você era maravilhosa, porque tinha talento e intelecto, porque realizava os sonhos dos grandes poetas e dava forma e substância às sombras da arte. Você jogou tudo fora. É superficial e estúpida. Meu Deus! Como fui louco de amá-la! Que idiota eu fui! Você agora não é nada para mim. Nunca mais vou vê-la. Nunca vou pensar em você. Nunca vou mencionar o seu nome. Você não sabe o que significou para mim um dia. Bem, um dia... Oh, não suporto pensar nisso! Desejaria nunca ter posto os olhos em você! Você estragou o romance da minha vida. Como sabe pouco sobre o amor, se diz que ele mancha a sua arte! Sem a sua arte você não é nada. Eu a tornaria famosa, esplêndida, magnífica. O mundo a adoraria, e você teria o meu nome. O que você é agora? Uma atriz de terceira com um rosto bonito.”

A garota ficou branca, trêmula. Ela apertou as mãos, e sua voz parecia presa na garganta. “Você não está falando sério, Dorian!”, ela murmurou. “Está só representando.”

“Representando! Deixo isso para você, que o faz tão bem”, ele respondeu, amargurado.

Ela se levantou e, com uma expressão comovente de dor no rosto, atravessou o quarto na direção dele. Pôs a mão em seu braço e o olhou nos olhos. Ele a rechaçou. “Não toque em mim!”, exclamou.

Ela soltou um gemido baixo, atirou-se aos pés dele e lá ficou como uma flor pisoteada. “Dorian, Dorian, não me abandone!”, sussurrou. “Lamento muito não ter atuado bem. Estava pensando em você o tempo todo. Mas eu vou tentar — de verdade, eu vou tentar. Chegou tão de repente, o meu amor por você. Acho que nunca o descobriria se você não tivesse me beijado — se não tivéssemos nos beijado. Beije-me de novo, meu amor. Não vá embora. Eu não suportaria. Oh!, não

me deixe. O meu irmão... Não, deixe para lá. Ele não falou sério. Ele estava brincando... Mas você, oh!, você não pode me perdoar pela noite de hoje? Eu vou trabalhar duro e tentarei melhorar. Não seja cruel comigo, porque eu o amo mais que tudo no mundo. Afinal, eu o desagradei apenas uma vez. Mas você tem razão, Dorian. Eu deveria ter me mostrado uma artista melhor. Foi estupidez de minha parte, e no entanto não pude evitar. Oh, não me deixe, não me deixe.” Um ataque de soluços apaixonados a asfixiou. Ela estava curvada no chão como um animal ferido, e Dorian Gray, com seus belos olhos, olhava para ela e seus lábios cinzelados se contorciam em um desdém extraordinário. Existe sempre algo de ridículo nas emoções das pessoas que deixamos de amar. Sibyl Vane lhe pareceu absurdamente melodramática. Suas lágrimas e seus soluços o incomodaram.

“Eu vou embora”, ele disse por fim, com a voz calma, clara. “Não quero ser indelicado, mas não posso vê-la de novo. Você me desapontou.”

Ela chorou silenciosamente e não respondeu, mas se arrastou para mais perto dele. Suas pequenas mãos se estenderam cegamente e pareceram procurá-lo. Ele deu meia-volta e saiu do quarto. Em poucos instantes, estava fora do teatro.

Não sabia para onde ir. Lembrava-se de ter vagado por ruas mal iluminadas, por arcadas sombrias, negras, e casas de aspecto mal-assombrado. Mulheres com vozes roucas e risadas rudes o perseguiram. Bêbados cambaleavam, praguejando e tagarelando como macacos monstruosos. Viu crianças grotescas acotoveladas em soleiras, e ouviu gritos e juras maldosas vindas de quintais lúgubres.

Quando amanheceu se encontrava perto de Covent Garden. A escuridão cedeu e, iluminado por fogos pálidos, o céu se transformou em uma concavidade como uma pérola perfeita. Carroças imensas cheias de lírios balançantes rodavam lentamente pela rua limpa e vazia. O ar estava denso pelo perfume das flores, e a beleza delas parecia lhe oferecer um analgésico para a dor. Ele seguiu para o mercado e observou os homens descarregando as carroças. Um carroceiro de avental branco lhe ofereceu cerejas. Ele agradeceu, perguntou-se por que o outro se recusara a aceitar dinheiro por elas e começou a comê-las com indiferença. Tinham sido colhidas à meia-noite, e a frieza da lua havia penetrado nelas. Uma longa fileira de meninos carregando caixas de tulipas listradas e rosas vermelhas e amarelas desfilou à sua frente, abrindo caminho em meio às imensas pilhas verde-jade de verduras. Sob o pórtico, com os pilares cinzentos clareados pelo sol, esperava, indolente, pelo final do pregão um grupo de meninas sujas com as cabeças descobertas. Outros se aglomeravam em torno da porta giratória do café na Piazza. Os pesados cavalos que

puxavam as carroças escorregavam e pisoteavam as pedras ásperas, sacudindo os sinos e arreios. Alguns condutores dormiam sobre uma pilha de sacos. Os pombos, com pescoços irisados e pés rosados, corriam colhendo as sementes.

Passado algum tempo, ele parou um carro de aluguel e foi para casa. Por alguns momentos ficou parado na entrada, percorrendo com os olhos a praça silenciosa com as janelas de painéis claros fechados, e as venezianas que o fitavam. O céu agora era opalina pura, e contra ele os telhados das casas brilhavam como prata. De uma chaminé em frente subia uma coluna fina de fumaça. Ela se encaracolou, uma fita violeta no ar nacarado.

Na enorme lanterna veneziana dourada, espólio da gôndola de algum doge, que pendia do teto do grande hall de entrada revestido de carvalho, as luzes de três fachos bruxuleantes ainda ardiam: pareciam pétalas azuis finas de chama bordejadas de fogo branco. Ele as apagou e, depois de atirar a capa e o chapéu sobre a mesa, atravessou a biblioteca na direção de seu dormitório, uma grande câmara octogonal no piso térreo que, em seu apreço recém-nascido pelo luxo, ele acabara de decorar, pendurando algumas tapeçarias renascentistas estranhas que descobrira guardadas em um sótão desativado em Selby Royal. Enquanto girava a maçaneta da porta, seus olhos pousaram no retrato que Basil Hallward havia pintado. Ele recuou como se estivesse surpreso. Em seguida foi para o próprio quarto, parecendo um pouco intrigado. Depois de retirar o pequeno buquê da lapela do casaco, pareceu hesitar. Por fim voltou, caminhou até o quadro e o examinou. Na luz fraca, contida, que se esforçava por atravessar as persianas cor de creme, o rosto lhe deu a impressão de estar um pouco modificado. A expressão parecia diferente. Poderia se dizer que havia um toque de crueldade na boca. Era certamente estranho.

Ele deu meia-volta e, dirigindo-se à janela, ergueu a persiana. O amanhecer luminoso inundou o quarto e varreu as sombras fantásticas para os cantos poeirentos, onde elas ficaram trêmulas. Porém, a expressão estranha que ele tinha notado no rosto do retrato dava a impressão de continuar lá, ainda mais intensa. A luz do sol, oscilante, ardente, mostrou-lhe os traços de crueldade em torno da boca com muita clareza, como se estivesse se olhando em um espelho depois de ter feito algo terrível.

Ele recuou e, pegando sobre a mesa um vidro oval emoldurado de cupidos de marfim, um dos muitos presentes de Lord Henry, olhou apressado em suas profundezas polidas. Nenhum traço semelhante deformava seus lábios vermelhos. O que aquilo significava?

Esfregou os olhos e se aproximou do quadro, examinando-o de novo. Não havia sinal de nenhuma mudança quando ele olhou para a

pintura real, e no entanto não havia dúvida de que a expressão toda havia se alterado. Não era uma simples fantasia. Era terrivelmente visível.

Ele se atirou em uma cadeira e começou a pensar. De súbito atravessou a sua mente o que dissera no ateliê de Basil Hallward no dia em que o quadro fora terminado. Sim, lembrava-se perfeitamente. Tinha enunciado um desejo louco de permanecer ele próprio jovem e de que o retrato envelhecesse; que a sua própria beleza ficasse intocada, e que o rosto na tela carregasse o peso de suas paixões e seus pecados; que a imagem pintada fosse marcada pelos traços do sofrimento e da reflexão, e que ele conservasse todo o viço e encanto delicado de sua recém-conscientizada meninice. O seu desejo não teria, por acaso, sido satisfeito? Tais coisas eram impossíveis. A simples ideia parecia monstruosa. E, no entanto, lá estava o quadro diante dele, com um toque de crueldade na boca.

Crueldade! Havia ele sido cruel? Era culpa da garota, não dele. Sonhara com ela como uma grande artista, entregara-lhe seu amor porque pensara que ela fosse grande. E depois ela o desapontara. Fora superficial e indigna. E no entanto ele foi tomado por um sentimento de pesar infinito quando pensou nela a seus pés, soluçando como uma criança pequena. Ele se lembrou da dureza com que a observara. Por que ele fora feito assim? Por que lhe fora dada uma alma como essa? Porém ele também sofrera. Durante as três horas terríveis de duração da peça ele tinha vivido séculos de dor, eras e mais eras de tortura. Sua vida valia ao menos tanto quanto a dela. Ela o frustrara por um momento, e ele a ferira para sempre. Além de tudo, as mulheres eram mais aptas a suportar a tristeza do que os homens. Elas viviam das emoções. Quando assumiam um amante era apenas para ter alguém com quem pudessem fazer cenas. Lord Henry lhe dissera isso, e Lord Henry sabia como eram as mulheres. Por que deveria se preocupar com Sibyl Vane? Ela não era nada para ele agora.

Mas e o quadro? O que deveria achar daquilo? Ele continha o segredo de sua vida e contava sua história. Ele havia lhe ensinado a amar a própria beleza. Será que o ensinaria a detestar a própria alma? Voltaria a olhar para ele de novo?

Não; era apenas uma ilusão criada por uma perturbação dos sentidos. A noite horrível que passara havia deixado fantasmas em seu rastro. De um golpe caíra sobre seu cérebro a pequena mancha escarlate que enlouquece os homens. O retrato não tinha se modificado. Era loucura pensar assim.

No entanto ele o observava, com o belo rosto desfigurado e o sorriso cruel. O cabelo lustroso brilhava sob o sol da manhã. Seus olhos azuis encontraram os dele. Um sentimento de pesar intenso, não

por ele, mas por sua imagem pintada, o invadiu. Já tinha se alterado, e se alteraria mais. O dourado degradaria para o cinzento. As rosas vermelhas e brancas morreriam. Para cada pecado que ele cometesse, uma mancha marcaria e arruinaria sua beleza. Mas ele não pecaria. O retrato, modificado ou não, seria para ele um símbolo visível da consciência. Ele resistiria à tentação. Não veria Lord Henry nunca mais — não ouviria, em nenhuma hipótese, as teorias sutilmente venenosas que no jardim de Basil Hallward haviam pela primeira vez lhe despertado a paixão por coisas impossíveis. Iria voltar para Sibyl Vane, se retrataria, se casaria com ela, tentaria amá-la de novo. Sim, era seu dever. Ela devia ter sofrido mais que ele. O fascínio que tinha exercido sobre ele retornaria. Seriam felizes juntos. A vida dele com ela seria bela e pura.

Ele se levantou da cadeira e pôs um grande biombo diante do retrato, estremecendo ao olhar para ele. “Que horror!”, murmurou para si, e foi para a janela e a abriu. Quando saiu para o gramado, inspirou profundamente. O ar fresco da manhã pareceu dissipar todas as paixões sombrias. Pensou somente em Sibyl. Um eco distante de seu amor lhe voltou. Proferiu o nome dela repetidas vezes. Os pássaros que cantavam no jardim encharcado de orvalho pareciam falar às flores sobre ela.

* Este e os demais trechos de *Romeu e Julieta* foram extraídos da tradução de Barbara Heliodora. (N. E.)

VIII

Passava havia muito do meio-dia quando ele acordou. O pajem entrou diversas vezes no quarto na ponta dos pés para ver se ele estava para despertar e se perguntava o que levara o patrão a dormir tão tarde. Por fim a campainha soou e Victor entrou silenciosamente com uma xícara de chá e uma pilha de cartas sobre uma bandeja de porcelana de Sèvres antiga, e abriu as cortinas verde-oliva de cetim, com a borda azul brilhante, penduradas diante das três janelas altas.

“Monsieur dormiu bem hoje de manhã”, ele disse, sorrindo.

“Que horas são, Victor?” perguntou Dorian Gray sonolento.

“Uma e quinze, Monsieur.”

Como era tarde! Ele se sentou e, depois de sorver um pouco de chá, examinou as cartas. Uma delas era de Lord Henry e fora entregue em mãos de manhã. Ele hesitou por um instante e em seguida a pôs de lado. As outras ele abriu com indiferença. Incluíam a coleção habitual de cartões, convites para jantar, ingressos para exhibições privadas, programas de concertos beneficentes e coisas parecidas, despejadas sobre os jovens bem relacionados todas as manhãs durante a temporada. Havia uma conta bastante alta, de um conjunto de toalete Luís XV, que ele ainda não tivera coragem para enviar a seus tutores, gente extremamente antiquada que não se dera conta de que vivia em uma época em que as coisas desnecessárias eram as únicas necessidades; e havia vários comunicados cuidadosamente fraseados de agiotas da Jermyn Street oferecendo o adiantamento imediato de qualquer soma de dinheiro a taxas de juros muito razoáveis.

Depois de cerca de dez minutos ele se levantou e, vestindo um robe elaborado de caxemira, bordado com seda, entrou no banheiro com piso de ônix. A água fria o refrescou depois do longo sono. Ele parecia ter se esquecido de tudo que havia passado. Um sentimento vago de ter participado de uma tragédia estranha o assaltou uma ou duas vezes, embora envolto na irrealidade de um sonho.

Assim que se vestiu, ele foi para a biblioteca e se sentou para um café da manhã francês leve, servido sobre uma pequena mesa redonda, próxima à janela aberta. Era um dia extraordinário. O ar quente parecia carregado de especiarias. Uma abelha entrou voando e zumbiu em torno do vaso de dragões azuis que, cheio de rosas amarelo-sulfurosas, achava-se diante dele. Ele se sentiu completamente feliz.

De súbito, seu olhar pousou sobre o biombo que tinha posto na frente do retrato, e ele teve um sobressalto.

“Frio demais para o Monsieur?”, perguntou o pajem, colocando a omelete sobre a mesa. “Devo fechar a janela?”

Dorian sacudiu a cabeça. “Não estou com frio”, murmurou.

Era tudo verdade? O retrato havia de fato mudado? Ou tinha sido apenas a imaginação que o fizera ver um ar de maldade onde havia um ar de felicidade? Certamente uma tela pintada não poderia se alterar, não? A coisa toda era absurda. Serviria como uma história a ser contada para Basil um dia. Ela o faria sorrir.

E, no entanto, como a lembrança era vívida! Primeiro, no crepúsculo pálido, e depois no amanhecer claro, ele tinha visto um toque de crueldade em torno dos lábios contraídos. Chegou a sentir medo de que o pajem saísse da sala. Sabia que quando estivesse sozinho teria de examinar o retrato. Temia a confirmação. Quando o café e os cigarros foram trazidos e o homem se voltou para sair, sentiu um desejo incontrollável de lhe pedir para que ficasse. No momento em que a porta se fechava, ele o chamou. O homem parou, à espera das ordens. Dorian olhou para ele por um momento. “Não estou em casa para ninguém, Victor”, disse com um suspiro. O homem se curvou e saiu.

Em seguida se levantou da mesa, acendeu um cigarro e se atirou sobre um sofá de estofamento luxuoso que ficava de frente para o biombo. O biombo era velho, de couro espanhol dourado, estampado e ornamentado com um desenho Luís XIV florido. Ele o examinou com curiosidade, perguntando-se se alguma vez teria escondido o segredo da vida de um homem.

Deveria afastá-lo, apesar de tudo? Por que não deixá-lo lá? De que valeria saber? Se a coisa era verdadeira, era terrível. Se não era, por que se preocupar? Mas e se, por destino ou acaso mortífero, olhos que não os dele espiassem atrás do biombo e vissem a tenebrosa transformação? O que ele faria se Basil Hallward viesse e pedisse para olhar a própria pintura? Basil certamente o faria. Não, a coisa tinha de ser examinada, e prontamente. Tudo seria melhor que o terrível estado de dúvida.

Ele se levantou e trancou as duas portas. Ao menos estaria só quando olhasse para a máscara de sua vergonha. Em seguida, afastou o biombo e se viu frente a frente com seu rosto. Era a mais absoluta verdade. O retrato havia se alterado.

Como se lembrou muitas vezes depois, e sempre com muito espanto, ele se viu primeiro fitando o retrato com um sentimento de interesse quase científico. A possibilidade da transformação era inacreditável. E no entanto era um fato. Poderia haver alguma sutil

afinidade entre os átomos químicos que adquiriam forma e cor na tela e a alma que vivia nele? Poderiam eles realizar o que a alma pensava? — tornar seus sonhos realidade? Ou havia uma razão outra, terrível? Ele estremeceu e sentiu medo, e voltando para o sofá lá ficou deitado, fitando o quadro, nauseado de horror.

Sentia, porém, que uma coisa o quadro lhe proporcionara. Conscientizara-o de como tinha sido injusto, cruel, com Sibyl Vane. Não era tarde para uma reparação. Ela ainda poderia ser sua esposa. Seu amor irreal e egoísta cederia a uma influência mais elevada, se transformaria em uma paixão mais nobre, e o retrato que Basil Hallward pintara seria para ele um guia ao longo da vida, seria para ele o que a santidade é para alguns e a consciência para outros, e o temor a Deus para nós todos. Havia opiáceos para o remorso, drogas que embalavam no sono o sentimento moral. Mas ali estava um símbolo visível da degradação do pecado. Ali estava um sinal onipresente da ruína a que os homens levavam as suas almas.

Bateram as três horas, e as quatro, e a meia hora bateu a badalada dupla, mas Dorian Gray não se mexeu. Procurava recolher os fios escarlate da vida para tecê-los em certo padrão; para encontrar seu caminho em meio ao labirinto sanguíneo da paixão pelo qual vagava. Não sabia o que fazer, ou o que pensar. Por fim, foi até a mesa e escreveu uma carta passional para a garota que amava, implorando seu perdão e acusando a si mesmo de loucura. Cobriu páginas e mais páginas de palavras frenéticas de tristeza e palavras ainda mais frenéticas de dor. Existe certa magnificência na autorreprimenda. Quando nos acusamos, sentimos que ninguém mais tem o direito de nos acusar. É a confissão, não o padre, que nos absolve. Quando Dorian terminou a carta, sentiu que havia sido perdoado.

De súbito, houve uma batida na porta, e ele ouviu a voz de Lord Henry. “Meu caro rapaz, preciso vê-lo. Deixe-me entrar imediatamente. Não consigo suportar que se feche dessa maneira.”

De início, ele não respondeu, ficou imóvel. As batidas prosseguiram e se tornaram mais altas. Sim, era melhor deixar que Lord Henry entrasse para que lhe explicasse a nova vida que passaria a levar, para discutir com ele se fosse necessário discutir, para romper relações se o rompimento fosse inevitável. Levantou-se de um salto, puxou o biombo apressadamente para diante do quadro e destrancou a porta.

“Sinto muito por tudo, Dorian”, disse Lord Henry, ao entrar. “Mas você não deve criar caso por isso.”

“Está falando de Sibyl Vane?”, perguntou o rapaz.

“Sim, é claro”, respondeu Lord Henry, afundando em uma cadeira e tirando lentamente as luvas amarelas. “É terrível, de certo ponto de vista, mas não foi culpa sua. Diga-me, você foi aos bastidores e a viu

depois do final da peça?”

“Sim.”

“Eu tinha certeza. Você armou um escândalo com ela?”

“Eu fui brutal, Harry — absolutamente brutal. Mas está tudo bem agora. Não lamento nada do que aconteceu. Aprendi a me conhecer melhor.”

“Ah, Dorian, fico feliz por você levar as coisas dessa forma! Tinha receio de encontrá-lo mergulhado em remorsos, arrancando os belos cabelos encaracolados.”

“Eu passei por isso tudo”, disse Dorian, balançando a cabeça e sorrindo. “Estou completamente feliz agora. Sei o que é a consciência, para começar. Não é o que você me disse. É a coisa mais divina que existe em nós. Não a despreze, nunca mais — ao menos não diante de mim. Eu quero ser bom. Não posso suportar a ideia de ter uma alma horrenda.”

“Uma base muito encantadora para a ética, Dorian! Eu o parabeno por ela. Mas como você vai começar?”

“Casando-me com Sibyl Vane.”

“Casando-se com Sibyl Vane!”, exclamou Lord Henry, levantando-se e olhando para ele, surpreso, perplexo. “Mas, meu caro Dorian...”

“Sim, Harry, eu sei o que você vai dizer. Algo terrível sobre o casamento. Não o diga. Nunca mais me diga coisas assim. Há dois dias eu pedi Sibyl em casamento. Não vou quebrar a palavra que dei a ela. Ela será a minha esposa.”

“Sua esposa! Dorian!... Você não recebeu a minha carta? Eu lhe escrevi hoje de manhã e a enviei pelo meu próprio empregado.”

“A sua carta? Oh, sim, eu me lembro. Ainda não a li, Harry. Receava que houvesse algo nela de que eu não fosse gostar. Você desfaz a vida em pedaços com as suas epígrafes.”

“Então você não sabe de nada?”

“O que quer dizer?”

Lord Henry atravessou a sala e, sentando-se junto de Dorian Gray, pegou suas mãos e as segurou com força. “Dorian”, ele disse, “a minha carta — não tenha medo — era para lhe dizer que Sibyl Vane está morta.”

Um grito de dor emergiu dos lábios do rapaz, e ele se pôs de pé, arrancando as mãos do aperto de Lord Henry. “Morta! Sibyl morta! Não é verdade! É uma mentira terrível! Como você tem coragem de dizer isso?”

“É verdade, Dorian”, disse Lord Henry com seriedade. “Está nos jornais da manhã. Escrevi para lhe pedir que não os abrisse antes que eu viesse. Deverá haver um inquérito, naturalmente, e você não deve ser envolvido nele. Coisas como essa fazem com que um homem fique

em evidência. Mas em Londres as pessoas são muito preconceituosas. Aqui ninguém deve fazer o seu *début* com um escândalo. Deve reservá-lo para tornar a velhice interessante. Imagino que não saibam o seu nome no teatro. Se não o sabem, está tudo bem. Alguém o viu entrando no camarim dela? Essa é uma questão importante.”

Dorian não respondeu por alguns instantes. Estava entorpecido de horror. Por fim balbuciou, com a voz sufocada: “Harry, você falou em inquérito? O que você quis dizer com isso? Sibyl? — Oh, Harry, não consigo suportar! Seja breve. Conte-me tudo de uma vez”.

“Não tenho dúvida de que não foi um acidente, Dorian, embora deva ser posto dessa forma para o público. Parece que, quando estava saindo do teatro com a mãe, por volta de meia-noite e meia, ela disse que havia esquecido alguma coisa no andar de cima. Esperaram durante algum tempo, mas ela não desceu. Por fim, a encontraram morta no chão de seu camarim. Ela tinha engolido alguma coisa por engano, alguma coisa horrível que se usa nos teatros. Não sei o que era, mas continha ácido prússico ou chumbo branco. Imagino que fosse ácido prússico, pois parece que ela morreu instantaneamente.”

“Harry, Harry, isso é terrível!”, exclamou o rapaz.

“Sim; é muito trágico, naturalmente, mas você não deve se envolver. Vi pelo *Standard* que ela tinha dezessete anos. Pensei que fosse mais jovem. Parecia uma criança, e parecia saber muito pouco sobre representação. Dorian, você não deve deixar que essa coisa o enerve. Você precisa vir jantar comigo, para depois darmos um pulo na Ópera. É uma noite da Patti, e todos estarão lá. Você pode vir para o camarote da minha irmã. Ela estará com algumas mulheres interessantes.”

“Nesse caso eu assassinei Sibyl Vane”, disse Dorian Gray, meio para si mesmo, “a matei como se eu mesmo tivesse cortado sua frágil garganta com uma faca. Porém as rosas não são menos adoráveis por isso. Os pássaros continuam a cantar felizes no meu jardim. E hoje à noite eu vou jantar com você, e em seguida vou à Ópera, e vou cear em algum lugar, imagino, depois. Como a vida é extraordinariamente dramática! Se tivesse lido isso tudo em um livro, Harry, acho que teria chorado. De certa forma, agora que aconteceu de verdade, e comigo, parece maravilhoso demais para lágrimas. Aqui está a primeira carta de amor apaixonada que escrevi em minha vida. Estranho que a minha primeira carta de amor apaixonada tenha sido endereçada a uma garota morta. São elas capazes de sentir, as pessoas brancas e silenciosas que chamamos de mortas? Sibyl! Será ela capaz de sentir, saber ou escutar? Oh, Harry, como eu a amei um dia! Agora parece que foi anos atrás. Ela era tudo para mim. Depois veio a noite terrível — foi de fato a noite passada? — em que ela atuou muito mal, e o

meu coração quase se partiu. Ela me explicou tudo. Foi terrivelmente patético. Mas não me emocionei nem um pouco. Eu a achei fútil. De súbito aconteceu algo que me fez sentir medo. Não posso lhe dizer o que foi, mas foi horrível. Eu disse que voltaria para ela. Senti que tinha errado. E agora ela está morta. Meu Deus! Harry, o que vou fazer? Você não sabe o perigo que corro, e não há nada que possa me equilibrar. Ela teria esse papel para mim. Ela não tinha o direito de se matar. Foi um ato egoísta da parte dela.”

“Meu caro Dorian”, respondeu Lord Henry, pegando um cigarro do estojo e exibindo uma caixa de fósforos folheada a ouro, “a única maneira pela qual uma mulher pode reabilitar um homem é entediando-o tanto que ele perde todo o interesse possível pela vida. Se você tivesse se casado com essa garota se tornaria um miserável. É claro que a trataria com bondade. Sempre podemos ser bondosos com pessoas por quem nada sentimos. Mas ela logo descobriria que você lhe era completamente indiferente. E, quando uma mulher descobre quem é o marido, ela se torna horivelmente desleixada, ou passa a usar gorros muito elegantes pagos pelo marido de outra mulher. Não digo nada sobre o erro social, que teria sido abjeto, e que, naturalmente, eu não teria permitido, mas lhe asseguro que seja como for a coisa toda teria sido um completo fracasso.”

“Imagino que sim”, murmurou o rapaz, andando de um lado para o outro pelo quarto, horivelmente pálido. “Mas eu pensava que era o meu dever. Não é por culpa minha que essa tragédia terrível me impediu de fazer o que era certo. Lembro que uma vez você disse que existe certa fatalidade nas boas resoluções — que elas são tomadas sempre tarde demais. As minhas certamente foram.”

“As boas resoluções são tentativas inúteis de interferir nas leis da ciência. Sua origem é pura vaidade. Seu resultado é completamente nulo. Elas nos oferecem, vez ou outra, algumas das emoções exuberantes estéreis que têm certo encanto para os fracos. É tudo que se pode dizer sobre elas. São apenas cheques que os homens sacam de um banco em que não têm conta.”

“Harry”, exclamou Dorian Gray, aproximando-se e sentando-se a seu lado, “por que não sou capaz de sentir esta tragédia com a intensidade que desejaria? Acho que não tenho coração. Você acha?”

“Você fez coisas estúpidas demais durante a quinzena passada para fazer jus a essa descrição, Dorian”, respondeu Lord Henry com seu sorriso doce e melancólico.

O rapaz franziu o cenho. “Não gostei dessa explicação, Harry”, ele prosseguiu, “mas fico feliz por você não achar que não tenho coração. Não sou nada do gênero. Sei que não sou. E no entanto tenho de reconhecer que essa coisa não me afeta como deveria. Me parece ser

apenas um final maravilhoso para uma peça maravilhosa. Possui toda a beleza terrível de uma tragédia grega, uma tragédia em que tive um grande papel, mas que não me feriu.”

“É uma questão interessante”, disse Lord Henry, que sentia um prazer extraordinário em jogar com a vaidade inconsciente do rapaz, “uma questão extremamente interessante. Imagino que a explicação verdadeira seja a seguinte. As tragédias reais da vida acontecem, muitas vezes, de modo tão pouco artístico que nos ferem pela violência primitiva, pela total incoerência, pela falta absurda de significado, pela completa falta de estilo. Elas nos afetam exatamente como nos afeta a vulgaridade. Elas nos passam a impressão de pura força bruta, e nós nos revoltamos contra isso. Algumas vezes, porém, cruzamos na vida com uma tragédia que possui elementos artísticos de beleza. Se os elementos de beleza forem reais, a coisa toda simplesmente agrada o nosso senso de efeito dramático. De repente descobrimos que não somos mais os atores, mas sim os espectadores da peça. Ou melhor, somos ambos. Observamo-nos, e o simples encanto do espetáculo nos enfeitiça. No caso presente, o que de fato aconteceu? Alguém se matou por amor a você. Quisera eu passar por isso um dia. Faria com que me enamorasse do amor pelo resto da vida. As pessoas que me adoraram — não houve muitas, mas algumas — sempre insistiram em continuar muito depois que deixei de me importar com elas como elas se importavam comigo. Tornaram-se obstinadas e entediadas, e quando as encontro logo passam às reminiscências. A medonha memória das mulheres! Que coisa amedrontadora! E que estagnação intelectual completa ela revela! Deveríamos absorver as cores da vida, mas ninguém deveria jamais lembrar-se dos detalhes. Detalhes são sempre vulgares!”

“Eu deveria semear algumas papoulas em meu jardim”, suspirou Dorian.

“Não é preciso”, retorquiu seu amigo. “A vida sempre tem papoulas nas mãos. É claro que vez ou outra as coisas tardam. Em certa ocasião eu não usei nada exceto violetas durante toda uma estação, como uma forma de luto artístico por um romance que não morria. Ao final, porém, ele morreu. Esqueço o que o matou. Acho que foi a proposta dela de sacrificar o mundo inteiro por mim. Este é sempre um momento terrível. Ele nos enche do horror da eternidade. Bem — você acreditaria? —, há uma semana, na casa de Lady Hampshire, eu me vi sentado em um jantar junto da dama em questão, e ela insistiu em retomar a coisa toda de novo, em desenterrar o passado e semear o futuro. Eu tinha enterrado o meu romance em um canteiro de asfodelos. Ela o arrastou para fora novamente e me assegurou de que eu tinha estragado a vida dela. Devo dizer que ela comeu muito bem

no jantar, de modo que não senti nenhuma angústia. Que falta de gosto ela demonstrou! O único encanto do passado é ser passado. Mas as mulheres nunca sabem quando a cortina cai. Elas sempre querem um sexto ato, e quando o interesse pela peça acaba de vez elas se propõem a continuá-la. Se permitíssemos que as coisas acontecessem à maneira delas, toda comédia teria um final trágico e toda tragédia culminaria em uma farsa. Elas são encantadoramente artificiais, mas não têm nenhuma sensibilidade para a arte. Você tem mais sorte do que eu. Eu lhe asseguro, Dorian, que nenhuma das mulheres que conheci teria feito por mim o que Sibyl Vane fez por você. Mulheres comuns sempre encontram consolo. Algumas o fazem buscando cores sentimentais. Nunca confie em uma mulher que esteja usando malva, seja qual for a idade dela, ou em uma mulher de mais de trinta e cinco que goste de fitas cor-de-rosa. Significa sempre que elas têm uma história. Outras encontram grande consolo em descobrir de súbito as boas qualidades dos maridos. Elas alardeiam a felicidade conjugal em nossa cara, como se fosse o mais fascinante dos pecados. A religião consola algumas delas. Seus mistérios têm todo o encanto de um flerte, uma mulher me disse certa vez; e eu consigo compreendê-la. Além disso, nada envaidece mais alguém do que lhe disserem que é um pecador. A consciência nos torna egoístas, todos nós. Sim; na verdade não há fim para os consolos que as mulheres encontram na vida moderna. Na verdade, eu não mencionei o mais importante.”

“O quê, Harry?”, disse o rapaz, agitado.

“Oh, o consolo mais óbvio. Tirar o admirador de alguém quando perdem o próprio. Na boa sociedade isso sempre encobre as falhas de uma mulher. Mas de verdade, Dorian, Sibyl Vane deve ter sido muito diferente de todas as mulheres que encontramos! Para mim existe algo muito belo em relação a sua morte. Fico contente de viver em um século em que tais milagres acontecem. Eles fazem com que acreditemos na realidade das coisas com que todos jogamos, tais como romances, paixões e amor.”

“Eu fui terrivelmente cruel com ela. Você se esquece disso.”

“Receio que as mulheres apreciem a crueldade, a crueldade nua e crua, mais do que tudo. Elas têm instintos maravilhosamente primitivos. Nós as emancipamos, mas elas seguem sendo escravas que buscam os senhores, como antes. Adoram ser dominadas. Tenho certeza de que você foi esplêndido. Eu nunca o vi verdadeira e completamente furioso, mas posso imaginar como a sua aparência era encantadora. E, afinal, você me disse uma coisa anteontem que na hora me pareceu ser um capricho, mas vejo agora que era absolutamente verdadeira, e ela é a chave para tudo.”

“O que foi, Harry?”

“Você me disse que Sibyl Vane representava para você todas as heroínas dos romances — ela era Desdêmona numa noite e Ofélia na outra; que quando morria como Julieta voltava à vida como Imogênia.”

“Ela nunca mais vai voltar à vida agora”, murmurou o rapaz, escondendo o rosto entre as mãos.

“Não, ela nunca vai voltar à vida. Representou seu último papel. Mas você deve pensar na morte solitária num camarim decadente como um fragmento sombrio e estranho de uma tragédia jacobina, como uma cena maravilhosa de Webster, ou de Ford, ou de Cyril Tourneur. A garota jamais viveu de fato, e portanto nunca morreu de fato. Para você ao menos ela sempre foi um sonho, um fantasma que perpassava pelas peças de Shakespeare e as tornava mais encantadoras pela sua presença, uma flauta através da qual a música de Shakespeare soava mais rica e mais cheia de alegria. No momento em que tocou a vida real, ela a arruinou, e a vida a arruinou, e assim ela partiu. Lamente por Ofélia, se quiser. Ponha cinzas sobre a sua cabeça porque Cordélia foi estrangulada. Grite aos céus porque a filha de Brabâncio morreu. Mas não desperdice lágrimas por Sibyl Vane. Era menos real que elas.”

Fez-se silêncio. A noite escurecia a sala. Sem fazer ruído, com pés prateados, as sombras penetravam do jardim. As cores desapareciam, cansadas, dos objetos.

Passado algum tempo, Dorian Gray ergueu os olhos. “Você me explicou para mim mesmo, Harry”, ele murmurou, com uma espécie de suspiro de alívio. “Eu intuía tudo o que você disse, mas de certa forma tinha medo e não conseguia expressá-lo para mim mesmo. Como você me conhece bem! Mas não vamos falar de novo sobre o que aconteceu. Foi uma experiência maravilhosa. É tudo. Eu me pergunto se a vida ainda guarda algo tão maravilhoso para mim.”

“A vida guarda tudo para você, Dorian. Não há nada que você, com sua extraordinária boa aparência, não será capaz de fazer.”

“Mas suponha, Harry, que eu me torne intratável, e velho, e enrugado? O que vai ser?”

“Ah, então”, disse Lord Henry levantando-se para sair, “então, meu caro Dorian, você terá de lutar pelas suas vitórias. Na atual situação elas vêm até você. Não, você deve conservar a boa aparência. Vivemos em uma época em que se lê demais para que seja sábia, e em que se pensa muito para que seja bela. Não podemos perder você. E agora é melhor que se vista e vá para o clube. Estamos bem atrasados, por sinal.”

“Acho que vou encontrá-lo na ópera, Harry. Sinto-me muito cansado para comer qualquer coisa. Qual é o número do camarote da

sua irmã?”

“Vinte e sete, eu acho. Fica no grande balcão. Você verá o nome dela na porta. Mas lamento que não venha jantar.”

“Não sinto vontade”, disse Dorian. “Mas sou tremendamente grato a você por tudo o que me disse. Você é certamente o meu melhor amigo. Ninguém jamais me entendeu como você.”

“Estamos apenas no início da nossa amizade, Dorian”, respondeu Lord Henry, apertando-lhe a mão. “Adeus. Vou encontrá-lo antes das nove e meia, espero. Lembre-se, Patti vai cantar.”

Enquanto fechava a porta atrás de si, Dorian Gray tocou a campainha, e em alguns minutos Victor apareceu com as luminárias e fechou as venezianas. Esperou com impaciência que ele saísse. O homem parecia levar um tempo interminável para fazer qualquer coisa.

Assim que ele saiu, Dorian correu para o biombo e o afastou. Não; não havia nenhuma outra mudança no quadro. A pintura soubera da notícia da morte de Sibyl Vane antes dele próprio. Tinha consciência dos acontecimentos da vida à medida que ocorriam. A crueldade maldosa que desfigurava as linhas delicadas da boca tinha, sem dúvida, aparecido no instante preciso em que a garota tomara o veneno, fosse ele qual fosse. Ou seria ele indiferente aos resultados? Tomaria consciência apenas do que acontecia na alma? Ele se perguntou e desejou que um dia visse a transformação acontecer diante dos próprios olhos, estremecendo ao mesmo tempo em que o desejava.

Pobre Sibyl! Que romance fora aquilo tudo! Ela mimetizara a morte muitas vezes no palco. Depois a própria Morte a tinha tocado e a levado. Como ela havia atuado na derradeira e terrível cena? Teria o amaldiçoado enquanto morria? Não; ela havia morrido por amor a ele, e o amor seria sempre para ele um sacramento a partir de então. Ela expiara tudo pelo sacrifício da própria vida. Ele não pensaria mais no que ela lhe fizera passar naquela noite horrível no teatro. Quando pensasse nela, seria como em uma figura trágica maravilhosa enviada ao palco do mundo para demonstrar a suprema realidade do Amor. Uma figura trágica maravilhosa? Lágrimas lhe vieram aos olhos quando ele se lembrou de sua aparência infantil e dos encantadores modos caprichosos, e da graça trêmula. Ele as enxugou apressado e olhou novamente para o quadro.

Sentiu que chegara a verdadeira hora de fazer sua escolha. Ou a escolha já teria sido feita? Sim, a vida decidira por ele — a vida, e a infinita curiosidade sobre a vida. Juventude eterna, paixão infinita, prazeres sutis e secretos, alegrias extremas e pecados ainda mais extremos — ele teria tudo. O retrato carregaria o peso de sua

vergonha: era tudo.

Um sentimento de dor o fez estremecer quando ele pensou na profanação que estava reservada para o belo rosto da tela. Certa vez, em uma imitação pueril de Narciso, ele havia beijado, ou fingira beijar, os lábios pintados que agora sorriam com tanta crueldade para ele. Manhã após manhã, ele se sentara diante do retrato refletindo sobre sua beleza, quase enamorado dela, como lhe parecera algumas vezes. Ele se alteraria agora com cada um de seus estados de espírito? Ele se tornaria algo monstruoso e detestável, a ser escondido em um quarto trancado, a ser ocultado da luz do sol, que tantas vezes conferira um dourado mais luminoso à maravilha ondulada de seus cabelos? Que lamentável! Que lamentável!

Por um instante pensou em rezar para que a empatia terrível que havia entre ele e o quadro deixasse de existir. Ele se modificara em resposta a uma oração: quem sabe se em resposta a uma oração não se alterasse mais. E no entanto alguém que soubesse alguma coisa sobre a Vida abriria mão da oportunidade de continuar sempre jovem, por mais fantasiosa que fosse, ou a despeito das consequências sinistras que implicasse? Além disso, a coisa estaria de fato sob seu controle? Teria sido de fato uma oração a responsável pela substituição? Não haveria uma razão científica curiosa para tudo aquilo? Se o pensamento pudesse exercer sua influência sobre um organismo vivo, o pensamento não poderia exercer uma influência sobre coisas mortas e inorgânicas? Mais, sem pensamento ou desejo consciente, não poderiam as coisas externas a nós vibrar em uníssono com os nossos estados de espírito e paixões, átomo convocando átomo em amor secreto ou estranha afinidade? Mas a razão não tinha importância. Ele nunca mais tentaria obter algum poder terrível por meio da oração. Se fosse para o quadro se alterar, que se alterasse. Era tudo. Por que investigá-lo por demais a fundo?

Pois haveria um prazer real em observá-lo. Ele seria capaz de seguir sua própria mente em seus lugares secretos. O retrato seria para ele o mais mágico dos espelhos. Como lhe revelara seu corpo, ele lhe revelaria sua alma. E, quando o inverno o alcançasse, ele ainda estaria onde a primavera tremula no limiar do verão. Quando o sangue fugisse de seu rosto e deixasse para trás uma máscara pálida como giz com olhos plúmbeos, ele conservaria o glamour da juventude. Nenhum botão em flor de seu encanto jamais murcharia. Nenhuma pulsação de sua vida jamais se debilitaria. Como os deuses dos gregos, ele seria forte, e ágil, e jovial. O que importava o que aconteceria à imagem colorida na tela? Ele estaria a salvo. Isso era tudo.

Puxou o biombo de volta para diante do quadro, sorrindo enquanto o fazia, e foi para o seu quarto, onde o pajem o esperava. Uma hora

mais tarde estava na Ópera, e Lord Henry se debruçava sobre seu assento.

Enquanto Dorian tomava o café da manhã no dia seguinte, Basil Hallward foi trazido para a sala.

“Fico muito feliz de tê-lo encontrado, Dorian”, ele disse, com gravidade. “Estive aqui ontem à noite, mas me disseram que você estava na Ópera. Naturalmente, eu sabia que era impossível. Mas esperaria que tivesse deixado um recado dizendo para onde havia ido de fato. Passei uma noite terrível, em parte com receio de que uma tragédia pudesse ser seguida de outra. Acho que você poderia ter me telegrafado assim que soube do acontecido. Li a respeito por acaso em uma edição vespertina do *The Globe* que peguei no clube. Vim para cá na hora e me senti muito mal por não tê-lo encontrado. Nem tenho como lhe dizer o quanto estou desolado. Sei que deve estar sofrendo. Mas onde você estava? Foi se encontrar com a mãe da garota? Por um momento pensei em segui-lo até lá. O endereço estava no jornal. Em algum lugar na Euston Road, não é? Mas eu receava me intrometer em uma tristeza que não podia suavizar. Pobre mulher! Em que estado deve estar! Além do mais, sua única filha! O que ela disse sobre a coisa toda?”

“Meu caro Basil, como posso saber?”, murmurou Dorian Gray, sorvendo um vinho amarelo pálido de uma bolha de vidro veneziano com contas douradas e parecendo terrivelmente entediado. “Eu estava na Ópera. Você deveria ter ido para lá. Encontrei Lady Gwendolen, irmã de Harry, pela primeira vez. Estávamos no camarote dela. É muito encantadora, e Patti cantou divinamente. Não fale sobre temas desagradáveis. Se não falamos sobre determinada coisa, então ela nunca aconteceu. É apenas a expressão, como diz Harry, que confere realidade às coisas. Posso mencionar que ela não era a única filha da mulher. Existe um filho, um sujeito encantador, eu acho. Mas não trabalha no palco. É um marinheiro, ou algo parecido. E agora me fale sobre você e sobre o que está pintando.”

“Você foi à Ópera?”, repetiu Hallward, falando devagar, com um traço tenso de dor na voz. “Você foi à Ópera enquanto Sibyl Vane jazia morta em um aposento sórdido? Você consegue falar sobre o encanto de outras mulheres e sobre Patti ter cantado divinamente antes que a mulher que você amava tivesse ao menos a paz do túmulo para dormir? Ora, homem, o pequeno e pálido cadáver de Sybil há de

enfrentar os piores horrores!”

“Pare, Basil! Não quero ouvir sobre isso!”, exclamou Dorian, pondo-se de pé. “Você não deve me falar dessas coisas. O que está feito, está feito. O que é passado, é passado.”

“Você chama o dia de ontem de passado?”

“O que o período exato de tempo tem a ver com isso? Somente pessoas superficiais precisam de anos para se livrar de uma emoção. Um homem que é senhor de si mesmo pode fazer cessar uma tristeza com a mesma facilidade com que inventa um prazer. Não quero estar à mercê das minhas emoções. Quero usá-las, aproveitá-las e dominá-las.”

“Dorian, isso é horrível! Algo o transformou completamente. Por fora é o mesmo rapaz maravilhoso que, dia após dia, costumava ir ao meu ateliê posar para o retrato. Mas nessa época você era simples, natural e afetuoso. Era a criatura mais intocada do mundo. Agora não sei o que aconteceu com você. Fala como se não tivesse coração, nenhuma piedade. É tudo influência de Harry. Veja bem.”

O rapaz enrubesceu e, dirigindo-se para a janela, olhou para fora por alguns instantes, para o jardim verde, tremeluzente, banhado pelo sol. “Eu devo muito a Harry, Basil, mais do que devo a você”, ele disse por fim. “Você só me ensinou a ser vaidoso.”

“Bem, estou sendo punido por isso, Dorian — ou serei um dia.”

“Não sei o que quer dizer com isso, Basil”, ele exclamou, virando-se. “Não sei o que você quer. O que você quer?”

“Quero o Dorian Gray que eu costumava pintar”, disse o artista com tristeza.

“Basil”, respondeu o rapaz, aproximando-se dele e colocando a mão em seu ombro, “você chegou tarde demais. Ontem quando ouvi que Sibyl Vane havia se matado...”

“Ela se matou! Deus do céu! Não há dúvida quanto a isso?”, gritou Hallward, olhando para ele com uma expressão de horror.

“Meu caro Basil! Você certamente não acha que foi um acidente qualquer? É claro que ela se matou.”

O homem mais velho escondeu o rosto entre as mãos. “Que horror”, ele murmurou, e um tremor o atravessou.

“Não”, disse Dorian Gray, “não há nada de horrível nisso. Trata-se de uma das grandes tragédias românticas do nosso tempo. Como regra, as pessoas que representam levam vidas bastante comuns. São bons maridos, ou esposas fiéis, ou alguma coisa entediante. Você sabe o que eu quero dizer — virtude de classe média, esse tipo de coisa. Como Sibyl era diferente! Ela viveu a melhor de suas tragédias. Sempre foi uma heroína. Na noite passada atuou — na noite em que você a viu —, ela atuou mal porque havia conhecido a realidade do

amor. Quando soube da sua irreabilidade, ela morreu, como Julieta teria morrido. Entrou de novo na esfera da arte. Há algo do mártir nela. Sua morte teve toda a inutilidade do martírio, toda a sua beleza desperdiçada. Mas, como eu dizia, você não deve pensar que eu não sofri. Se tivesse vindo ontem, em uma determinada hora — por volta de cinco e meia, talvez, ou quinze para as seis —, teria me encontrado desfeito em lágrimas. O próprio Harry, que me trouxe a notícia, na verdade não tinha ideia do que eu estava passando. Sofria imensamente. Depois, tudo desapareceu. Não sou capaz de repetir uma emoção. Ninguém é, a não ser os sentimentais. E você está sendo tremendamente injusto, Basil. Veio para me consolar. É encantador da sua parte. Ao me encontrar consolado, ficou furioso. Quanta compaixão! Você me lembra uma história que Harry contou sobre um certo filantropo que passou vinte anos de sua vida tentando reparar uma mágoa ou alterar uma lei injusta — esqueci o que era exatamente. Por fim ele conseguiu, e nada seria capaz de deixá-lo mais desapontado. Ele não tinha absolutamente nada para fazer, quase morreu de *ennui*, e se tornou um misantropo convicto. E além disso, meu caro Basil, se quer de fato me consolar, ensine-me a esquecer o que aconteceu, ou a encarar o fato do ponto de vista artístico apropriado. Não era Gautier quem costumava escrever sobre a *consolation des arts*? Eu me lembro de ter pegado um pequeno livro encadernado em pergaminho no seu ateliê um dia e de ter visto por acaso essa frase encantadora. Bem, eu não sou como o jovem de quem você me falou quando estávamos em Marlow, o jovem que costumava dizer que cetim amarelo podia consolar alguém por todas as desgraças da vida. Eu amo as coisas belas que podemos tocar e manusear. Antigos brocados, bronzes verdes, trabalhos em laca, marfins esculpidos, ambientes requintados, luxo, pompa, há muito a se aproveitar nisso tudo. Porém o temperamento artístico que eles criam — ou, que seja, revelam — representa ainda mais para mim. Tornar-se o espectador da própria vida, como diz Harry, é escapar do sofrimento. Sei que o surpreendo ao lhe falar assim. Você não notou como eu evoluí. Eu era um escolar quando você me conheceu. Agora sou um homem. Tenho novas paixões, novos pensamentos, novas ideias. Sou diferente, mas você não deve gostar menos de mim. Estou mudado, mas você deve sempre ser meu amigo. Naturalmente, gosto muito de Harry. Mas sei que você é melhor que ele. Não é mais forte — você tem muito medo da vida —, mas é melhor. E como éramos felizes juntos! Não me deixe, Basil, e não brigue comigo. Sou o que sou. Não há nada mais a ser dito.”

O pintor se sentiu estranhamente comovido. O rapaz lhe era infinitamente querido, e sua personalidade havia sido o grande ponto

de virada em sua arte. Ele não podia suportar a ideia de repreendê-lo de novo. Afinal, a indiferença dele era provavelmente apenas um estado de espírito passageiro. Havia nele algo muito bom, muito nobre.

“Bem, Dorian”, ele disse por fim, com um sorriso triste. “Não vou lhe falar de novo sobre essa coisa terrível depois de hoje. Espero apenas que o seu nome não seja ligado a esse caso. O inquérito deverá ocorrer hoje à tarde. Você foi convocado?”

Dorian balançou a cabeça, e um ar de tédio atravessou seu rosto ao ouvir a palavra “inquérito”. Havia algo de rude e vulgar em relação a esse tipo de coisa. “Eles não sabem o meu nome”, respondeu.

“Mas ela certamente sabia?”

“Apenas o meu primeiro nome, e tenho certeza de que não o mencionou para ninguém. Ela me disse uma vez que estavam todos bem curiosos para saber quem eu era, e ela invariavelmente dizia que o meu nome era Príncipe Encantado. Era uma atitude bonita da parte dela. Basil, você precisa me fazer um desenho de Sibyl. Eu gostaria de ter algo mais que a memória de alguns beijos e algumas palavras patéticas interrompidas.”

“Vou tentar fazer alguma coisa, Dorian, se é isso o que quer. Mas você precisa vir e posar de novo. Não consigo ir em frente sem você.”

“Eu nunca mais vou posar para você, Basil. É impossível!”, ele exclamou, recuando sobressaltado.

O pintor o fitou. “Meu querido rapaz, que absurdo!”, ele exclamou. “Quer dizer que não gosta do que eu fiz? Onde está? Por que pôs um biombo na frente dele? Deixe-me vê-lo. É a melhor coisa que já fiz. Afaste o biombo, Dorian. É simplesmente vergonhoso o seu empregado esconder o meu trabalho dessa maneira. Senti que a sala estava diferente quando entrei.”

“O meu empregado não tem nada com isso, Basil. Não acredito que você pense que eu o deixo arrumar a sala para mim. Ele arranja as flores às vezes — isso é tudo. Não, fui eu mesmo que o fiz. A luz sobre o retrato estava muito forte.”

“Muito forte! Certamente não, meu caro amigo. O lugar é admirável para ele. Deixe-me vê-lo.” Hallward se dirigiu para a extremidade da sala.

Um grito de horror irrompeu dos lábios de Dorian Gray, e ele correu para se interpor entre o pintor e o biombo. “Basil”, ele disse, muito pálido, “você não deve vê-lo. Eu não quero.”

“Não posso ver o meu próprio trabalho! Você não pode estar falando sério. Por que não deveria vê-lo?”, questionou Hallward, rindo.

“Se tentar vê-lo, Basil, dou minha palavra de honra de que nunca

mais vou falar com você enquanto viver. Estou falando bem sério. Não ofereço nenhuma explicação, e você não vai pedir nenhuma. Mas, lembre-se, se tocar nesse biombo, tudo entre nós estará acabado.”

Hallward estava estupefato. Olhou para Dorian Gray completamente espantado. Nunca o vira assim antes. O rapaz estava de fato pálido de raiva. Apertava as mãos, e as pupilas de seus olhos eram como discos de fogo azul. Seu corpo todo tremia.

“Dorian!”

“Não fale!”

“Mas o que há? É claro que não vou vê-lo se você não quiser”, ele disse, dando meia-volta e caminhando para a janela. “Mas, de verdade, parece bem absurdo que eu não possa ver o meu próprio trabalho, especialmente porque vou exibi-lo em Paris no outono. Antes disso vou passar mais uma camada de verniz, de modo que terei de vê-lo um dia, e por que não hoje?”

“Exibi-lo! Você quer exibi-lo?”, exclamou Dorian Gray, tomado por um estranho sentimento de terror. Seu segredo seria mostrado ao mundo? As pessoas veriam boquiabertas o mistério de sua vida? Impossível. Alguma coisa — ele não sabia o quê — tinha de ser feita de imediato.

“Sim, eu não imagino que você possa se opor. Georges Petit vai reunir os meus melhores quadros para uma exibição especial na Rue de Sèze, que será inaugurada na primeira semana de outubro. O retrato vai ficar fora por apenas um mês. Acho que você pode abrir mão dele com facilidade durante esse tempo. Na verdade, você certamente nem estará na cidade. E, se o guarda sempre atrás de um biombo, é porque não se importa muito com ele.”

Dorian Gray passou a mão sobre a testa. Nela, havia gotas de suor. Sentia que estava na iminência de um perigo terrível. “Há um mês você me disse que jamais o exibiria”, ele exclamou. “Por que mudou de ideia? Vocês que se dizem coerentes mudam de humor tanto quanto os outros. A única diferença é que os estados de humor de vocês não têm sentido. Você não pode ter se esquecido de que me assegurou solenemente que nada no mundo o induziria a enviá-lo a qualquer exposição. Você disse exatamente a mesma coisa a Harry.” Ele parou de súbito e um brilho surgiu em seus olhos. Lembrou que Lord Henry uma vez lhe dissera, meio sério e meio brincando: “Se quiser passar um quarto de hora estranho, peça que Basil lhe conte por que não vai expor o quadro. Ele me disse por que não o faria, e para mim foi uma revelação”. Sim, talvez Basil também tivesse seu segredo. Ele lhe perguntaria, faria sua tentativa.

“Basil”, ele disse, aproximando-se bastante e olhando diretamente em seu rosto, “todos nós temos um segredo. Conte-me o seu e lhe direi

o meu. Por que se recusou a expor o meu retrato?”

O pintor estremeceu, sem conseguir se controlar. “Dorian, se eu lhe contasse, você talvez fosse me querer menos, e certamente iria rir de mim. Eu não suportaria nenhuma das duas coisas. Se prefere que eu nunca mais veja o seu retrato, eu fico em paz. Sempre terei você para olhar. Se prefere que o meu melhor trabalho seja ocultado do mundo, eu fico satisfeito. A sua amizade é mais valiosa para mim que fama ou reputação.”

“Não, Basil, você precisa me contar”, insistiu Dorian Gray. “Acho que tenho o direito de saber.” O sentimento de terror tinha desaparecido, e a curiosidade tomara o seu lugar. Estava decidido a descobrir o mistério de Basil Hallward.

“Vamos nos sentar, Dorian”, disse o pintor, parecendo perturbado. “Vamos nos sentar. E responda a apenas uma pergunta. Você notou algo curioso no quadro? — algo que no início provavelmente não chamou a sua atenção, mas que se revelou de repente?”

“Basil”, exclamou o rapaz, apertando os braços da cadeira com mãos trêmulas, e fitando-o com os olhos surpresos, espantados.

“Vejo que você notou. Não diga nada. Espere até ouvir o que eu tenho a dizer. Dorian, desde o instante em que o conheci, a sua personalidade teve uma influência extraordinária sobre mim. Minha alma, minha mente e minha vontade foram submetidas a você. Para mim, você se tornou a encarnação visível do ideal invisível cuja memória atormenta a nós artistas como um sonho magnífico. Eu o adorava. Tinha ciúmes de qualquer um com quem você falasse. Queria você todo para mim. Eu só me sentia feliz quando estava com você. Mesmo longe, você continuava presente na minha arte... Naturalmente, nunca deixei que soubesse de nada disso. Teria sido impossível. Você não compreenderia. Eu mesmo mal compreendia. Sabia apenas que havia estado frente a frente com a perfeição, e que o mundo se tornara maravilhoso aos meus olhos — maravilhoso demais, talvez, pois nessas adorações loucas há perigo, o perigo de perdê-las, ainda maior que o perigo de conservá-las... Semanas e mais semanas se passaram, e eu me deixei cada vez mais me absorver por você. Depois aconteceu um fato novo. Eu o retratei como Páris em uma armadura intimidadora, e como Adônis com uma capa de caçador e uma lança polida de matar porcos selvagens. Coroado com botões pesados de lótus, você se sentou na proa da barça de Adriano, fitando o Nilo verde turvo. Curvou-se sobre o espelho d'água de uma mata grega e viu no prateado silencioso da água o prodígio do próprio rosto. E tudo foi como a arte deve ser, inconsciente, ideal e remota. Um dia, um dia fatal, às vezes penso, decidi pintar um retrato maravilhoso de você como de fato é, não nos trajes de eras mortas,

mas com a sua própria roupa e em seu próprio tempo. Se foi o realismo do método ou o simples milagre da sua própria personalidade apresentada a mim diretamente sem névoa ou véu, não sei dizer, mas sei que enquanto trabalhava nele cada pincelada ou camada de cor me parecia revelar o meu segredo. Tive medo de que outros soubessem da minha idolatria. Sentia, Dorian, que tinha falado demais, que havia posto muito de mim mesmo nele. Foi então que decidi jamais permitir que o quadro fosse exibido. Você ficou um pouco chateado, mas não tinha ideia do que o retrato significava para mim. Falei com Harry a respeito, e ele riu de mim. Mas isso não me incomodava. Quando o quadro ficou pronto e eu me vi a sós com ele, senti que estava certo... Bem, depois de alguns dias a coisa saiu do meu ateliê, e assim que me vi livre do fascínio insuportável da sua presença pensei que tinha sido tolo de imaginar que tivesse visto algo nele além do fato de que você tem uma aparência extraordinária e de que eu sou capaz de pintar. Mesmo agora não consigo deixar de sentir que é um erro pensar que a paixão experimentada na criação é de fato aparente no trabalho criado. A arte é sempre mais abstrata do que imaginamos. A forma e a cor nos comunicam a forma e a cor — e nada mais. Muitas vezes me parece que a arte esconde o artista muito mais do que o revela. Sendo assim, quando recebi a oferta de Paris, decidi fazer do seu retrato a obra principal da minha exposição. Nunca me ocorreu que você recusaria. Vejo agora que tinha razão. O quadro não pode ser exibido. Você não deve ficar bravo comigo, Dorian, pelo que lhe contei. Como eu disse uma vez para Harry, você foi feito para ser adorado.”

Dorian Gray inspirou profundamente. A cor voltou às maçãs de seu rosto e um sorriso se insinuou em torno de seus lábios. O perigo havia passado. Por ora, ele estava seguro. No entanto, não pôde deixar de sentir uma infinita piedade do pintor que acabara de lhe fazer aquela estranha confissão e se perguntou se algum dia se sentiria dominado pela personalidade de um amigo. Lord Henry tinha o encanto de ser muito perigoso. Mas era tudo. Era inteligente demais e cínico demais para ser verdadeiramente querido. Haveria um dia alguém que mereceria da parte dele uma inexplicável idolatria? Seria essa uma das coisas que a vida guardava para ele?

“É extraordinário para mim, Dorian”, disse Hallward, “que você tenha visto isso no retrato. Você o viu de fato?”

“Eu vi algo nele”, ele respondeu, “algo que me pareceu muito estranho.”

“Bem, agora você não se importa se eu olhar?”

Dorian balançou a cabeça. “Você não deve me pedir isso, Basil. Não posso permitir que você fique diante do quadro.”

“Um dia você há de deixar, não?”

“Nunca.”

“Bem, talvez você tenha razão. E agora adeus, Dorian. Você foi a única pessoa na minha vida que verdadeiramente influenciou a minha arte. O que quer que tenha feito de bom, eu devo a você. Ah!, você não sabe quanto me custou lhe contar tudo o que contei.”

“Meu caro Basil”, disse Dorian, “o que você me contou? Simplesmente que sentia que sua admiração por mim era exagerada. Não chega a ser sequer um elogio.”

“Não tinha a intenção de que fosse um elogio. Era uma confissão. Agora que a fiz, algo parece ter se perdido em mim. Talvez não devamos nunca transformar a nossa adoração em palavras.”

“Foi uma confissão muito decepcionante.”

“Ora, o que você esperava, Dorian? Você não viu nada mais no quadro, viu? Havia algo mais para ver?”

“Não; não havia mais nada para ver. Por que pergunta? Mas você não deve falar de adoração. É bobagem. Você e eu somos amigos, Basil, e devemos continuar assim.”

“Você tem Harry”, disse o pintor tristemente.

“Oh, Harry!”, exclamou o rapaz, com um riso sussurrado. “Harry passa os dias falando sobre o inacreditável, e as noites fazendo o improvável. Exatamente o tipo de vida que eu desejaria levar. Mas ainda assim não acho que procuraria Harry se estivesse com problemas. Preferiria procurar você, Basil.”

“Você posaria para mim de novo?”

“Impossível!”

“Você arruína a minha vida de artista com a sua recusa, Dorian. Nenhum homem jamais se deparou com dois ideais encarnados. Raros são os que encontram um.”

“Não posso explicar, Basil, mas não devo posar para você nunca mais. Existe algo de fatal em um retrato. Ele tem vida própria. Vou visitá-lo e tomar chá com você. Será igualmente prazeroso.”

“Mais prazeroso para você, receio”, murmurou Hallward, pesaroso. “E agora, adeus. Lamento que não me deixe ver o quadro mais uma vez. Mas não há o que fazer. Eu compreendo o que você sente em relação a ele.”

Quando o pintor saiu da sala, Dorian Gray sorriu para si mesmo. Pobre Basil! Quão pouco sabia da verdadeira razão! E como era estranho que, em vez de ter sido obrigado a revelar o próprio segredo, ele conseguira, quase que por acaso, arrancar um segredo do amigo! Quanta coisa aquela estranha confissão esclarecia para ele! Os ataques absurdos de ciúmes do pintor, a devoção intensa, os panegíricos extravagantes, as reticências curiosas — ele as compreendia todas

agora, sentia pena. Parecia-lhe haver algo trágico em uma amizade tão tingida de romantismo.

Ele suspirou e tocou a campainha. O retrato deveria ser ocultado a todo custo. Ele não podia correr novamente um risco tão grande de ser descoberto. Havia sido loucura da parte dele ter permitido que a coisa ficasse, ainda que por uma hora, em uma sala a que todos os seus amigos tinham acesso.

Quando o empregado entrou, Dorian olhou-o com firmeza e se perguntou se ele teria pensado em espiar atrás do biombo. O homem estava impassível e esperava suas ordens. Dorian acendeu um cigarro, caminhou até o copo e lançou um olhar em seu interior. Via perfeitamente o reflexo do rosto de Victor. Era como uma plácida máscara de subserviência. Nele não havia nada a temer. No entanto, pensou que seria melhor não baixar a guarda.

Falando muito devagar, disse para que avisasse a governanta de que queria vê-la, e que depois procurasse o moldureiro e lhe pedisse que enviasse dois de seus homens imediatamente. Pareceu-lhe que, quando o homem saiu da sala, seus olhos correram na direção do biombo. Ou era apenas sua própria imaginação?

Depois de alguns instantes, em seu vestido preto de seda, com os mitenes de linha à moda antiga nas mãos enrugadas, a sra. Leaf irrompeu na biblioteca. Ele lhe pediu a chave da sala de aula.

“A velha sala de aula, senhor Dorian?”, ela perguntou. “Ora, está cheia de pó. Tenho de arrumá-la e deixá-la em ordem antes que o senhor entre. Não está em condições de ser vista, senhor. Não mesmo.”

“Não quero que seja arrumada, Leaf. Quero apenas a chave.”

“Bem, o senhor vai ficar coberto de teias de aranha se entrar lá. Ora, aquela sala não é aberta há quase cinco anos, desde que o senhor lorde morreu.”

Ele pestanejou à menção do avô. Tinha memórias odiosas dele. “Não me importa”, respondeu. “Eu só quero ver o lugar — e isso é tudo. Dê-me a chave.”

“Aqui está a chave, senhor”, disse a velha dama, examinando o conteúdo do molho de chaves com mãos trêmulas, inseguras. “Aqui está a chave. Vou tirá-la do molho em um instante. Mas o senhor não planeja ir morar lá em cima, estando tão confortável aqui?”

“Não, não”, ele exclamou com petulância. “Obrigado, Leaf. Isso é tudo.”

Ela ficou mais um instante e tagarelou sobre algum pormenor da casa. Ele suspirou e disse para que ela conduzisse as coisas como achasse melhor. A governanta saiu da sala, envolta em sorrisos.

Quando a porta se fechou, Dorian pôs a chave no bolso e correu os

olhos pela sala. Seu olhar caiu sobre uma manta grande de cetim roxo ricamente bordada em ouro, um exemplar esplêndido do artesanato veneziano do final do século XVII que seu avô havia encontrado em um convento perto de Bolonha. Sim, ela serviria para embrulhar aquela coisa monstruosa. Talvez tivesse servido muitas vezes como mortalha. Agora deveria esconder algo que tinha uma decomposição própria, pior que a decomposição da própria morte — algo que seria fonte de horrores e no entanto jamais morreria. O que o verme era para o cadáver, seus pecados seriam para a imagem pintada sobre a tela. Eles arruinariam a sua beleza e devorariam a sua graça. Eles a maculariam e a tornariam vergonhosa. E no entanto a coisa continuaria viva. Estaria sempre viva.

Ele estremeceu, e por um instante lamentou não ter contado a Basil a verdadeira razão pela qual desejava esconder o quadro. Basil o teria ajudado a resistir à influência de Lord Henry, e às influências ainda mais venenosas que se originavam de seu próprio temperamento. O amor que lhe dedicava — pois era de fato amor — não continha nada que não fosse nobre e intelectual. Não era a simples admiração física da beleza que nasce dos sentidos e morre quando os sentidos se cansam. Era um amor como Michelangelo havia conhecido, e Montaigne, e Winckelmann, e o próprio Shakespeare. Sim, Basil poderia tê-lo salvado. Mas era tarde demais. O passado podia sempre ser aniquilado. Arrependimento, negação ou esquecimento eram capazes de fazê-lo. Porém o futuro era inevitável. Havia nele paixões que encontrariam sua terrível vazão, sonhos que seriam a sombra de seu verdadeiro mal.

Ele pegou no divã a grande manta roxa e dourada que o cobria e, segurando-a nas mãos, passou para trás do biombo. Estaria o rosto na tela mais depravado que antes? Parecia-lhe que estava inalterado, e no entanto seu ódio por ele se intensificara. Cabelos dourados, olhos azuis e lábios vermelho-rosados — estavam todos lá. Somente a expressão tinha se modificado. Era horrível em sua crueldade. Comparadas ao que via no retrato, como haviam sido superficiais as reprimendas de Basil sobre Sibyl Vane! — superficiais e de pouca importância! Sua própria alma olhava para ele da tela e se propunha a julgá-lo. Ele exibiu uma expressão de dor e atirou a rica manta sobre o quadro. Enquanto o fazia, houve uma batida na porta. Dorian sentiu a consciência se esvaír quando o empregado entrou.

“As pessoas estão aqui, Monsieur.”

Sentiu que tinha de se livrar do homem imediatamente. Ele não deveria saber para onde o quadro estava sendo levado. Havia algo de malicioso nele — tinha olhos pensativos, traiçoeiros. Sentando-se à escrivaninha, escreveu um bilhete para Lord Henry pedindo-lhe que

enviasse algo para ler e lembrando-o de que deveriam se encontrar às oito e quinze naquela noite.

“Espere pela resposta”, ele disse, entregando o bilhete, “e mande os homens entrarem.”

Em dois ou três minutos houve outra batida, e o sr. Hubbard em pessoa, o célebre moldureiro da South Audley Street, entrou com um assistente de aspecto um tanto vulgar. O sr. Hubbard era um homem pequeno, corado, de suíças vermelhas, cuja admiração pela arte era consideravelmente prejudicada pela irremediável ausência de recursos dos artistas que tratavam com ele. Como regra, jamais deixava a loja. Esperava que as pessoas fossem até ele. Mas sempre fazia uma exceção em favor de Dorian Gray. Havia algo em Dorian que encantava a todos. Era simplesmente prazeroso vê-lo.

“Em que posso ser útil, senhor Gray?”, ele disse, esfregando as mãos sardentas. “Pensei que me daria a honra de vir pessoalmente. Acabo de arrumar uma moldura belíssima, senhor. Comprei-a em um leilão. Florentina antiga. Veio de Fonthill, acredito. Admiravelmente apropriada para um tema religioso, senhor Gray.”

“Sinto pelo trabalho que teve ao vir até aqui, senhor Hubbard. Eu certamente passarei lá para ver a moldura — embora atualmente não me interesse muito por arte religiosa —, porém hoje quero apenas que um quadro seja levado para o andar de cima da casa para mim. É bem pesado, de modo que pensei em lhe pedir que me emprestasse alguns de seus homens.”

“Sem problemas, senhor Gray. Tenho prazer em lhe prestar qualquer serviço. Qual é a obra de arte, senhor?”

“Esta”, respondeu Dorian, afastando o biombo. “Pode transportá-la coberta, exatamente como está? Não quero que seja riscada enquanto é transportada lá para cima.”

“Não haverá nenhuma dificuldade, senhor”, disse o amável moldureiro, começando, com a ajuda do assistente, a retirar o quadro das longas correntes de latão pelas quais estava pendurado. “E agora, para onde vamos levá-lo, senhor Gray?”

“Vou lhe mostrar o caminho, senhor Hubbard, se fizer a gentileza de me seguir. Ou talvez seja melhor que vá primeiro. Creio que seja bem no alto da casa. Teremos de subir pela escadaria da frente, pois é mais larga.”

Manteve a porta aberta para eles, e os três saíram para o hall e começaram a subir. O trabalho da moldura fazia com que o quadro fosse extremamente volumoso, e vez ou outra, a despeito dos protestos obsequiosos do sr. Hubbard, que tinha a aversão determinada do verdadeiro negociante ao ver um cavalheiro fazendo algo de útil, Dorian punha a mão sobre ele para ajudá-los.

“Um belo peso para se carregar”, ofegou o pequeno homem quando chegaram ao piso superior, enxugando a testa brilhante.

“Receio que seja pesado demais”, murmurou Dorian, enquanto destrancava a porta que se abria para o quarto que abrigaria para ele o curioso segredo de sua vida e esconderia sua alma dos olhares dos homens.

Ele não entrava naquele cômodo havia mais de quatro anos — não, na verdade, desde que o usara, de início, como um quarto de brinquedos quando era criança, e depois como uma sala de estudos, quando era um pouco mais velho. Era um quarto grande, bem proporcionado, que havia sido construído especialmente pelo último Lord Kelso para seu pequeno neto, que, dada sua estranha semelhança com a mãe, e também por outras razões, ele sempre odiara e desejara manter à distância. A Dorian parecia que mudara pouco. Havia um imenso *cassone* italiano, com os painéis pintados com maestria e as molduras douradas com manchas, em que ele tantas vezes se escondera quando era menino. Lá estava a estante de mogno com os livros de escola usados. Na parede atrás dela, pendia a mesma tapeçaria flamenga em que um rei e uma rainha desbotados jogavam xadrez em um jardim, enquanto um grupo de falcoeiros passava por perto, levando pássaros encapuzados nos punhos enluvados. Ele se lembrava de tudo tão bem! Cada instante da infância solitária voltava à medida que ele olhava em redor. Lembrou-se da pureza imaculada de sua meninice e lhe pareceu terrível que fosse lá o lugar em que seu retrato fatal ficaria escondido. Quão pouco ele pensara, naqueles dias mortos, em tudo que a vida lhe reservaria!

Mas não havia outro lugar na casa como aquele, protegido de olhares curiosos. Ele tinha a chave, e ninguém mais poderia entrar lá. Sob a manta roxa o rosto pintado na tela poderia se tornar bestial, viscoso e sujo. Que importava? Ninguém poderia vê-lo. Ele mesmo não o veria. Por que deveria acompanhar a horrenda degradação de sua alma? Ele preservava a juventude — era o bastante. E, além disso, sua natureza afinal não se tornaria mais pura? Não havia razão para que o futuro fosse cheio de vergonha. Um pouco de amor poderia entrar em sua vida, para purificá-lo e protegê-lo dos pecados que já pareciam se agitar no espírito e na carne — os pecados estranhos e sem representação cujo mistério lhes emprestava a sutileza e o encanto. Talvez um dia a aparência cruel desaparecesse da sensível boca escarlate, e ele pudesse exibir a obra-prima de Basil Hallward ao mundo.

Não; seria impossível. Hora após hora, semana após semana, a coisa na tela envelhecia. Ela poderia escapar do horror do pecado, mas lhe estava reservado o horror da idade. As maçãs do rosto se

tornariam fundas ou flácidas. Pés de galinha amarelos rastejariam em torno dos olhos empalidecidos e os tornariam horríveis. O cabelo perderia o brilho, a boca se escancararia ou penderia, seria estúpida ou grosseira, como a boca dos velhos. Haveria a garganta enrugada, as mãos frias, com veias azuladas, o corpo contorcido, de que ele se lembrava no avô, que tão severo havia sido com ele na meninice. O quadro tinha de ser escondido. Não havia outra saída.

“Traga-o para dentro, senhor Hubbard, por favor”, ele disse, cansado, dando meia-volta. “Sinto tê-lo feito esperar tanto. Estava pensando em outra coisa.”

“Um descanso é sempre bom, senhor Gray”, respondeu o moldureiro, ainda ofegante. “Onde o colocamos, senhor?”

“Oh, em qualquer lugar. Aqui: aqui está bem. Eu não quero pendurá-lo. Simplesmente apoiem na parede. Obrigado.”

“Poderíamos ver a obra de arte, senhor?”

Dorian sobressaltou-se. “Ela não o interessaria, senhor Hubbard”, ele disse, sem tirar os olhos do homem. Sentia-se pronto para saltar sobre ele e atirá-lo no chão se ele ousasse erguer a belíssima tapeçaria que escondia o segredo de sua vida. “Não vou mais incomodá-lo. Sou muito grato pela gentileza de ter vindo.”

“Não há de quê, não há de quê, senhor Gray. Sempre à disposição para fazer qualquer coisa pelo senhor.” E o sr. Hubbard desceu com passos pesados, seguido pelo assistente, que se voltou para Dorian com um ar de admiração tímida no rosto grosseiro, feio. Nunca tinha visto alguém tão maravilhoso.

Quando o som dos passos desapareceu, Dorian trancou a porta e pôs a chave no bolso. Agora se sentia seguro. Ninguém jamais olharia para aquela coisa horrenda. Olho nenhum a não ser o dele veria sua vergonha.

Ao chegar à biblioteca, descobriu que acabava de passar das cinco horas, e que o chá já tinha sido trazido. Sobre uma mesinha de madeira escura e perfumada, densamente incrustada com madrepérola — um presente de Lady Radley, esposa de seu tutor, uma bela mulher, inválida profissional, que passara o inverno anterior no Cairo —, havia um recado de Lord Henry, e junto dele um livro encadernado em papel amarelo, com a capa ligeiramente rasgada e as extremidades sujas. Um exemplar da terceira edição do *The St. James Gazette* havia sido posto sobre a bandeja de chá. Era evidente que Victor tinha voltado. Ele se perguntou se teria encontrado os homens no hall quando saíam da casa e se poderia ter arrancado deles o que fizeram. Ele certamente daria pela falta do quadro — com certeza já dera, enquanto servia os utensílios do chá. O biombo não fora recolocado e via-se um espaço vazio na parede. Talvez em uma noite

qualquer ele fosse encontrá-lo arrastando-se para o andar de cima e tentando forçar a porta do quarto. Era terrível ter um espião na própria casa. Já ouvira falar de homens ricos que haviam sido chantageados durante a vida toda por um empregado que tinha lido uma carta, ou ouvido uma conversa, ou pegado um cartão com um endereço, ou encontrado debaixo de um travesseiro uma flor murcha ou um laço amarrotado.

Ele suspirou e, depois de se servir de um pouco de chá, abriu a mensagem de Lord Henry. Dizia simplesmente que ele lhe enviava o jornal da noite e um livro que poderia interessá-lo, e que estaria no clube às oito e quinze. Dorian abriu o *The St. James* languidamente e passou os olhos por ele. Uma marca a lápis vermelho na quinta página chamou sua atenção. Assinalava o seguinte parágrafo:

INQUÉRITO SOBRE UMA ATRIZ — Um inquérito foi realizado nesta manhã na Taverna Bell, na Hoxton Road, pelo sr. Danby, o delegado distrital, acerca do corpo de Sibyl Vane, uma jovem atriz recentemente contratada pelo Royal Theatre, Holborn. Um veredicto de morte por fatalidade foi proferido. Expressou-se solidariedade considerável pela mãe da falecida, muito emocionada durante o seu próprio testemunho, e o do dr. Birrell, que fez a autópsia da falecida.

Ele franziu o cenho e, rasgando o papel ao meio, atravessou a sala e atirou fora os pedaços. Como aquilo tudo era feio! E como a feiura tornava as coisas horivelmente reais! Sentiu-se um pouco incomodado com Lord Henry pelo envio da reportagem. E fora certamente estúpido da parte dele realçá-la com um lápis vermelho. Victor poderia tê-la lido. O homem sabia inglês mais que o suficiente para tanto.

Talvez tivesse lido e começasse a suspeitar de alguma coisa. E no entanto o que isso importava? O que Dorian Gray tinha a ver com a morte de Sibyl Vane? Não havia nada a temer. Dorian Gray não a matara.

Seus olhos caíram sobre o livro amarelo que Lord Henry lhe enviara. O que seria, ele se perguntou. Foi até o pequeno suporte octogonal cor de pérola que sempre lhe parecera um trabalho de estranhas abelhas egípcias fundido em prata e, apanhando o volume, atirou-se em uma poltrona e começou a virar as páginas. Após alguns minutos, estava completamente concentrado. Era o livro mais estranho que havia lido. Parecia-lhe que em um traje primoroso, e ao som delicado de flautas, os pecados do mundo passavam diante dele em

uma exibição muda. Coisas com que ele sonhara vagamente eram de súbito tornadas reais. Coisas com que jamais sonhara eram gradualmente reveladas.

Tratava-se de um romance sem uma trama, e com apenas um personagem, na verdade simplesmente um estudo psicológico sobre certo jovem parisiense que passara a vida procurando concretizar, no século XIX, todas as paixões e modos de pensar que pertenciam a todos os séculos exceto o dele, e reunir em si mesmo os diversos estados de ânimo pelos quais o espírito do mundo um dia passara, amando, pela mera artificialidade, as renúncias que os homens imprudentemente chamaram de virtudes, bem como as rebeldias naturais que os sábios ainda chamavam de pecados. O estilo da escrita era ornamentado e peculiar, ao mesmo tempo vívido e obscuro, cheio de *argot* e arcaísmos, de expressões técnicas e paráfrases elaboradas que caracterizam o trabalho de alguns dos melhores artistas da escola francesa dos simbolistas. Havia nele metáforas monstruosas como orquídeas, igualmente sutis em colorido. A vida dos sentidos era descrita em termos de filosofia mística. Às vezes era difícil saber se o que se lia eram os êxtases espirituais de um santo medieval ou as confissões mórbidas de um pecador moderno. Era um livro venenoso. O odor forte de incenso parecia aderir às suas páginas e perturbar o cérebro. A própria cadência das frases, a sutil monotonia de sua música, cheia de refrões complexos e movimentos elaboradamente repetidos, produziam na mente do rapaz, à medida que ele passava de um capítulo a outro, uma espécie de devaneio, um mal-estar onírico que fez com que ele perdesse a consciência do final do dia e das sombras rasteiras.

Sem nuvens, e pontilhado por uma estrela solitária, um céu acobreado brilhou através das janelas. Ele continuou lendo sob a luz pálida até não mais poder. Em seguida, depois que seu pajem o lembrou várias vezes do adiantado da hora, ele se levantou e, passando para a sala contígua, colocou o livro sobre a pequena mesa florentina que ficava sempre junto de sua cabeceira e começou a se vestir para o jantar.

Eram quase nove horas quando chegou ao clube, onde encontrou Lord Henry sentado sozinho na sala de estar, parecendo muito entediado.

“Sinto muito, Harry”, ele exclamou, “mas a culpa é toda sua. O livro que me mandou me fascinou tanto que eu me esqueci da hora.”

“Sim, imaginei que você fosse gostar”, respondeu o anfitrião, levantando-se da cadeira.

“Eu não disse que gostei, Harry. Disse que me fascinou. Há uma grande diferença.”

“Ah, você descobriu isso?”, murmurou Lord Henry. Eles passaram para a sala de jantar.

Durante anos Dorian Gray não conseguiu se livrar da influência do livro. Ou talvez fosse mais apropriado dizer que ele nunca tentou se livrar dela. Encomendou de Paris nada menos que nove cópias impressas da primeira edição em tamanho grande e as mandou encadernar em cores diferentes, para que se adequassem a seus diversos estados de espírito e aos caprichos mutantes de uma natureza sobre a qual parecia, por vezes, ter perdido completamente o controle. O herói, o magnífico jovem parisiense em quem os temperamentos romântico e científico se mesclavam de modo tão estranho, tornou-se para ele uma espécie de protótipo de si mesmo. E, de fato, o livro todo parecia conter a história de sua própria vida, escrita antes que ele a tivesse vivido.

Em um aspecto ele era mais afortunado que o herói fantástico do romance. Nunca conhecera — nunca na verdade tivera nenhuma razão para conhecer — a aversão, de certa forma grotesca, a espelhos e a superfícies de metal polido e de água parada que se apoderara do jovem parisiense muito cedo em sua vida, ocasionada pela súbita decadência de uma beleza que fora um dia, aparentemente, tão notável. Era com uma alegria quase cruel — e talvez em praticamente toda alegria, mas certamente em todo prazer, a crueldade tem seu lugar — que ele costumava ler a parte final do livro, com a narrativa verdadeiramente trágica, embora um tanto excessiva, da tristeza e do desespero de alguém que perdera o que nos outros, e no mundo, ele mais valorizava.

Pois a maravilhosa beleza que tanto fascinara Basil Hallward, e muitos outros além dele, parecia jamais abandoná-lo. Mesmo quem ouvia as piores coisas ditas contra ele, e de tempos em tempos rumores estranhos sobre seu modo de vida percorriam Londres e se transformavam no grande assunto dos clubes, não acreditava em nada que pudesse desonrá-lo quando o via. Ele tinha sempre a aparência de alguém que se mantivera imaculado ante o mundo. Homens que falavam grosserias silenciavam quando Dorian Gray entrava na sala. Havia algo na pureza de seu rosto que os censurava. Sua mera presença parecia lhes evocar a memória da inocência que haviam manchado. Perguntavam-se como alguém tão encantador e gracioso poderia ter escapado da marca de uma época que era ao mesmo tempo

sórdida e sensual.

Frequentemente, ao voltar para casa de uma das ausências misteriosas e prolongadas, que davam margem a estranhas conjecturas entre os que eram seus amigos, ou que pensavam sê-lo, ele se arrastava para o andar de cima, para o quarto trancado, abria a porta com a chave que não mais largava e se postava, com um espelho, diante do retrato pintado por Basil Hallward, olhando ora para o rosto maléfico e envelhecido na tela, ora para o belo rosto jovem que lhe sorria do vidro polido. A agudeza do contraste costumava intensificar seu sentimento de prazer. Ele se tornou cada vez mais enamorado da própria beleza, cada vez mais interessado na corrupção da própria alma. Examinava com cuidado minucioso, e às vezes com um encantamento monstruoso e terrível, os traços horrendos que marcavam a testa enrugada, ou que se distribuíam em torno da boca pesada, sensual, perguntando-se por vezes o que era mais horrível, os sinais do pecado ou os sinais da idade. Punha as mãos brancas junto das mãos grosseiras e manchadas do quadro e sorria. Zombava do corpo disforme e dos membros decadentes.

Havia momentos, na verdade à noite, em que, deitado insone em seu próprio quarto, delicadamente perfumado, ou no salão sórdido da pequena taverna mal-afamada perto das docas que, sob um nome falso e disfarçado, costumava frequentar, ele pensava na ruína que causara a sua alma, com uma piedade que ganhava ainda mais pungência por ser puramente egoísta. Porém esses momentos eram raros. A curiosidade acerca da vida que Lord Henry havia pela primeira vez lhe despertado, quando estiveram sentados no jardim do amigo, parecia ser cada vez mais gratificante. Quanto mais sabia, mais desejava saber. Tinha apetites loucos que se tornavam mais ávidos à medida que os alimentava.

No entanto, não era exatamente descuidado, ao menos nas relações sociais. Uma ou duas vezes por mês, durante o inverno, e em todas as quartas-feiras à noite durante a temporada, abria para o mundo sua bela residência e contratava os músicos mais celebrados da época para encantar os convidados com as maravilhas de sua arte. Seus pequenos jantares, em cuja organização Lord Henry sempre ajudava, chamavam a atenção tanto pela seleção cuidadosa e acomodação dos convivas quanto pelo excelente gosto exibido na decoração da mesa, com os sutis arranjos sinfônicos de flores exóticas e tecidos bordados e a antiga bandeja de ouro e prata. Na verdade, havia muitos, em especial entre os jovens, que viam — ou imaginavam ver — em Dorian Gray a materialização de um personagem com que muitas vezes sonharam nos dias de Eton ou de Oxford, um personagem que combinava algo da cultura real do estudioso com toda a graça, distinção e os modos

perfeitos de um cidadão do mundo. Para eles, Dorian parecia pertencer ao grupo dos que Dante descreve como tendo procurado “tornar-se perfeitos pela adoração da beleza”. Como Gautier, era alguém para quem “o mundo visível existia”.

E, certamente, para ele a própria Vida era a primeira, a maior das artes, e para ela todas as demais artes não pareciam ser mais que preparo. A moda, pela qual o que é verdadeiramente fantástico se torna por um instante universal, e o dandismo, que à sua maneira é uma tentativa de afirmar a absoluta modernidade da beleza, exerciam naturalmente seu fascínio sobre ele. O modo de vestir e os estilos particulares que de tempos em tempos simulava tinham uma influência marcante sobre os jovens janotas dos bailes de Mayfair e das janelas do clube Pall Mall, que o copiavam em tudo que fazia e buscavam reproduzir o encanto accidental de sua vaidade elegante, embora esta fosse séria apenas em parte.

Porque, apesar de disposto a aceitar a posição que lhe havia sido oferecida quase de imediato quando chegara à idade adulta e encontrara, na verdade, um prazer sutil ante a ideia de que poderia de fato se tornar para a Londres de seu tempo o que para a Roma imperial de Nero o autor de *Satyricon* fora um dia, em sua intimidade mais profunda ele desejava ser algo mais que um mero *arbiter elegantiarum* a ser consultado acerca do uso de uma joia ou do nó de uma gravata, ou sobre como portar uma bengala. Pretendia elaborar um novo projeto de vida, que teria uma filosofia pensada e princípios ordenados, e encontrar na espiritualização dos sentidos sua maior realização.

O culto dos sentidos tem sido com frequência, e com muita justiça, depreciado, e os homens experimentam um instinto natural de terror diante das paixões e sensações que parecem mais fortes que eles e que têm consciência de compartilhar com outras formas de existência menos altamente organizadas. Mas a Dorian Gray parecia que a verdadeira natureza dos sentidos nunca fora compreendida, que haviam permanecido selvagens e animais apenas porque o mundo procurara subjugar-los ou matá-los por meio da dor, em vez de buscar transformá-los em elementos de uma nova espiritualidade, entre os quais um instinto refinado pela beleza seria a característica dominante. Quando voltava o olhar para o movimento do homem através da História, ele era atormentado por um sentimento de perda. Quanto havia sido entregue! E por tão pouco! Houve rejeições loucas e deliberadas, formas monstruosas de autotortura e autonegação, cuja origem era o medo, e cujo resultado era a degradação infinitamente mais terrível que a degradação imaginária da qual, na ignorância, procurava-se escapar. A Natureza, em sua maravilhosa ironia,

expulsava o anacoreta para se alimentar dos animais selvagens do deserto e dava ao eremita os bichos do campo e suas companheiras.

Sim: adviria, como Lord Henry havia profetizado, um novo Hedonismo, que recriaria a vida e a salvaria do puritanismo rígido e inadequado que conhecia em nossos dias seu estranho renascimento. Ele se valeria do intelecto, certamente; porém jamais aceitaria nenhuma teoria ou sistema que envolvesse o sacrifício de qualquer modalidade de experiência passional. Seu objetivo, na verdade, seria a experiência em si, e não seus frutos, fossem eles doces ou amargos. Sobre o ascetismo que amortece os sentidos, bem como o desregramento vulgar que os embota, ele nada saberia. Mas ensinaria aos homens a se concentrar nos momentos da vida que não passam de um momento.

Há poucos entre nós que nunca acordaram antes do amanhecer, depois de uma noite sem sonhos que quase nos torna enamorados da morte, ou de uma noite de horror e alegria distorcida em que, através das câmaras do cérebro, passeiam fantasmas mais terríveis que a própria realidade, e impregnados da vivacidade fulgurante que espregueia em tudo que é grotesco, e que confere à arte gótica sua duradoura vitalidade, sendo essa arte, imaginamos, especialmente a arte daqueles cujas mentes foram perturbadas pelos males do devaneio. Pouco a pouco, dedos brancos penetram pelas cortinas e parecem estremecer. Em formas negras fantásticas, sombras mudas rastejam para os cantos do quarto e lá se encolhem. Fora, existe o adejar de pássaros entre as folhas, ou o ruído de homens a caminho do trabalho, ou o suspiro ou soluço do vento descendo das colinas, vagando em torno da casa silenciosa como se temesse despertar os adormecidos, embora deva chamar o sono em sua caverna purpúrea. Retira-se véu após véu de gaze parda e paulatinamente as formas e cores das coisas lhes são restauradas, e observamos o amanhecer refazendo o mundo em seu antigo feitio. Os espelhos pálidos retomam sua vida mimética. As velas sem chamas estão onde as deixamos, e junto delas está o livro de folhas semiabertas que estudávamos, ou a flor aramada que usamos no baile, ou a carta que tínhamos receio de ler, ou que lemos excessivas vezes. Nada parece mudado. Das sombras irreais da noite ressurge a vida real que conhecemos. Temos de retomá-la onde a deixamos e nos invade um terrível senso de urgência pela continuidade da energia no mesmo circuito de hábitos estereotipados, ou uma nostalgia irrefreável, quem sabe, de que nossas pálpebras pudessem se abrir certa manhã sobre um mundo redesenhado na escuridão para o nosso prazer, um mundo em que as coisas teriam formas e cores novas, modificado, ou que tenha outros segredos, um mundo em que o passado tivesse pouco ou nenhum

lugar, ou que sobrevivesse, fosse como fosse, sem nenhuma forma consciente de obrigação ou arrependimento, em que mesmo a lembrança de felicidade tivesse seu amargor, e as memórias de prazer, sua dor.

Era a criação de mundos como esse que pareciam ser para Dorian Gray o verdadeiro objeto, ou um dos verdadeiros objetos, da vida; e na busca por sensações que deveriam ser a um só tempo novas e prazerosas, e que possuísem o elemento de estranheza tão essencial ao romantismo, ele com frequência adotava certas modalidades de pensamento que sabia serem verdadeiramente estranhas a sua natureza, abandonava-se a suas influências sutis, e então, tendo de fato captado seu caráter e satisfeito sua curiosidade intelectual, deixava-as com uma peculiar indiferença, não compatível com um verdadeiro ardor de temperamento e que na realidade, segundo certos psicólogos modernos, é muitas vezes uma de suas condições.

Certa vez correu o rumor de que ele iria aderir à comunhão católica romana; de fato o ritual romano sempre exercera uma grande atração sobre ele. O sacrifício diário, mais terrível na verdade que todos os sacrifícios do mundo antigo, o excitava tanto pela soberba rejeição à evidência dos sentidos como pela simplicidade primitiva de seus elementos e o eterno páthos da tragédia humana que buscava simbolizar. Ele adorava ajoelhar-se no piso de mármore frio e observar o padre, em seu paramento florido engomado, com as mãos brancas lentamente afastando o véu do tabernáculo ou erguendo a custódia cravejada em forma de lanterna com a água descorada sobre a qual, por vezes, teríamos o prazer de pensar que fosse, de fato, o *panis celestis*, o pão dos anjos, ou, vestido nos trajes da Paixão de Cristo, partindo a hóstia no cálice e golpeando o peito por seus pecados. Os incensários fumegantes, que os meninos sérios, em seus laços e escarlates, agitavam no ar como grandes flores douradas, proporcionavam-lhe um fascínio sutil. Quando saía, ele costumava olhar maravilhado para os confessionários pretos, e ansiava por sentar-se na sombra escura de um deles para escutar homens e mulheres sussurrarem através das treliças gastas a verdadeira história de suas vidas.

Mas ele nunca caiu no erro de reprimir seu desenvolvimento intelectual por alguma aceitação formal de credo ou sistema, ou de confundir uma casa em que se podia viver com uma taverna, adequada somente para passar uma noite, ou algumas horas de uma noite em que não há estrelas e a lua precisa trabalhar duro. O misticismo, com seu maravilhoso poder de tornar as coisas comuns estranhas para nós, e a antinomia sutil que sempre parece acompanhá-lo o emocionavam por uma estação; e durante uma estação ele se

inclinou para as doutrinas materialistas do movimento darwiniano na Alemanha, e encontrou um curioso prazer em localizar os pensamentos e as paixões dos homens em uma célula nacarada no cérebro, ou em um nervo branco do corpo, deliciando-se com a concepção da dependência absoluta do espírito de certas condições físicas, mórbidas ou saudáveis, normais ou doentias. No entanto, como se dizia dele antes, nenhuma teoria sobre a vida lhe parecia ter importância em comparação à vida propriamente dita. Ele tinha uma consciência aguda de como é estéril a especulação intelectual quando separada da ação e do experimento. Sabia que os sentidos, não menos que a alma, têm seus mistérios espirituais a revelar.

Por isso agora estudava perfumes, e os segredos de sua fabricação, destilando óleos fortemente aromatizados e queimando resinas odoríferas do Oriente. Notou que não havia estado mental que não tivesse contrapartida na vida sensual, e se dispôs a descobrir suas verdadeiras relações, perguntando-se o que havia no incenso que levava alguém ao misticismo, e no âmbar gris que ativava as paixões, e nas violetas que despertava a lembrança de romances mortos, e no almíscar que perturbava o cérebro, e na magnólia que marcava a imaginação; e buscava muitas vezes elaborar a real psicologia dos perfumes e calcular as diversas influências das raízes de odor adocicado, e das flores aromáticas carregadas de pólen, de bálsamos aromáticos, e de madeiras escuras e fragrantas, do nardo que nauseia, da hovênia que leva os homens à loucura, e das aloes, supostamente capazes de expulsar a melancolia da alma.

Em outra época ele se dedicou inteiramente à música, e em uma sala comprida guarnecida de treliças, com o teto cinabrinho e dourado e paredes de laca verde-oliva, costumava oferecer curiosos concertos em que ciganos loucos arrancavam melodias selvagens de pequenas cítaras, ou tunisianos sérios com cachecóis amarelos dedilhavam cordas tensas de alaúdes monstruosos, enquanto negros sorridentes batiam monotonamente em tambores de cobre, e acorados em esteiras escarlates indianos magros de turbante sopravam flautas de bambu ou metal, e encantavam, ou fingiam encantar, grandes serpentes encapuzadas e víboras chifrudas horrendas. Os intervalos ásperos e as dissonâncias agudas da música primitiva o excitavam nas horas em que a graça de Schubert, e as belas tristezas de Chopin, e as harmonias poderosas do próprio Beethoven, não estimulavam seus ouvidos. Ele reuniu de todas as partes do mundo os instrumentos mais estranhos que foi capaz de encontrar nos túmulos de nações mortas ou entre as poucas tribos que sobreviveram ao contato com as civilizações ocidentais, e amava tocá-los e experimentá-los. Ele tinha os misteriosos juruparis dos índios do Rio Negro, que as mulheres são

proibidas de ver, e com que mesmo os jovens não podem ter contato antes de serem submetidos ao jejum ou ao açoite, e as jarras de barro dos peruanos que contêm os gritos agudos de pássaros, e flautas de ossos humanos como a que Alfonso de Olvalle ouviu no Chile, e os jaspes verdes sonoros encontrados perto de Cuzco que emitem uma nota de doçura singular. Ele havia pintado cabaças cheias de pedriscos que chocalhavam ao serem sacudidas; o longo *clarin* dos mexicanos, em que o executante não sopra, e sim inala o ar através dele; o *tute* áspero das tribos amazônicas, tocado pelas sentinelas que passam o dia todo sobre árvores altas, e que pode ser ouvido, segundo se diz, a uma distância de três léguas; o *teponaztli*, que tem duas línguas vibratórias de madeira e é golpeado com varas untadas com uma goma elástica obtida do suco leitoso de plantas; os sinos *yotl* dos astecas, pendurados em cachos como uvas; e um enorme tambor cilíndrico, coberto com peles de grandes serpentes, como a que Bernal Diaz viu quando entrou com Cortez em um templo mexicano, e de cujo som triste ele nos deixou uma descrição tão vívida. O caráter fantástico desses instrumentos o fascinava, e ele extraía um prazer estranho da ideia de que a Arte, como a Natureza, tinha seus monstros, coisas de formas bestiais e vozes horrendas. Porém, depois de algum tempo, cansava-se deles, sentava-se em seu camarote na ópera, sozinho ou com Lord Henry, e escutava Tanhauser com um prazer enlevado. Via no prelúdio àquela grande obra de arte uma representação da tragédia de sua própria alma.

Em uma ocasião ele se dedicou ao estudo de joias e apareceu em um baile a fantasia como Anne de Joyeuse, almirante da França, em um traje coberto com quinhentas e sessenta pérolas. Esse gosto o cativou durante anos e, na verdade, pode-se dizer que nunca o deixou. Ele muitas vezes passava todo um dia arranjando e rearranjando em suas caixas as diversas pedras que havia colecionado, como o crisoberilo verde-oliva, que se torna vermelho sob a luz, o cimofânio com sua linha aramada de prata, o peridoto cor de pistache, os topázios rosados como a flor e amarelos como as vinhas, carbúnculos escarlates como fogo com estrelas trêmulas de quatro pontas, essonitas vermelhas como chamas, espinélios cor de laranja e violeta, e ametistas com as camadas alternadas de rubi e safira. Ele amava o dourado vermelho da pedra do sol, e a brancura perolada da pedra da lua, e o arco-íris partido da opalina leitosa. Encomendou de Amsterdã três esmeraldas de tamanho extraordinário e riqueza de cor, e tinha uma turquesa *de la vieille tache* que fazia a inveja de todos os especialistas.

Descobriu também histórias maravilhosas sobre joias. Na *Clericalis Disciplina* de Alphonso havia menção a uma serpente com olhos de

jacinto verdadeiro, e na história romântica de Alexandre contava-se que o Conquistador de Emathia tinha encontrado no vale do Jordão cobras “com correntes de esmeraldas verdadeiras crescendo em suas costas”. Havia uma gema no cérebro do dragão, Filostrato nos contou, e “ante a exibição de letras douradas e uma túnica escarlata” o monstro podia ser induzido a um sono mágico e assassinado. Segundo o grande alquimista Pierre de Boniface, o diamante tornava um homem invisível, e a ágata da Índia o tornava eloquente. A cornalina aplacava a ira, e o zircão provocava o sono, e a ametista afastava os vapores do vinho. A granada espantava demônios, e o hidrópico desapossava a lua de sua cor. A selenita crescia e desaparecia com a lua, e o meloceus, que descobria ladrões, podia ser afetado somente pelo sangue de crianças. Leonardus Camillus tinha visto uma pedra branca retirada do cérebro de uma rã recém-morta que era um antídoto seguro contra veneno. O bezoar encontrado no coração do veado árabe era um talismã que podia curar a peste. Nos ninhos de pássaros árabes havia o aspilates, que segundo Demócrito protegia o usuário do perigo do fogo.

O rei do Ceilão percorreu a cidade com um grande rubi nas mãos em sua cerimônia de coroação. Os portões do palácio de João Batista eram “feitos de cornalina com entalhes do chifre da cobra chifruda, de modo que ninguém poderia entrar com veneno”. Sobre o espigão existiam “duas maçãs douradas, em que havia dois carbúnculos”, para que o dourado brilhasse de dia e os carbúnculos à noite. No estranho romance *A Margarite of America* de Lodge afirmava-se que no aposento da rainha viam-se “todas as damas castas do mundo, esculpidas em prata, olhando através de espelhos límpidos de crisólitos, carbúnculos, safiras e esmeraldas verdes”. Marco Polo vira os habitantes do Japão depositando pérolas cor-de-rosa nas bocas dos mortos. Um monstro marinho havia se enamorado da pérola que o mergulhador levava ao rei Peorzes, e matara o ladrão, e pranteara a perda durante nove luas. Quando os hunos atraíram o rei para o grande fosso de serpentes, ele o arremessou para longe — Procópio conta a história — e nunca mais foi encontrado, embora o imperador Anastácio oferecesse quinhentas peças de ouro por ele. O rei de Malabar havia mostrado a certo veneziano um rosário de trezentas e quatro pérolas, uma para cada deus que venerava.

Quando o duque de Valentinois, filho de Alexandre VI, visitou Luís XII da França, seu cavalo estava carregado de folhas de ouro, segundo Brantôme, e seu barrete tinha fileiras duplas de rubis que emitiam uma luz esverdeada. Carlos da Inglaterra cavalgava em estribos dos quais pendiam quatrocentos e vinte e um diamantes. Ricardo II tinha uma capa, avaliada em trinta mil marcos, coberta de rubis rosados.

Hall descreveu Henrique VIII a caminho da Torre antes da coroação usando “uma jaqueta de ouro em relevo, com o frontão bordado com diamantes e outras pedras valiosas, e um grande colar em volta do pescoço de grandes espinelas”. Os preferidos de Jaime I eram brincos de esmeraldas engastadas em filigranas de ouro. Eduardo II deu a Piers Gaveston uma armadura cravejada de jacintos, uma corrente de rosas de ouro decoradas de turquesas e um solidéu *parsemé* de pérolas. Henrique II usava luvas cravejadas de joias que chegavam aos cotovelos, e tinha uma luva de falcoaria bordada com doze rubis e cinquenta e duas grandes pérolas. Do chapéu ducal de Carlos o Audaz, o último duque de Borgonha de sua linhagem, pendiam pérolas em forma de peras, e era cravejado de safiras.

Como a vida fora extraordinária um dia! Como era deslumbrante em sua pompa e ornamentação! Apenas ler sobre o luxo dos mortos já era maravilhoso.

Em seguida voltou a atenção para bordados, e para as tapeçarias que cumpriam o papel de afrescos nas salas geladas das nações do norte da Europa. À medida que investigava o tema — e ele sempre tinha uma capacidade extraordinária de ficar completamente absorvido em qualquer coisa que o interessasse —, ele se sentia quase entristecido pelo reflexo da ruína que o Tempo causava nas coisas belas e maravilhosas. Fosse como fosse, ele escapara disso. Verões se sucederam, e os junquinhos amarelos floresceram e morreram muitas vezes, e noites de terror repetiram a história de sua vergonha, mas ele não se modificava. Não havia inverno que marcasse seu rosto ou que manchasse sua florescência. Como eram diferentes as coisas materiais! Para onde tinham ido? Onde estava a grande túnica cor de açafão em que os deuses lutaram contra os gigantes, trabalhada por meninas crescidas para o deleite de Atena? Onde estava o grande toldo que Nero estendera sobre o Coliseu de Roma, a vela titânica purpúrea em que estava representado o céu estrelado, com Apolo conduzindo uma carruagem puxada por corcéis brancos com rédeas douradas? Ele ansiava por ver as estranhas toalhas de mesa feitas para o sacerdote do Sol, em que estavam representadas todas as iguarias e gulodices que alguém poderia desejar para um festejo; a mortalha do rei Chilperic, com as trezentas abelhas douradas; as fantásticas túnicas que despertaram a indignação do bispo de Pontus, decoradas com “leões, panteras, ursos, cães, florestas, rochas, caçadores — tudo, na verdade, que um pintor poderia copiar da natureza”; e a capa que Carlos de Orleans um dia usara, em cujas mangas estavam bordados os versos de uma canção que começava com a frase “*Madame, je suis tout joyeux*”, com o acompanhamento musical trabalhado em fios de ouro, e, cada nota, de forma quadriculada naqueles dias, feita de quatro

pérolas. Ele leu sobre o quarto preparado no palácio de Rheims para uso da rainha Joana de Borgonha, decorado com “mil trezentos e vinte e um papagaios bordados, e com o brasão de armas do rei, e quinhentos e sessenta e uma borboletas, cujas asas estavam igualmente ornadas com as armas da rainha, tudo trabalhado em ouro”. Catarina de Médici tinha uma cama para o luto de veludo preto polvilhado de crescentes e sóis. As cortinas eram de damasco, com grinaldas e coroas, desenhadas sobre um fundo de ouro e prata, e franjada nas barras por bordados de pérolas, em uma sala em que pendiam fileiras de utensílios da rainha em veludo preto recortado sobre um tecido de prata. Luís XIV tinha cariátides bordadas em ouro até a altura de cinco metros em seus aposentos. A cama oficial de Sobieski, rei da Polônia, era feita de brocado dourado de Esmirna, bordado com turquesas, com versos do Alcorão. Os pés eram de folhas de prata, lindamente entalhadas, e abundantemente decoradas com medalhões esmaltados e cravejados de joias. Fora trazida do acampamento turco diante de Viena, e o estandarte de Maomé ficava sob o dourado trêmulo do dossel.

E assim, durante todo um ano, ele procurou acumular os espécimes mais extraordinários que pôde encontrar de trabalhos em tecidos e bordados, adquirindo as musselinas delicadas de Délhi, finamente trabalhadas com espalmados de fios dourados e cerzidas com asas iridescentes de besouros; as gazes de Dacca, que pela transparência são conhecidas no Oriente como “ar tecido”, e “água corrente” e “orvalho da noite”; estranhos tecidos estampados de Java; tapeçarias amarelas chinesas elaboradas; livros encadernados em cetins fulvos ou sedas azul-claras, trabalhados com *fleurs de lys*, pássaros e imagens; véus de *lacis* trabalhados em ponto húngaro; brocados sicilianos e resistentes veludos espanhóis; bordados georgianos com suas moedas douradas e *foukousas* japoneses com seus dourados matizados de verde e seus pássaros de plumagens maravilhosas.

Ele tinha também uma paixão especial por trajes eclesiásticos, assim como por tudo que se relacionasse ao ritual da Igreja. Nas longas arcas de cedro dispostas na galeria ocidental de sua casa, guardara muitos espécimes raros e belos do que é de fato o vestuário da Noiva de Cristo, que deve usar púrpura e joias e linho fino para esconder o corpo pálido e macerado, desgastado pelo sofrimento a que ela almeja e ferido pela dor autoinfligida. Ele possuía uma veste sacerdotal magnífica de seda escarlata e damasco de fios dourados, com desenhos que repetiam um padrão de romãs douradas dispostas sobre botões formais de flores de seis pétalas, junto dos quais, a cada lado, se achava o ananás trabalhado em pérolas pequenas. As casulas eram divididas em anéis que figuravam cenas da vida da Virgem, e a

coroação da Virgem era representada em sedas coloridas no capuz. Era um trabalho italiano do século xv. Outra veste era de veludo verde, bordada com grupos em forma de coração de folhas de acanto, de que se espalhavam flores brancas de cabos longos, cujos detalhes eram realçados por fios prateados e cristais coloridos. A fivela exibia a cabeça de um serafim em um bordado em relevo com fios dourados. As casulas eram tecidas com ornamentos em seda vermelha e dourada, salpicados de medalhões de santos e mártires, entre os quais são Sebastião. Tinha também casulas de seda cor de âmbar, e seda azul e brocado dourado, e damasco de seda amarela e tecido dourado, desenhado com representações da Paixão e da Crucificação de Cristo, e bordado com leões e pavões e outros emblemas; dalmáticas de cetim branco e damasco de seda rosa, decoradas com tulipas e golfinhos e *fleurs de lys*; frontões de altar de veludo escarlate e linho azul; e muitas toalhas de altar, e véus de cálices e sudários. Nos rituais místicos em que tais objetos eram usados, havia algo que excitava sua imaginação.

Pois esses tesouros e tudo que ele colecionava em sua linda casa eram para ele meios de esquecer, modos pelos quais podia escapar, por uma estação, do medo que por vezes lhe parecia grande demais para suportar. Nas paredes do quarto solitário e trancado onde ele passara tanto de sua meninice, havia pendurado com as próprias mãos o retrato terrível cujas feições mutantes lhe mostravam a verdadeira degradação de sua vida, e diante dele tinha disposto a mortalha como uma cortina. Durante semanas não subia lá, esquecia da pintura horrenda, e recobrava o coração leve, a jovialidade maravilhosa, a imersão apaixonada na simples existência. Em seguida, de súbito, à noite escapulia de casa, descia a lugares terríveis perto de Blue Gate Fields, e lá ficava, dia após dia, até ser expulso. Ao voltar se sentava diante do quadro, volta e meia odiando o retrato e a si mesmo, outras vezes porém cheio do orgulho do individualismo que representa metade do fascínio do pecado, e sorria, com um prazer secreto, ante a sombra disforme que suportava a carga que deveria ser a dele.

Depois de alguns anos, não tolerava ficar muito tempo fora da Inglaterra e devolveu a mansão que compartilhava em Trouville com Lord Henry, bem como a pequena casa branca e murada em Argel onde eles mais de uma vez passaram o inverno. Detestava se separar do quadro, que se tornara uma parte importante de sua vida, e também receava que durante sua ausência alguém tivesse acesso ao quarto, a despeito das barras trabalhadas que mandara colocar na porta.

Tinha consciência de que aquilo não diria nada a ninguém. Era verdade que o retrato preservava, sob a torpeza e a feiura do rosto,

sua marcada semelhança com ele. Mas o que se poderia deduzir a partir disso? Ele ria de qualquer um que tentasse ironizá-lo. Ele não o tinha pintado. O que tinha a ver com aquela aparência vil e envergonhada? Ainda que contasse, alguém acreditaria?

No entanto, ele tinha medo. Algumas vezes, quando estava em sua grande casa em Nottinghamshire, recebendo os jovens bem relacionados de sua própria estirpe que eram sua principal companhia e surpreendendo o condado com o luxo devasso e o esplendor deslumbrante de seu modo de vida, ele de súbito largava os convidados e corria de volta à cidade para ver se ninguém havia mexido na porta e se o quadro estava lá. E se fosse roubado? O simples pensamento o deixava gélido de horror. Nesse caso, o mundo certamente saberia de seu segredo. Talvez o mundo já suspeitasse dele.

Porque, embora fascinasse muitos, não eram poucos os que desconfiavam dele. Quase fora excluído de um clube no West End ao qual sua origem e posição social lhe davam o direito de pertencer, e certa vez em que ele fora levado por um amigo ao fumatório do Churchill contou-se que o duque de Berwick e um outro cavalheiro se levantaram acintosamente e saíram. Histórias estranhas sobre ele se tornaram comuns depois que completou o vigésimo quinto aniversário. Corria o rumor de que fora visto falando alto com marinheiros estrangeiros em um pardieiro vulgar nas regiões mais distantes de Whitechapel, e que se associara a ladrões e moedeiros e conhecia seus ofícios. Suas inexplicáveis ausências se tornaram notórias, e quando reaparecia na sociedade homens cochichavam entre si pelos cantos, como se estivessem determinados a descobrir seu segredo.

De tais insolências e tentativas de desprezo ele naturalmente não tomava conhecimento, e na opinião da maioria das pessoas seu comportamento franco e cortês, seu encantador sorriso de menino e a infinita graça da maravilhosa juventude que nunca parecia deixá-lo eram por si sós resposta suficiente às calúnias, pois assim eram chamadas as palavras que circulavam sobre ele. Observava-se, porém, que alguns dos que lhe eram mais íntimos pareciam, passado algum tempo, descartá-lo. Mulheres que o adoraram loucamente, e que por ele enfrentaram toda a censura social e desafiaram as convenções, empalideciam de vergonha e horror quando Dorian Gray entrava na sala.

No entanto, esses escândalos sussurrados apenas intensificavam aos olhos de muitos seu estranho e perigoso encanto. Sua grande fortuna era um elemento garantidor de segurança. A sociedade, a sociedade civilizada ao menos, nunca está pronta para acreditar em algo em

detrimento dos que são ricos e fascinantes. Ela acredita por instinto que os modos são mais importantes que a moral, e em sua opinião a mais alta respeitabilidade vale muito menos que a posse de um bom *chef*. E, afinal de contas, não é exatamente um consolo dizer que o homem que ofereceu um jantar ruim, ou um vinho de má qualidade, é irrepreensível na vida privada. Nem mesmo todas as virtudes cardeais compensam *entrées* meio frias, como dissera uma vez Lord Henry, em uma discussão sobre o assunto; e, possivelmente, seu ponto de vista é bastante defensável. Pois os cânones da boa sociedade são, ou deveriam ser, os mesmos da arte. A forma é essencial. Devem ter a dignidade de uma cerimônia, bem como sua irrerealidade, e devem combinar o caráter insincero de uma peça romântica com a sagacidade e beleza que fazem com que tais peças nos encantem. Seria a insinceridade tão terrível? Penso que não. Ela é simplesmente um método pelo qual podemos multiplicar as nossas personalidades.

Seja como for, essa era a opinião de Dorian Gray. Ele costumava se surpreender com a psicologia rasa dos que concebiam o Ego no homem como algo simples, permanente, confiável e restrito a uma única essência. Para ele o homem era um ser com uma miríade de vidas e uma miríade de sensações, uma criatura multiforme e complexa que portava dentro de si legados peculiares de pensamento e paixão, e cuja própria carne era marcada pelos males monstruosos dos mortos. Ele adorava passear pela galeria de quadros desolada e fria de sua casa de campo e olhar para os diversos retratos daqueles cujo sangue fluía em suas veias. Havia Philip Herbert, descrito por Francis Osborne em suas *Memórias dos reinados da rainha Elisabeth e do rei James* como alguém “afagado pela Corte pelo seu belo rosto, que não lhe fez companhia por muito tempo”. Seria a vida do jovem Herbert que ele às vezes levava? Haveria um germe venenoso passado de corpo em corpo até chegar ao dele? Teria sido um sentimento opaco daquela graça arruinada que o fizera tão de repente, quase sem razão, proferir, no ateliê de Basil Hallward, a reza louca que tanto transformara sua vida? Lá, em um doblete vermelho bordado de ouro, em um sobretudo cravejado de joias e uma gola franzida e punhos de pontas douradas, estava Sir Anthony Sherard, com a armadura prateada e preta deposta a seus pés. Qual fora o legado daquele homem? Havia o amante de Giovanna de Nápoles deixado para ele uma herança de pecado e vergonha? Eram suas próprias ações apenas os sonhos que o falecido não ousara realizar? Lá da tela descorada, sorria Lady Elisabeth Devereux, com chapéu de gaze, corpete de pérolas e mangas bufantes cor-de-rosa. Tinha uma flor na mão direita, e a esquerda agarrava uma corrente esmaltada de rosas brancas e adamascadas. Sobre uma mesa a seu lado havia um alaúde e uma

maçã. Sobre seus pequenos sapatos pontudos havia grandes rosetas verdes. Ele conhecia sua vida e as estranhas histórias que se contavam sobre seus amantes. Havia nele algo de seu temperamento? Os olhos ovais com pálpebras pesadas pareciam olhá-lo com curiosidade. E George Willoughby, com o cabelo empoado e manchas inacreditáveis na pele? Como parecia mau! O rosto era saturado e escuro, e os lábios sensuais pareciam retorcidos de desdém. Tufos de renda delicados caíam sobre as mãos magras amarelas sobrecarregadas de anéis. Ele havia sido um afetado da moda do século XVIII, e amigo na juventude de Lord Ferrars. E o segundo Lord Beckenham, companheiro do Príncipe Regente em seus dias mais insanos, e uma das testemunhas do casamento secreto com a sra. Fitzherbert? Como era orgulhoso e atraente, com os cachos castanhos e a pose insolente! A que paixões teria se entregado? O mundo o tivera como infame. Ele comandara as orgias na Carlton House. A Estrela do Garter brilhava em seu peito. Junto dele pendia o retrato da esposa, uma mulher pálida, de lábios finos, vestida de preto. O sangue dela também corria nele. Como tudo parecia estranho! E a mãe dele com o rosto de Lady Hamilton, e os lábios úmidos, molhados de vinho — ele sabia o que tinha dela. Tinha dela a beleza, e a paixão pela beleza dos outros. Ela ria dele no vestido largo de Bacante. Havia folhas de videira em seus cabelos. O púrpura se derramava da xícara que ela segurava. Os cravos do quadro murcharam, mas os olhos ainda eram lindos em sua profundidade e seu brilho colorido. Pareciam segui-lo aonde quer que fosse.

No entanto, temos ancestrais na literatura, bem como na linhagem, mais próximos talvez em tipo e temperamento, muitos deles, e certamente com uma influência da qual somos bem mais conscientes. Havia vezes em que parecia a Dorian Gray que a história toda era meramente o registro de sua própria vida, não como ele a vivera em ato e circunstância, mas como sua imaginação a criara para ele, como estivera em seu cérebro e em suas paixões. Sentia que as conhecera todas, as figuras estranhas terríveis que passaram pelo palco do mundo e tornaram o pecado maravilhoso e o mal cheio de sutileza. Parecia-lhe que de uma forma misteriosa as vidas deles foram a sua própria vida.

O herói do romance extraordinário que tanto influenciara sua vida tinha, ele próprio, a estranha fantasia. No sétimo capítulo ele conta como, coroado de lauréis para que um relâmpago não o atingisse, sentara-se como Tibério em um jardim em Capri, lendo os livros obscenos de Elephantis, enquanto anões e pavões o rodeavam pomposos e o flautista zombava de quem sacudia o incensário; e, como Calígula, havia farreado com jóqueis de camisas verdes nos estábulos e jantado em uma manjedoura de marfim com um cavalo de

fronte cravejada de joias; e, como Domiciano, havia vagado por um corredor forrado de espelhos de mármore, olhando em redor com olhos ávidos em busca do reflexo do punhal que daria um fim a seus dias, e enojado do tédio, o terrível *taedium vitae*, que atinge aqueles a quem a vida não nega nada; e tinha espiado através de uma esmeralda transparente as ruínas vermelhas do Circo, e depois, em uma liteira de pérolas e púrpuras puxada por mulas com ferraduras de prata, fora carregado pela Rua das Romãs à Casa de Ouro, e ouvira homens gritando para Nero César quando ele passava; e, como Heliogábalo, pintara o rosto de várias cores, e assediava as mulheres, e trouxera a Lua de Cartago e a dera em casamento místico ao Sol.

Repetidas vezes Dorian costumava ler o capítulo fantástico, e os capítulos seguintes, em que, como em certas tapeçarias estranhas ou esmaltes trabalhados com destreza, figuravam as formas terríveis e belas dos que o Vício e o Sangue e o Cansaço tornaram monstruosos ou loucos: Filippo, duque de Milão que assassinara a esposa e pintara os lábios dela com um veneno escarlata para que o amante aspirasse a morte da matéria morta que afagava; Pietro Barbi, o veneziano, conhecido como Paulo Segundo, que buscava em sua vaidade assumir o título de Formosus, e cuja tiara, avaliada em duzentos mil florins, havia sido comprada ao preço de um pecado terrível; Gian Maria Visconti, que usava mastins para perseguir homens vivos, e cujo corpo assassinado fora coberto de rosas por uma prostituta que o amava; Bórgia em seu cavalo branco, tendo o Fratricida cavalgando a seu lado, com a capa manchada pelo sangue de Perotto; Pietro Riario, o jovem cardeal arcebispo de Florença, filho e subordinado de Sixto IV, cuja beleza era igualada somente por sua devassidão, e que recebera Leonora de Aragão em um pavilhão de seda branca e escarlata, cheio de ninfas e centauros, e um menino dourado que serviria na festa de Ganimedes ou Hylas; Ezzelin, cuja melancolia podia ser curada somente pelo espetáculo da morte e que tinha uma paixão por sangue vermelho, como outros têm por vinho tinto — filho do Demônio, como se contava, que tinha enganado o pai nos dados quando jogava com ele pela própria alma; Giambattista Cibo, que em zombaria assumira o nome de Inocência, e em cujas veias entorpecidas um médico judeu infundira o sangue de três rapazes; Sigismondo Malatesta, amante de Isotta e senhor de Rimini, cuja efígie fora queimada em Roma como inimiga de Deus e do homem, que estrangulara Polissena com um guardanapo e dera veneno a Ginevra d'Este em uma xícara de esmeraldas, e em homenagem a uma paixão vergonhosa construíra uma igreja pagã para o culto cristão; Carlos VI, que adorava a esposa do irmão tão loucamente que um leproso o advertira sobre a demência que o acometeria, e que, quando seu

cérebro se adoentou e se tornou estranho, podia ser consolado somente por cartas Saracenas pintadas com imagens do Amor e da Morte e da Loucura; e em seu gibão enfeitado e o gorro cravejado de joias e cachos como acantos, Grifonetto Baglioni, que matara Astorre com a noiva, e Simonetto com o pajem, e cuja graça era tal que quando jazia morrendo na praça amarela de Perugia os que o odiavam não podiam fazer nada a não ser chorar, e Atalanta, que o amaldiçoara, o abençoou.

Todos lhe exerciam um fascínio terrível. Ele os via de noite, e tinha sua imaginação perturbada por eles de dia. A Renascença conhecia modos estranhos de envenenamento — envenenamento por meio de um capacete e uma tocha acesa, por meio de uma luva bordada e um leque cravejado de joias, por meio de uma caixinha de perfumes dourada e uma corrente de âmbar. Dorian Gray fora envenenado por um livro. Havia momentos em que ele encarava o mal simplesmente como uma maneira pela qual poderia realizar sua concepção de beleza.

Aconteceu no dia 9 de novembro, véspera de seu trigésimo oitavo aniversário, como ele muitas vezes lembrou depois.

Estava voltando para casa por volta de onze horas, depois de ter jantado com Lord Henry, e vinha enrolado em peles pesadas, porque a noite era fria e nevoenta. Na esquina da Grosvenor Square com a South Adley Street, um homem passou por ele na neblina, andando muito depressa, com a gola do sobretudo cinza levantada. Tinha uma sacola na mão. Dorian o reconheceu. Era Basil Hallward. Um sentimento estranho de medo, cuja causa ele desconhecia, o assaltou. Não fez nenhum sinal de que o reconheceria e seguiu adiante rapidamente, na direção de sua casa.

Entretanto, Hallward o vira. Dorian o ouviu primeiro parar na calçada e depois correr atrás dele. Em alguns instantes a mão de Hallward segurava seu braço.

“Dorian! Que sorte! Estava esperando por você em sua biblioteca desde as nove horas. Por fim senti pena de seu exausto criado e enquanto ele me acompanhava até a saída mandei que fosse dormir. Embarco para Paris no trem da meia-noite e gostaria muito de vê-lo antes de partir. Pensei que fosse você, ou melhor, o seu casaco de pele, quando passou por mim. Mas não tive certeza. Você não me reconheceu?”

“Nessa neblina, meu caro Basil? Ora, não consigo nem reconhecer a Grosvenor Square. Acho que a minha casa fica naquela direção, mas não tenho certeza. Sinto muito que esteja de partida, pois não o vejo há muito tempo. Mas imagino que estará de volta logo?”

“Não, vou ficar fora da Inglaterra por seis meses. Pretendo montar um ateliê em Paris e me trancar nele até terminar um grande quadro que tenho na cabeça. Entretanto, não era sobre mim que eu queria falar. Estamos na porta da sua casa. Deixe-me entrar por um instante. Tenho algo a lhe dizer.”

“Ficaria encantado. Mas você não vai perder o trem?”, disse Dorian Gray languidamente, enquanto subia os degraus e abria a porta com a chave.

A luz do poste atravessava com dificuldade a neblina, e Hallward olhou para o relógio. “Tenho tempo de sobra”, ele respondeu. “O trem não sai antes de meia-noite e quinze, e ainda são onze horas. Na

verdade, estava a caminho do clube para procurá-lo quando o encontrei. Como você pode ver, não vou me atrasar por conta da bagagem, pois despachei as coisas mais pesadas. Tudo que tenho comigo é esta maleta e posso chegar à Victoria com facilidade em vinte minutos.”

Dorian olhou para ele e sorriu. “Que modo de viajar para um pintor tão celebrado! Uma maleta Gladstone e um sobretudo! Entre, ou a neblina vai invadir a casa. E cuidado para não falar nada sério. Nada é sério hoje em dia. Ao menos nada deveria ser.”

Hallward balançou a cabeça enquanto entrava e seguiu Dorian até a biblioteca. Um fogo de lenha brilhante ardia na grande lareira aberta. As luzes estavam acesas e havia um grande recipiente holandês de destilado, com alguns sifões de água gaseificada e grandes copos de vidro, sobre uma pequena mesa marchetada.

“Como você pode ver, o seu empregado fez com que me sentisse em casa, Dorian. Ele me deu tudo que eu queria, incluindo seus melhores cigarros de ponta dourada. É uma criatura muito hospitaleira. Gosto bem mais dele do que do francês que você tinha. O que aconteceu com o francês, por falar nisso?”

Dorian deu de ombros. “Acho que se casou com a empregada de Lady Radley e fez com que ela se estabelecesse em Paris como uma costureira inglesa. A *anglomania* está muito na moda por lá hoje em dia, segundo me contaram. Parece estúpido da parte dos franceses, não? Mas... quer saber?... ele não era mau funcionário. Nunca gostei dele, mas nunca tive do que me queixar. Sempre imaginamos coisas absurdas. Ele era de fato bastante dedicado a mim, e parecia bem triste quando foi embora. Quer outro brandy com soda? Ou prefere vinho branco com água gasosa? Eu sempre tomo. Deve haver um pouco na sala ao lado.”

“Obrigado, não vou tomar mais nada”, disse o pintor, tirando o gorro e o sobretudo e atirando-os sobre a maleta, que havia posto em um canto. “E agora, meu caro amigo, quero lhe falar seriamente. Não faça essa careta. Você faz a coisa ficar muito mais difícil para mim.”

“De que se trata?”, perguntou Dorian a seu modo petulante, atirando-se no sofá. “Espero que não seja sobre mim. Estou cansado de mim mesmo esta noite. Gostaria de ser outra pessoa.”

“É sobre você”, respondeu Hallward, com a voz grave, profunda, “e preciso dizer isto a você. Vou lhe tomar somente meia hora do seu tempo.”

Dorian suspirou e acendeu um cigarro. “Meia hora”, murmurou.

“Não é pedir muito, Dorian, e falo inteiramente em seu interesse. Acho bom que saiba das coisas horríveis que dizem de você em Londres.”

“Não quero saber de nada sobre isso. Adoro escândalos sobre outras pessoas, mas escândalos a meu respeito não me interessam. Não têm o encanto da novidade.”

“Eles deveriam interessá-lo, Dorian. Todo cavalheiro se interessa pelo seu bom nome. Não deve querer que as pessoas falem sobre você como de algo vil e degradado. É claro que você tem a sua posição e a sua fortuna, essas coisas todas. Mas posição e fortuna não são tudo. Saiba que eu não acredito nem um pouco nos rumores. Ao menos, não consigo acreditar neles quando vejo você. O pecado é algo que se inscreve no rosto da pessoa. Não pode ser ocultado. Muitas vezes se fala em vícios secretos. Essas coisas não existem. Se um homem miserável tem um vício, ele se mostra nas linhas da boca, no abatimento das pálpebras, no próprio formato das mãos. Alguém — não vou mencionar o nome, mas você o conhece — me procurou no ano passado para que eu pintasse seu retrato. Nunca o tinha visto antes, e nunca tinha ouvido nada sobre ele à época, embora tenha ouvido bastante desde então. Ele me ofereceu um pagamento extravagante. Eu o recusei. Havia algo no formato de seus dedos que eu detestava. Sei agora que estava certo no que imaginei sobre ele. A vida dele é terrível. Mas você, Dorian, com seu rosto puro, luminoso, inocente, e sua juventude maravilhosa e intocada — não consigo acreditar em nada do que dizem contra você. E no entanto eu o vejo muito pouco, e você nunca mais aparece no ateliê, e quando estou distante e ouço todas as coisas horrendas que as pessoas cochicham sobre você, não sei o que dizer. Por que, Dorian, um homem como o duque de Berwick abandona a sala do clube quando você entra? Por que tantos cavalheiros em Londres não frequentam a sua casa nem o convidam à casa deles? Você era amigo de Lord Staveley. Eu o encontrei num jantar na semana passada. O seu nome surgiu na conversa, as miniaturas que você emprestou para a exposição no Dudley. Staveley curvou o lábio e disse que você podia ter o mais artístico dos gostos, mas era um homem que nenhuma garota de mente pura deveria conhecer e com quem nenhuma mulher casta deveria compartilhar uma sala. Eu o lembrei de que era seu amigo, e lhe perguntei o que ele queria dizer. Ele me contou. Contou diante de todos. Foi horrível! Por que a sua amizade é fatal para os jovens? Houve aquele menino infeliz da Guarda que se suicidou. Você era seu grande amigo. Sir Henry Ashton teve de sair da Inglaterra com o nome manchado. Você e ele eram inseparáveis. E Adrian Singleton e seu fim terrível? E o único filho de Lord Kent e a sua carreira? Encontrei o pai dele ontem na St. James Street. Parecia alquebrado de vergonha e tristeza. E o jovem duque de Perth? Que espécie de vida tem agora? Que cavalheiro se relacionaria com ele?”

“Pare, Basil. Você está falando de coisas das quais não sabe nada”, interrompeu Dorian Gray, mordendo o lábio, com um traço de desprezo infinito na voz. “Você me pergunta por que Berwick sai da sala quando eu entro. É porque sei tudo sobre a vida dele, e não porque ele sabe de alguma coisa sobre a minha. Com o sangue que tem nas veias, como poderia o passado dele ser limpo? Você me pergunta sobre Henry Ashton e o jovem Perth. Será que eu ensinei a um deles os vícios e ao outro a devassidão? Se o filho idiota de Kent arranhou sua esposa na rua, o que eu tenho com isso? Se Adrian Singleton falsificou a assinatura do amigo em uma conta, sou eu que tenho de impedi-lo? Eu sei como as pessoas são tagarelas na Inglaterra. A classe média propaga os preconceitos morais nas mesas de jantar mais vulgares e sussurra sobre o que chama de extravagâncias dos privilegiados, para ensaiar e fazer de conta que está em companhia inteligente e tem intimidade com as pessoas que calunia. Neste país basta alguém ser ilustre e ter cérebro para que todas as línguas vulgares se agitem contra ele. E que espécie de vida leva a gente que afirma ter moral? Meu caro amigo, você se esquece de que estamos na terra natal da hipocrisia.”

“Dorian”, exclamou Hallward, “essa não é a questão. A Inglaterra é bem ruim, eu sei, e a sociedade inglesa é um completo equívoco. É por isso que eu quero que você seja correto. E você não tem sido. Temos o direito de julgar um homem pelo efeito que ele tem sobre seus amigos. Os seus parecem perder todo o senso de honra, de bondade, de pureza. Você incutiu neles uma obsessão pelo prazer. Eles caíram nas profundezas. Você os conduziu. Sim, você os conduziu, e no entanto consegue sorrir, como está sorrindo agora. E por trás disso há algo ainda pior. Sei que você e Harry são inseparáveis. Por essa razão, certamente, ainda que por nenhuma outra, você não deveria transformar o nome da irmã dele em uma palavra pejorativa.”

“Cuidado, Basil. Você está indo longe demais.”

“Eu preciso falar e você precisa ouvir. E vai ouvir. Quando você encontrou Lady Gwendolen, não havia nem uma sombra de escândalo ligado a ela. E hoje existe uma única mulher decente em Londres que iria com ela ao Parque? Ora, nem mesmo seus filhos podem morar com ela. E há outras histórias — histórias em que você foi visto saindo de manhã cedo de casas terríveis e entrando furtivamente disfarçado nos covis mais sujos de Londres. São verdadeiras? Podem ser verdadeiras? Quando as ouvi pela primeira vez, eu ri. Quando as ouço agora, elas me fazem estremecer. E a casa de campo, e a vida que se leva por lá? Dorian, você não sabe o que andam falando. Não estou dizendo que não quero lhe pregar um sermão. Eu me lembro do que Harry disse uma vez, que todo homem que se transforma em uma

espécie de padre amador em dado momento sempre começa dizendo isso, e depois não cumpre a palavra. Eu quero lhe pregar um sermão. Quero que você leve uma vida que faça com que o mundo o respeite. Quero que tenha um nome limpo, para que seja bem lembrado. Quero que se livre das pessoas horríveis com quem se relaciona. Não dê de ombros assim. Não seja tão indiferente. Você tem uma capacidade de influência maravilhosa. Permita que ela seja para o bem, não para o mal. Dizem que você corrompe todos de quem se torna íntimo, e que basta entrar em uma casa para que depois alguma vergonha aconteça. Não sei se é assim. Como poderia saber? Mas é o que dizem sobre você. Contam-me coisas de que parece impossível duvidar. Lord Gloucester era um de meus melhores amigos em Oxford. Ele me mostrou uma carta que a sua mulher lhe tinha escrito quando estava morrendo sozinha em sua mansão em Mentone. O seu nome estava envolvido na confissão mais terrível que já li. Eu lhe disse que era absurda — que eu o conhecia bem e que você era incapaz de qualquer coisa do gênero. Conhecer você? Eu me pergunto se o conheço? Antes de responder, teria de ver a sua alma!”

“Ver a minha alma!”, murmurou Dorian Gray, levantando-se do sofá e ficando quase branco de medo.

“Sim”, respondeu Hallward, com gravidade, e com um tom profundo de tristeza na voz. “Ver a sua alma. Mas apenas Deus pode fazê-lo.”

Uma risada amarga de escárnio irrompeu dos lábios do homem mais jovem. “Você vai vê-la com os próprios olhos esta noite”, ele exclamou, pegando uma luminária sobre a mesa. “Venha, é seu próprio trabalho. Por que não deveria vê-lo? Depois poderá contar tudo sobre ele ao mundo, se quiser. Ninguém vai acreditar em você. Se acreditassem, gostariam ainda mais de mim. Conheço esta época melhor do que você, embora você tagarele sobre ela de modo tão entediante. Venha, vamos. Você papagueou bastante sobre corrupção. Agora vai vê-la frente a frente.”

Havia uma espécie de loucura motivada pelo orgulho em cada palavra que ele proferia. Batia os pés no chão a seu modo juvenil, insolente. Sentia uma alegria terrível de pensar que alguém mais compartilharia de seu segredo, e que o homem que pintara o retrato, que estava na origem de toda a sua vergonha, carregaria pelo resto da vida a lembrança horrenda do que havia feito.

“Sim”, ele prosseguiu, aproximando-se do outro e olhando-o firmemente nos olhos. “Vou lhe mostrar a minha alma. Vou lhe mostrar o que você imagina que apenas Deus possa ver.”

Hallward recuou. “Isso é blasfêmia, Dorian!”, ele exclamou. “Você não deve dizer coisas assim. Elas são horríveis e não significam nada.”

“Você acha?”, ele riu de novo.

“Eu sei. Quanto ao que lhe disse hoje de noite, eu o disse para o seu bem. Você sabe que sempre fui seu amigo leal.”

Um brilho contorcido de dor atravessou o rosto do pintor. Ele parou por um instante e foi tomado por um sentimento intenso de lamentação. Afinal, que direito tinha de invadir a vida de Dorian Gray? Se tivesse feito um décimo do que se dizia dele, como devia ter sofrido! Em seguida, endireitou-se, foi até a lareira e lá ficou, olhando para as achas que queimavam com as cinzas que pareciam uma geada em seus núcleos palpitantes de chamas.

“Estou esperando, Basil”, disse o jovem, em um tom claro, duro.

O pintor se virou. “O que tenho a dizer é o seguinte”, ele exclamou. “Você precisa me dar uma resposta às acusações terríveis que são feitas contra você. Se me disser que são inverdades completas do começo ao fim, vou acreditar em você. Negue-as, Dorian, negue-as! Não vê o que estou passando? Meu Deus!, não me diga que você é mau, e corrupto, e vergonhoso.”

Dorian Gray sorriu. Havia uma curva de desprezo em seus lábios. “Suba, Basil”, ele disse em voz baixa. “Mantenho um diário da minha vida, dia a dia, e ele nunca sai do quarto em que é escrito. Vou mostrá-lo a você se vier comigo.”

“Irei com você, Dorian, se quiser. Vejo que já perdi o meu trem. Não importa. Posso ir amanhã. Mas não me peça para ler nada hoje à noite. Tudo que eu quero é uma resposta clara à minha pergunta.”

“Ela lhe será dada lá em cima. Não posso dá-la aqui. Você não vai ter de ler muito.”

Ele saiu da sala e começou a subir, com Basil seguindo-o de perto. Andavam com delicadeza, como as pessoas fazem instintivamente à noite. A luz formava sombras fantásticas na parede e na escadaria. Um vento em formação fazia com que algumas janelas estremecessem.

Quando chegaram ao andar superior, Dorian pôs a luminária no chão, pegou a chave e girou-a na fechadura. “Você insiste em saber, Basil?”, ele perguntou em voz baixa.

“Sim.”

“Fico encantado”, ele respondeu, sorrindo. Em seguida, acrescentou com certa rudeza: “Você é a única pessoa no mundo com o direito de saber tudo sobre mim. Você teve mais a ver com a minha vida do que imagina”, e, erguendo a luminária, abriu a porta e entrou. Uma corrente fria de ar passou por eles, e a luz se intensificou por um instante em uma chama alaranjada e escura. Ele estremeceu. “Feche a porta”, sussurrou, enquanto punha a luminária sobre a mesa.

Hallward olhou em redor, com uma expressão de curiosidade. O quarto parecia estar desabitado havia anos. Uma tapeçaria flamenga desbotada, um quadro coberto por uma peça de tecido, um antigo *cassone* italiano e uma estante de livros quase vazia — era tudo que ele parecia conter, além de uma cadeira e uma mesa. Enquanto Dorian Gray acendia uma vela consumida pela metade sobre uma prateleira, ele viu que o lugar todo estava coberto de pó e que o tapete estava cheio de furos. Um rato correu debatendo-se por trás dos painéis de madeira que revestiam as paredes. Havia um odor úmido de mofo.

“Então você pensa que somente Deus vê a alma, Basil? Afaste a cortina e verá a minha.”

A voz que falou era fria e cruel. “Você está louco, Dorian, ou representando algum papel”, murmurou Hallward, franzindo o cenho.

“Você não quer? Nesse caso terei de fazê-lo eu mesmo”, disse o jovem, e arrancou a cortina do trilho e a atirou no chão.

Uma exclamação de horror irrompeu dos lábios do pintor quando viu na luz fraca o rosto horrendo na tela, sorrindo para ele. Havia algo em sua expressão que o encheu de asco e repugnância. Deus do céu! Era o próprio rosto de Dorian Gray que ele encarava! O horror, fosse o que fosse, não havia estragado completamente sua beleza maravilhosa. Ainda havia um resquício de dourado no cabelo ralo e

algum escarlate na boca sensual. Os olhos empapados conservavam algo do encanto de seu azul, as curvas nobres ainda não tinham desaparecido completamente das narinas cinzeladas e da plasticidade da garganta. Sim, era o próprio Dorian. Mas quem o tinha feito? Reconhecia suas pinceladas, e a moldura que fora desenhada por ele. A ideia era monstruosa e ele sentiu medo. Pegou a vela acesa e a segurou diante do quadro. No canto esquerdo estava seu próprio nome, traçado em letras alongadas em vermelho vivo.

Era uma paródia abominável, uma sátira infame, ignóbil. Ele nunca tinha feito aquilo. Ainda assim era seu quadro. Ele sabia, e sentiu como se seu sangue passasse em um instante de fogo a gelo viscoso. Seu próprio quadro! O que ele significava? Por que havia se transformado? Ele se virou e olhou para Dorian Gray com os olhos de um doente. Sua boca estremeceu, e a língua pastosa pareceu incapaz de se articular. Passou a mão na testa. Estava molhada de suor pegajoso.

O jovem estava apoiado no aparador, observando-o com a expressão estranha que vemos no rosto dos que estão absortos em uma peça na qual trabalha um grande artista. Não havia nele tristeza verdadeira nem alegria real. Havia simplesmente a paixão do espectador, talvez com um brilho triunfal nos olhos. Ele tirara a flor do casaco e a cheirava, ou simulava fazê-lo.

“O que isso significa?”, exclamou Hallward, por fim. Sua voz soou esganiçada e estranha a seus ouvidos.

“Anos atrás, quando eu era um menino”, disse Dorian Gray, amassando a flor na mão, “você me conheceu, me bajulou e me ensinou a me gabar da minha boa aparência. Um dia me apresentou a um amigo seu que me explicou a maravilha da juventude, e finalizou um retrato meu que me revelou a maravilha da beleza. Em um momento de loucura, que, mesmo agora, não sei se lamento ou não, eu formulei um desejo, que talvez você possa chamar de prece...”

“Eu me lembro! Oh, como me lembro bem! Não! É impossível. O quarto é úmido. O bolor penetrou na tela. As tintas que usei tinham um veneno mineral maldito. Eu lhe digo que isso é impossível.”

“Ah, o que é impossível?”, murmurou o jovem, aproximando-se da janela e apoiando a testa contra o vidro frio, manchado de cerração.

“Você me disse que o tinha destruído.”

“Eu estava errado. Ele me destruiu.”

“Não acredito que seja o meu quadro.”

“Você não vê o seu ideal nele?”, disse Dorian, amargo.

“O meu ideal, como você o chama...”

“Como você o chamou.”

“Não havia nada de ruim nele, nada vergonhoso. Você era para

mim um ideal que eu nunca mais vou encontrar. Este é o rosto de um sátiro.”

“É o rosto da minha alma.”

“Cristo! Que coisa eu fui venerar! Ele tem os olhos de um demônio.”

“Cada um de nós tem em si o Céu e o Inferno, Basil”, exclamou Dorian, com um gesto irrefreável de desespero.

Hallward se voltou para o retrato de novo e o fitou. “Meu Deus!, se for verdade”, ele exclamou, “e se é isso o que você fez com a sua vida, ora, deve ser pior do que dizem os que falam mal de você!” Ele aproximou a luz do quadro e o examinou. A superfície parecia intocada, como a deixara. Era de dentro, aparentemente, que a impureza e o horror tinham surgido. Por meio de uma aceleração estranha da vida interior, os lepromas do pecado devoraram lentamente a coisa. A putrefação de um corpo em um túmulo úmido não era tão aterrorizante.

A mão dele tremeu e a vela caiu do castiçal no chão, e lá ficou estalando. Ele pôs o pé sobre a chama e a apagou. Em seguida atirou-se sobre a cadeira frágil junto à mesa e enterrou o rosto nas mãos.

“Bom Deus, Dorian, que lição! Que lição terrível!” Não houve resposta, mas ele podia ouvir o jovem soluçando junto da janela. “Reze, Dorian, reze”, murmurou. “O que aprendemos a dizer quando éramos meninos? ‘Não nos deixeis cair em tentação. Perdoai os nossos pecados. Lavai as nossas iniquidades.’ Vamos repetir juntos. A prece do seu orgulho foi respondida. A prece do seu arrependimento será respondida também. Eu o idolatrei demais. Fui punido por isso. Você se idolatrou demais. Fomos ambos punidos.”

Dorian Gray se voltou lentamente e olhou para ele com olhos ofuscados por lágrimas. “É tarde demais, Basil”, gaguejou.

“Nunca é tarde demais, Dorian. Vamos nos ajoelhar e tentar lembrar de uma oração. Não existe um verso que diz ‘Embora os seus pecados sejam escarlates, eu os tornarei brancos como a neve?’”

“Estas palavras não significam nada para mim agora.”

“Shh! Não diga isso. Você já fez muito mal na sua vida. Meu Deus!, não vê aquele maldito nos espreitando?”

Dorian Gray lançou um olhar para o quadro e de súbito foi tomado por um sentimento incontável de ódio por Basil Hallward, como se lhe fosse sugerido pela imagem na tela, sussurrado em seu ouvido por aqueles lábios sorridentes. As paixões loucas de um animal acuado se agitaram dentro dele, e ele sentiu repugnância pelo homem sentado à mesa, mais do que o repugnara qualquer coisa na vida. Correu os olhos pelo quarto selvagemmente. Alguma coisa brilhou sobre o aparador pintado à sua frente. Seus olhos pousaram sobre ela. Ele

sabia o que era. Era uma faca que ele havia levado alguns dias antes para cortar um pedaço de corda e esquecera por lá. Aproximou-se dela devagar, passando por Hallward. Assim que chegou atrás dele, ele a pegou e se virou. Hallward estremeceu na cadeira como se fosse se levantar. Dorian correu para ele e enterrou a faca na grande veia atrás do ouvido, esmagando a cabeça contra a mesa e golpeando-a repetidas vezes.

Houve um gemido abafado, e o som horrível de alguém se engasgando com sangue. Três vezes os braços estendidos se ergueram convulsivamente, agitando mãos grotescas com dedos enrijecidos no ar. Ele o golpeou mais duas vezes, mas o homem não se mexeu. Alguma coisa começou a escorrer no chão. Ele esperou por um instante, ainda comprimindo a cabeça. Em seguida, atirou a faca sobre a mesa e se pôs a escutar.

Não ouviu nada, a não ser os pingos sobre o tapete roto. Abriu a porta e saiu para o patamar. A casa estava completamente silenciosa. Não havia ninguém por perto. Por alguns segundos se debruçou sobre a balaustrada, fixando o poço negro fervente de escuridão. Em seguida pegou a chave, voltou ao quarto e se trancou nele.

A coisa ainda estava sentada na cadeira, estendida sobre a mesa, com a cabeça curvada, e uma corcunda, e longos e inacreditáveis braços. Não fosse pelo talhe vermelho no pescoço e a poça preta coagulada que se ampliava lentamente sobre a mesa, seria possível dizer que o homem estava simplesmente adormecido.

Quão rápido tudo acontecera? Ele se sentiu estranhamente calmo e, caminhando até a janela, abriu e saiu para a sacada. O vento tinha dissipado a neblina, e o céu parecia a cauda de um pavão monstruoso, salpicada de miríades de olhos dourados. Olhou para baixo e viu o policial fazendo a ronda, iluminando com o longo facho da lanterna as portas das casas silenciosas. A mancha carmesim de uma charrete que vagueava brilhou na esquina e depois desapareceu. Uma mulher com um xale esvoaçante se arrastou devagar pelas grades, cambaleante à medida que passava. Volta e meia ela parava e olhava para trás. Em dado momento começou a cantar com a voz rouca. O policial se aproximou e disse alguma coisa. Ela se afastou aos tropeços, rindo. Uma rajada áspera varreu a praça. As luminárias a gás bruxulearam e se tornaram azuis, e as árvores sem folhas sacudiram os ramos pretos de ferro, de um lado para o outro. Ele estremeceu, voltou, e fechou a janela às suas costas.

Ao alcançar a porta, girou a chave e a abriu. Nem olhou para o homem assassinado. Sentia que o segredo da coisa toda era não refletir sobre a situação. O amigo que tinha pintado o retrato fatal ao qual ele devia toda a sua desgraça saía de sua vida. Era o bastante.

Depois ele se lembrou da lamparina. Era um modelo curioso de manufatura mourisca, feita de prata sem brilho, incrustada com arabescos de aço polido e cravejada de turquesas grosseiras. Talvez o empregado desse por sua falta, e isso implicaria perguntas. Hesitou por um momento, em seguida voltou e a tirou da mesa. Não pôde deixar de ver a coisa morta. Como estava imóvel! Como pareciam horivelmente brancas as longas mãos! Era como uma imagem assustadora de cera.

Depois de trancar a porta, desceu silenciosamente. As tábuas rangeram e pareceram gritar, como que de dor. Ele se deteve várias vezes e esperou. Não: tudo estava quieto. Havia apenas o som dos próprios passos.

Quando chegou à biblioteca, viu a maleta e o casaco em um canto. Deveriam ser escondidos em algum lugar. Ele destrancou um pequeno armário secreto que ficava atrás do lambri, um armário em que ele guardava os próprios disfarces estranhos, e os guardou lá. Poderia queimá-los com facilidade mais tarde. Em seguida, tirou o relógio. Eram vinte para as duas.

Ele se sentou e começou a pensar. Todos os anos — todos os meses, quase — homens eram enforcados na Inglaterra por aquilo que ele havia feito. Havia uma loucura de assassinatos no ar. Alguma estrela vermelha se aproximara demais da Terra... E no entanto que prova havia contra ele? Basil Hallward deixara sua casa às onze. Ninguém o tinha visto voltar. A maioria dos empregados estava em Selby Royal. Seu pajem havia se deitado... Paris! Sim. Era para Paris que Basil tinha ido, e no trem da meia-noite, como pretendia. Com seus hábitos reservados e estranhos, passariam meses antes que uma suspeita se levantasse. Meses! Tudo poderia ser destruído muito antes disso.

Um pensamento súbito o assaltou. Vestiu o casaco de pele e o chapéu e saiu para o hall. Lá ele se deteve, escutando os passos lentos e pesados do policial na calçada, lá fora, e vendo o lampejo do olho de boi refletido na janela. Prendeu a respiração e esperou.

Depois de alguns instantes abriu o ferrolho e saiu, fechando a porta com delicadeza. Em seguida começou a tocar a campainha. Em cerca de cinco minutos seu pajem apareceu, meio despido, e parecendo muito sonolento.

“Sinto tê-lo acordado, Francis”, ele disse, entrando; “mas esqueci a minha chave. Que horas são?”

“Duas e dez, senhor”, respondeu o homem, olhando para o relógio e piscando.

“Duas e dez? Que tarde! Você precisa me acordar às nove amanhã. Tenho um trabalho para fazer.”

“Está bem, senhor.”

“Alguém me procurou hoje de noite?”

“O senhor Hallward, senhor. Ficou até as onze e depois saiu para tomar o trem.”

“Oh, sinto não tê-lo encontrado. Ele deixou algum recado?”

“Não, senhor, a não ser que lhe escreveria de Paris, caso não o encontrasse no clube.”

“Está bem, Francis. Não se esqueça de me chamar às nove amanhã.”

“Sim, senhor.”

O homem seguiu pelo corredor, bamboleante em seus chinelos.

Dorian Gray atirou o chapéu e o casaco sobre a mesa e foi para a biblioteca. Por um quarto de hora andou para cima e para baixo na sala mordendo os lábios, pensando. Em seguida, pegou o Livro Azul de uma estante e começou a folheá-lo. “Alan Campbell, 152, Hertford Street, Mayfair.” Sim, era o homem que ele queria.

Na manhã seguinte, às nove horas, o empregado entrou com uma xícara de chocolate em uma bandeja e abriu as persianas. Dorian dormia pacificamente, deitado sobre o lado direito, com uma mão sob a maçã do rosto. Parecia um menino que se cansara de brincar ou de estudar.

O homem teve de tocar duas vezes em seu ombro antes que ele acordasse, e quando abriu os olhos um sorriso discreto cruzou seus lábios, como se estivesse tendo um sonho agradável. Porém ele não tinha sonhado com nada. Sua noite não havia sido perturbada por nenhuma imagem de prazer ou de dor. No entanto, a juventude sorri sem razão. É um de seus principais encantos.

Ele se virou e, apoiado no cotovelo, começou a sorver o chocolate. O sol suave de novembro penetrava na sala. O céu estava claro, e havia um calor ameno no ar. Era quase como uma manhã de maio.

Aos poucos os acontecimentos da noite anterior se infiltraram com pés silenciosos e manchados de sangue em seu cérebro e lá se reconstruíram com uma clareza terrível. Ele pestanejou à lembrança de tudo que sofrera, e por um momento lhe voltou o mesmo sentimento estranho de repugnância por Basil Hallward que o fizera matá-lo, sentado na cadeira, e ele ficou gélido de emoção. O homem morto também estava sentado lá, e agora à luz do sol. Como era horrível! Coisas terríveis assim eram para a escuridão, não para o dia.

Sentiu que, se rememorasse o que havia se passado, adoeceria ou ficaria louco. Havia pecados cujo fascínio estava mais na lembrança que no ato, triunfos estranhos que gratificavam o orgulho mais que as paixões, e davam ao intelecto um sentimento excitante de felicidade, maior que a felicidade que ofereciam, ou ofereceria, aos sentidos. Mas este não era um deles. Era algo a ser expulso da mente, a ser narcotizado com papoulas, a ser estrangulado para que não nos estrangulasse.

Quando a meia hora bateu, ele passou a mão na testa, levantou-se apressado e se vestiu com mais cuidado que o habitual, dando bastante atenção à escolha da gravata e do prendedor do xale, e trocando os anéis mais de uma vez. Passou muito tempo também com o café da manhã, experimentando os vários pratos, falando com o mordomo sobre alguns novos librés que pensava em mandar fazer

para os empregados de Selby, e examinando a correspondência. Ante algumas cartas ele sorriu. Três delas lhe causaram tédio. Uma ele leu diversas vezes e depois rasgou com um discreto ar de enfado no rosto. “A coisa terrível, a memória de uma mulher!”, como Lord Henry havia dito uma vez.

Depois de tomar a xícara de café preto, enxugou os lábios devagar com um guardanapo, fez menção para que o empregado esperasse, e passando à mesa sentou-se e escreveu duas cartas. Uma delas ele pôs no bolso e a outra entregou ao mordomo.

“Leve-a para a rua Hertford, 152, Francis, e se o senhor Campbell estiver fora da cidade, consiga seu endereço.”

Assim que se viu só, acendeu um cigarro e começou a rabiscar sobre um pedaço de papel, desenhando primeiro flores e detalhes de arquitetura e depois rostos humanos. De súbito notou que todo rosto que desenhava parecia ter uma semelhança extraordinária com Basil Hallward. Ele franziu o cenho e, levantando-se, foi até a estante de livros e pegou um volume ao acaso. Estava decidido a não pensar no que acontecera antes que fosse absolutamente necessário.

Quando se esticou no sofá, ele olhou para a página de rosto do livro. Era *Émaux et Camées*, de Gautier, na edição em papel do Japão de Charpentier, com a gravura de Jacquemart. A encadernação era em couro verde-limão, com o desenho de uma treliça dourada pontilhada de romãs. Havia sido dado por Adrian Singleton. Virando as páginas, seus olhos caíram sobre o poema acerca da mão de Lacenaire, a mão amarela fria “*du supplice encore mal lavé*” com os pelos vermelhos macios e os “*doigts de faune*”. Ele olhou para os próprios dedos brancos afilados, estremecendo a despeito de si mesmo, e seguiu adiante, até chegar às adoráveis estrofes sobre Veneza:

‘Sur une gamme chromatique,
Le sein de perles ruisselant,
La Vénus de l’Adriatique
Sort de l’eau son corps rose et blanc.

‘Les dômes, sur l’azur des ondes
Suivant la phrase au pur contour,
S’enflent comme des gorges rondes
Que soulève un soupir d’amour.

‘L’esquif aborde et me dépose,
Jetant son amarre au pilier,
Devant une façade rose,

Sur le marbre d'un escalier.*

Como eram belas! À medida que o leitor as lia, parecia flutuar ao longo dos canais verdes da cidade rosa e pérola, sentado em uma gôndola preta com a proa prateada e cortinas esvoaçantes. As linhas de seus versos pareciam a ele com as linhas retas azul-turquesa que nos seguem quando saímos para o Lido. Os lampejos súbitos de cor o lembravam dos pássaros de pescoço irizado e de opalina que esvoaçavam em volta do alto Campanile, que lembrava favos de mel, ou que se aproximavam silenciosamente, com uma graça elegante, através das arcadas desbotadas, manchadas de pó. Recostando-se com os olhos semicerrados ele continuou repetindo para si mesmo —

Devant une façade rose,
Sur le marbre d'un escalier.**

Veneza toda estava naqueles dois versos. Ele se lembrou do outono que havia passado por lá, e do maravilhoso amor que o levava a desatinos loucos, deliciosos. Havia romantismo em todo lugar. Porém Veneza, como Oxford, havia preservado o cenário para o romance, e para o verdadeiro romântico o cenário era tudo, ou quase tudo. Basil estivera com ele durante parte do tempo, e enlouquecera com Tintoretto. Pobre Basil! Que maneira horrível de morrer!

Ele suspirou, pegou o volume de novo e tentou esquecer. Leu sobre as andorinhas que entram e saem voando do pequeno café em Esmirna onde os hadjis ficam sentados conferindo as contas de âmbar e os mercadores de turbante fumam os longos cachimbos ornados com borlas e conversam com seriedade; leu sobre o obelisco da Praça da Concórdia, que chora lágrimas de granito em seu exílio solitário sem sol e anseia por voltar ao Nilo quente coberto de lótus, onde há esfinges e íbis vermelhos rosados, e abutres brancos com garras douradas, e crocodilos, com pequenos olhos de berilo, que se arrastam sobre a lama verde vaporosa; começou a pensar nos versos que, arrancando música do mármore manchado de beijos, falam da estátua estranha que Gautier compara à voz de contralto, o “*monstre charmant*” que repousa na sala de pórfiro do Louvre. Mas passado algum tempo o livro caiu de suas mãos. Ele ficou nervoso, e foi assaltado por um horrível terror. E se Alan Campbell estivesse fora da Inglaterra? Passariam dias antes que ele voltasse. Talvez se recusasse a vir. O que ele faria? Cada momento era de importância vital. Eles haviam sido grandes amigos um dia, cinco anos antes — quase inseparáveis, na verdade. Depois a intimidade acabara de repente. Nos dias atuais, quando se encontravam socialmente, apenas Dorian Gray sorria. Alan Campbell jamais o fazia.

Era um jovem extremamente inteligente, embora não demonstrasse apreciar as artes visuais, e o pouco sentimento que tinha pela beleza da poesia fora adquirido de Dorian. Sua paixão intelectual dominante era pela ciência. Em Cambridge passara grande parte do tempo trabalhando no laboratório, e havia tido uma boa nota no exame de Ciências Naturais em seu ano. Na verdade, ele ainda se dedicava ao estudo de química, e tinha um laboratório próprio em que costumava se trancar durante o dia todo, para grande incômodo da mãe, que se empenhara para que ele se candidatasse ao Parlamento e tinha uma ideia vaga de que um químico era alguém que fazia prescrições. Entretanto, ele era também um excelente músico, e tocava tanto o violino como o piano melhor que a maioria dos amadores. Na realidade, fora a música que levava ele e Dorian Gray a se aproximarem — a música e a atração indefinível que Dorian parecia ser capaz de exercer sempre que o desejava, e que na verdade exercitava muitas vezes sem consciência. Eles se encontraram na casa de Lady Berkshire na noite em que Rubinstein tocara lá, e depois costumavam sempre ser vistos juntos na Ópera, e em todo lugar onde havia boa música. A intimidade durou dezoito meses. Campbell estava sempre no Selby Royal ou na Grosvenor Square. Para ele, como para muitos outros, Dorian Gray era um exemplo de tudo que era fascinante e belo na vida. Nunca se soube se houve um desentendimento entre eles. Porém, de súbito as pessoas notaram que eles mal se falavam quando se encontravam, e Campbell parecia sempre sair cedo de toda recepção em que Dorian Gray estivesse presente. Ele também havia mudado — por vezes estranhamente melancólico, parecia quase não gostar de ouvir música, e ele próprio jamais tocava. Dizia como desculpa, quando o convocavam, que estava tão absorvido pela ciência que não tinha tempo para ensaiar. E isso era certamente verdade. A cada dia parecia mais interessado em biologia, seu nome figurara uma ou duas vezes em algumas revistas científicas, em conexão com certos experimentos estranhos.

Esse era o homem por quem Dorian Gray esperava. A cada segundo olhava para o relógio. À medida que os minutos passavam, ficava tremendamente agitado. Por fim se levantou e começou a andar de um lado para o outro na sala, parecendo uma bela criatura inquieta e enjaulada. Dava grandes passadas furtivas. Tinha as mãos estranhamente frias.

O suspense se tornou insuportável. O tempo parecia se arrastar com pés de chumbo, ao passo que ele era varrido na direção da extremidade denteada da fissura negra de um precipício. Sabia o que o esperava por lá; podia até ver, na verdade, e, trêmulo, esmagava com as mãos úmidas as pálpebras em fogo como se roubasse do próprio

cérebro a faculdade da visão e empurrasse os globos oculares de volta a suas cavidades. Era inútil. O cérebro tinha o próprio alimento de que se nutria, e a imaginação, tornada grotesca pelo medo, desfigurada e distorcida como um ser vivo com dor, dançava como um boneco sujo sobre uma plataforma e ria através de máscaras móveis. Em seguida, de súbito, o Tempo para ele parou. Sim, a coisa cega, que respirava lentamente, não se arrastava mais, e com o Tempo morto pensamentos horríveis acorreram agilmente para o primeiro plano e arrancaram um futuro horrendo do túmulo e o exibiram a ele. Ele o fitou. Seu próprio terror o petrificou.

Por fim a porta se abriu e o empregado entrou. Dirigiu a ele olhos vítreos.

“O senhor Campbell, senhor”, anunciou o homem.

Um suspiro de alívio irrompeu dos lábios ressequidos, e a cor voltou às maçãs de seu rosto.

“Peça que entre imediatamente, Francis.” Sentiu-se senhor de si de novo. Seu estado de espírito covarde desaparecera.

O homem se curvou e saiu. Pouco depois Alan Campbell entrou, parecendo bastante severo e um tanto pálido, a palidez intensificada pelos cabelos cor de carvão e pelas sobrancelhas escuras.

“Alan! Que gentil de sua parte. Obrigado por ter vindo.”

“Eu pretendia nunca mais entrar na sua casa, Gray. Mas você disse que era um assunto de vida e morte.” O tom era duro e frio. Falava com uma lentidão intencional. Havia um ar de desprezo no olhar firme inquiridor que dirigiu a Dorian. Mantinha as mãos nos bolsos do casaco de astracã e parecia não ter notado o gesto com que fora saudado.

“Sim: é um assunto de vida e morte, Alan, e para mais de uma pessoa. Sente-se.”

Campbell acomodou-se em uma cadeira junto da mesa, e Dorian sentou-se de frente para ele. Os olhos dos dois homens se encontraram. Nos de Dorian havia uma piedade infinita. Sabia que estava para fazer algo terrível.

Depois de um momento tenso de silêncio, ele se curvou para frente e disse, em voz bem baixa, porém observando os efeitos de cada palavra no rosto de quem havia chamado: “Alan, em um quarto trancado no alto desta casa, um quarto a que ninguém, a não ser eu, tem acesso, há um homem morto sentado a uma mesa. Está morto há dez horas. Não se agite, e não olhe para mim dessa forma. Quem o homem é, por que morreu, como morreu, não são da sua conta. O que você tem a fazer é...”

“Pare, Gray, não quero saber de mais nada. Se o que me disse é ou não verdade, não me interessa. Eu me recuso terminantemente a ser

incluído na sua vida. Guarde seus segredos horríveis para você. Eles não me interessam mais.”

“Alan, eles terão de interessá-lo. Sinto muito por você, Alan. Mas não tenho como evitar. Você é o único homem capaz de me salvar. Sou obrigado a envolvê-lo no assunto. Não tenho escolha. Alan, você é um cientista. Tem conhecimentos sobre química e coisas do gênero. Fez experiências. O que você tem a fazer é destruir a coisa que está no andar de cima — destruí-la para que não reste nenhum vestígio dela. Ninguém viu essa pessoa entrar aqui. Na verdade, no momento ele deveria estar em Paris. Não darão pela falta dele durante meses. Quando sentirem sua falta, não deverá haver traço nenhum dele por aqui. Você, Alan, você deve transformá-lo, e tudo que lhe pertence, em um punhado de cinzas que eu possa espalhar no ar.”

“Você está louco, Dorian.”

“Ah!, eu estava esperando você me chamar de Dorian.”

“Você está louco, estou lhe dizendo — louco de imaginar que eu moveria um dedo para ajudá-lo, louco de fazer essa confissão estranha. Não terei nada a ver com esse assunto, seja ele qual for. Acha que vou arriscar a minha reputação por você? O que me importa o trabalho demoníaco que você pretende fazer?”

“Foi suicídio, Alan.”

“Fico feliz por isso. Mas o que o levou a cometê-lo? Você, imagino.”

“Você continua se recusando a fazer isso por mim?”

“É claro que eu me recuso. Não terei absolutamente nada a ver com isso. Não me importa que vergonha possa atingi-lo. Você merece tudo isso. Eu não deveria lamentar de ver você desgraçado, desgraçado publicamente. Como ousa me pedir, a mim entre todos no mundo, para que me envolva nesse horror? Pensei que você soubesse mais sobre o caráter das pessoas. Seu amigo Lord Henry não deve ter lhe ensinado muito sobre psicologia, a despeito das outras coisas que lhe ensinou. Nada vai me induzir a dar um passo para ajudá-lo. Você procurou o homem errado. Não conte comigo.”

“Alan, foi homicídio. Eu o matei. Você não sabe quanto ele me fez sofrer. Seja como for a minha vida, ele teve mais a ver com a construção ou a sua ruína que o pobre Harry. Talvez não tivesse a intenção, mas o resultado foi o mesmo.”

“Homicídio! Bom Deus, Dorian, foi para isso que me procurou? Eu não vou denunciá-lo. Não é da minha conta. Além disso, sem que eu me envolva no assunto, você certamente será preso. Ninguém jamais comete um crime sem cometer uma estupidez. Mas eu não terei nada a ver com isso.”

“Você precisa ter algo a ver com isso. Espere, espere um instante; ouça. Apenas ouça, Alan. Eu lhe peço apenas que realize um certo

experimento científico. Você frequenta hospitais e morgues, e os horrores que executa por lá não o afetam. Se em uma sala de dissecação horrenda ou em um laboratório fétido você encontrasse esse homem estendido sobre uma mesa de chumbo, com canaletas vermelhas escavadas para que o sangue escorresse, simplesmente o olharia como um objeto digno de admiração. Não daria a mínima. Não acharia que estava fazendo nada de errado. Ao contrário, provavelmente sentiria que estaria beneficiando a raça humana, ou aumentando a quantidade de conhecimento no mundo, ou satisfazendo a curiosidade intelectual, ou algo parecido. Eu quero que você faça simplesmente o que já fez muitas vezes. Na verdade, destruir um corpo deve ser muito menos horrível do que o trabalho ao qual você está acostumado. E, lembre-se, é a única prova contra mim. Se for descoberto, estou perdido; e certamente serei descoberto, a não ser que você me ajude.”

“Não quero ajudá-lo. Você se esquece disso. Sou simplesmente indiferente à coisa toda. Não tem nada a ver comigo.”

“Alan, eu suplico. Pense na situação em que estou. Pouco antes de você chegar eu quase desmaiei de terror. Talvez você conheça o terror um dia. Não! Não pense nisso. Olhe para a questão do ponto de vista puramente científico. Você não pergunta de onde vem a coisa morta em que faz uma experiência. Não pergunte agora. Eu já lhe contei muito. Mas imploro que o faça. Fomos amigos um dia, Alan.”

“Não fale sobre aqueles dias, Dorian: eles estão mortos.”

“Os mortos são persistentes às vezes. O homem no andar de cima não irá embora. Ele está sentado à mesa com a cabeça curvada e os braços estendidos. Alan! Alan! Se você não me ajudar estarei arruinado. Ora, eu serei enforcado, Alan! Você não entende? Serei enforcado pelo que fiz.”

“Não convém prolongar esta cena. Eu me recuso terminantemente a fazer qualquer coisa relativa a essa questão. É um pedido insano da sua parte.”

“Você se recusa?”

“Sim.”

“Eu lhe suplico, Alan.”

“É inútil.”

O mesmo olhar de piedade surgiu nos olhos de Dorian Gray. Em seguida ele estendeu a mão, pegou um pedaço de papel e escreveu alguma coisa. Releu duas vezes, dobrou cuidadosamente e empurrou para o outro lado da mesa. Depois disso, ele se levantou e foi até a janela.

Campbell olhou para ele surpreso, em seguida pegou o papel e o abriu. À medida que o lia, seu rosto foi ficando assustadoramente

pálido e ele se recostou na cadeira. Um sentimento horrível de náusea o invadiu. Sentiu como se o coração pulsasse mortalmente em um buraco vazio.

Depois de dois ou três minutos de um silêncio terrível, Dorian se virou e se aproximou e parou atrás dele, pondo a mão em seu ombro.

“Sinto muito, Alan”, ele murmurou, “mas você me deixa sem alternativa. Tenho uma carta escrita. Aqui está. Veja o endereço. Se não me ajudar, terei de enviá-la. Se não me ajudar, eu vou enviá-la. É impossível você se recusar. Tentei poupá-lo. É justo que o reconheça. Você foi severo, duro, ofensivo. Você me tratou como nenhum homem ousou me tratar — ao menos, nenhum homem vivo. Eu suportei tudo. Agora cabe a mim ditar os termos.”

Campbell escondeu o rosto nas mãos, e um tremor o percorreu.

“Sim, é a minha vez de ditar os termos, Alan. Você sabe quais são eles. A coisa é bem simples. Venha, não se entregue a essa perturbação. A coisa tem de ser feita. Encare-a e faça-a.”

Um gemido irrompeu dos lábios de Campbell e ele estremeceu todo. O bater do relógio sobre o aparador lhe parecia dividir o Tempo em átomos separados de agonia, cada um deles terrível demais para ser suportado. Sentiu como se um anel de ferro fosse cingido lentamente em torno de sua testa, como se a desgraça com que era ameaçado já o tivesse atingido. A mão em seu ombro pesava como chumbo. Era insuportável. Parecia esmagá-lo.

“Venha, Alan, você precisa decidir imediatamente.”

“Não posso fazê-lo”, ele disse mecanicamente, como se as palavras pudessem mudar as coisas.

“Você precisa. Não tem escolha. Não adie.”

Ele hesitou por um momento. “Há fogo no quarto de cima?”

“Sim, há um fogareiro a gás com asbesto.”

“Terei de ir para casa e pegar algumas coisas no laboratório.”

“Não, Alan, você não deve sair da casa. Anote o que precisa em um papel de recados e o meu empregado tomará um carro de aluguel e trará as coisas para você.”

Campbell rabiscou algumas linhas, secou e endereçou o envelope a seu assistente. Dorian pegou a nota e leu cuidadosamente. Em seguida, tocou a campainha e a entregou ao mordomo, com a ordem de que voltasse o mais cedo possível e trouxesse as coisas.

Quando a porta do hall se fechou, Campbell teve um sobressalto e, levantando-se da cadeira, foi até a lareira. Tremia com uma espécie de calafrio. Durante quase vinte minutos, nenhum dos homens falou. Uma mosca esvoaçava zumbindo pela sala, e as batidas do relógio eram como os golpes de um martelo.

Quando o carrilhão marcou uma hora, Campbell se virou e,

olhando para Dorian Gray, viu que seus olhos estavam cheios de lágrimas. Havia algo na pureza e no refinamento daquele rosto triste que pareceu enraivecê-lo. “Você é infame, um completo infame!”, murmurou.

“Shh, Alan: você salvou a minha vida”, disse Dorian.

“A sua vida! Deus do céu! Que vida! Você passou de depravação a depravação, e agora culminou em um crime. Ao fazer o que estou para fazer, o que você me obriga a fazer, não é na sua vida que estou pensando.”

“Ah, Alan”, murmurou Dorian, com um suspiro, “queria que tivesse por mim um milésimo da piedade que eu tenho por você.” Ele se virou enquanto falava e contemplou o jardim. Campbell não respondeu.

Cerca de dez minutos depois houve uma batida na porta, e o empregado entrou, carregando uma grande caixa de mogno de produtos químicos, com um longo rolo de fios de aço e de platina e duas garras de ferro de formato estranho.

“Devo deixar as coisas aqui, senhor?”, ele perguntou a Campbell.

“Sim”, disse Dorian. “E receio, Francis, que tenho outra encomenda para você. Como se chama o homem em Richmond que fornece orquídeas para Selby?”

“Harden, senhor.”

“Sim, Harden. Você deve ir a Richmond imediatamente, encontrar Harden pessoalmente e pedir-lhe que envie o dobro das orquídeas que encomendei, e que inclua o mínimo possível de brancas. Está um dia lindo, Francis, e Richmond é um lugar muito bonito, caso contrário eu não o incomodaria com isso.”

“Sem problemas, senhor. A que horas devo voltar?”

Dorian olhou para Campbell. “Quanto tempo vai levar a sua experiência, Alan?”, ele disse, em um tom calmo, indiferente. A presença de uma terceira pessoa na sala parecia lhe dar uma coragem extraordinária.

Campbell franziu o cenho e mordeu o lábio. “Vai levar cerca de cinco horas”, ele respondeu.

“Nesse caso haverá tempo suficiente se estiver de volta às sete e meia, Francis. Ou melhor, fique: apenas separe as minhas roupas. Você pode aproveitar a noite. Não vou jantar em casa, de modo que não vou precisar de você.”

“Obrigado, senhor”, disse o homem, saindo da sala.

“Agora, Alan, não temos um instante a perder. Como a caixa é pesada! Vou levá-la para você. Traga as outras coisas.” Falou rápido e de modo autoritário. Campbell se sentiu dominado por ele. Saíram da sala juntos.

Quando chegaram ao andar de cima, Dorian tirou a chave e a girou

na fechadura. Em seguida parou, e um ar de preocupação surgiu em seus olhos. Estremeceu. “Acho que não consigo entrar, Alan”, ele murmurou.

“Para mim não é nada. Não preciso de você”, disse Campbell, com frieza.

Dorian entreabriu a porta. Ao fazê-lo, viu o rosto de seu retrato espreitando maldosamente à luz do sol. No piso à frente dele estava a cortina rasgada. Lembrou-se de que na noite anterior havia se esquecido, pela primeira vez na vida, de esconder a tela fatal, e estava para entrar correndo quando recuou arrepiado.

O que eram as gotas vermelhas detestáveis que brilhavam, úmidas e reluzentes, em uma das mãos, como se a tela tivesse transpirado sangue? Como era horrível! —naquele momento, pareceu-lhe mais horrível que a coisa silenciosa que ele sabia estar estendida sobre a mesa, a coisa cuja sombra grotesca distorcida no tapete manchado lhe mostrava que não havia se mexido, mas estava lá, como ele a deixara.

Respirou profundamente, abriu um pouco mais a porta, e com olhos semicerrados e virando a cabeça entrou depressa, decidido a não olhar nem uma vez para o homem morto. Em seguida, abaixou-se, pegou a tapeçaria roxa e dourada e a atirou sobre o quadro.

Nisso se deteve, com medo de se virar, e seus olhos se fixaram no desenho intrincado à sua frente. Ouviu Campbell entrando com a caixa pesada e os ferros e as outras coisas que havia pedido para o mórbido trabalho. Começou a se perguntar se ele e Basil Hallward tinham se encontrado algum dia e, nesse caso, o que pensaram um do outro.

“Deixe-me agora”, disse uma voz severa atrás dele.

Ele se voltou e saiu apressado, ligeiramente consciente de que o homem morto havia sido empurrado para trás na cadeira e que Campbell fitava um rosto amarelo brilhante. Enquanto descia, ouviu a chave girando na fechadura.

Bem depois das sete horas Campbell voltou para a biblioteca. Estava pálido, mas completamente calmo. “Fiz o que você me pediu”, ele murmurou. “E agora adeus. Não devemos nos ver nunca mais.”

“Você me salvou da ruína, Alan. Não posso me esquecer disso”, disse Dorian, simplesmente.

Assim que Campbell saiu, ele subiu. Havia um cheiro horrível de ácido nítrico no quarto. Mas a coisa que estivera sentada à mesa não estava mais lá.

Seguindo a frase em seu puro contorno,/ Se inflam como gargantas redondas/ Que emitem um suspiro de amor. O esquife atraca e me depõe,/ Atirando a amarra no pilar,/ Diante de uma fachada rosa,/ Sobre o mármore de uma escadaria.

** Diante de uma fachada rosa,/ Sobre o mármore de uma escadaria.

Naquela noite, às oito e meia, muito bem vestido e usando um grande buquê de violetas de Parma na lapela, Dorian Gray foi conduzido ao salão de Lady Narborough por criados em reverência. Nervos enlouquecidos faziam sua testa palpitar, e ele se sentia tremendamente excitado, mas seus modos, quando se debruçou sobre a mão de sua anfitriã, eram descontraídos e graciosos como sempre. Talvez nunca nos sintamos tão à vontade como quando temos de representar um papel. Certamente, ninguém que olhasse para Dorian Gray naquela noite acreditaria que ele havia passado pela mais terrível das tragédias. Os dedos delicadamente torneados jamais poderiam ter empunhado uma faca para cometer um pecado, nem os lábios sorridentes teriam afrontado Deus ou a bondade. Ele mesmo não deixava de refletir sobre a calma de seu comportamento, e por um instante sentiu intensamente o prazer terrível de uma vida dupla.

Tratava-se de uma pequena reunião, organizada às pressas por Lady Narborough, uma mulher muito inteligente, detentora daquilo que Lord Henry costumava descrever como os restos de uma feiura verdadeiramente notável. Ela se mostrara uma esposa excelente de um de nossos embaixadores mais enfadonhos, e depois de enterrar o marido como se devia, em um mausoléu de mármore que ela mesma desenhara, e de ter casado as filhas com homens ricos e um tanto velhos, ela se devotara aos prazeres da ficção francesa, à cozinha francesa e ao *esprit* francês quando o tinha ao alcance.

Dorian era um de seus preferidos, e ela sempre lhe dizia que se sentia extremamente feliz por não tê-lo encontrado antes. “Eu sei, meu caro, que teria me apaixonado loucamente por você”, ela costumava dizer, “teria queimado todas as pontes. É muita sorte você não ter sido uma opção à época. Na verdade, outros poderiam se queimar, e as pontes causavam tantos desastres que eu jamais tive um flerte com ninguém. Entretanto, era tudo culpa de Narborough. Ele era tremendamente míope, e não há prazer em ter um marido que jamais verá nada.”

Os convidados da noite eram bem entediados. A verdade era que, como ela explicou a Dorian por trás de um leque muito surrado, uma de suas filhas casadas viera repentinamente morar com ela e, para piorar as coisas, tinha trazido o marido junto. “Acho extremamente

indelicado da parte dela, meu caro”, ela sussurrou. “Naturalmente fico com eles todos os verões quando volto de Homburg, uma velha como eu precisa de ar fresco de vez em quando e, além disso, eu os distraio. Você não sabe que vida eles levam lá. É a vida do campo, pura, intocada. Levantam-se cedo, porque têm muito a fazer, e se deitam cedo porque têm muito pouco a pensar. Não há escândalo nas cercanias desde o tempo da rainha Elizabeth, e assim eles todos adormecem depois do jantar. Você não deve se sentar perto de nenhum deles. Sente-se a meu lado e me entretenha.”

Dorian murmurou um delicado elogio e correu os olhos pela sala. Sim: era certamente uma reunião entediante. Duas das pessoas ele nunca tinha visto antes, e as demais consistiam de Ernest Harrowden, homem medíocre de meia-idade que não tem inimigos, algo tão comum nos clubes de Londres, mas que desagrada completamente aos amigos; Lady Roxton, uma mulher de quarenta e sete anos vestida com exagero, com um nariz adunco, que buscava sempre se comprometer, mas tão simplória que para seu grande desapontamento ninguém jamais acreditaria em nada que fosse contra ela; a sra. Erlynne, uma nulidade insistente, com um ceceio encantador e cabelos vermelhos venezianos; Lady Alice Chapman, filha de sua anfitriã, uma garota estúpida e deselegante, com um rosto caracteristicamente britânico que, uma vez visto, nunca é lembrado, e o marido, uma criatura de bochechas vermelhas e suíças brancas que, como muitos de sua classe, tinha a impressão de que a jovialidade excessiva compensava a completa falta de ideias.

Ele lamentava bastante ter ido, pelo menos até que Lady Narborough, olhando para o grande relógio de ouropel dourado que se espalhava em curvas espalhafatosas sobre a lareira coberta de um tecido cor de malva, exclamasse: “Que horrível Henry Wotton estar tão atrasado! Eu lhe enviei um convite hoje de manhã, e ele prometeu solenemente que não me desapontaria”.

Era um certo consolo a presença de Harry, e quando a porta se abriu e ele ouviu a sua voz lenta e musical emprestando charme a um pedido insincero de desculpas, logo deixou de se sentir entediado.

Porém, durante o jantar ele não conseguiu comer nada. Prato após prato voltou intocado. Lady Narborough não parou de repreendê-lo pelo que chamou de “um insulto ao pobre Adolphe, que criou o menu especialmente para você”, e volta e meia Lord Henry olhava para ele, perguntando-se sobre seu silêncio e sua atitude distraída. De tempos em tempos o mordomo enchia seu copo com champanhe. Bebeu avidamente, e a sede só pareceu aumentar.

“Dorian”, disse Lord Henry por fim, quando o *chaud-froid* era servido, “o que acontece com você esta noite? Não me parece bem.”

“Acho que ele está apaixonado”, exclamou Lady Narborough, “e está com medo de me contar porque tem receio de que eu sinta ciúmes. Ele tem razão. Eu certamente sentiria.”

“Cara Lady Narborough”, murmurou Dorian sorrindo, “faz uma semana que não me apaixono — não, na verdade desde que Madame de Ferrol saiu da cidade.”

“Como vocês homens podem se apaixonar por aquela mulher!”, exclamou a velha dama. “Eu sinceramente não consigo entender.”

“É simplesmente porque ela lembra a senhora quando era uma menininha, Lady Narborough”, disse Lord Henry. “Ela é a nossa única ligação entre nós e suas saias curtas.”

“Ela não lembra nem um pouco as minhas saias curtas, Lord Henry. Mas eu me lembro muito bem de Viena trinta anos atrás, e como ela era *décolletée* à época.”

“E ainda é *décolletée*”, ele respondeu, pegando uma azeitona com os dedos longos; “e quando usa um vestido muito elegante parece uma *édition de luxe* de um romance francês ruim. Ela é verdadeiramente maravilhosa, e cheia de surpresas. Sua capacidade para a afeição familiar é extraordinária. Quando seu terceiro marido morreu, o cabelo dela ficou dourado pelo luto.”

“Como você pode, Harry!”, exclamou Dorian.

“É uma explicação muito romântica”, riu a anfitriã. “Mas o terceiro marido dela, Lord Henry! O senhor não está querendo dizer que Ferrol é o quarto?”

“Certamente, Lady Narborough.”

“Não acredito em uma palavra do que diz.”

“Bem, pergunte ao senhor Gray. É um de seus amigos mais íntimos.”

“É verdade, senhor Gray?”

“Ela me assegura disso, Lady Narborough”, confirmou Dorian. “Eu lhe perguntei se, como Marguerite de Navarre, ela mandara embalsamar seus corações e os pendurara em seu cinto. Ela me disse que não, porque nenhum deles tinha coração.”

“Quatro maridos! Por Deus, isso é *trop de zèle*.”

“*Trop d’audace*, diria eu”, disse Dorian.

“Oh! Ela é audaciosa o bastante para qualquer coisa, meu caro. E como é Ferrol? Eu não o conheço.”

“Os maridos de mulheres muito bonitas pertencem à classe dos criminosos”, disse Lord Henry, sorvendo o vinho.

Lady Narborough bateu nele com o leque. “Lord Henry, eu não fico nada surpresa quando o mundo diz que o senhor é extremamente maldoso.”

“Mas que mundo diz isso?”, perguntou Lord Henry, erguendo as

sobrancelhas. “Só pode ser o mundo do além. Este mundo e eu temos uma relação excelente.”

“Todo mundo que eu conheço diz que o senhor é muito maldoso”, exclamou a velha dama, balançando a cabeça.

Lord Henry pareceu sério por alguns instantes. “É absolutamente monstruoso”, ele disse por fim, “o modo como as pessoas hoje em dia dizem pelas costas coisas que são absoluta e inteiramente verdadeiras.”

“Ele não é incorrigível?”, exclamou Dorian, curvando-se para a frente na cadeira.

“Espero que seja”, disse a anfitriã, rindo. “Mas, de fato, se vocês todos veneram Madame de Ferrol dessa maneira ridícula, eu terei de me casar de novo para estar na moda.”

“A senhora nunca vai se casar de novo, Lady Narborough”, interrompeu Lord Henry. “A senhora foi muito feliz. Quando uma mulher se casa de novo é porque detestava o primeiro marido. Quando um homem se casa de novo é porque adorava a primeira esposa. As mulheres tentam a sorte, e os homens arriscam a deles.”

“Narborough não era perfeito”, retrucou a velha dama.

“Se fosse, a senhora não o teria amado, minha cara”, foi a réplica. “As mulheres nos amam pelos nossos defeitos. Se os temos em número suficiente, elas nos perdoarão tudo, mesmo o nosso intelecto. A senhora nunca mais vai me convidar para jantar, depois disso, eu receio, Lady Narborough, mas é verdade.”

“É claro que é verdade, Lord Henry. Se nós mulheres não os amássemos pelos defeitos, como vocês ficariam? Nenhum de vocês casaria. Seriam um bando de solteirões infelizes. Não que isso os mudaria muito. Hoje em dia todos os homens casados vivem como solteiros, e todos os solteiros como homens casados.”

“*Fin de siècle*”, murmurou Lord Henry.

“*Fin du globe*”, respondeu a anfitriã.

“Gostaria que fosse *fin du globe*”, disse Dorian, com um suspiro. “A vida é uma grande decepção.”

“Ah, meu caro”, exclamou Lady Narborough, vestindo as luvas, “não me diga que o senhor esgotou a Vida. Quando um homem diz isso sabemos que a Vida o esgotou. Lord Henry é muito maldoso, e eu às vezes desejaria ter sido; mas o senhor é feito para ser bom — o senhor parece muito bom. Tenho de encontrar uma boa mulher para o senhor. Lord Henry, não acha que o senhor Gray deveria se casar?”

“Eu sempre lhe digo isso, Lady Narborough”, disse Lord Henry, com uma mesura.

“Bem, temos de achar um par adequado para ele. Vou vasculhar o Debrett com toda a atenção hoje à noite e fazer uma lista de todas as

jovens elegíveis.”

“Com as idades, Lady Narborough?”, perguntou Dorian.

“É claro, com as idades, ligeiramente editadas. Mas nada deve ser feito com pressa. Quero que seja o que o *The Morning Post* chama de uma aliança apropriada, e que ambos sejam felizes.”

“Que bobagens as pessoas falam sobre casamentos felizes!”, exclamou Lord Henry. “Um homem pode ser feliz com qualquer mulher, desde que não a ame.”

“Ah, como o senhor é cínico!”, exclamou a velha dama, afastando a cadeira e assentindo para Lady Tuxton. “O senhor precisa vir jantar comigo de novo em breve. O senhor é de fato um tônico admirável, muito melhor do que aquilo que o senhor Andrew me prescreve. Entretanto, o senhor tem de me dizer quais pessoas deseja encontrar. Quero que seja uma reunião encantadora.”

“Gosto de homens que tenham um futuro, e de mulheres que tenham um passado”, ele respondeu. “Ou a senhora acha que isso transformaria a reunião em um baile de anáguas?”

“Receio que sim”, ela disse, rindo, enquanto se levantava. “Mil perdões, minha cara Lady Ruxton”, ela acrescentou. “Não vi que não tinha terminado o cigarro.”

“Não se preocupe, Lady Narborough. Eu fumo demais. Vou me conter, no futuro.”

“Não faça isso, Lady Ruxton”, disse Lord Henry. “A moderação é uma coisa fatal. O bastante é ruim como uma refeição. Mais do que o suficiente é bom como uma festança.”

Lady Ruxton o olhou com curiosidade. “O senhor precisa vir me explicar isso numa tarde, Lord Henry. Soa como uma teoria fascinante”, ela murmurou, enquanto saía da sala.

“Cuidado para não se entregar muito à política e aos escândalos”, exclamou Lady Narborough da porta. “Se o fizer, com certeza brigaremos lá em cima.”

Os homens riram, e o sr. Chapman se levantou solenemente da extremidade da mesa e foi para a cabeceira. Dorian Gray mudou de lugar e sentou-se ao lado de Lord Henry. O sr. Chapman começou a falar em voz baixa sobre a situação na Câmara dos Comuns. Gargalhava dos adversários. A palavra *doctrinaire* — cheia de terror para a mente dos britânicos — reaparecia de tempos em tempos entre suas explosões. Um prefixo aliterativo servia como ornamento de oratória. Ele elevou a Union Jack aos píncaros do Pensamento. A estupidez inerente da raça — que ele chamava jovialmente de sólido bom-senso inglês — era exibida como o baluarte apropriado da Sociedade.

Um sorriso curvou os lábios de Lord Henry, e ele se virou e olhou

para Dorian.

“Está melhor, meu caro amigo?”, ele perguntou. “Você parecia bastante ausente durante o jantar.”

“Eu estou bem, Harry. Estou cansado. É tudo.”

“Você estava encantador ontem à noite. A pequena duquesa é bastante dedicada a você. Disse que vai para Selby.”

“Ela prometeu vir no dia 20.”

“Monmouth estará lá também?”

“Oh, sim, Harry.”

“Ele me entedia terrivelmente, quase tanto quanto ele a entedia. Ela é muito inteligente, inteligente demais para uma mulher. Falta a ela o charme indefinível da fragilidade. São os pés de barro que tornam o ouro da imagem precioso. Os pés dela são muito bonitos, mas não são de barro. Pés de porcelana branca, se quiser. Passaram pelo fogo, e o que o fogo não destrói ele enrijece. Ela passou por poucas e boas.”

“Há quanto tempo é casada?”, perguntou Dorian.

“Uma eternidade, ela me disse. Acho que, de acordo com a nobreza, há dez anos, mas dez anos com Monmouth devem ter sido uma eternidade, com mais um tempo extra para completar. Quem mais virá?”

“Oh, os Willoughby, Lord Rugby e a esposa, a nossa anfitriã, Geoffrey Clouston, os de sempre. Convidei Lord Grotrian.”

“Eu gosto dele”, disse Lord Henry. “Muita gente não gosta, mas o acho encantador. Ele se penitencia por usar ocasionalmente roupas exageradas sendo sempre exageradamente educado. É um tipo muito moderno.”

“Não sei se ele poderá vir, Harry. Talvez tenha de ir a Monte Carlo com o pai.”

“Ah! Como as pessoas são desagradáveis! Tente fazer com que venha. Por falar nisso, Dorian, você saiu muito cedo ontem à noite. Antes das onze. O que fez depois? Foi direto para casa?”

Dorian o olhou rapidamente e franziu o cenho. “Não, Harry”, disse por fim. “Não cheguei em casa antes das três.”

“Você foi ao clube?”

“Sim”, ele respondeu. Em seguida mordeu o lábio. “Não, eu não quis dizer isso. Não fui ao clube. Andei por aí. Esqueci do que fiz... Como você está perguntador, Harry! Você sempre quer saber o que as pessoas andaram fazendo. Eu sempre quero esquecer o que andei fazendo. Cheguei às duas e meia, caso queira saber a hora exata. Tinha deixado a chave em casa, e o meu empregado teve de abrir a porta. Se quiser alguma prova definitiva sobre o assunto pode falar com ele.”

Lord Henry deu de ombros. “Meu caro amigo, como se me importasse! Vamos subir para a sala de visitas. Não quero sherry, obrigado, senhor Chapman. Alguma coisa aconteceu com você, Dorian. Conte-me o que foi. Está diferente esta noite.”

“Não se incomode comigo, Harry. Estou irritável, sem paciência. Vou visitá-lo amanhã ou em algum outro dia. Peça desculpas por mim a Lady Narborough. Não vou subir. Vou para casa. Tenho de ir para casa.”

“Está bem, Dorian. Ouso dizer que vou encontrá-lo amanhã no teatro. A duquesa virá.”

“Tentarei estar lá, Harry”, ele disse, saindo da sala. Enquanto voltava para casa teve consciência de que o sentimento de terror que imaginara ter sufocado havia voltado. O interrogatório casual de Lord Henry o levava a perder o controle, e ele desejava manter a calma. As coisas perigosas tinham de ser destruídas. Odiava a simples ideia de tocá-las.

No entanto, tinha de ser feito. Chegou a essa conclusão e, quando trancou a porta da biblioteca, ele abriu o pequeno armário em que havia atirado o casaco e a valise de Basil. Um grande fogo ardia. Empilhou mais um tronco sobre ele. O cheiro das roupas chamuscadas e do couro queimado era horrível. Levou três quartos de hora para destruir tudo. Ao final, sentiu-se fraco e nauseado e, acendendo algumas pastilhas argelinas em um braseiro de cobre perfurado, banhou as mãos e a testa com vinagre frio aromatizado com almíscar.

De súbito teve um sobressalto. Os olhos se tornaram estranhamente brilhantes e ele mordeu o lábio inferior nervosamente. Entre duas janelas havia um grande gabinete florentino, feito de ébano, entalhado com marfim e lápis-lazúli. Ele o fitou como se fosse algo fascinante ou temível, como se contivesse algo por que ansiasse e no entanto quase abominasse. Sua respiração se acelerou. Um desejo louco se apoderou dele. Acendeu um cigarro e em seguida o atirou fora. As pálpebras caíram até que os longos cílios franjados quase tocassem as maçãs do rosto. Mas ele continuou a fitar o gabinete. Por fim se levantou do sofá em que estava, aproximou-se dele e, abrindo-o, tocou em uma mola escondida. Uma gaveta triangular se abriu lentamente. Seus dedos se moveram instintivamente na direção dela, mergulharam e se fecharam em torno de algo. Era uma pequena caixa chinesa de laca preta e pó de ouro, com um trabalho elaborado, as laterais desenhadas com ondas sinuosas, e os cordões de seda decorados com cristais redondos e franjas de metal trançado. Ele a abriu. Dentro havia uma pasta verde com um brilho de cera, e um cheiro estranhamente pesado e persistente.

Hesitou por alguns instantes, com um sorriso curiosamente imóvel

no rosto. Em seguida, trêmulo, embora o ar da sala estivesse terrivelmente quente, ele se endireitou e olhou para o relógio. Faltavam vinte para a meia-noite. Ele recolocou a caixa, fechou as portas do gabinete e foi para o quarto de dormir.

Quando a meia-noite batia badaladas de bronze no ar sombrio, Dorian Gray, vestido com simplicidade, com um cachecol em torno do pescoço, esgueirou-se silenciosamente para fora da casa. Na Bond Street encontrou uma charrete com um bom cavalo. Ele a parou e em voz baixa passou um endereço ao condutor.

O homem balançou a cabeça. “É longe demais para mim”, ele murmurou.

“Aqui está um soberano para você”, disse Dorian. “Ganhará outro se andar depressa.”

“Está bem, senhor”, respondeu o homem, “estará lá em uma hora”, e assim que o passageiro subiu deu meia-volta com o cavalo e tomou velozmente a direção do rio.

Uma chuva fria começou a cair, e as luzes borradas da rua pareciam assustadoras em meio às gotas de cerração. As tavernas acabavam de fechar, e homens e mulheres indistintos se aglomeravam em grupos separados em volta de suas portas. De alguns bares vinha o som de risadas horríveis. Em outros, bêbados discutiam e gritavam.

Recostado na charrete, com o chapéu caído sobre a testa, Dorian Gray observava com olhos agitados a vergonha sórdida da grande cidade, e vez ou outra repetia para si as palavras que Lord Henry lhe havia dito no primeiro encontro. “Curar a alma por meio dos sentidos e os sentidos por meio da alma.” Sim, esse era o segredo. Ele tinha procurado fazê-lo muitas vezes, e agora o tentaria uma vez mais. Havia antros de ópio onde era possível comprar o esquecimento, covis de horror onde a memória de velhos pecados podia ser destruída pela loucura dos novos.

A lua pendia baixa no céu, como um crânio amarelo. De tempos em tempos uma imensa nuvem disforme estendia um longo braço e a escondia. As lâmpadas a gás escassearam, e as ruas se tornaram mais estreitas e sombrias. Em dado momento o homem se perdeu e teve de voltar meia milha. O cavalo exalava vapor à medida que chapinhava nas poças. As janelas da charrete estavam cobertas por uma névoa cinza flanelada.

“Curar a alma por meio dos sentidos e os sentidos por meio da alma!” Como as palavras ecoavam em seus ouvidos! Sua alma, com certeza, estava mortalmente doente. Era verdade que os sentidos poderiam curá-la? Sangue inocente fora derramado. Qual seria a expiação? Ah! Para isso não havia expiação; mas embora o perdão fosse impossível, o esquecimento ainda era, e ele estava decidido a esquecer, a eliminar a coisa, a esmagá-la como esmagamos a cobra que nos morde. Na verdade, que direito tinha Basil de lhe falar como falara? Quem o fizera juiz dos demais? Ele dissera coisas terríveis, horrendas, insuportáveis.

A charrete seguia se arrastando, mais devagar, lhe pareceu, a cada passo. Ele ergueu a portinhola e mandou o homem andar mais depressa. A fome medonha de ópio começou a atormentá-lo. A garganta ardia e as mãos delicadas fibrilavam nervosamente. Golpeou o cavalo loucamente com a bengala. O condutor riu e o chicoteou. Ele

riu em resposta, e o homem ficou em silêncio.

O caminho parecia interminável, as ruas eram como a teia preta de uma aranha esparramada. A monotonia se tornou insuportável, e à medida que a cerração se adensava ele sentiu medo.

Em seguida passaram por olarias desertas. A neblina estava mais rala, e ele viu os estranhos fornos em forma de garrafa com as línguas de fogo como leques alaranjados. Um cão latiu quando eles passaram e ao longe, na escuridão, uma gaivota que vagava gritou. O cavalo tropeçou em um buraco, desviou, e irrompeu em um galope.

Passado algum tempo deixaram a estrada de terra e chocalharam de novo sobre ruas de pavimento áspero. A maioria das janelas estava às escuras, mas volta e meia sombras fantásticas projetavam silhuetas contra uma veneziana iluminada. Ele as observava com curiosidade. Elas se movimentavam como marionetes monstruosas e faziam gestos de criaturas vivas. Ele as odiou. Em seu coração havia uma ira surda. Quando viraram uma esquina, uma mulher gritou alguma coisa para eles de uma porta aberta, e dois homens correram atrás da charrete por cerca de cem metros. O condutor os golpeou com o chicote.

Diz-se que a paixão nos faz pensar em círculos. Certamente, numa reiteração horrenda, os lábios mordidos de Dorian Gray desenhavam e redesenhavam as palavras sutis referentes a alma e sentidos, até que encontrou nelas a plena expressão, por assim dizer, de seu estado de espírito, e justificava por meio da aprovação intelectual, paixões que sem tal justificativa teriam, ainda assim, dominado seu temperamento. De uma célula a outra de seu cérebro se arrastava o pensamento único; e o desejo selvagem de viver, mais terrível que todos os apetites humanos, excitava cada nervo e fibra trêmula. A feiura que fora um dia odiosa, porque tornava as coisas reais, tornou-se para ele cara pela mesma razão. A discussão vulgar, o covil detestável, a violência cruenta da vida desregrada, a própria vileza do ladrão e do excluído, eram mais vívidos em sua intensa impressão de realidade que todas as formas graciosas da Arte, que as sombras oníricas da Canção. Eram o que ele precisava para esquecer. Em três dias estaria livre.

De súbito o homem parou com um sacolejo no alto de uma viela escura. Sobre os telhados baixos e as chaminés denteadas das casas se erguiam mastros pretos de navios. Grinaldas de névoa branca aderiam como velas fantasmagóricas às docas.

“Fica por aqui, correto, senhor?”, ele perguntou com a voz rouca pela portinhola.

Dorian se sobressaltou e olhou em volta. “Aqui está bom”, respondeu, e desceu apressado, e depois que deu ao condutor a tarifa extra que lhe prometera caminhou rapidamente na direção do cais. Aqui e ali uma lamparina brilhava na popa de um navio mercante. A

luz oscilava e se fragmentava nas poças. Um brilho vermelho surgiu de um vapor de partida que se abastecia de carvão. O piso escorregadio parecia uma capa de chuva molhada.

Ele correu para a esquerda, olhando para trás de vez em quando para ver se alguém o seguia. Em cerca de sete ou oito minutos chegou a uma pequena casa decrepita, apertada entre duas fábricas sombrias. Em uma das janelas superiores havia uma lâmpada. Ele parou e deu uma batida especial.

Depois de algum tempo ouviu passadas no corredor e a corrente sendo destravada. A porta se abriu silenciosamente, e ele entrou sem dizer uma palavra à personagem agachada, disforme, que se colou à sombra para que ele passasse. No fim do hall pendia uma cortina verde desfiada, que balançava e flutuava ao vento tempestuoso que o seguira da rua. Ele a afastou e entrou em um aposento comprido, baixo, que parecia ter sido um dia um salão de dança de terceira categoria. Lamparinas a gás chamejavam sibilantes, amortecidas e deformadas nos espelhos coalhados de moscas diante delas, estavam alinhadas junto das paredes. Presos a elas havia refletores engordurados de estanho riscado que criavam discos trêmulos de luz. O piso era coberto de serragem ocre, transformada aqui e ali em lama, e manchado com anéis escuros de aguardente derramada. Alguns malaios estavam acorados junto de uma pequena estufa de carvão jogando com fichas de marfim e exibindo os dentes brancos enquanto tagarelavam. Em um canto, com a cabeça enterrada nos braços, um marinheiro se espreguiçava sobre uma mesa, e junto do bar mal pintado que se estendia por um lado inteiro da sala havia duas mulheres de aspecto vulgar zombando de um velho que esfregava as mangas do casaco com uma expressão de nojo. “Ele acha que há formigas vermelhas caminhando sobre ele”, riu uma delas quando Dorian passou. O homem olhou para ela aterrorizado e começou a choramingar.

Na extremidade da sala havia uma pequena escadaria que levava a um quarto escuro. Quando Dorian subiu os degraus frágeis às pressas, o odor pesado de ópio o atingiu. Ele inspirou profundamente, e as narinas estremeceram de prazer. Quando entrou, um jovem com cabelos amarelos lisos, curvado sobre uma lâmpada que iluminava um longo cachimbo delgado, olhou para ele e fez um sinal com a cabeça, hesitante.

“Você aqui, Adrian?”, murmurou Dorian.

“Onde mais eu poderia estar?”, ele respondeu, agitado. “Nenhum dos camaradas falaria comigo agora.”

“Pensei que tivesse saído da Inglaterra.”

“Darlington não vai fazer nada. O meu irmão no fim pagou a conta.

George também não fala comigo... Eu não me importo”, ele acrescentou com um suspiro. “Enquanto temos essa substância, não queremos amigos. Acho que tive amigos demais.”

Dorian recuou e olhou em volta, para as coisas grotescas deitadas em posturas extraordinárias nos colchões esfarrapados. Os membros retorcidos, as bocas escancaradas, os olhos fixos sem brilho, o fascinavam. Ele sabia em que céus estranhos eles sofriam, e que infernos entediados lhes ensinavam o segredo de um novo prazer. Estavam melhor que ele, prisioneiro dos pensamentos. A memória, como uma doença terrível, estava devorando sua alma. De tempos em tempos tinha a impressão de ver os olhos de Basil Hallward fixados nele. No entanto, sentiu que não podia ficar. A presença de Adrian Singleton o preocupava. Queria estar onde ninguém soubesse quem ele era. Queria fugir de si mesmo.

“Eu vou para o outro lugar”, ele disse, depois de uma pausa.

“No cais?”

“Sim.”

“Aquela doida certamente estará lá. Não a aceitam aqui agora.”

Dorian deu de ombros. “Estou cansado de mulheres que nos amam. As mulheres que nos odeiam são muito mais interessantes. Além disso, a mercadoria é melhor.”

“É a mesma coisa.”

“Eu gosto mais. Venha, tome alguma coisa. Eu preciso.”

“Não quero nada”, murmurou o jovem.

“Não faz mal.”

Adrian Singleton se levantou com dificuldade e seguiu Dorian para o bar. Uma mestiça, com um turbante esfarrapado e um sobretudo surrado, gargalhou uma saudação horrível enquanto empurrava para eles uma garrafa de brandy e dois copos. As mulheres se aproximaram e começaram a tagarelar. Dorian lhes deu as costas e disse alguma coisa em voz baixa para Adrian.

Um sorriso falso, como uma fenda malaia, desfigurou o rosto de uma das mulheres. “Estamos muito orgulhosos hoje à noite”, ela zombou.

“Por Deus, não fale comigo”, gritou Dorian, batendo o pé no chão. “O que vocês querem? Dinheiro? Tomem. Nunca mais falem comigo.”

Duas faíscas vermelhas brilharam por um instante nos olhos úmidos da mulher, depois se apagaram e os deixaram mortiços e vítreos. Ela atirou a cabeça para trás e juntou as moedas que estavam sobre o balcão com dedos ávidos. A companheira dela observou com inveja.

“Não adianta”, suspirou Adrian Singleton. “Não faço questão de voltar. Que importância tem? Estou feliz aqui.”

“Você vai me escrever se quiser alguma coisa, não vai?”, disse

Dorian depois de uma pausa.

“Talvez.”

“Pois então, boa noite.”

“Boa noite”, respondeu o jovem subindo as escadas, enxugando a boca ressecada com um lenço.

Dorian foi para a porta com uma expressão de dor no rosto. Quando afastou a cortina, uma risada horrenda irrompeu dos lábios pintados da mulher que pegara seu dinheiro. “Lá vai a barganha do demônio!”, ela soluçou, com a voz rouca.

“Maldita!”, ele respondeu, “não fale de mim desse jeito.”

Ela estalou os dedos. “Príncipe Encantado, é como você gosta de ser chamado, não é?”, ela urrou atrás dele.

O marinheiro letárgico se pôs de pé enquanto ela falava e olhou enlouquecido ao redor. O som da batida da porta do hall atingiu seus ouvidos. Ele correu para fora como um fugitivo.

Dorian Gray andou apressado ao longo do cais sob o chuveiro. Seu encontro com Adrian Singleton o comovera estranhamente, e ele se perguntava se a ruína daquela jovem vida deveria de fato ser atribuída a ele, como Basil Hallward lhe dissera em um insulto infame. Ele mordeu o lábio, e em alguns segundos seus olhos se entristeceram. No entanto, apesar de tudo, o que importava? Nossos dias são demasiado breves para carregarmos os erros de outros sobre os ombros. Cada homem vivia a própria vida e pagava o próprio preço por vivê-la. Só era de se lamentar a necessidade de pagar tantas vezes por um único erro. Tínhamos de pagar repetidas vezes, na verdade. Em seus afazeres com o homem, o Destino nunca encerrava as contas.

Há momentos, os psicólogos nos dizem, em que a paixão pelo pecado, ou pelo que o mundo chama de pecado, domina a natureza de tal modo que todas as fibras do corpo e todas as células do cérebro parecem ser instintos com impulsos assustadores. Nesses momentos, homens e mulheres perdem a liberdade do próprio desejo. Eles seguem para o fim terrível como autômatos. A escolha lhes é tolhida e a consciência é morta, ou, se chega a viver, confere à rebeldia o fascínio e à desobediência o encanto. Porque todos os pecados, como os teólogos não se cansam de nos lembrar, são pecados da desobediência. Quando o espírito elevado, a estrela da manhã do mal, caiu do céu, caiu como um rebelde.

Insensível, concentrado no mal, com a mente ofuscada e a alma sequiosa de rebeldia, Dorian Gray seguiu apressado, apertou o passo, mas quando saltou de lado para uma arcada escura, que muitas vezes lhe servira de atalho para o lugar mal-afamado para onde se dirigia, sentiu-se de súbito agarrado por trás, e antes que pudesse se defender foi atirado contra a parede, com uma mão brutal em volta de seu

pescoço.

Lutou loucamente pela vida, e com um esforço terrível se libertou dos dedos que o apertavam. Em um segundo ele ouviu o estalido de um revólver e viu o brilho de um tambor polido apontado diretamente para sua cabeça, e a silhueta indistinta de um homem baixo atarracado que o encarava.

“O que você quer?”, ele falou, ofegante.

“Fique quieto”, disse o homem. “Se você se mexer eu atiro.”

“Você está louco. O que eu lhe fiz?”

“Você arruinou a vida de Sibyl Vane”, foi a resposta, “e Sibyl Vane era a minha irmã. Ela se matou. Eu tenho certeza. A morte dela está à sua porta. Eu jurei que o mataria por isso. Durante anos o procurei. Eu não tinha pista, nenhum rastro. As duas pessoas que poderiam tê-lo descrito estavam mortas. Eu não sabia nada sobre você a não ser o apelido pelo qual ela o chamava. Eu o ouvi hoje à noite por acaso. Faça as pazes com Deus, porque hoje você vai morrer.”

Dorian Gray ficou nauseado de medo. “Eu nunca a conheci”, ele balbuciou. “Nunca ouvi falar dela. Você está louco.”

“É melhor confessar o seu pecado, pois a certeza de que eu sou James Vane é igual à certeza de que você vai morrer.” Houve um instante terrível. “Fique de joelhos!”, rugiu o homem. “Eu lhe dou um minuto para pôr a sua alma em paz — não mais. Hoje embarco para a Índia e tenho de fazer o meu trabalho antes disso. Um minuto. Isso é tudo.”

Os braços de Dorian caíram. Paralisado de pavor, ele não sabia o que fazer. De súbito uma esperança louca cruzou seu cérebro. “Pare”, ele gritou. “Quanto tempo faz que a sua irmã morreu? Rápido, diga!”

“Dezoito anos”, disse o homem. “Por que você pergunta? O que importam os anos?”

“Dezoito anos”, riu Dorian Gray, com um toque de triunfo na voz. “Dezoito anos! Ponha-me debaixo da lâmpada e veja o meu rosto!”

James Vane hesitou por um momento, sem entender a intenção de Dorian. Em seguida agarrou Dorian Gray e o arrastou da arcada.

Embora fraca e vacilante em virtude do vento que soprava, a luz serviu para lhe mostrar, aparentemente, o erro terrível em que incorrera, porque o rosto do homem que ele pretendia matar tinha todo o viço da meninice, toda a pureza imaculada da juventude. Parecia ser um rapaz de pouco mais que vinte verões, um pouco mais velho, se é que era, que sua irmã quando eles se despediram havia tantos anos. Obviamente aquele não era o homem que tinha destruído a vida dela.

Ele soltou sua presa e recuou. “Meu Deus! Meu Deus!”, ele gritou, “e eu ia matá-lo!”

Dorian Gray respirou fundo. “Você estava prestes a cometer um crime terrível, meu caro”, disse, olhando para ele com severidade. “Que seja um aviso para que não tente justiça com as próprias mãos.”

“Perdoe-me, senhor”, murmurou James Vane. “Eu me enganei. Uma palavra casual que ouvi naquele maldito antro me levou à pista errada.”

“É melhor você ir para casa e guardar a pistola, ou pode arranjar alguma encrenca”, disse Dorian, dando meia-volta e descendo a rua devagar.

James Vane ficou parado no calçamento, horrorizado. Tremia dos pés à cabeça. Depois de algum tempo, uma sombra negra que se arrastava ao longo da parede úmida saiu para a luz e se aproximou dele com passadas furtivas. Ele sentiu uma mão em seu braço e se virou sobressaltado. Era uma das mulheres que bebia no bar.

“Por que você não o matou?”, ela sibilou, colocando o rosto perturbado bem junto ao dele. “Eu sabia que você o seguiria quando saiu correndo do Daly’s. Seu imbecil! Você deveria tê-lo matado. Ele tem muito dinheiro e é maldoso como ninguém mais pode ser.”

“Não é o homem que procuro”, ele respondeu, “e eu não quero o dinheiro de ninguém. Eu quero a vida de alguém. O homem cuja vida eu quero deve ter por volta de quarenta anos hoje. Esse não passa de um garoto. Graças a Deus não estou com o sangue dele nas mãos.”

A mulher deu uma risada amarga. “Não passa de um garoto!”, ela zombou. “Ora, homem, faz cerca de dezoito anos que o Príncipe Encantado fez de mim o que sou.”

“Você está mentindo!”, gritou James Vane.

Ela ergueu a mão para o céu: “Deus é testemunha que estou lhe dizendo a verdade”, ela gritou.

“Deus é testemunha?”

“Que eu emudeça se não for assim. Ele é o pior dos que vêm para cá. Dizem que se vendeu para o demônio por um belo rosto. Faz cerca de dezoito anos que o conheci. Ele não mudou muito desde então. Eu sim”, ela acrescentou, com um olhar doentio.

“Você jura?”

“Eu juro”, sua voz ecoou roucamente da boca rígida. “Mas não me denuncie”, ela uivou; “tenho medo dele. Dê-me algum dinheiro para a hospedagem da noite.”

Ele se separou dela com uma praga e correu até a esquina, mas Dorian Gray tinha desaparecido. Quando olhou para trás, a mulher havia sumido também.

Uma semana depois, Dorian Gray estava sentado na pérgola do Selby Royal, conversando com a bela duquesa de Monmouth, que com o marido, um homem de sessenta anos de ar apático, estava entre seus convidados. Era hora do chá, e a luz suave do grande lustre coberto de rendas sobre a mesa iluminava a porcelana delicada e a prata trabalhada da recepção a que a duquesa presidia. Suas mãos brancas se movimentavam delicadamente entre as xícaras, e os lábios vermelhos e cheios sorriam de alguma coisa que Dorian lhe cochichara. Lord Henry estava recostado em uma cadeira de vime coberta de seda, olhando para eles. Em um divã cor de pêssego sentava-se Lady Narborough, fazendo de conta que ouvia a descrição do duque sobre o último besouro brasileiro que adicionara à sua coleção. Três jovens em smokings elegantes serviam os bolinhos a algumas mulheres. A recepção doméstica consistia de doze pessoas, e esperava-se que chegassem mais no dia seguinte.

“Sobre o que estão falando?”, perguntou Lord Henry, aproximando-se da mesa e ali depositando a xícara. “Espero que Dorian tenha lhe contado sobre o meu plano de rebatizar tudo, Gladys. Trata-se de uma ideia encantadora.”

“Mas eu não quero ser rebatizada, Harry”, replicou a duquesa, erguendo para ele os lindos olhos. “Estou bastante satisfeita com o meu nome, e tenho certeza de que o senhor Gray deve estar satisfeito com o dele.”

“Minha cara Gladys, eu não modificaria nenhum dos nomes por nada deste mundo. São ambos perfeitos. Estava pensando especialmente nas flores. Ontem cortei uma orquídea para a minha lapela. Era uma coisa pontilhada e maravilhosa, eficaz como os sete pecados capitais. Em um momento impensado perguntei a um dos jardineiros como se chamava. Ele disse que era um belo espécime de *Robinsoniana*, ou algo horrível do gênero. É uma triste verdade, mas perdemos a capacidade de dar nomes adoráveis às coisas. Nomes são tudo. Eu jamais me desentendo com ações. Meu único desentendimento é com as palavras. Por essa razão detesto o realismo vulgar na literatura. O homem capaz de chamar uma espada de espada deveria ser obrigado a usar uma. É a única coisa para a qual é talhado.”

“Então como deveríamos chamá-lo, Harry?”, ela perguntou.

“O nome dele é Príncipe Paradoxo”, disse Dorian.

“Eu o reconheço em um segundo”, exclamou a duquesa.

“Não quero ouvir falar nisso”, riu Lord Henry, afundando em uma cadeira. “Não há como escapar de um rótulo! Recuso o título.”

“A realeza não pode abdicar”, saiu como uma advertência dos belos lábios.

“Deseja que eu defenda o meu trono?”

“Sim.”

“Eu ofereço as verdades de amanhã.”

“Prefiro os erros de hoje”, ela respondeu.

“Você me desarma, Gladys”, ele exclamou, captando a obstinação do estado de espírito dela.

“De seu escudo, Harry, não de sua lança.”

“Eu nunca me inclino contra a Beleza”, ele disse, com um gesto de mão.

“Este é o seu erro, Harry, acredite. Você valoriza demais a beleza.”

“Como pode dizer isso? Eu admito que considero melhor ser bonito do que ser bom. Mas, por outro lado, ninguém se dispõe mais que eu a reconhecer que é melhor ser bom do que feio.”

“Então a feiura é um dos sete pecados capitais?”, exclamou a duquesa. “O que acontece com o seu exemplo da orquídea?”

“A feiura é uma das sete virtudes capitais, Gladys. Você, como boa conservadora, não deve subestimá-las. A cerveja, a Bíblia e as sete virtudes capitais fizeram da Inglaterra o que ela é.”

“Quer dizer que não gosta do seu país?”, ela perguntou.

“Eu vivo nele.”

“Para que possa censurá-lo melhor.”

“Quer saber o veredicto da Europa sobre ele?”, provocou.

“O que eles dizem de nós?”

“Que Tartufo emigrou para a Inglaterra e abriu uma loja.”

“Essa frase é sua, Harry?”

“Eu lhe dou.”

“Não poderia usá-la. É verdadeira demais.”

“Não precisa ter medo. Nossos contrerrâneos nunca reconhecem uma descrição.”

“Eles são práticos.”

“São mais astutos que práticos. Quando fazem a contabilidade, equilibram a estupidez com a riqueza, e o vício com a hipocrisia.”

“Ainda assim, fizemos grandes coisas.”

“Grandes coisas nos foram impostas, Gladys.”

“Carregamos o peso delas.”

“Não além da bolsa de valores.”

Ela balançou a cabeça. “Acredito na raça”, exclamou.

“Ela representa a sobrevivência dos empreendedores.”

“Ela se desenvolve.”

“A decadência me fascina mais.”

“E a Arte?”, ela perguntou.

“É uma doença.”

“Amor?”

“Uma ilusão.”

“Religião?”

“O substituto da moda para a Crença.”

“Você é um cético.”

“Nunca! O ceticismo é o começo da Fé.”

“O que você é?”

“Definir é limitar.”

“Dê uma pista.”

“Fios se arrebitam. Você se perderia no labirinto.”

“Você me confunde. Vamos falar de outra pessoa.”

“O nosso anfitrião é um tópico encantador. Anos atrás ele foi batizado de Príncipe Encantado.”

“Ah, não me lembro disso”, exclamou Dorian Gray.

“Nosso anfitrião está bem desagradável nesta noite”, respondeu a duquesa, ficando vermelha. “Acho que ele pensa que Monmouth se casou comigo por princípios meramente científicos, como o melhor espécime que ele pôde encontrar de uma borboleta moderna.”

“Bem, espero que ele não a espete com alfinete, duquesa”, riu Dorian.

“Oh! A minha empregada já faz isso, senhor Gray, quando está aborrecida comigo.”

“E por que ela se aborrece com a senhora, duquesa?”

“Pelas coisas mais banais, senhor Gray, eu lhe asseguro. Em geral porque eu chego às dez para as nove e lhe digo que terei de estar vestida até as oito e meia.”

“Que insensatez da parte dela! A senhora deveria adverti-la.”

“Não ouse, senhor Gray. Ora, ela cria chapéus para mim. Lembra-se do que eu usei na festa ao ar livre de Lady Hilstone? O senhor não sabe, mas seria gentil de sua parte fingir que se lembra. Bem, ela o fez do nada. Todos os bons chapéus são feitos do nada.”

“Assim como todas as boas reputações, Gladys”, interrompeu Lord Henry. “Todo efeito que causamos resulta em um inimigo. Para ser popular é preciso ser medíocre.”

“Não com as mulheres”, disse a duquesa, balançando a cabeça, “e as mulheres dominam o mundo. Eu lhe asseguro que não toleramos mediocridades. Nós mulheres, como se diz, amamos com os ouvidos,

exatamente como vocês homens amam com os olhos, se é que amam.”

“Parece que nunca fazemos outra coisa”, murmurou Dorian.

“Ah!, nesse caso vocês nunca amam de verdade, senhor Gray”, respondeu a duquesa, com falsa tristeza.

“Minha cara Gladys!”, exclamou Lord Henry. “Como pode dizer isso? Os romances vivem pela repetição, e a repetição converte um apetite em uma arte. Além disso, cada vez que amamos é como se fosse a única... A diferença de objeto não modifica a excepcionalidade da paixão. Ela simplesmente a intensifica. Durante a vida podemos ter na melhor hipótese uma única grande experiência, e o segredo da vida é reproduzir essa experiência o maior número possível de vezes.”

“Mesmo que tenhamos sido feridos por ela, Harry?”, perguntou a duquesa depois de uma pausa.

“Especialmente se tivermos sido feridos por ela”, respondeu Lord Henry.

A duquesa se voltou e olhou para Dorian Gray com uma expressão estranha nos olhos. “O que tem a dizer sobre isso, senhor Gray?”, ela inquiriu.

Dorian hesitou por um momento. Em seguida atirou a cabeça para trás e riu. “Eu sempre concordo com Harry, duquesa.”

“Mesmo quando ele está errado?”

“Harry nunca está errado, duquesa.”

“E a filosofia dele o faz feliz?”

“Eu nunca busquei a felicidade. Quem quer a felicidade? Eu busquei o prazer.”

“E o encontrou, senhor Gray?”

“Muitas vezes. Até demais.”

A duquesa suspirou. “Eu busco a paz”, ela disse, “e se não for me vestir, não terei nenhuma esta noite.”

“Deixe que eu apanhe algumas orquídeas para a senhora, duquesa”, exclamou Dorian, pondo-se de pé e descendo para a pérgola.

“Você está flertando desgraçadamente com ele”, disse Lord Henry para a prima. “É melhor tomar cuidado. Ele é muito fascinante.”

“Se não fosse, não haveria batalha.”

“Nesse caso, de grego contra grego?”

“Eu estou do lado dos troianos. Eles lutaram por uma mulher.”

“Eles foram derrotados.”

“Existem coisas piores que a captura”, ela respondeu.

“Você está galopando com a rédea solta.”

“Ritmo cria vida”, foi a *riposte*.

“Vou anotar isso em meu diário hoje à noite.”

“O quê?”

“Que uma criança queimada adora fogo.”

“Eu nem me chamusquei. As minhas asas estão intocadas.”

“Você as usa para tudo, exceto para voar.”

“A coragem passou dos homens para as mulheres. É uma experiência nova para nós.”

“Você tem uma rival.”

“Quem?”

Ele riu. “Lady Narborough”, sussurrou. “Ela simplesmente o adora.”

“Você me deixa apreensiva. O apelo à Antiguidade é fatal para nós românticas.”

“Românticas! Vocês têm todos os métodos da ciência.”

“Os homens nos educaram.”

“Mas não as esclareceram.”

“Descreva-nos como sexo”, ela desafiou.

“Esfinges sem segredos.”

Ela olhou para ele sorrindo. “Como o senhor Gray está demorando!”, ela disse. “Vamos ajudá-lo. Eu ainda não lhe contei a cor do meu vestido.”

“Ah, você é que precisa combinar o seu vestido com as flores dele, Gladys.”

“Seria uma rendição prematura.”

“A Arte Romântica começa com o clímax.”

“Tenho de manter a possibilidade do recuo.”

“À maneira dos Partos?”

“Eles encontraram segurança no deserto. Eu não poderia fazer isso.”

“As mulheres nem sempre têm uma escolha”, ele respondeu, mas mal havia terminado a frase quando da extremidade da pérgola veio um gemido, seguido pelo som surdo de algo pesado que caía. Todos se sobressaltaram. A duquesa ficou imobilizada de terror. E com medo nos olhos Lord Henry correu ao longo das palmeiras agitadas para encontrar Dorian Gray caído com o rosto para baixo sobre o piso de lajotas, desfalecido como se estivesse morto.

Ele foi levado de imediato para o salão azul e deitado sobre um sofá. Passado algum tempo, voltou a si e olhou em redor com um ar entorpecido.

“O que aconteceu?”, ele perguntou. “Oh! Eu me lembro. Estou em segurança aqui, Harry?” Ele começou a tremer.

“Meu caro Dorian”, respondeu Lord Henry, “você apenas desmaiou. Foi tudo. Deve ter se fatigado demais. É melhor que não desça para o jantar. Eu vou substituí-lo.”

“Não, eu vou descer”, ele disse, esforçando-se para se pôr de pé. “É melhor que eu desça. Não devo ficar sozinho.”

Foi para o quarto e se vestiu. Parecia absolutamente despreocupado

ao se sentar à mesa, mas vez ou outra uma sensação de horror o atravessava quando recordava que, grudado na janela da pérgola, como um lenço branco, ele vira o rosto de James Vane a observá-lo.

XVIII

No dia seguinte ele não saiu de casa e passou a maior parte do tempo em seu quarto, nauseado pelo terror desesperado de morrer, mas indiferente à vida em si. A consciência de estar sendo caçado, traído, perseguido, começara a dominá-lo. Bastava que a tapeçaria balançasse ao vento para que ele estremecesse. As folhas mortas sopradas contra os painéis chumbados das janelas pareciam as próprias resoluções desperdiçadas e os arrependimentos intempestivos. Quando fechava os olhos, via de novo o rosto do marinheiro espiando pelo vitral coberto de cerração, e a mão do terror parecia uma vez mais pousar sobre seu coração.

Mas talvez fosse apenas sua fantasia que reclamara vingança na noite e exibira as formas horrendas da punição diante dele. A vida real era o caos, mas havia algo terrivelmente lógico na imaginação. Era a imaginação que depositava o remorso aos pés do pecado. Era a imaginação que fazia com que cada crime gerasse sua ninhada disforme. No mundo comum dos fatos, os maus não eram punidos, nem os bons recompensados. O sucesso era atribuído aos fortes, o fracasso lançado sobre os fracos. Isso era tudo. Além do mais, se um estranho estivesse rodeando a casa, seria visto pelos empregados ou vigias. Se pegadas fossem encontradas nos canteiros, os jardineiros as teriam relatado. Sim: fora apenas fantasia. O irmão de Sibyl Vane não voltara para matá-lo. Ele zarpara em seu navio para fundear em algum mar inercial. Dele, ao menos, estava a salvo. Ora, o homem não sabia quem ele era; não poderia saber quem ele era. A máscara da juventude o salvara.

Entretanto, se fora mera ilusão, como era terrível pensar que a consciência era capaz de criar fantasmas tão assustadores, e lhes dar forma visível, e fazê-los aparecer diante de nós! Que espécie de vida seria a dele se dia e noite as sombras de seu crime o espreitassem de cantos silenciosos, se zombassem dele a partir de lugares secretos, se sussurrassem em seus ouvidos quando ele se sentasse para se refestelar, se o despertassem com dedos gélidos quando estivesse para adormecer? À medida que a ideia penetrava em seu cérebro, ele empalidecia de pavor, e o ar lhe parecia ter se tornado subitamente mais frio. Oh! Em que instante de loucura irrefreável ele matara o amigo! Como era medonha a lembrança da cena! Ele viu tudo de

novo. Cada detalhe horrendo voltou ainda mais aterrorizante. Da caverna negra do Tempo, terrível e com uma bandagem escarlate, se erguia a imagem de seu pecado. Quando Lord Henry chegou, às seis horas, encontrou-o chorando como alguém cujo coração iria se partir.

Ele não se aventurou a sair antes do terceiro dia. Havia algo no ar límpido com perfume de pinheiros da manhã de inverno que pareceu lhe devolver o bom humor e o ardor pela vida. Mas não eram apenas as condições físicas do ambiente que haviam causado a mudança. Sua própria natureza se rebelara contra o excesso de angústia que pretendia mutilar e manchar a perfeição de sua tranquilidade. É sempre assim com temperamentos sutis e finamente talhados. Suas fortes paixões devem ferir ou ceder. Ou elas matam o homem, ou elas mesmas morrem. Tristezas superficiais e amores superficiais são superados. Grandes amores e tristezas são destruídos pela própria plenitude. Além disso, ele havia se convencido de que fora vítima de uma imaginação atingida pelo terror, e revia agora seus medos com certa piedade, mas não sem desprezo.

Depois do café da manhã, passeou com a duquesa por uma hora no jardim, e em seguida atravessou o Parque para se juntar ao grupo de caça. A geada friável se espalhava como sal sobre a grama. O céu era uma xícara emborcada de metal azul. Uma fina camada de gelo flanqueava o lago coberto de juncos.

Na extremidade da mata de pinheiros, ele avistou Sir Geoffrey Clouston, irmão da duquesa, arrancando dois cartuchos usados da arma. Ele saltou da charrete e, depois de ordenar ao cavaliário que levasse a égua para casa, abriu caminho na direção do convidado em meio às samambaias murchas e a vegetação áspera e rasteira.

“Foi bom o esporte, Geoffrey?”, ele perguntou.

“Não muito, Dorian. Acho que a maioria dos pássaros saiu para o campo aberto. Imagino que vá ser melhor depois do almoço, quando estivermos em outro terreno.”

Dorian caminhou a seu lado. O ar perfumado penetrante, as luzes marrons e vermelhas que brilhavam na mata, os gritos roucos dos batedores que ecoavam de tempos em tempos e os estampidos cortantes das armas que se seguiam a eles o fascinaram e o encheram de um sentimento de agradável liberdade. Foi dominado pelo descuido da felicidade, pela extrema indiferença da alegria.

De súbito, de um tufo protuberante de grama velha, a cerca de vinte metros deles, com as orelhas de pontas pretas eretas e longas patas traseiras que a impeliam para a frente, surgiu uma lebre. Saltou na direção de uma moita de amieiro. Sir Geoffrey posicionou a arma no ombro, mas havia algo na graça do movimento do animal que encantou Dorian Gray, e ele repentinamente gritou: “Não atire,

Geoffrey. Deixe-a viver”.

“Que bobagem, Dorian!”, riu o companheiro, e quando a lebre se aproximou do arbusto ele abriu fogo. Ouviram-se dois gritos, o grito doloroso da lebre, terrível, e o grito de um homem agoniado, ainda pior.

“Céus! Atingi um batedor!”, exclamou Sir Geoffrey. “O imbecil foi se postar diante das armas! Parem de atirar!”, ele gritou com todas as forças. “Um homem está ferido.”

O líder dos batedores chegou correndo, empunhando um bastão.

“Onde, senhor? Onde está ele?”, gritou. Ao mesmo tempo os tiros cessaram ao longo da fileira.

“Aqui”, respondeu Sir Geoffrey, irritado, correndo na direção do arbusto. “Por que diabos você não contém os seus homens? Estragou a minha caçada de hoje.”

Dorian os observou enquanto eles se atiravam na moita de amieiro, esbarrando na parte macia e abrindo os ramos. Em alguns instantes emergiram, arrastando um corpo para a claridade. Ele se virou horrorizado. Pareceu-lhe que a má sorte o seguia aonde quer que ele fosse. Ouviu Sir Geoffrey perguntando se o homem estava mesmo morto, e a resposta afirmativa do batedor. A mata lhe pareceu subitamente viva, cheia de rostos. Soavam as passadas de miríades de pés e o zumbido baixo de vozes. Um grande faisão de peito acobreado passou batendo nos galhos acima deles.

Depois de alguns instantes, que para ele foram, em seu estado de perturbação, como horas intermináveis de dor, sentiu uma mão pousada em seu ombro. Ele se sobressaltou e olhou em redor.

“Dorian”, disse Lord Henry, “achei melhor dizer a eles que a caçada estaria encerrada por hoje. Não pareceria bom continuar.”

“Desejaria que se encerrasse para sempre, Harry”, ele respondeu, com amargura. “A coisa toda é horrível e cruel. O homem...?”

Não conseguiu terminar a frase.

“Receio que sim”, prosseguiu Lord Henry. “Levou a carga toda no peito. Deve ter morrido quase instantaneamente. Venha, vamos para casa.”

Caminharam lado a lado na direção da via por quase cinquenta metros sem dizer nada. Em seguida Dorian olhou para Lord Henry e disse, com um suspiro profundo: “É um mau sinal, Harry, um sinal muito ruim”.

“O quê?”, perguntou Lord Henry. “Oh! Esse acidente, eu imagino. Meu caro amigo, não há como evitar. Foi culpa do homem. Por que ele foi ficar na frente das armas? Além disso, não significa nada para nós. É bem estranho para Geoffrey, naturalmente. Não cai bem alvejar batedores. Leva as pessoas a pensar que se trata de um atirador

descontrolado. E Geoffrey não é; ele atira muito bem. Mas não adianta nada falar sobre o assunto.”

Dorian balançou a cabeça. “É um mau sinal, Harry. Sinto como se algo terrível fosse acontecer com algum de nós. Comigo, talvez”, acrescentou passando a mão nos olhos, em um gesto de dor.

O homem mais velho riu. “A única coisa terrível no mundo é o *ennui*, Dorian. É o único pecado para o qual não há perdão. Mas não é provável que venhamos a sofrer dele, a não ser que esses sujeitos continuem falando sobre o assunto no jantar. Terei de lhes dizer que o tema deve virar tabu. Quanto a sinais, não existe nada parecido com sinais. O destino não nos envia mensageiros. Ele é sábio demais ou cruel demais para isso. Além disso, que diabos poderia acontecer com você, Dorian? Você tem tudo no mundo que um homem pode querer. Não há quem não queira trocar de lugar com você.”

“Não há ninguém com quem eu não trocaria de lugar, Harry. Não ria. Estou lhe dizendo a verdade. O camponês desgraçado que acabou de morrer está melhor que eu. Não tenho horror da Morte. É a chegada da morte que me aterroriza. Suas asas monstruosas parecem circular no ar plúmbeo à minha volta. Céus! Você não está vendo um homem se mexer atrás das árvores, me observando, esperando por mim?”

Lord Henry olhou na direção em que a mão trêmula apontava. “Sim”, ele disse sorrindo. “Vejo o jardineiro à sua espera. Imagino que ele queira lhe perguntar quais flores você vai querer na mesa hoje de noite. Você está absurdamente nervoso, meu caro amigo! Precisa ir visitar o meu médico quando voltarmos à cidade.”

Dorian deu um suspiro de alívio ao ver que o jardineiro se aproximava. O homem tocou o chapéu, olhou por um instante para Lord Henry com hesitação, e em seguida exibiu uma carta que entregou ao patrão. “Sua graça pediu para que eu esperasse por uma resposta”, ele murmurou.

Dorian pôs a carta no bolso. “Diga a sua graça que vou entrar”, ele disse, friamente. O homem deu meia-volta e seguiu rapidamente na direção da casa.

“Como as mulheres gostam de fazer coisas perigosas!”, riu Lord Henry. “É uma das qualidades que mais admiro nelas. Uma mulher é capaz de flertar com qualquer um no mundo, desde que outras pessoas estejam vendo.”

“Como você gosta de dizer coisas perigosas, Harry! Neste caso está bem equivocado. Eu gosto muito da duquesa, mas não a amo.”

“E a duquesa o ama muito, mas não gosta tanto de você, de modo que estão perfeitamente combinados.”

“Você está criando um escândalo, Harry, e nunca existe base para

um escândalo.”

“A base de todo escândalo é uma certeza imoral”, disse Lord Henry, acendendo um cigarro.

“Você sacrificaria qualquer um, Harry, por um epigrama.”

“O mundo vai para o altar por vontade própria”, foi a resposta.

“Eu desejaria ser capaz de amar”, exclamou Dorian Gray, com um tom profundo de páthos na voz. “Mas parece que perdi a paixão e me esqueci do desejo. Estou concentrado demais em mim mesmo. A minha própria personalidade se tornou um peso para mim. Eu quero fugir, ir embora, esquecer. Foi uma estupidez da minha parte vir para cá. Acho que vou mandar um telegrama para Harvey e pedir que apronte o iate. Em um iate estaremos a salvo.”

“A salvo do quê, Dorian? Você está com um problema. Por que não me conta o que é? Você sabe que eu o ajudaria.”

“Não posso contar, Harry”, ele respondeu tristemente. “Arrisco dizer que se trata apenas de uma fantasia. Esse acidente infeliz me perturbou. Tenho um pressentimento horrível de que algo do gênero pode me acontecer.”

“Que bobagem!”

“Espero que seja, mas não consigo deixar de sentir. Ah!, aqui está a duquesa, parecendo Ártemis em um robe feito sob medida. Como pode ver, voltamos, duquesa.”

“Soube de tudo, senhor Gray”, ela respondeu. “O pobre Geoffrey está muito perturbado. E soube que lhe pediu para que não atirasse na lebre. Que estranho!”

“Sim, foi muito estranho. Não sei o que me fez dizer aquilo. Um capricho, imagino. Parecia a mais adorável das criaturas. Mas lamento que tenham lhe contado sobre o homem. É um assunto terrível.”

“É um assunto incômodo”, interrompeu Lord Henry. “Não tem nenhum valor psicológico. Se Geoffrey tivesse feito a coisa de propósito, teria sido bem interessante! Eu gostaria de conhecer alguém que tivesse cometido um assassinato de verdade.”

“Que horrível de sua parte, Harry!”, exclamou a duquesa. “Não, senhor Gray? Harry, o senhor Gray está se sentindo mal de novo. Ele vai desmaiar.”

Dorian se conteve com esforço e sorriu. “Não é nada, duquesa”, ele murmurou, “meus nervos estão terrivelmente desarranjados. É tudo. Receio que tenha andado demais hoje pela manhã. Não ouvi o que Harry disse. Foi muito ruim? Pode me contar em outra ocasião. Acho que preciso me deitar. Vocês me dão licença?”

Tinham chegado ao grande lance de degraus que levava da pérgola ao terraço. Quando a porta de vidro se fechou atrás de Dorian, Lord Henry se voltou e olhou para a duquesa com olhos sonolentos. “Você

está muito enamorada dele?”, perguntou.

Ela não respondeu por algum tempo, mas ficou fitando a paisagem. “Eu desejaria saber”, ela disse por fim.

Ele sacudiu a cabeça. “Saber seria fatal. É a incerteza que nos encanta. Uma névoa torna as coisas maravilhosas.”

“Podemos nos perder.”

“Todos os caminhos acabam no mesmo lugar, minha cara Gladys.”

“Qual é ele?”

“A desilusão.”

“Foi o meu *début* na vida”, ela suspirou.

“Chegou a você coroada.”

“Estou cansada de folhas de morango.”

“Elas lhe caem bem.”

“Apenas em público.”

“Você sentiria falta delas”, disse Lord Henry.

“Não vou abrir mão de uma pétala.”

“Monmouth tem ouvidos.”

“A velhice amortece a audição.”

“Ele nunca foi ciumento?”

“Gostaria que tivesse sido.”

Ele olhou em volta como se procurasse alguma coisa. “O que você está procurando?”, ela inquiriu.

“A ponta de seu florete”, ele respondeu. “Ele caiu”.

Ela riu. “Eu ainda tenho a máscara.”

“Ela torna seus olhos mais encantadores”, foi a resposta dele.

Ela riu de novo. Seus dentes pareciam sementes brancas em uma fruta escarlate.

No andar de cima, em seu quarto, Dorian Gray estava deitado em um sofá, com o terror formigando em cada fibra do corpo. A vida se tornara de súbito para ele uma carga por demais horrenda para suportar. A morte aterrorizadora do infeliz batedor, alvejado na moita como um animal selvagem, parecia prefigurar a morte também para ele. Ele quase tinha desfalecido ante o que Lord Henry dissera em um estado de espírito casual de gracejo cínico.

Às cinco horas tocou a campainha para o empregado e lhe deu ordens para que fizesse as malas para o expresso noturno para a cidade, e para que tivesse a carruagem na porta às oito e meia. Estava determinado a não passar mais uma noite em Selby Royal. Era um lugar maldito. A morte caminhava por lá à luz do dia. A grama da floresta havia sido salpicada de sangue.

Em seguida escreveu uma mensagem para Lord Henry, dizendo-lhe que iria à cidade a fim de consultar seu médico, e pedia-lhe que entretivesse os convidados em sua ausência. Quando estava pondo a

carta em um envelope, houve uma batida na porta e seu mordomo o informou de que o líder dos batedores queria vê-lo. Ele franziu o cenho e mordeu o lábio. “Mande-o entrar”, murmurou, depois de alguns instantes de hesitação.

Assim que o homem entrou, Dorian tirou o talão de cheques de uma gaveta e o estendeu à sua frente.

“Imagino que venha por conta do infeliz acidente desta manhã, Thornton?”, ele disse, pegando uma caneta.

“Sim, senhor”, respondeu o guarda-caça.

“O pobre rapaz era casado? Tinha algum dependente?”, perguntou Dorian, parecendo entediado. “Neste caso, não quero que eles passem necessidades e vou lhes mandar a soma de dinheiro que julgar necessária.”

“Não sabemos quem ele é, senhor. É o que tomei a liberdade de vir lhe dizer.”

“Não sabe quem ele é?”, disse Dorian, agitado. “O que quer dizer? Não era um de seus homens?”

“Não, senhor. Nunca o vi antes. Parece ser um marinheiro, senhor.”

A caneta caiu da mão de Dorian Gray, e ele sentiu como se o coração tivesse de súbito parado de bater. “Um marinheiro?”, ele gritou. “Você disse um marinheiro?”

“Sim, senhor. Parece ter sido uma espécie de marinheiro; tatuado nos dois braços, esse tipo de coisa.”

“Acharam alguma coisa com ele?”, perguntou Dorian, curvando-se para frente e olhando para o homem espantado. “Algo que revelasse o seu nome?”

“Um pouco de dinheiro, senhor — não muito, e uma arma de seis tiros. Não havia nenhum nome. Um homem de aparência decente, senhor, mas vulgar. Uma espécie de marinheiro, nós achamos.”

Dorian se pôs de pé de um salto. Uma esperança terrível o percorreu. Ele se agarrou a ela loucamente. “Onde está o corpo?”, exclamou. “Depressa! Preciso vê-lo imediatamente.”

“Está em um estábulo vazio na fazenda, senhor. As pessoas não gostam de ter esse tipo de coisa em casa. Dizem que um corpo traz má sorte.”

“Na fazenda! Vá imediatamente e me encontre lá. Diga para um criado trazer o meu cavalo. Não. Deixe. Irei eu mesmo aos estábulos. Vou ganhar tempo.”

Em menos de um quarto de hora Dorian Gray estava galopando pela longa alameda o mais rápido que podia. As árvores davam a impressão de passar por ele em uma procissão espectral, e sombras selvagens pareciam se atirar sobre o caminho. Em determinado ponto a égua deu uma guinada ante um portão branco e quase o derrubou.

Ele a chicoteou no pescoço. Ela penetrava no ar sombrio como uma flecha. As pedras voavam de suas patas.

Por fim chegou à fazenda. Dois homens perambulavam no pátio. Ele saltou da sela e atirou as rédeas para um deles. No estábulo mais distante brilhava uma luz. Alguma coisa parecia lhe dizer que o corpo estava lá, e ele correu para a porta e pôs a mão no trinco.

Uma vez lá, ele parou por um momento, sentindo que estava prestes a fazer uma descoberta que o libertaria ou arruinaria a sua vida. Em seguida empurrou a porta e entrou.

Em uma pilha de sacos vazios jazia o corpo de um homem vestido com uma camisa grosseira e calças azuis. Um lenço manchado tinha sido colocado sobre o rosto. Uma vela comum, presa em uma garrafa, crepitava junto dele.

Dorian Gray estremeceu. Sentiu que a mão que fosse tirar o lenço não poderia ser a dele, e chamou um dos empregados da fazenda, que se aproximou.

“Tire aquela coisa do rosto. Quero vê-lo”, ele disse, agarrando o batente da porta para se segurar.

Quando o empregado o fez, ele deu um passo para frente. Um grito de alegria irrompeu de seus lábios. O homem que havia sido alvejado na moita era James Vane.

Ficou lá por alguns minutos olhando para o corpo. No caminho para casa, seus olhos estavam cheios de lágrimas, porque ele sabia que estava salvo.

“Não há nenhuma razão para você me dizer que vai ser bom”, exclamou Lord Henry, mergulhando os dedos brancos em um pote de cobre vermelho cheio de água de rosas. “Você é perfeito. Eu lhe peço, não mude.”

Dorian Gray sacudiu a cabeça. “Não, Harry, eu fiz muitas coisas terríveis na minha vida. Não farei mais. Comecei as boas ações ontem.”

“Onde você esteve ontem?”

“No campo, Harry. Fiquei sozinho em uma pequena hospedaria.”

“Meu caro rapaz”, disse Lord Henry, sorrindo, “qualquer um pode ser bom no campo. Lá não há tentações. É por isso que as pessoas que vivem fora da cidade não são nada civilizadas. A civilização não é uma conquista nem um pouco fácil. Há somente duas maneiras pelas quais um homem pode alcançá-la. Uma é sendo culto, a outra é sendo corrupto. A gente do campo não tem oportunidade de ser nenhum dos dois, e por isso fica estagnada.”

“Cultura e corrupção”, ecoou Dorian. “Conheci algo das duas. Agora me parece terrível que elas possam ser encontradas juntas. Tenho um novo ideal, Harry. Eu vou mudar. Acho que mudei.”

“Você ainda não me contou qual foi a boa ação. Ou disse que fez mais de uma?”, perguntou seu companheiro enquanto derramava no prato uma pequena pirâmide vermelha de morangos e com uma colher perfurada em forma de concha espalhava açúcar branco sobre eles.

“Eu lhe digo, Harry. Não é uma história que possa contar para mais alguém. Eu poupei alguém. Parece presunçoso, mas você entende o que quero dizer. Ela era bem bonita, e maravilhosamente parecida com Sibyl Vane. Acho que foi o que primeiro me atraiu. Você se lembra de Sibyl, não? Como parece distante! Bem, Hetty não era alguém da nossa categoria, naturalmente. Era apenas uma garota de uma aldeia. Mas eu verdadeiramente gostei dela. Durante todo esse maravilhoso mês de maio que estamos tendo, fui visitá-la duas ou três vezes por semana. Ontem ela me encontrou em um pequeno pomar. As flores de maçã caíam em seus cabelos, e ela ria. Nós iríamos partir juntos hoje de manhã. De súbito eu decidi deixá-la florescente, como a encontrei.”

“Imagino que a novidade da emoção deve ter lhe dado uma vibração de prazer verdadeiro, Dorian”, interrompeu Lord Henry. “Mas posso terminar eu mesmo o seu idílio. Você lhe deu bons conselhos e partiu o coração dela. Esse foi o começo da sua mudança.”

“Harry, você é terrível! Não deveria me dizer essas coisas. O coração de Hetty não está partido. É claro que ela chorou, e tudo o mais. Mas não se desgraçou. Ela pode viver, como Perdita, em seu jardim de hortelã e cravos.”

“E prantear um Florizel traidor”, disse Lord Henry, rindo, enquanto se recostava na cadeira. “Meu caro Dorian, você tem estados de ânimo estranhos, de menino. Acha que essa garota vai ficar alguma vez satisfeita de verdade com alguém da classe dela? Imagino que um dia vá se casar com um carroceiro vulgar ou um lavrador sorridente. Bem, o fato de tê-lo encontrado, e de tê-lo amado, vai ensiná-la a desprezar o marido, e ela será uma infeliz. De um ponto de vista moral, não posso dizer que considero a sua renúncia uma grande coisa. Mesmo como um começo, é pobre. Além disso, como pode saber que Hetty não está neste momento flutuando em um tanque de moinho iluminado por estrelas, com ninfas à volta dela, como Ofélia?”

“Não aguento mais ouvir isso, Harry! Você faz troça de tudo e depois sugere as tragédias mais terríveis. Lamento ter lhe contado. Não me importa o que você me diz. Sei que estava certo de fazer o que fiz. Pobre Harry! Quando passei pela fazenda hoje de manhã, vi o rosto branco dela na janela, como um vapor de jasmim. Não vamos falar mais nisso, e não tente me persuadir de que a primeira boa ação que fiz em anos, o primeiro sacrifício que jamais experimentei, é na verdade uma espécie de pecado. Quero ser melhor. Eu vou ser melhor. Conte-me alguma coisa sobre você. O que anda acontecendo na cidade? Não vou ao clube há dias.”

“As pessoas ainda estão discutindo o desaparecimento do pobre Basil.”

“Pensei que a essa altura elas já teriam se cansado”, disse Dorian, vertendo um pouco mais de vinho e franzindo o cenho discretamente.

“Meu caro rapaz, elas estão falando nisso há apenas seis semanas, e o público britânico não tem competência para o esforço mental de ter mais de um assunto a cada três meses. Entretanto, tem tido muita sorte ultimamente. Houve o caso do meu divórcio, e o suicídio de Alan Campbell. Agora eles têm o misterioso desaparecimento de um artista. A Scotland Yard ainda insiste que o homem de sobretudo cinza que viajou para Paris no trem da meia-noite em 9 de novembro era o pobre Basil, e a polícia francesa declara que Basil jamais chegou a Paris. Suponho que em cerca de uma quinzena nos dirão que ele foi visto em San Francisco. É uma coisa estranha, mas de todo mundo que

desaparece se diz que foi visto em San Francisco. Deve ser uma cidade encantadora e deve possuir todas as atrações do outro mundo.”

“O que você acha que aconteceu a Basil?”, perguntou Dorian, erguendo o Borgonha contra a luz e se perguntando como conseguia discutir o assunto com tanta calma.

“Eu não tenho a menor ideia. Se Basil decidiu se esconder, não é problema meu. Se está morto, não quero pensar nele. A morte é a única coisa que sempre me aterroriza. Eu a odeio.”

“Por quê?”, perguntou o homem mais jovem, com enfado.

“Porque”, disse Lord Henry, passando sob as narinas a malha dourada de uma caixa aberta de *vinaigrette*, “podemos sobreviver a tudo hoje em dia, a não ser a isso. A morte e a vulgaridade são os únicos dois fatos do século XIX que não podemos explicar. Vamos tomar o café na sala de música, Dorian. Você precisa tocar Chopin para mim. O homem com quem a minha mulher fugiu tocava Chopin primorosamente. Pobre Victoria! Eu gostava muito dela. A casa está bem solitária sem ela. Naturalmente, a vida de casado é apenas um hábito, um mau hábito. Mas afinal lamentamos a perda mesmo dos piores hábitos. Talvez sejam os que mais lamentemos. São uma parte essencial da nossa personalidade.”

Dorian não disse nada, mas se levantou da mesa e, passando para a outra sala, sentou-se ao piano e deixou que os dedos percorressem o marfim branco e preto das teclas. Depois que o café foi servido, ele parou, e, olhando para Lord Henry, disse: “Harry, alguma vez lhe ocorreu que Basil possa ter sido assassinado?”

Lord Henry bocejou. “Basil era muito popular, e sempre usava um relógio Waterbury. Por que teria sido assassinado? Não era inteligente o bastante para ter inimigos. Naturalmente, tinha um talento maravilhoso para a pintura. Mas um homem pode pintar como Velásquez e ainda assim ser o mais embotado possível. Basil era na verdade bem embotado. Ele me interessou apenas uma vez, quando me disse, anos atrás, que tinha uma adoração louca por você, e que você era a razão dominante da sua arte.”

“Eu gostava muito de Basil”, disse Dorian, com uma nota de tristeza na voz. “Mas as pessoas não dizem que ele foi assassinado?”

“Oh, alguns jornais dizem. Não parece nem um pouco provável. Eu sei que há lugares horríveis em Paris, mas Basil não era o tipo de homem que iria até eles. Não tinha curiosidade. Era seu principal defeito.”

“O que você diria, Harry, se eu lhe dissesse que assassinei Basil?”, disse o homem mais jovem. Ele o observou atentamente depois de ter falado.

“Eu diria, meu caro amigo, que estaria tentando parecer um

personagem que não combina com você. Todo crime é vulgar, assim como toda vulgaridade é crime. Não combina com você, Dorian, cometer um homicídio. Sinto muito se firo a sua vaidade ao dizer isso, mas lhe asseguro que é verdade. O crime pertence exclusivamente às camadas mais baixas. Não as condeno nem um pouco. Imagino que o crime seja para elas o que a arte é para nós, simplesmente um método para obter sensações extraordinárias.”

“Um método para obter sensações? Nesse caso, você acha que, uma vez que um homem tenha cometido um assassinato, poderia cometer o mesmo crime de novo? Não me diga isso.”

“Oh!, tudo se torna um prazer se o fizermos com muita frequência”, exclamou Lord Henry, rindo. “Este é um dos segredos mais importantes da vida. Imagino, porém, que o assassinato seja sempre um erro. Não devemos jamais fazer qualquer coisa de que não possamos falar depois do jantar. Mas deixemos o pobre Basil. Desejaria acreditar que tivesse tido um fim romântico como você sugere; mas não consigo. Arrisco dizer que ele caiu no Sena de um ônibus, e que o motorista abafou o escândalo. Sim: imaginaria assim o fim dele. Vejo-o oculto sob as águas verde-opacas com as barcas pesadas flutuando sobre ele, e longas algas presas em seus cabelos. Sabe, não acho que ele teria feito mais muitos trabalhos bons. Durante os últimos dez anos a pintura dele decaiu bastante.”

Dorian soltou um suspiro, e Lord Henry atravessou a sala e começou a afagar a cabeça de um estranho papagaio de Java, um grande pássaro de plumagem cinza com a crista e o rabo cor-de-rosa, que se equilibrava sobre um poleiro de bambu. Quando seus dedos pontudos o tocaram, ele fechou as descamações brancas das pálpebras enrugadas e começou a balançar para a frente e para trás.

“Sim”, ele prosseguiu, voltando-se e pegando o lenço no bolso; “sua pintura tinha decaído muito. Ele me parecia ter perdido alguma coisa. Tinha perdido um ideal. Quando você e ele deixaram de ser grandes amigos, ele deixou de ser um grande artista. O que separou vocês? Imagino que ele o entediasse. Nesse caso, ele nunca o perdoou. É um hábito que os tediosos têm. Por falar nisso, o que aconteceu com o maravilhoso retrato que ele fez de você? Acho que não o vi mais desde que foi terminado. Oh!, lembro de ouvi-lo dizer anos atrás que o tinha enviado para Selby, e que ele havia sido perdido ou roubado no caminho. Você nunca o recuperou? Que pena! Era realmente uma obra-prima. Lembro que eu quis comprá-lo. Agora lamento não tê-lo feito. Pertencia à melhor fase de Basil. Desde então, o trabalho dele foi uma mistura estranha de má pintura e boas intenções que sempre autoriza um homem a ser chamado de um artista britânico representativo. Você fez algum anúncio pelo quadro? Deveria fazê-lo.”

“Esqueci”, disse Dorian. “Acho que o fiz. Mas nunca gostei dele de verdade. Lamento ter posado para ele. A lembrança da coisa é detestável para mim. Por que você fala dele? Costumava me lembrar dos versos curiosos de uma peça — *Hamlet*, eu acho —, o que eles dizem?

Como a pintura de uma tristeza
Um rosto sem coração.

“Sim: era isso.”

Lord Henry riu. “Se um homem trata a vida artisticamente, seu cérebro é seu coração”, ele respondeu, afundando em uma poltrona.

Dorian Gray balançou a cabeça e tocou algumas notas suaves no piano. “Como a pintura de uma tristeza”, ele repetiu, “um rosto sem coração.”

O homem mais velho se recostou e olhou para ele com olhos entreabertos. “Por falar nisso, Dorian”, ele disse depois de uma pausa, “o que um homem ganha se conquista o mundo todo e perde’ — como diz o ditado? — ‘a própria alma?’”

A música se tornou estridente, e Dorian Gray se deteve e encarou o amigo. “Por que me pergunta isso, Harry?”

“Meu caro amigo”, disse Lord Henry, erguendo as sobrancelhas surpreso, “eu lhe perguntei porque pensei que você talvez pudesse me responder. É tudo. Eu estava passando pelo Parque no domingo passado, e perto do Marble Arch havia uma pequena multidão de pessoas maltrapilhas ouvindo um pregador de rua vulgar. Ao passar por eles, ouvi o homem gritando a pergunta para a plateia. A coisa me pareceu bem dramática. Londres é muito rica em efeitos curiosos desse tipo. Um domingo úmido, um cristão desconhecido de capa de chuva, um círculo de rostos brancos doentios sob uma cobertura quebrada de guarda-chuvas que pingam, e uma frase maravilhosa atirada ao ar por lábios estridentes, histéricos — era verdadeiramente bom a seu modo, muito sugestivo. Pensei em dizer ao profeta que a Arte tem uma alma, mas o homem não. Receio, porém, que ele não me entenderia.”

“Não, Harry. A alma é uma realidade terrível. Ela pode ser comprada, e vendida, e negociada. Pode ser envenenada, ou tornada perfeita. Existe uma alma em cada um de nós. Eu sei.”

“Tem certeza disso, Dorian?”

“Tenho.”

“Ah! Nesse caso deve ser uma ilusão. As coisas de que temos absoluta certeza nunca são verdadeiras. Essa é a fatalidade da Fé, e a lição do Romance. Como você está tenso! Não fique tão sério. O que você ou eu temos a ver com as superstições do nosso tempo? Não: nós

desistimos da crença na alma. Toque alguma coisa para mim. Toque um noturno, Dorian, e enquanto estiver tocando, diga-me, em voz baixa, como conservou a juventude. Você deve ter um segredo. Sou apenas dez anos mais velho que você e estou enrugado, e gasto, e amarelo. Você é de fato maravilhoso, Dorian. Nunca estive tão encantador como hoje à noite. Você me lembra o dia em que o vi pela primeira vez. Era bem insolente, muito tímido, e absolutamente extraordinário. Você mudou, naturalmente, mas não na aparência. Gostaria que me contasse o segredo. Para voltar à minha juventude eu faria qualquer coisa, a não ser exercitar-me, levantar cedo ou ser respeitável. Juventude! Não há nada igual. É absurdo falar da ignorância da juventude. As únicas pessoas cujas opiniões ouço agora com algum respeito são muito mais jovens do que eu. Elas parecem estar à minha frente. A vida lhes revelou a última maravilha. Quanto aos idosos, eu sempre os contesto. Por princípio. Se você lhes pergunta a opinião deles sobre alguma coisa que aconteceu ontem, eles solenemente lhe dão a opinião corrente em 1820, quando as pessoas usavam meias altas, acreditavam em tudo e não sabiam absolutamente nada. Como é adorável o que você está tocando! Eu me pergunto se Chopin a escreveu em Mallorca, com o mar soluçando em torno da mansão e o vapor salgado batendo nas janelas? É maravilhosamente romântico. Que bênção restar uma arte que não seja imitativa! Não pare. Quero música esta noite. Você me parece ser o jovem Apolo, e eu sou Mársias escutando-o. Tenho tristezas, Dorian, de que mesmo você nada sabe. A tragédia da velhice não é ser velho, mas ser jovem. Às vezes me espanta a minha sinceridade. Ah, Dorian, como você é feliz! Que vida extraordinária você teve! Bebeu profundamente de tudo. Esmagou as uvas contra o palato. Nada foi oculto de você. E tudo para você não foi mais que o som da música. Não o maculou. Você ainda é o mesmo.”

“Não sou o mesmo, Harry.”

“Sim: é o mesmo. Eu me pergunto como vai ser o resto da sua vida. Não a estrague com renúncias. No momento, você é o tipo perfeito. Não se torne incompleto. Você não tem defeitos agora. Não precisa sacudir a cabeça: você sabe quem é. Além disso, Dorian, não decepcione a si mesmo. A vida não é governada por vontade ou intenção. A vida é uma questão de nervos, e fibras, e células lentamente construídas nas quais o pensamento se esconde e a paixão tem os seus sonhos. Você pode imaginar-se seguro e se achar forte. Porém um tom de colorido casual em um quarto ou um céu matinal, um perfume particular que algum dia amou e que lhe traz lembranças sutis, um verso de um poema esquecido com que se depara de novo, a cadência de uma peça musical que você deixou de tocar — eu lhe

digo, Dorian, é de coisas assim que a nossa vida depende. Browning escreve sobre isso em algum lugar; mas os nossos próprios sentidos as imaginam para nós. Há momentos em que o aroma do *lilas blanc* passa de súbito diante de mim, e eu sou obrigado a viver o mês mais estranho da minha vida de novo. Gostaria de poder trocar de lugar com você, Dorian. O mundo se declarou contra nós dois, mas é você que ele sempre venerou. Ele sempre o venerará. Você é o tipo que a nossa época busca, e que ela receia ter encontrado. Fico feliz por nunca ter feito nada, você nunca esculpiu uma estátua, nunca pintou um quadro, nem produziu algo exterior a você! A vida tem sido a sua arte. Você se fez música. Os seus dias são os seus sonetos.”

Dorian se levantou do piano e passou a mão pelos cabelos. “Sim, a vida tem sido extraordinária”, ele murmurou, “mas eu não vou levar a mesma vida, Harry. E você não deve dizer essas coisas extravagantes para mim. Você não sabe tudo sobre mim. Acho que, se soubesse, mesmo você me rejeitaria. Você ri. Não ria.”

“Por que parou de tocar, Dorian? Volte e ofereça-me o noturno de novo. Veja a grande lua cor de mel pendurada no céu escuro. Ela está esperando que você a enfeite, e se tocar ela se aproximará mais da Terra. Você não quer? Nesse caso vamos ao clube. Foi uma noite encantadora e devemos encerrá-la encantadoramente. Há alguém no White que deseja imensamente conhecê-lo — o jovem Lord Poole, o filho mais velho de Bornemouth. Ele já copiou as suas gravatas e me implorou que o apresentasse a você. Ele é bastante agradável e me lembra você.”

“Espero que não”, disse Dorian, com um ar triste nos olhos. “Mas estou cansado hoje à noite, Harry. Não irei ao clube. São quase onze e quero deitar cedo.”

“Fique. Você nunca tocou tão bem quanto nesta noite. Havia algo maravilhoso no seu toque. Tinha mais expressão do que em qualquer ocasião.”

“É porque quero ser bom”, ele respondeu, sorrindo. “Eu já mudei um pouco.”

“Você não pode me mudar, Dorian”, disse Lord Henry. “Você e eu seremos sempre amigos.”

“No entanto você me envenenou com um livro um dia. Eu não deveria perdoá-lo por isso. Harry, prometa que você nunca vai emprestar aquele livro a ninguém. Ele faz mal.”

“Meu caro rapaz, você está mesmo começando a ser moralista. Logo vai começar a andar por aí como os convertidos e os pregadores, advertindo as pessoas contra todos os pecados dos quais se cansou. Você é encantador demais para isso. Além de tudo é inútil. Você e eu somos o que somos, e seremos o que seremos. Quanto a ser

envenenado por um livro, não existe nada disso. A arte não tem influência sobre a ação. Ela aniquila o desejo de agir. Ela é soberbamente estéril. Os livros que o mundo chama de imorais são livros que mostram ao mundo a sua própria vergonha. Isso é tudo. Mas não vamos discutir literatura. Apareça amanhã. Vou cavalgar às onze. Podemos ir juntos e depois o levarei para almoçar com Lady Branksome. É uma mulher encantadora e deseja consultá-lo sobre algumas tapeçarias que pensa em comprar. Venha. Ou vamos almoçar com a nossa pequena duquesa? Ela diz que nunca vê você hoje em dia. Talvez esteja cansado de Gladys? Pensei que estaria. A língua inteligente dela é enervante. Bem, seja como for, esteja aqui às onze.”

“Tenho mesmo de vir, Harry?”

“Certamente. O Parque está bem bonito agora. Não acho que tenha havido lilases iguais desde o ano em que o conheci.”

“Muito bem. Estarei aqui às onze”, disse Dorian. “Boa noite, Harry.” Quando chegou à porta, ele hesitou por um instante, como se tivesse algo mais a dizer. Em seguida suspirou e saiu.

Era uma noite muito agradável, tão quente que ele jogou o casaco no braço e nem mesmo pôs o cachecol de seda em volta do pescoço. Enquanto caminhava para casa, fumando o cigarro, dois jovens em trajes sociais passaram por ele. Ouviu um deles cochichar para o outro. “Aquele é Dorian Gray.” Lembrou de como costumava ter prazer em ser reconhecido, ou olhado, ou falado. Agora estava cansado de ouvir o próprio nome. Metade do encanto da pequena aldeia em que estivera tantas vezes ultimamente era que ninguém sabia quem ele era. Muitas vezes dissera à garota que havia seduzido que ele era pobre, e ela acreditara. Uma vez lhe disse que era mau, e ela riu dele, e respondeu que as pessoas más sempre eram muito velhas e muito feias. Que risada ela deu! — como um tordo cantando. E como era bela nos vestidos de algodão e com os grandes chapéus! Ela não sabia nada, mas tinha tudo que ele havia perdido.

Ao chegar em casa, encontrou o empregado à sua espera. Mandou-o para a cama e atirou-se no sofá da biblioteca, e começou a pensar em algumas das coisas que Lord Henry lhe tinha dito.

Era mesmo verdade que ninguém era capaz de mudar? Ele sentia uma saudade intensa da pureza imaculada da meninice — a meninice branca e rosada, como Lord Henry certa vez a chamara. Ele sabia que tinha se maculado, enchido a mente de corrupção e emprestado horror à fantasia; que havia sido má influência para outros, e tinha experimentado uma alegria terrível em ser assim; e as vidas que haviam cruzado com a sua tinham sido as mais íntegras e as mais promissoras, e ele as tinha levado à vergonha. Mas era tudo irrecuperável? Não havia esperança para ele?

Ah! Em que momento monstruoso de orgulho e paixão ele tinha rezado para que o retrato carregasse o peso de seus dias e que ele conservasse o esplendor límpido da juventude eterna! Todo seu fracasso se devera àquilo. Teria sido melhor para ele se cada pecado da vida trouxesse consigo a punição certa, imediata. Havia purificação no castigo. Não “Perdoai as nossas ofensas”, mas “Golpeai-nos pelas iniquidades” deveria ser a oração de um homem a um Deus muito justo.

O espelho estranhamente entalhado que Lord Henry lhe dera havia tantos anos estava sobre a mesa, e os cupidos de membros brancos

sorriam como antigamente. Ele o pegou, como fizera na noite do horror, quando pela primeira vez notara a mudança no quadro fatal, e com olhos embaçados de lágrimas encarou seu escudo polido. Certa vez, alguém que o amara tremendamente lhe escrevera uma carta louca, que acabava com as palavras de idolatria: “O mundo está mudado porque você é feito de marfim e ouro. As curvas de seus lábios reescrevem a história”. As frases voltaram à sua memória, e ele as repetiu diversas vezes para si. Em seguida, odiou a própria beleza, e atirando o espelho no chão o destroçou em estilhaços prateados sob o calcanhar. Fora a beleza que o arruinara, a beleza e a juventude pela qual rezara. Não fosse pelas duas, sua vida teria sido livre de marcas. A beleza fora para ele apenas uma máscara, a juventude apenas escárnio. O que era a juventude na melhor hipótese? Um tempo verde, imaturo, um tempo de disposições superficiais e pensamentos doentios. Por que usara seu traje? A juventude o arruinara.

Era melhor não pensar no passado. Nada podia alterá-lo. Era nele, e em seu próprio futuro, que precisava pensar. James Vane estava oculto em um túmulo sem nome no terreno da igreja de Selby. Alan Campbell tinha se matado com um tiro certa noite no laboratório, mas não revelara o segredo que fora obrigado a conhecer. A agitação que existia acerca do desaparecimento de Basil Hallward logo passaria. Já estava desaparecendo. Ele estava completamente seguro. Não, na verdade não era a morte de Basil Hallward o que mais pesava em sua mente. Era a morte em vida da própria alma que o perturbava. Basil tinha pintado o retrato que o arruinara. Não deveria se esquecer disso. O retrato fizera tudo. Basil lhe dissera coisas insuportáveis, que no entanto ele havia suportado com paciência. O assassinato fora simplesmente uma loucura de momento. Quanto a Alan Campbell, o suicídio fora seu próprio ato. Ele escolhera praticá-lo. Não lhe dizia nada.

Uma nova vida! Era o que ele queria. O que ele esperava. Com certeza já havia começado. Fosse como fosse, poupava uma coisinha inocente. Ele nunca mais seduziria a inocência. Ele seria bom.

Quando pensou em Hetty Merton, começou a se perguntar se o retrato no quarto trancado havia mudado. Ainda estaria horrível como costumava ser? Talvez, se sua vida se tornasse pura, ele pudesse expulsar todo sinal de paixão maldosa do rosto. Talvez os sinais do mal tivessem desaparecido. Ele iria ver.

Pegou a lamparina da mesa e se arrastou para cima. Quando destravou a porta, um sorriso de felicidade perpassou seu rosto e se deteve por um instante em seus lábios. Sim, ele seria bom, e a coisa horrenda que escondera não seria mais motivo de terror. Sentiu como se o peso que havia sobre ele tivesse sido retirado.

Ele entrou silenciosamente, trancando a porta atrás de si, como de costume, e afastou a tapeçaria roxa do retrato. Dele irrompeu um grito de dor e indignação. Não viu mudança, a não ser por um ar de astúcia nos olhos e na boca a prega arqueada do hipócrita. A coisa ainda era odiosa — mais odiosa, caso isso fosse possível, que antes — e a umidade escarlate que manchava a mão parecia mais brilhante e mais semelhante a sangue recém-derramado. Ele estremeceu. Teria feito somente por vaidade sua única boa ação? Ou pelo desejo de uma nova sensação, como Lord Henry sugerira, com um riso de desprezo? Ou pela paixão de representar um papel que nos leva a fazer coisas mais nobres do que somos? Ou, quem sabe, por isso tudo? E por que a mancha vermelha estava maior do que antes? Parecia ter se difundido como uma doença terrível sobre os dedos enrugados. Havia sangue nos pés pintados, como se a coisa tivesse respingado — sangue também na mão que não empunhara a faca. Confessar? Significaria que devia confessar? Desistir e ser morto? Ele riu. Sentiu que a ideia era monstruosa. Além disso, ainda que confessasse, quem acreditaria? Não havia vestígio do homem assassinado em lugar algum. Todas as suas posses tinham sido destruídas. Ele próprio havia queimado o que restara no andar de baixo. O mundo diria simplesmente que ele estava louco. Seria trancafiado se insistisse com a história... No entanto era seu dever confessar, sofrer a vergonha pública e penitenciar-se publicamente. Havia um Deus que convocava os homens a contarem seus pecados ao mundo e aos céus. Nada que fizesse o purificaria antes que ele revelasse o próprio pecado. Seu pecado? Deu de ombros. A morte de Basil Hallward lhe parecia ser muito pouco. Estava pensando em Hetty Merton. Porque era um espelho injusto, o espelho da alma em que ele olhava. Vaidade? Curiosidade? Hipocrisia? Não houvera nada em sua renúncia a não ser isso? Houvera algo mais. Ao menos ele pensava assim. Mas quem poderia dizer?... Não. Não houvera nada mais. Por conta da vaidade ele a poupou. Na hipocrisia, usara a máscara da bondade. Pela curiosidade ele tentara negar sua natureza. Reconhecia isso agora.

Porém e o assassinato — iria persegui-lo durante toda a vida? Seria ele sempre oprimido pelo passado? Deveria de fato confessar? Nunca. Havia somente um fragmento de prova contra ele. O quadro em si — ele era prova. Ele o destruiria. Por que o conservara por tanto tempo? Houve uma época em que lhe dava prazer vê-lo se modificando e envelhecendo. Ultimamente não sentia tal prazer. Mantivera-o acordado à noite. Quando estava fora, ficava aterrorizado com a possibilidade de que outros olhos o vissem. Emprestara melancolia a suas paixões. Sua simples lembrança maculara muitos momentos de felicidade. Fora para ele como uma consciência. Sim, uma consciência.

Ele o destruiria.

Olhou em redor e viu a faca que ferira Basil Hallward. Ele a limpou muitas vezes, até que não restasse mancha nela. Era brilhante e resplandecia. Como matara o pintor, ela mataria sua obra, e tudo que ela significava. Mataria o passado, e quando estivesse morto ele seria livre. Mataria a vida da alma monstruosa, e sem suas advertências horrendas ele ficaria em paz. Agarrou a coisa e com ela golpeou o quadro.

Ouviram-se um grito, e um estrondo. O grito foi tão horrível em sua agonia que os criados amedrontados despertaram e se esgueiraram dos quartos. Dois cavalheiros que passavam pela praça em frente pararam e ergueram os olhos para a grande casa. Caminharam até encontrarem um policial e o levaram até lá. O homem tocou a campainha diversas vezes, mas não houve resposta. A não ser pela luz em uma das janelas mais altas, a casa estava às escuras. Passado um tempo, ele foi embora, e se deteve em um pórtico próximo e esperou.

“De quem é aquela casa, guarda?”, perguntou o mais velho dos dois cavalheiros.

“Do senhor Dorian Gray, senhor”, respondeu o policial.

Eles se entreolharam enquanto se afastavam, e sorriram com desprezo. Um deles era tio de Sir Henry Ashton.

Lá dentro, na parte da casa reservada aos empregados, as domésticas semivestidas cochichavam entre si. A velha sra. Leaf chorava e torcia as mãos. Francis estava pálido como a morte.

Depois de cerca de um quarto de hora, ele chamou o cocheiro e um dos criados e subiu as escadas. Eles bateram, mas não houve resposta. Chamaram. Tudo estava em silêncio. Por fim, depois de tentarem em vão forçar a porta, subiram para o telhado e saltaram para a varanda. As janelas cederam com facilidade: os fechos eram antigos.

Quando entraram, encontraram pendurado na parede um retrato esplêndido do patrão, como o viram pela última vez, em toda a maravilha de sua extraordinária juventude e beleza. No chão jazia um homem morto. Em traje de gala, com uma faca no coração. Estava definhado, enrugado e com o rosto repugnante. Somente depois de examinarem os anéis reconheceram quem era.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
The picture of Dorian Gray

PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Alexandre Boide

REVISÃO
Huendel Viana
Adriana Cristina Bairrada

ISBN 978-85-8086-657-5

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br